

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Arquitetura
PROPAR - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura

Cinemas de rua em Porto Alegre

Do Recreio Ideal (1908) ao
Açores (1974)

Olavo Amaro da Silveira Neto

Dissertação apresentada
como requisito parcial à
obtenção do grau de
Mestre em Arquitetura

Orientador: Prof. Dr. Fernando Freitas Fuão

Porto Alegre, junho de 2001.



UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Arquitetura
PROPAR - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura

Cinemas de rua em Porto Alegre

Do Recreio Ideal (1908) ao Açores (1974)

Olavo Amaro da Silveira Neto

Dissertação apresentada como
requisito parcial à obtenção do
grau de Mestre em Arquitetura.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Freitas Fuão

Porto Alegre, junho de 2001.

CIP - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S587c SILVEIRA NETO, Olavo Amaro da
Cinemas de rua em Porto Alegre/ Olavo Amaro da Silveira
Neto; orientação de Fernando Freitas Fuão. – Porto Alegre:
UFRGS, Faculdade de Arquitetura, 2001.

274– p.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio
Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pesquisa
e Pós-Graduação em Arquitetura. Porto Alegre, RS, 2001.

CDU : 725.824(816.51)
725.824.01(816.51)

DESCRITORES

Cinema de rua: Porto Alegre

725.824(816.51)

Cinema: Caráter arquitetônico: Porto Alegre

725.824.01(816.51)

Bibliotecárias responsáveis

Iara Ferreira de Macedo, CRB- 10/430

Margarete Tessainer da Fonseca, CRB- 10/836

“Os grandes cinemas, então, antes mesmo do filme já eram um filme. Antes de entrar na história que ia aparecer na tela, o espectador já se encontrava dentro dela. A arquitetura e a decoração da sala de projeção ensinavam a ver o filme: o imponente e luxuoso da cena começavam no espaço do espectador. A história que se passava num palácio se dava a ver também num palácio.”

José Carlos Avellar

Para quem eu tenho no mundo,

Marta, Marcelo e Lara

Como ninguém faz nada sozinho, agradeço

à UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, à direção do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas e à coordenação do Curso de Arquitetura e Urbanismo, pelo apoio permanente e irrestrito à qualificação de seus colaboradores.

ao meu orientador Professor Doutor Fernando de Freitas Fuão, pela disponibilidade e orientações.

ao Professor Doutor Günter Weimer, pela cessão dos microfilmes dos projetos do Arquivo Municipal de Porto Alegre, duplicados com o auxílio da Fapergs – Fundação de Auxílio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

aos funcionários do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa: Carlinda Mattos, Denise Stumvoll e Fernando Nunes.

ao jornalista Tuio Becker pela entrevista, ao cineasta Sérgio Silva pelo passeio por antigos cinemas da zona sul.

aos meus colegas do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNISINOS, e do PROPARG.

SUMÁRIO

	página
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	VI
RESUMO.....	XXI
ABSTRACT.....	XXII
RÉSUMÉ.....	XXIII
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. EVOLUÇÃO, CARÁTER E TIPO-MORFOLOGIA DO EDIFÍCIO DE CINEMA.....	6
2.1. Evolução do edifício de cinema.....	7
2.2. O caráter do edifício de cinema.....	17
2.3 . Elementos tipo-morfológicos do edifício de cinema.....	44
3. SALAS DE CINEMAS DE RUA EM PORTO ALEGRE.....	70
3.1. Os Cinematógrafos e as primeiras salas: 1896-1910.....	71
3.2. Os primeiros palácios e os cinemas de arrabalde – 1910-1920.....	86
3.3. A população nas salas e a chegada do cinema sonoro e colorido - 1920-1930.....	118
3.4. A expansão das salas em direção aos bairros – 1930-1940.....	161
3.5. O cinema americano nas telas– 1940-1950.....	185
3.6. Salas sob torres – 1950-1960.....	214
3.7. O início da crise – 1960-1970.....	232
3.8. Do fim dos palácios às salas em centros comerciais – 1970-1980	245
4. CONCLUSÃO.....	251
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	254
ANEXO A. Relação de salas abertas em Porto Alegre entre os anos 1858 e 2000.....	258
ANEXO B. Classificação tipológica das salas de cinema.....	270
ANEXO C. Cinemas com projeto micro-filmado no Arquivo Histórico Municipal – Porto Alegre.....	273

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Capítulo 2.1. Evolução do edifício de cinema

	página
Figura 2.1.1 – Fenaquistiscópio . Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	7
Figura 2.1.2 – Cinetoscópio de Edison . Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	8
Figura 2.1.3 – Eletrotaquiscópio de Anschütz . Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	8
Figura 2.1.4 – Anúncio em jornal da apresentação do Cinematógrafo Lumière , no Café des Capucines, em Paris. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	9
Figura 2.1.5 – Cartaz publicitário do Cinematógrafo Lumière , mostrando o encantamento da platéia diante das “vistas animadas”. MÁXIMO, João. Cinelândia – breve história de um sonho. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997, p. 66 .	10
Figura 2.1.6 - Teatros Electric e Palace , Pensilvania, 1908, respectivamente um nickelodeon, e um “Refined Vaudeville”. O adjetivo “refinado’ é uma tentativa de tornar um pouco mais nobre a imagem deste tipo de divertimento. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 25.	10
Figura 2.1.7 - Teatro Keths, Boston , 1894. “De luxe” Vaudeville Palace. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 20.	12
Figura 2.1.8 - Colonial Theatre, Chicago , 1903. Teatro Vaudeville. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 19.	13
Figura 2.1.9 - Cinema Gaumont Palace , Cheltenham, 1933, atualmente dividido em cinco salas. EYLES, Allen. Gaumont British Cinemas. West Sussex: Cinema Theatre Association, 1996, p. 60.	14
Figura 2.1.10 - Cinema Ipiranga , Arq. Rino Levi, São Paulo, 1942. Vista da platéia e do forro luminoso. Revista Acrópole, São Paulo, número 58, fevereiro de 1943, p. 347.	16

Capítulo 2.2. O caráter do edifício de cinema

	página
Figura 2.2.1 - Cinema Tower , Compton, Califórnia, 1935-36, arq. Charles Lee. Sala de pequeno porte, utilização materiais simples, fácil acesso desde o passeio público. VALENTINE, Maggie. <i>The Show Starts on the Sidewalk</i> . New Haven: Yale University	21

- Press, 1994, p. 98
- Figura 2.2.2 - **Orpheum Theatre**, Los Angeles, 1926, 2200 lugares, apresenta pavimento térreo claramente delimitado entre espaço exterior e espaço interior. <http://www.silverscreens.com/images/la/laorpheum1.jpg> 22
- Figura 2.2.3 - **Cinema Tower**, Fresno, Califórnia, 1939, Arq. Charles Lee. O limite entre o passeio público e o espaço privado é indefinido, apenas mediado pela bilheteria em ilha. VALENTINE, Maggie. *The Show Starts on the Sidewalk*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 104 22
- Figura 2.2.4 - **Orpheum Theatre**, Los Angeles, 1926. Cinema Palácio, platéia de 2200 lugares, estratificada em diversos níveis, com decoração excessivamente opulenta. <http://www.silverscreens.com/images/la/laorpheum2a.jpg> 23
- Figura 2.2.5 - **Academy Theatre**, Inglewood, 1939, Arq. Charles Lee. Cinema Art-Déco, platéia de 1156 lugares, praticamente plana, decoração contida, sóbria. VALENTINE, Maggie. *The Show Starts on the Sidewalk*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 117. 24
- Figura 2.2.6 - Publicidade do **Cinema Odeon**, Rio de Janeiro, lugar de atividade social “distinta”, senhoras “de família” bem vestidas, numa casa oferecendo “conforto e elegancia - iluminação profusa”. GONZAGA, Alice. Palácios e poeiras – 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record / FUNARTE, 1996, p. 86. 25
- Figura 2.2.7 - **Los Angeles Theatre**, Los Angeles, 1932, projeto de Charles Lee. Palácio de 2200 lugares, interiores de estilo barroco francês, com grandes escadarias, lustres de cristal, forros decorados e pinturas em trompe l’oeil. BERGER, Robert, CONSER, Anne, SILVERMAN, Stephen M. *The last remaining seats – Movies Palaces of Tinseltown*. Glendale: Balcony Press, 1997, p. 42 27
- Figura 2.2.8 - **Los Angeles Theatre**, 1932, Los Angeles, Arq. Charles Lee. Vista exterior. VALENTINE, Magie. *The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 61. 28
- Figura 2.2.9 - **Chinese Theatre**, Los Angeles, California, 1927, Arq. Meyer & Holler. Vista exterior. <http://www.silverscreens.com/images/la/chineseb.jpg> 29
- Figura 2.2.10 - **Chinese Theatre**, Los Angeles, California, 1927, Arq. Meyer & Holler. Vista da platéia. BERGER, Robert, CONSER, Anne, SILVERMAN, Stephen M. *The last remaining seats – Movies Palaces of Tinseltown*. Glendale: Balcony Press, 1997. p. 74. 29
- Figura 2.2.11 - **Cinema Americano**, Rio de Janeiro. Fachada com inspiração “étnica”, misturando elementos orientais, árabes e africanos. GONZAGA, Alice. Palácios e poeiras – 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record / FUNARTE, 1996, p. 128. 30
- Figura 2.2.12 - **Tampa Theatre**, Tampa, Florida, 1926. Cinema atmosférico, projeto de John Ebersson. VALENTINE, Magie. *The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 41. 32
- Figura 2.2.13 – Ilustração satirizando “o cinema brasileiro, a publicidade cinematográfica e o exotismo das salas de exibição, retratando Virzi na estátua”. GONZAGA, Alice. Palácios e poeiras – 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record / FUNARTE, 1996, p. 128. 32
- Figura 2.2.14 - **Cinema The Regent** (1929) A edificação ainda apresenta o caráter e a imponência do edifício de teatro. EYLES, Allen. *Gaumont British Cinemas*. West Sussex: Cinema Theatre Association, 1996, p.28. 33

- Figura 2.2.15 – **Cinema Studio**, Hollywood, 1931. Apesar da mesma época de construção que o Cinema The Regent, apresenta nitidamente elementos do programa de necessidades tornados expressivos e caracterizadores da função do prédio: marquise, display, sinalização, bilheteria. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 93. 34
- Figura 2.2.16 – **Cinema Rialto**, Rio de Janeiro, 1921. No primeiro caso, no filme “Ben Hur”, a fachada de um templo romano é aposta ao edifício; no segundo caso o edifício é totalmente coberto por cartazes da “atriz”. GONZAGA, Alice. Palácios e poeiras – 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record / FUNARTE, 1996, p. 186. 35
- Figura 2.2.17 - **Cinema Bruin**, Los Angeles, 1937, projeto de Charles Lee. O edifício incorpora desde o projeto, diapositivos de sinalização e publicidade dos filmes em cartaz. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 101. 36
- Figura 2.2.18 – **Fremont Theatre**, San Luis Obispo, 1941-41, Arq. Charles Lee. Bilheterias de Cinemas Art Déco, colocadas sob a marquise, em espaço semi-público. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 97. 37
- Figura 2.2.19 - **Chinese Theatre**, Los Angeles. À esquerda, pode-se observar o balcão de “concessão”, venda de bebidas e comidas. BERGER, Robert, CONSER, Anne, SILVERMAN, Stephen M. The last remaining seats – Movies Palaces of Tinseltown. Glendale: Balcony Press, 1997, p. 72. 38
- Figura 2.2.20 – **Orpheum Theater**, Los Angeles, 1926, Arq. Albert Lansburgh. O forro busca referências aos teatros e óperas europeus (ouro e lustre de cristal). BERGER, Robert, CONSER, Anne, SILVERMAN, Stephen M. The last remaining seats – Movies Palaces of Tinseltown. Glendale: Balcony Press, 1997, p. 23. 39
- Figura 2.2.21 – **Cinema Gaumont Palace Exeter**, 1932. Forro com domo decorado e luminárias Art Déco suspensas. EYLES, Allen. Gaumont British Cinemas. West Sussex: Cinema Theatre Association, 1996, p. 53. 39
- Figura 2.2.22 – **Cinema Gaumont Rose Hill**, Carshalton, 1937. Forro Art Déco / Modernista, onde o lustre desaparece e é substituído por planos luminosos, refletores de fontes de luz ocultas. EYLES, Allen. Gaumont British Cinemas. West Sussex: Cinema Theatre Association, 1996, p. 86. 40
- Figura 2.2.23 – **Colonial Theatre**, Chicago, 1903. Cinema Palácio, arquitetura suntuosa, associada à nobreza dos grandes palácios europeus, dignificava o cinema. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 19. 40
- Figura 2.2.24 – **The Anza Theatre**, Riverside, Califórnia, 1939, Arq. Charles Lee. Cinema Art Déco, arquitetura austera, associada à crise econômica americana, a à classe média trabalhadora. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 97. 41

Capítulo 2.3. Elementos tipo-morfológicos do edifício de cinema

- Figura 2.3.1 - **Tipos** de ocupação do lote: meio de quadra, esquina, totalidade do quarteirão. Ilustração do autor. 47
- Figura 2.3.2 - **Cinema Odeon**, São Paulo, década de 30, ainda apresenta a combinação do pavimento térreo comercial com o corpo superior residencial. SIMÕES, Inimá. Salas de cinema em São Paulo. São Paulo: PW/Secretaria de Estado da Cultura, Secretaria Municipal de Cultura, 1990, p. 16. 48
- Figura 2.3.3 - **Cinema Gaumont Camden Town**, Londres, 1937, apresenta continuidade do quarteirão, mas diferencia-se de outras edificações de mesmo gabarito, pela opacidade da fachada, suporte da publicidade do filme em cartaz. EYLES, Allen. Gaumont British Cinemas. West Sussex: Cinema Theatre Association, 1996, p. 82. 49
- Figura 2.3.4 - **Cinema Olaria**, Rio de Janeiro, 1942. Implantação em lote de esquina, onde o acesso principal e a torre valorizam a aresta do quarteirão. GONZAGA, Alice. Palácios e poeiras – 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record / FUNARTE, 1996, p. 186. 50
- Figura 2.3.5 – **Cinema Avenida**, Porto Alegre, 1923. Neste projeto o arquiteto optou pela frontalidade para a Avenida João Pessoa, de maior importância na hierarquia urbana, abdicando de um reconhecimento mais enfático da esquina. Foto do autor. 50
- Figura 2.3.6 – **La Tijera Theatre**, Los Angeles, 1947, apresenta-se como edificação individualizada. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 147. 51
- Figura 2.3.7 – **Cinema Bandeirantes**, São Paulo, 1939. A sala de cinema é inserida no pavimento térreo de um edifício residencial. SIMÕES, Inimá. Salas de cinema em São Paulo. São Paulo: PW / Secretaria Municipal de Cultura / Secretaria ed Estado da Cultura, 1990, p. 52. 51
- Figura 2.3.8 - **Cinemark Legacy 24**, Plano, Texas, EUA. Complexo Multiplex de 24 salas, implantado no subúrbio, ao lado de uma auto-estrada, em meio a um grande estacionamento. As relações de vizinhança e contextualização são inexistentes neste caso. <http://www.film-tech.com/legacy/legacy1.jpg> 52
- Figura 2.3.9 - **Los Angeles Theatre** (Los Angeles, 1931, Charles Lee), apresenta fachada ricamente ornamentada, colunas, capitéis coríntios, frontão, numa clara alusão aos grandes teatros e óperas europeus. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 61. 54
- Figura 2.3.10 - **Cinema Capitólio**, Rio de Janeiro, 1925. O pavimento térreo é praticamente fechado pelos cartazes e anúncios de filmes e estrelas. GONZAGA, Alice. Palácios e Poeiras. Rio de Janeiro: Record / FUNARTE, 1996, p. 134. 55
- Figura 2.3.11 - **Cinema Broadway** (São Paulo, 1942), fachada Art Déco em *skyline*, incorporando o nome da sala, e marquise suporte do nome filme em carta z. SIMÕES, Inimá. Salas de cinema em São Paulo. São Paulo: PW/Secretaria de Estado da Cultura, Secretaria Municipal de Cultura, 1990, p. 51. 56
- Figura 2.3.12 - **Cinema Marabá** (São Paulo, 1945), onde a fachada é encoberta pela publicidade de filmes pornográficos, já na fase de decadência das grandes salas situadas em zonas centrais das grandes cidades. SIMÕES, Inimá. Salas de cinema em São Paulo. São Paulo: PW/Secretaria de Estado da Cultura, Secretaria Municipal de Cultura, 1990, p. 125. 57
- Figura 2.3.13 - **Cinema GNC Joinville** (Joinville / SC), Acesso principal, ou “fachada 57

principal”, obscuramente identificada, confundindo-se com o *mall* do Shopping Center. http://www.gnccinemas.com.br/img/foto_joiville2.jpg

- Figura 2.3.14 - **Orpheum Theatre** (Los Angeles, 1911), detalhe da marquise metálica. VALENTINE, Magie. *The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 18. 58
- Figura 2.3.15 - **Cinema UFA Palace** (São Paulo, 1936, Arq. Rino Levi), a marquise acompanha a totalidade da fachada. *Revista Projeto*, n. 189, set./95, p. 76. 59
- Figura 2.3.16 - **Bruin Theatre** (Los Angeles, 1937, Arq. Charles Lee), onde a marquise configura e caracteriza todo o pavimento térreo do cinema. VALENTINE, Magie. *The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 101. 59
- Figura 2.3.17 - **Cinema Ypiranga**, Porto Alegre, 1928. Nesta fachada tri-partida, de composição clássica, originada do tipo “templo grego”, o coroamento do corpo central se dá através da utilização de um frontão triangular. Foto do autor. 60
- Figura 2.3.18 - **Cinema Orpheu**, depois **Cinema Astor** (Porto Alegre, 1923), detalhe do frontão sobre o acesso principal da sala. Foto do autor. 61
- Figura 2.3.19 - **Cinema Rex**, Caxias do Sul, s/d. Projetado no período de influência do movimento Art Déco, o coroamento do edifício é feito através do uso de elementos retilíneos, fluidos e contínuos. Prefeitura de Caxias do Sul, Museu Histórico Municipal. 61
- Figura 2.3.20 - **Cinema Gaumont Palace Egremont**, Wallasey, 1933. Pavimento térreo pouco permeável, acesso por três portas idênticas no centro da fachada. A saída das sessões se faz através de duas portas opostas, nas extremidades da fachada. EYLES, Allen. *Gaumont British Cinemas*. West Sussex: Cinema Theatre Association, 1996, p. 61. 62
- Figura 2.3.21 - **La Reina Theatre**, Sherman Oaks, Califórnia, 1938, Arq. Charles Lee. Pavimento térreo integrado ao passeio, com conseqüente diluição dos limites entre o espaço público e privado. VALENTINE, Magie. *The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 100. 62
- Figura 2.3.22 - **Cinema Gaumont Palace Wood Green**, Londres, 1934, apresenta três conjuntos de bilheterias, situadas internamente ao projeto, na sala de espera. EYLES, Allen. *Gaumont British Cinemas*. West Sussex: Cinema Theatre Association, 1996, p. 63. 63
- Figura 2.3.23 - **Cinema Fremont Theatre**, San Luis Obispo, 1941/42, Arq. Charles Lee. Apresenta bilheteria individualizada, situada externamente ao edifício, junto ao passeio público. VALENTINE, Magie. *The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 96. 63
- Figura 2.3.24 - **Cinema Orpheum Theater**, Downtown, Los Angeles, 1926, Arq. G. Albert Lansburgh. Apresenta interior da platéia decorado em estilo Renascentista Francês, de acordo com os grandes teatros e óperas europeus. BERGER, Robert, CONSER, Anne, SILVERMAN, Stephen M. *The last remaining seats – Movies Palaces of Tinseltown*. Glendale: Balcony Press, 1997, p. 23. 64
- Figura 2.3.25 - **Fox Theatre** (Bakersfield, 1930). Cinema atmosférico. VALENTINE, Magie. *The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 77. 65
- Figura 2.3.26 - **Cinema UFA Palace** (São Paulo, 1936, Arq. Rino Levi), com 3139 65

lugares, distribuídos em 1860 poltronas na platéia e 1279 poltronas nos balcões. Em primeiro plano balcões laterais, com poltronas chamadas “namoradeiras.” SIMÕES, Inimá. Salas de cinema em São Paulo. São Paulo: PW/Secretaria de Estado da Cultura, Secretaria Municipal de Cultura, 1990, p. 39.

- Figura 2.3.27 - **Academy Theatre**, Inglewood, Califórnia, 1939, Arq. Charles Lee. Apresenta platéia única, com ligeira inclinação. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 117. 66
- Figura 2.3.28 – **El Capitan Theater**, Holywood, Los Angeles, 1926, Arq Morgan, Walls & Cement e Albert Lansburgh. Tela enquadrada por boca de cena teatral, arco de cena em estuque e cortina pintada representando alegoria ao skyline de Los Angeles e aos filmes musicais. Em 1991 foi completamente renovado pela Walt Disney Company. BERGER, Robert, CONSER, Anne, SILVERMAN, Stephen M. The last remaining seats – Movies Palaces of Tinseltown. Glendale: Balcony Press, 1997, p. 85. 67
- Figura 2.3.29 - **Avalon Theater**, Catalina Island, 1929, Arq. John Gabriel Beckman. Tela enquadrada por boca de cena teatral, arco de cena em estuque e cortina pintada representando alegoria ao “Nascimento de Vênus” de Botticelli. BERGER, Robert, CONSER, Anne, SILVERMAN, Stephen M. The last remaining seats – Movies Palaces of Tinseltown. Glendale: Balcony Press, 1997, p. 122. 67
- Figura 2.3.30 - **Lido Theatre**, Cidade do México, 1942, Arq. Charles Lee. A boca de cena teatral desaparece, mas a tela ainda tem proporção quadrada, pequena largura, e enquadramento por elementos decorativos. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 158. 68
- Figura 2.3.31 - **Mann's Chinese 16** - Aurora, Colorado, EUA, sala de cinema contemporânea, tela ocupando a quase totalidade da parede frontal da sala. <http://www.film-tech.com/pics/chinese2.jpg> 69

Capítulo 3.1. Os Cinematógrafos e as primeiras salas: 1896-1910

- | | página |
|---|--------|
| Figura 3.1.1 – Fotograma do filme “ Chegada do trem a Lyon ”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. | 71 |
| Figura 3.1.2 – À esquerda o Theatro São Pedro , à direita o Palácio da Justiça. http://www.teatrosaopedro.rs.gov.br/hist.htm | 73 |
| Figura 3.1.3 – Anúncio em jornal de “ Estréia do cinematographo aperfeiçoado ”, da “Empreza E. Hervet”, no Theatro São Pedro . Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. | 74 |
| Figura 3.1.4 – Campos da Redenção , observando-se em primeiro plano, após as edificações, o Velódromo , ao fundo, à direita, o Circo de Touros , duas atividades de lazer da sociedade porto-alegrense do final do século. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória Porto Alegre – espaços e vivências. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1999, p. 74. | 76 |
| Figura 3.1.5 – Velódromo situado na esquina das ruas Sarmiento Leite com Osvaldo Aranha. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória Porto Alegre – espaços e vivências. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1999, p. 53. | 76 |
| Figura 3.1.6 – Café América , localizado na rua da Praia, em Frente à Praça Senador | 77 |

Florêncio, atual Praça da Alfândega. PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Espetáculo da rua. Porto Alegre: Editora da Universidade / UE, 1996, p. 70.

- Figura 3.1.7 – **Estudantina Porto-Alegrense**, onde as moças porto-alegrenses cultivavam seus “pendores artísticos”. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória Porto Alegre – espaços e vivências. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1999, p. 65. 78
- Figura 3.1.8 – Anúncio em jornal de programação de cinema no **Recreio Ideal**. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. 80

Capítulo 3.2. Os primeiros palácios e os cinemas de arrabalde – 1910-1920

- | | página |
|---|--------|
| Figura 3.2.1 – Cine Theatro Coliseu , cartão postal da época da abertura da sala. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. | 89 |
| Figura 3.2.2 – Cine Theatro Coliseu , planta baixa pavimento térreo, enfatizando salas de espera periféricas à platéia. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 332, do filme F016, de 1918/1921. | 90 |
| Figura 3.2.3 – Cine Theatro Coliseu . Projeto encaminhado para aprovação à municipalidade em 1930, visando transformar as salas periféricas à platéia em apartamentos. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 10487, do filme F042, de 1930. | 91 |
| Figura 3.2.4 – Cine Theatro Coliseu , planta de localização de assentos. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 13887, do filme F078, de 1938. | 92 |
| Figura 3.2.5 – Cine Theatro Coliseu , vista da platéia, a partir do palco. O interior simples opõe-se à arquitetura imponente do exterior. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. | 93 |
| Figura 3.2.6 – Cine Theatro Coliseu , fachada para a rua Voluntários da Pátria. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 07807, do filme F055, de 1933. | 93 |
| Figura 3.2.7 – Parte da rua dos Andradas em frente à praça da Alfândega, conhecida como “ Cinelândia ”, no período da enchente de 1941. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. | 94 |
| Figura 3.2.8 – Vista da rua da Ladeira em direção ao Guaíba. No meio da quadra situava-se o Cinema Avenida , em primeiro plano à direita, um bonde e um tîluri. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. | 96 |
| Figura 3.2.9 – Cine-Theatro Guarany , em atividade, ainda com a marquise sobre o passeio e a porta de acesso no alinhamento, anteriores à reforma dos anos 40. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. | 98 |
| Figura 3.2.10 – Cine Theatro Guarany , plantas baixas pavimentos superior e térreo. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09036, do filme F077, de 1938. | 99 |
| Figura 3.2.11 – Cine Theatro Guarany , cortes transversais, corte longitudinal e planta baixa dos camarins. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09036, do filme F077, de 1938. | 100 |
| Figura 3.2.12 – Atual Banco Safra, antigo Cine Theatro Guarany . Foto do autor. | 101 |
| Figura 3.2.13 – Fotografia atual do antigo Cinema Garibaldi , depois Cinema ABC , já fechado e em reforma. Foto do autor. | 101 |

Figura 3.2.14 – Antigo Cinema Garibaldi , na foto, já com o nome de Cinema ABC , apresentando “os melhores da Revista Moviola”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	102
Figura 3.2.15 – Anúncio de jornal do Cinema Íris , em cartaz “ <i>In Hoc Signo Vincis</i> ”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	103
Figura 3.2.16 – Cinematógrafo Hirtz , planta baixa. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 790, do filme F012, de 1913.	106
Figura 3.2.17 – Cinematógrafo Hirtz , elevação lateral e corte longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 790, do filme F012, de 1913.	107
Figura 3.2.18 – Cinematógrafo Hirtz , elevação “da frente” e corte transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 790, do filme F012, de 1913.	108
Figura 3.2.19 – Cine Theatro Apollo . Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	109
Figura 3.2.20 – Cine Theatro Apollo , plantas baixas dos pavimentos térreo e superior, cortes longitudinal e transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 616, do filme F018, de 1918/1919.	110
Figura 3.2.21 – Cine Theatro Apollo , fotografia da fachada arquivada no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, não corresponde ao projeto, nem à fotografia de Becker. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	111
Figura 3.2.22 – Cinema Colombo , prancha única contendo planta baixa, cortes transversal e longitudinal e fachada. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 280, do filme F031, de 1915.	113
Figura 3.2.23 – Cine Theatro Talia . Planta para construção de uma galeria e sala de espera no Cine Theatro Talia. Cortes e plantas setoriais, mostrando o acesso à platéia, balcão e cabine de projeção. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 8952, do filme F040, de 1920.	115
Figura 3.2.24 – Cine Theatro Talia . Planta para construção de uma galeria e sala de espera no Cine Theatro Talia. Cortes e plantas setoriais, mostrando a cabine de projeção. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 8952, do filme F040, de 1920.	116

Capítulo 3.3. A população nas salas e a chegada do cinema sonoro e colorido - 1920-1930

	página
Figura 3.3.1 – Cinema Palais , apresentado na fotografia como “Theatro Palácio”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	121
Figura 3.3.2 – Cinema Palais , vista da platéia. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	122
Figura 3.3.3 – Cinema Central , apresentando em cartaz o filme “Sublime Renúncia”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	123
Figura 3.3.4 – Cinema Central , apresentando em cartaz o filme “Rebecca”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	124
Figura 3.3.5 – Cinema Central , lotação completa em vista da platéia, galerias laterais e	125

balcão. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	
Figura 3.3.6 – Cinema Orpheu , vista atual, após fechamento. Foto do autor.	126
Figura 3.3.7 – Cinema Orpheu , fachada principal e planta baixa do pavimento térreo. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 1500, do filme F019, de 1922.	127
Figura 3.3.8 – Cine Theatro Carlos Gomes . Foto do autor.	128
Figura 3.3.9 – Primeira edificação do Cinema Avenida , após ter sido quase que totalmente derrubada por um ciclone em 1929. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	129
Figura 3.3.10 – Cinema Avenida , vista atual, ocupado pelo Bingo Avenida. Foto do autor.	130
Figura 3.3.11 – Perspectiva externa do Cinema Avenida , projeto encaminhado à municipalidade, apresentando marquise a ser construída sobre o passeio. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 05085, do filme F059, de 1923	131
Figura 3.3.12 – Cine Theatro Centenário , fachada principal. superior e térreo. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 141, do filme F019, de 1922.	132
Figura 3.3.13 – Cine Theatro Centenário , planta baixa pavimentos. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 141, do filme F019, de 1922.	133
Figura 3.3.14 – Cine Theatro Navegantes , fotografado à época de sua inauguração. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	135
Figura 3.3.15 – Cine Theatro Navegantes , planta baixa da platéia. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 507, do filme F017, de 1920/1921.	135
Figura 3.3.16 – Cine Theatro Navegantes , corte longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 507, do filme F017, de 1920/1921.	136
Figura 3.3.17 – Cine Theatro Navegantes , fachada para a rua Rio Grande. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 507, do filme F017, de 1920/1921.	137
Figura 3.3.18 – Cine Theatro Navegantes , fachada para a rua Cairu. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 507, do filme F017, de 1920/1921.	137
Figura 3.3.19 – Cine Theatro Navegantes , corte transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 507, do filme F017, de 1920/1921.	138
Figura 3.3.20 – Cinema Gioconda , vista frontal. Foto do autor.	139
Figura 3.3.21 – Cinema Gioconda , vista lateral. Foto do autor.	139
Figura 3.3.22 – Cinema Capitólio , vista exterior. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	140
Figura 3.3.23 – Cinema Capitólio , vista noturna, em cartaz “voando para o Rio”, com a atriz Dolores Del Rio. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	140
Figura 3.3.24 – Cinema Capitólio , plantas baixas do subsolo e do pavimento térreo. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 5901, do filme F197, de 1927.	141
Figura 3.3.25 – Cinema Capitólio , plantas baixas primeira galeria e segunda galeria. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 5901, do filme F197, de 1927.	142
Figura 3.3.26 – Cinema Capitólio , corte longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 5901, do filme F197, de 1927.	143
Figura 3.3.27 – Cinema Capitólio , fachada para a avenida Borges de Medeiros.	143

Figura 3.3.28 – Cinema Capitólio , fachada para a rua Demétrio Ribeiro e corte transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 5901, do filme F197, de 1927.	144
Figura 3.3.29 – Cinema Colombo , apresentando o filme “O Vento e o Leão”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	145
Figura 3.3.30 – Cinema Colombo , planta baixa pavimentos térreo e superior (galerias). Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 737, do filme F031, de 1928.	146
Figura 3.3.31 – Cinema Colombo , corte longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 737, do filme F031, de 1928.	146
Figura 3.3.32 – Cinema Colombo , fachada principal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 737, do filme F031, de 1928.	147
Figura 3.3.33 – Cine Theatro Ypiranga , “Planta para modificação das aberturas, prolongamento das galerias e aumento da altura do palco na construção do Cinema Ypiranga à rua Christovam Colombo nº propriedade dos Snrs. Pianca Irmãos”. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 797, do filme F031, de 1928.	148
Figura 3.3.34 – Cine Theatro Ypiranga , já convertido em supermercado “deKusto”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	150
Figura 3.3.35 – Cine Theatro Ypiranga , aspecto atual. Foto do autor.	150
Figura 3.3.36 – Cine Theatro Petersen , fachada principal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 6633, do filme F033, de 1928.	151
Figura 3.3.37 – Cine Theatro Petersen , planta baixa pavimentos térreo e superior, fachada principal, cortes longitudinal e transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 6633, do filme F033, de 1928.	152
Figura 3.3.38 – Cine Theatro Petersen , planta baixa pavimento galeria, corte setorial da galeria. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 6633, do filme F033, de 1928.	153
Figura 3.3.39 – Cine Theatro Real , planta baixa pavimentos térreo e superior, cortes longitudinal e transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 6531, do filme F033, de 1928.	154
Figura 3.3.40 – Cine Theatro Real , fachada para a Estrada do Passo d’Areia e para a esquina. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 6531, do filme F033, de 1928.	154
Figura 3.3.41 – Cine Theatro Real , fachada para a rua da Hortícola. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 6531, do filme F033, de 1928.	155
Figura 3.3.42 – Cinema Rio Branco , em cartaz o filme “Azas do destino”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	157
Figura 3.3.43 – Cinema Rio Branco , em cartaz o filme “O vento e o leão”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	157
Figura 3.3.44 – Theatro Independência , “Planta da platea e circo”. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 679, do filme F017, de 1921.	159
Figura 3.3.45 – Theatro Independência , fachada para a rua da Azenha. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 679, do filme F017, de 1921.	159
Figura 3.3.46 – Theatro Independência , fachada para a rua Venâncio Aires. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 679, do filme F017, de 1921.	160

Figura 3.3.47 – **Theatro Independência**, corte longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 679, do filme F017, de 1921. 160

Capítulo 3.4. A expansão das salas em direção aos bairros – 1930-1940

	página
Figura 3.4.1 – Cinema Popular São João , fachada principal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09125, do filme F040, de 1929/1930.	163
Figura 3.4.2 – Cinema Popular São João , planta baixa pavimentos térreo e superior (balcão). Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09125, do filme F040, de 1929/1930.	164
Figura 3.4.3 – Cinema Popular São João , corte longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09125, do filme F040, de 1929/1930.	164
Figura 3.4.4 – Cinema Popular São João , corte transversal e acréscimos junto à tela, criando um palco no cinema. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09125, do filme F040, de 1929/1930.	165
Figura 3.4.5 – Cinema Popular São João , corte transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09125, do filme F040, de 1929/1930.	165
Figura 3.4.6 – Cinema Popular São João , fachada lateral. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09125, do filme F040, de 1929/1930.	166
Figura 3.4.7 – Cinema Imperial , foto da década de 50, em cartaz o filme “as Neves de Kilimanjaro”, da Fox Films, com Gregory Peck, baseado no livro homônimo de Ernest Hemingway. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	167
Figura 3.4.8 – Cinema Imperial , vista atual. Foto do autor.	168
Figura 3.4.9 – Cinema Baltimore , vista atual. Foto do autor.	169
Figura 3.4.10 – Cinema Baltimore , corte longitudinal. À esquerda a sala de espera térrea e o salão de Festas superior; em seguida a platéia e o conjunto tela, palco e caixa cênica. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09672, do filme F041, de 1930.	169
Figura 3.4.11 – Cinema Baltimore , planta baixa do pavimento superior, à esquerda Salão de Festas, à direita cobertura do cinema e vazio da caixa cênica sobre o palco. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09672, do filme F041, de 1930.	170
Figura 3.4.12 – Cinema Baltimore , Cortes transversais. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09672, do filme F041, de 1930.	170
Figura 3.4.13 – Cinema Baltimore , Cortes transversais sobre o Salão de Festas. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09672, do filme F041, de 1930.	170
Figura 3.4.14 – Cinema Baltimore , fachada Neoclássica, não executada. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09672, do filme F041, de 1930.	172
Figura 3.4.15 – Cinema Baltimore , fachada Art Déco, executada. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09672, do filme F041, de 1930.	173
Figura 3.4.16 – Cinema Rex , planta baixa pavimentos térreo e superior. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Curso de Arquitetura e Urbanismo. Seqüência de Teoria e História da Arquitetura.	174
Figura 3.4.17 – Cinema Roxy , vista da platéia. Os pórticos estruturais remetem ao	176

Futurismo italiano. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	
Figura 3.4.18 – Cinema Castello , fotografia provavelmente da década de 70, com a sala ainda em funcionamento. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	177
Figura 3.4.19 – Cinema Castello , planta baixa pavimento térreo. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 1792, do filme F035, de 1928/29.	178
Figura 3.4.20 – Cinema Castello , planta baixa pavimento superior (balcão). Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 1792, do filme F035, de 1928/29.	178
Figura 3.4.21 – Cinema Castello , corte longitudinal, onde se percebe a sala de espera, balcão, platéia e a ausência de palco ou caixa cênica. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 1792, do filme F035, de 1928/29.	178
Figura 3.4.22 – Cinema Castello , corte transversal, ao fundo a tela de projeção. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 1792, do filme F035, de 1928/29.	179
Figura 3.4.23 – Cinema Castello , fachada principal encaminhada para aprovação, não guarda a menor relação com a fachada construída. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 1792, do filme F035, de 1928/29.	179
Figura 3.4.24 – Cinema Castello , já transformado em “Baileão Canecão de Ouro”, antes de ser finalmente demolido. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	180
Figura 3.4.25 – Circo Teatro , Planta Baixa. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 11789, do filme F043, de 1930.	181
Figura 3.4.26 – Circo Teatro , Cortes Longitudinal e Transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 11789, do filme F043, de 1930.	182
Figura 3.4.27 – Circo Teatro , Planta do Soalho. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 11789, do filme F043, de 1930.	183
Figura 3.4.28 – Circo Teatro , Vista da Entrada. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 11789, do filme F043, de 1930.	183
Figura 3.4.29 – Circo Teatro , Reclames. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 11789, do filme F043, de 1930.	184

Capítulo 3.5. O cinema americano nas telas– 1940-1950

	página
Figura 3.5.1 – Enchente de 1941. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	186
Figura 3.5.2 – Edifício Vera Cruz (também conhecido como Edifícios Reunidos). XAVIER, Alberto, MIZOGUCHI, Ivan. Arquitetura Moderna em Porto Alegre. São Paulo: PINI, 1987, p. 51.	188
Figura 3.5.3 – Edifício Vera Cruz, planta baixa pavimentos tipo e térreo. No pavimento térreo, na parte interna do lote, o Cinema Vera Cruz . XAVIER, Alberto, MIZOGUCHI, Ivan. Arquitetura Moderna em Porto Alegre. São Paulo: PINI, 1987, p. 51.	189
Figura 3.5.4 – Cinema Vera Cruz , vista da platéia e balcão. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	190
Figura 3.5.5 – Cinema Cruzeiro , fachada para a avenida Benjamin Constant. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 27096, do filme F100, de 1942.	192
Figura 3.5.6 – Cinema Cruzeiro , planta baixa do balcão. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 27096, do filme F100, de 1942.	193

Figura 3.5.7 – Cinema Cruzeiro , corte longitudinal e planta baixa do pavimento térreo. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 27096, do filme F100, de 1942.	193
Figura 3.5.8 – Cinema Cruzeiro , fachada para a rua Ernesto da Fontoura. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 27096, do filme F100, de 1942.	194
Figura 3.5.9 – Cine-teatro Riviera / Cine Teatro Thalia . Após a reforma, o painel sobre a entrada anunciava o CINE novo TALIA. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	195
Figura 3.5.10 – Cine-teatro Riviera / Cine Teatro Thalia , planta baixa pavimentos térreo e galeria. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 03620, do filme F108, de 1943/44.	196
Figura 3.5.11 – Cine-teatro Riviera / Cine Teatro Thalia , Corte longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 03620, do filme F108, de 1943/44.	197
Figura 3.5.12 – Cine-teatro Riviera / Cine Teatro Thalia , Corte transversal – vista da boca de cena. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 03620, do filme F108, de 1943/44.	197
Figura 3.5.13 – Cine-teatro Riviera / Cine Teatro Thalia , Fachada principal e corte transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 03620, do filme F108, de 1943/44.	198
Figura 3.5.14 – Cine-teatro Riviera / Cine Teatro Thalia , Planta baixa andar térreo e andar superior. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 13266, do filme F200, de 1945.	199
Figura 3.5.15 – Cinema Marabá , vista da galeria de acesso à sala, sob painel anunciando “Programa duplo às 14 e 20 horas”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.	200
Figura 3.5.16 – Cinema Marabá , plantas baixas pavimentos superior (balcão) e térreo (sala de espera e platéia). Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 25137, do filme F112, de 1928.	201
Figura 3.5.17 – Cinema Marabá , corte longitudinal. À esquerda o acesso à sala sob dois pavimentos de apartamentos; à direita o cinema: platéia, balcão e palco. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 25137, do filme F112, de 1928.	202
Figura 3.5.18 – Cinema Marabá , planta baixa do terceiro pavimento de apartamentos, e cobertura do cinema; fachada e cortes transversais. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 25137, do filme F112, de 1928.	203
Figura 3.5.19 – Cinema América , fachada principal e setores de planta baixa superior e inferior. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 14905, do filme F200, de 1945.	204
Figura 3.5.20 – Cinema América , Plantas de Situação e Localização. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 14905, do filme F200, de 1945.	205
Figura 3.5.21 – Cinema América , Corte Longitudinal CD. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 14905, do filme F200, de 1945.	205
Figura 3.5.22 – Cinema América , Corte Transversal EF. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 14905, do filme F200, de 1945.	206
Figura 3.5.23 – Cinema América , Corte Transversal AB. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 14905, do filme F200, de 1945.	206

Figura 3.5.24 – Cinema Ritz , vista atual. Foto do autor.	209
Figura 3.5.25 – Cinema Ritz , plantas baixas pavimentos térreo, intermediário e balcão. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 7891, do filme F114, de 1945.	209
Figura 3.5.26 – Cinema Ritz , corte longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 7891, do filme F114, de 1945.	211
Figura 3.5.27 – Cinema Ritz , corte transversal junto à platéia, em frente à tela. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 7891, do filme F114, de 1945.	211
Figura 3.5.28 – Cinema Ritz , fachada para a avenida Protásio Alves. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 7891, do filme F114, de 1945.	212
Figura 3.5.29 – Studio Cinematográfico Leopoldis Filmes . Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 21799, do filme F089, de 1940.	213

Capítulo 3.6. Salas sob torres – 1950-1960

	página
Figura 3.6.1 – Antigo Cinema Miramar , atualmente agência do Banco HSBC. Foto do autor.	216
Figura 3.6.2 – Edifício Vera Cruz. Na esquina térrea o acesso ao antigo Cinema Vitória . Foto do autor.	218
Figura 3.6.3 – Cinema Marrocos – Fachada. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09074, do filme F233, de 1952.	219
Figura 3.6.4 – Cinema Marrocos – Fachada, cortes transversal longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09074, do filme F233, de 1952.	219
Figura 3.6.5 – Cinema Marrocos – Corte longitudinal e setores de corte transversais. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09074, do filme F233, de 1952.	220
Figura 3.6.6 – Cine Teatro Teresópolis – plantas baixas. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 18733, do filme F238, de 1952.	221
Figura 3.6.7 – Cine Teatro Teresópolis – Corte longitudinal, transversal e fachada. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 18733, do filme F238, de 1952.	222
Figura 3.6.8 – Cine Teatro Teresópolis – Perspectiva externa. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 18733, do filme F238, de 1952.	222
Figura 3.6.9 – Agência Tristeza da Caixa Econômica Federal, antigo Cine Teresópolis , vista atual. Foto do autor.	223
Figura 3.6.10 – Antigo Cinema Tamoio , atual Churrascaria Kasarão (sic.). Foto do autor.	225
Figura 3.6.11 – Edifício Cacique, na base do qual foram implantados os Cinemas Cacique e Scala . Foto do autor.	226
Figura 3.6.12 – Cinema Cacique , planta baixa. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 13622, do filme F281, de 1953/54.	226
Figura 3.6.13 – Cinema Cacique , corte longitudinal. À esquerda o edifício escalonado, à direita o cinema, identificando-se o balcão onde seria aberto o Cinema Scala , a platéia e o conjunto palco - caixa de palco. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 13622, do filme F281, de 1953/54.	227
Figura 3.6.14 – Cine Teatro Presidente , estado atual. Foto do autor.	229

- Figura 3.6.15 – Edifício Paglioli. Remo José Irace e Miguel Irace, 1959. No térreo foi implantado o **Cinema Vogue**. XAVIER, Alberto, MIZOGUCHI, Ivan. Arquitetura Moderna em Porto Alegre: São Paulo: Pini, 1987, p. 142. 230
- Figura 3.6.16 – Vista atual do Edifício Paglioli. Ao centro o acesso aos apartamentos, à direita, na atual Padaria Tereviso, acesso à antiga sala de espera e bilheterias do **Cinema 1 – Sala Vogue**. Foto do autor. 231

Capítulo 3.7. O início da crise – 1960-1970

- | | página |
|---|--------|
| Figura 3.7.1 – Cinema Rex , já em período de decadência, apresentando pornochanchadas nacionais. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. | 236 |
| Figura 3.7.2 – Cinemas Coral 1 e 2 , após fechamento. Foto do autor. | 237 |
| Figura 3.7.3 – Cine Astor , pouco antes de seu fechamento, anunciando som em “6 faixas sonoras – som estereofônico”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Figura | 238 |
| 3.7.4 – Edifício Jaguaribe, sob o qual está implantado o Cinema São João . XAVIER, Alberto, MIZOGUCHI, Ivan. Arquitetura Moderna em Porto Alegre. São Paulo: Pini, 1987, p. 82. | 239 |
| Figura 3.7.5 – Edifício Jaguaribe e Cinema São João , plantas baixas pavimentos térreo e superior. CANEZ, Ana Paula. Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre. Porto Alegre: UE/Porto Alegre / Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, 1998, p. 150. | 242 |
| Figura 3.7.6 – Cinema ABC . Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. | 243 |
| Figura 3.7.7 – Cine Teatro Real . Foto do autor. | 243 |
| Figura 3.7.8 – Cinema Premier . Foto do autor. | 244 |

Capítulo 3.8. Do fim dos palácios às salas em centros comerciais – 1970-1980

- | | página |
|---|--------|
| Figura 3.8.1 – Cinema Baltimore , vista atual. Foto do autor. | 248 |
| Figura 3.8.2 – Cinema Açores , atualmente Ferragem Barufaldi. Foto do autor. | 250 |

RESUMO

Este trabalho se propõe a investigar as diferentes formas e configurações que as salas de cinema de rua de Porto Alegre adotaram ao longo do século XX. Antecipa o estudo central uma análise do caráter arquitetônico e dos elementos tipo-morfológicos definidores do programa arquitetônico “sala de cinema”. Com base neste instrumental e seguindo a evolução histórica, década a década, o autor desenvolve então a análise das salas de cinema de rua de Porto Alegre.

ABSTRACT

This work investigates the different forms and figurative aspects adopted by movie theaters in Porto Alegre city on the twentieth century. First of all, are analyzed aspects about architectural character of the Movie Theater, and type and morphological elements that define this architectural program. Then, in base of theoretical instruments, the author analyzes chronologically the evolution of the movie theaters in Porto Alegre.

RÉSUMÉ

Le but de ce travail est d'investiguer les différentes formes et configurations adoptées par les cinémas de rue à Porto Alegre, au long du XX^{ème} siècle. D'abord, on identifie le caractère architectural et les éléments type-morphologiques qui définissent le programme d'architecture "salle de cinéma". À partir de ces éléments d'analyse, l'auteur développe ensuite l'étude chronologique des salles de cinémas de rue à Porto Alegre.

1. INTRODUÇÃO

Na efervescente Paris *fin de siècle*, na tarde de 28 de dezembro de 1895 ¹, no subsolo do *Grand Café* situado no *Boulevard des Capucines*, os irmãos Lumière apresentaram uma nova invenção capaz de projetar “scenas animadas da vida humana” ² a uma platéia ávida pela modernidade que se anunciava para o século seguinte. Assim surgiu o cinema, que no decorrer do século XX veio a se caracterizar como uma de suas principais formas de expressão artística e de lazer.

Apresentado inicialmente em feiras, cafés e circos, a projeção de filmes logo em seguida ocupou a cena de teatros de vaudeville, intercalados a diferentes atrações artísticas e burlescas. Com a popularização das apresentações cinematográficas, surgiu então a necessidade de criação de um espaço, um novo programa arquitetônico. Como os arquitetos e construtores desconheciam as especificidades do cinema, apropriaram-se do edifício de teatro, do qual acreditavam ser o cinema o legítimo sucessor. A sala de teatro foi então alterada nas duas extremidades, pela supressão da caixa de cena de uma ponta, e criação de uma cabine de projeção da outra. Estes “novos teatros” não só responderam às necessidades funcionais exigidas pela atividade cinematográfica, mas também se impuseram como edificação referencial urbana, graças a um caráter específico e

¹ Segund Barreiros (1996, capa), esta data é contestada por historiadores que afirmam ter ocorrido a primeira projeção de “vistas animadas” em 1892, quando o francês Emile Reynaud apresentou o desenho animado colorido “O Pobre Pierrot”.

imagem própria. Esta identidade, ou caracterização do edifício de cinema ocorreu nas décadas de trinta e quarenta, coincidentemente na mesma época em que se firmaram as grandes produções musicais americanas. À semelhança dos grandes cenários dos musicais, o edifício de cinema revestiu-se de grande suntuosidade cenográfica. A calçada, a fachada e o hall já denotavam o início do espetáculo. Nas décadas de trinta a sessenta, a movimentação de público em torno do cinema e das estrelas dos filmes foi intensa, até o início do declínio das salas na década de setenta, devido à crise de pública provocada pela concorrência da televisão, ao sucateamento das instalações, entre outros. A partir de então, grande número de salas começou a fechar, ou a se subdividir, até a abertura de novas salas em conjuntos comerciais, o que provocou o renascimento do cinema na década de oitenta.

No Brasil a evolução das salas e das sessões de cinema ocorreu simultaneamente com a Europa, tendo ocorrido a primeira sessão de cinema na América do Sul no dia 8 de julho de 1896, na rua do Ouvidor, número 57, no Rio de Janeiro, somente seis meses após a célebre apresentação dos irmãos Lumière em Paris. Da mesma maneira que em outros países, viu-se surgir em diversas capitais brasileiras, na primeira metade do século XX uma série de grandes cinemas. A construção destes grandes palácios, ao mesmo tempo em que consolidavam esta atividade social e de lazer, satisfaziam nossa necessidade de parecer e ser moderno, atando mais fortemente os laços com os Estados Unidos da América e a Europa. O Brasil deixava de ser um império do século XIX, tornava-se uma república e entrava finalmente nos tempos modernos.

² Foi preservada a grafia original dos textos de jornais, crônicas, expressões e gírias das primeiras décadas do século.

Quando voltamos nosso olhar para a história da cidade de Porto Alegre, reconhecemos a força da sétima arte, já que poucos meses após a primeira projeção no *Café des Capucines*, o cinematógrafo já era apresentado aos gaúchos, o que rapidamente promoveu o surgimento, em 1908, da primeira sala fixa de cinema na capital, o Recreio Ideal. O crescente interesse pela nova arte, impulsiona a abertura em Porto Alegre de quase sessenta salas no período dos vinte anos seguintes. O surgimento sucessivo de novas salas evidenciou uma evolução da arquitetura específica do edifício sala de cinema.

Propomo-nos então neste trabalho estudar a evolução da configuração espacial das salas de **Cinema de rua em Porto Alegre**, a partir da inauguração do Recreio Ideal, primeira sala fixa, até a abertura do cinema Açores, em 1974, última sala de rua inaugurada na cidade. Ressaltamos que, se a produção cinematográfica gaúcha tem sido estudada, até hoje nenhum estudo contemplando uma análise do edifício a partir de material iconográfico foi realizado sobre a arquitetura de cinemas na cidade Porto Alegre.

Neste percurso, procuraremos responder às seguintes questões:

- Como evoluíram e como se caracterizaram as salas de cinema de rua em Porto Alegre ao longo do século XX?
- Quais elementos tipo-morfológicos fizeram estes edifícios serem reconhecidos e caracterizados como salas de cinema?

O processo de investigação teve início na reunião do material iconográfico disponível: projetos arquitetônicos do Arquivo Municipal de Porto Alegre e fotografias do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. A seguir pesquisamos em jornais, crônicas e estudos históricos aspectos do panorama social do último século em Porto Alegre visando identificar o que

podemos chamar de “ida ao cinema” e a partir desta contextualizar as propostas arquitetônicas da época, entendidas como respostas aos anseios do público. Por outro lado, buscamos entender como esta forma de lazer característica do século XX se posicionou dentro do espaço urbano de Porto Alegre. Reunido o material, passamos então a identificar e classificar os elementos tipo-morfológicos caracterizadores da sala de cinema, formas, regras compositivas e linguagens arquitetônicas.

Servimo-nos de estudos referentes às salas de cinema no Brasil, como em **Salas de Cinema em São Paulo**, de Inimá Simões, **Palácios e Poeiras – 100 anos de cinema no Rio de Janeiro**, de Alice Gonzaga, Cinelândia – **Breve histórico de um sonho** de João Máximo e finalmente **Salas de Cinema: cenários porto-alegrenses**, de Suzana Gastal. No que se refere à pesquisa de salas de cinema no exterior, tivemos acesso a **Gaumont British Cinemas**, de Allen Eyles, **The show starts in the side walk**, de Maggie Valentine e **The last remaining seats – Movies Palaces of Tinseltown**, de Robert Berger e Anne Conser.

Nossa reflexão se desenvolve então em duas grandes partes:

No capítulo inicial apresentamos uma breve evolução histórica do cinema no panorama americano e europeu, dos primeiros cinematógrafos às salas modernistas. Em seguida analisamos os diferentes conceitos de caráter arquitetônico e sua manifestação no edifício de cinema, tomando como exemplo cinemas europeus, americanos e brasileiros. Finalizando este capítulo, procuramos identificar e analisar os elementos tipo-morfológicos caracterizadores do edifício de cinema, sua permanência ou evolução.

No corpo principal do trabalho, em sub-capítulos divididos por décadas buscamos analisar aquelas salas de cinema de Porto Alegre cujos

vestígios históricos, projetos arquitetônicos, fotografias, observação *in loco*, são disponíveis.

No final do trabalho foram incluídos três anexos: no Anexo A apresentamos todas as salas de cinema inauguradas em Porto Alegre neste século, com data de abertura, fechamento e localização, quando foi possível identificá-los, além da classificação tipológica da edificação; no Anexo B são apresentados e exemplificados através de modelos os tipos arquitetônicos identificados nos cinemas de Porto Alegre; finalmente no Anexo C são listadas todas as salas onde foi possível acesso a microfilme de projeto arquitetônico do Arquivo Municipal de Porto Alegre.

2. EVOLUÇÃO, CARÁTER E TIPO-MORFOLOGIA DO EDIFÍCIO DE CINEMA

Ainda que negados por um certo período da Arquitetura Moderna, determinados conceitos são inerentes à própria produção arquitetônica e à história de arquitetura. São, entre outros, conceitos como **tipo, composição, caráter**, que até pouco tempo abandonados do vocabulário dos arquitetos, hoje, ancorados por correntes pós-modernas de inspiração historicistas, impõem-se como importantes pressupostos metodológicos de análise e produção do objeto arquitetônico. Antes de avançarmos no estudo sobre as salas de cinema em Porto Alegre, parece-nos importante traçar resumidamente a evolução do edifício de cinema nos contextos genéricos americano, europeu e brasileiro, sob estas perspectivas: a composição, o caráter e a tipologia arquitetônicos.

Assim, abordaremos inicialmente a evolução do edifício de cinema desde as primeiras salas de vaudeville, passando pelos cinemas palácio e pelas salas Art Déco. Em seguida procuraremos conceituar os diferentes caracteres arquitetônicos e como se manifestam no edifício de cinema. Finalmente numa abordagem tipológica, procuraremos identificar quais elementos configuram o edifício cinema, como evoluem e interagem entre si, definindo desta maneira o tipo cinema, diferenciando-o então do tipo teatro, seu tipo originário legítimo.

2.1. Evolução do edifício de cinema

A possibilidade de visualização de imagens em movimento é anterior ao cinema, pois ao longo do século XIX, diversos inventores utilizaram instrumentos capazes de mostrar a observadores individuais seqüências de imagens estáticas, capazes de transmitir a sensação de movimento através da persistência da imagem na retina. Foram então apresentados dispositivos com nomes estranhos, tais como o Fenaquistiscópio, Eletrotaquiscópio de Anschütz, Cinetoscópio, que permitiam a observação de seqüências animadas a um espectador por vez. O cinema surge então como a possibilidade de projeção destas imagens em movimento visualizadas por um grupo de pessoas, os espectadores.

Figura 2.1.1 –
Fenaquistiscópio. Museu
de Comunicação Social
Hípólito José da Costa.



Apresentado como um artefato científico capaz de projetar “*scenas animadas da vida humana*”, um dispositivo técnico representativo do progresso tecnológico do novo século, o cinema encontrou seu primeiro espaço em feiras, cafés e circos e salões, onde seguidamente produção e exibição do filme eram feitos pela mesma pessoa, em grande parte imigrantes europeus. Estes filmes eram em sua maioria compostos por documentários, apresentando lugares turísticos, cidades européias, desfiles militares, funerais de reis e rainhas. Prontamente aceitos pelo grande público, os filmes passaram a ser apresentados em salas de

espetáculos de variedades, intercalados a diferentes atrações artísticas e burlescas, algumas “pouco recomendável às famílias”.



Figura 2.1.2 – **Cinetoscópio de Edison.** Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.



Figura 3.1.3 – **Eletrotaquiscópio de Anschutz.** Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

A primeira sessão pública paga, de cinema aconteceu na tarde de 28 de dezembro de 1895, no subsolo do Grand Café, do Boulevard des Capucines, em

Paris ¹. Segundo Emery (s/d, p. 2), os irmãos *Lumière* apresentaram seu invento apenas com “uma tela de tecido, uma centena de cadeiras, um aparelho de projeção colocado sobre um banco e, à entrada, uma faixa anunciando “Cinematógrafo Lumière, entrada 1 franco”. Podemos então caracterizar o início do cinema no momento em que uma sucessão de imagens em movimento pode ser apresentada a um grupo de espectadores simultaneamente.

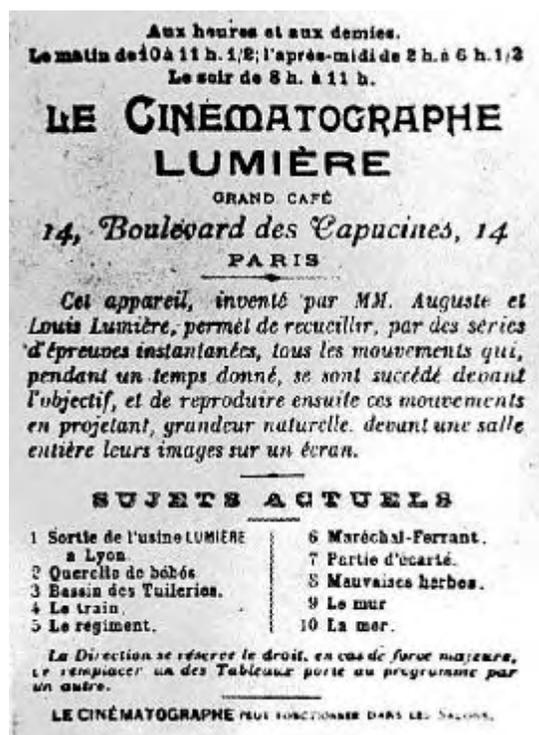
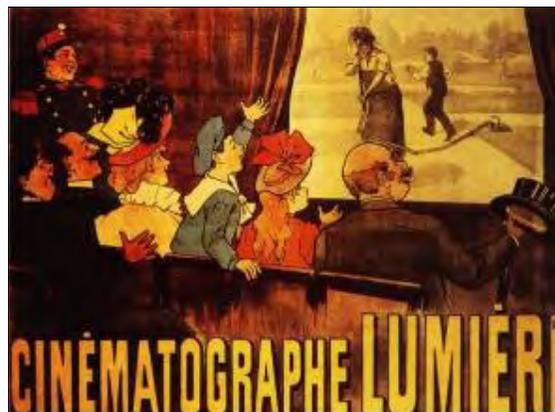


Figura 2.1.4 – Anúncio em jornal da apresentação do **Cinematógrafo Lumière**, no Café des Capucines, em Paris. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

¹ Esta é a versão oficial, apresentada em praticamente toda a bibliografia a respeito das primeiras exibições cinematográficas. Entretanto, segundo Maurice Corbet, responsável pelo setor de animação do Museu de Chateau d'Annecy, França, em 1892 foi projetado publicamente um curto desenho animado colorido, produzido por Émile Reynaud, intitulado “O Pobre Pierrô”. Reynaud inventou o Teatro Ótico, considerado “o primeiro aparelho da história a projetar um filme sobre uma tela”. (Barreiros, 1996, capa)

Figura 2.1.5 – Cartaz publicitário do **Cinematógrafo Lumière**, mostrando o encantamento da platéia diante das “vistas animadas”. MÁXIMO, João. Cinelândia – breve história de um sonho. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997, p. 66.



No início do século XX, surgiram em cidades americanas diversos pequenos cinemas, comportando aproximadamente 200 espectadores, chamados *nickelodeons*, dedicados a responder aos anseios de lazer de uma nascente classe média americana, filha da industrialização do país. Com o crescimento da produção de filmes, o advento dos filmes sonoros e das grandes produções e estúdios, e o interesse das classes sociais consumidoras e de maior poder aquisitivo, na década de 20, os *nickelodeons* vieram a se transformar em grandes Cinemas Palácios para até 6000 espectadores, situados no centro das grandes cidades americanas e europeias.

Figura 2.1.6 - Teatros **Electric e Palace**, Pensilvania, 1908, respectivamente um nickelodeon, e um “Refined Vaudeville”. O adjetivo “refinado” é uma tentativa de tornar um pouco mais nobre a imagem deste tipo de divertimento. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 25.



Estes palácios cinematográficos não só responderam às necessidades funcionais e programáticas exigidas pela atividade cinematográfica,

mas também se impuseram como referencial urbano, assim como elemento indispensável à construção de um emergente “american way of life”, de uma cultura genuinamente americana, uma nova cultura, para um “novo mundo”. O cinema como objeto de consumo de massa é um produto inegável da cultura norte americana, assim como os edifícios onde se realizavam as projeções.

Os Cinemas Palácio dos anos vinte, trinta e quarenta, parecem inacreditavelmente extravagantes quando comparados com as outras casas de cinema que vieram antes e depois, mas quando eles são contextualizados com o surgimento da cultura de consumo americana e colocados junto a outros edifícios públicos do período, suas extravagâncias são ‘legíveis’. Os Estados Unidos foram pioneiros numa economia de produção de massa e foi o primeiro país a criar instituições de consumo de massa e diversão de consumo de massa. O Palácio de Cinema é uma manifestação disto ².

Os primeiros Cinemas Palácios foram erguidos para apresentação de espetáculos de *Vaudeville* intercalados com filmes. Na verdade eram Teatros com uma programação diferenciada, onde se incluíam, números musicais, mágicos, danças, cinema, etc. Ainda que este tipo de atração “popular” fosse considerada “menos nobre” que o espetáculo teatral, o edifício tratava de enobrecê-la, na medida em que tomava da tradição teatral os elementos arquitetônicos para sua construção.

² <http://xroads.virginia.edu/~CAP/PALACE/consumer.html>



Figura 2.1.7 - **Teatro Keths**, Boston, 1894. “De luxe” Vaudeville Palace. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 20.

A crise econômica americana de 1929 a o período de “Depressão” que a sucedeu foi fator histórico importante que não pode ser desprezado, e que certamente contribui para ao declínio e fechamento dos grandes palácios. De acordo com Valentine (1994, p. 90). “O público de cinema caiu de 90 milhões por semana em 1930 para 60 milhões por semana dois anos depois. Durante o mesmo período o número de cinemas caiu de 22.000 para 14.000.

Com o crescimento das grandes cidades americanas e a fuga em direção aos subúrbios e “bairros jardins” começaram a ser construídos cinemas de menor porte, afastados do centro das cidades, com o objetivo de atender esta clientela. O cinema passa também a ser elemento de diversão e consumo de massa, não sendo mais necessário então a imagem de grande palácio europeu. A construção destes cinemas de pequeno ou médio porte nos subúrbios das grandes cidades provocou obviamente certa crise de público nos enormes palácios, que

passaram a encontrar concorrência, já que o público não precisava mais se deslocar ao centro das grandes cidades para uma sessão de cinema.

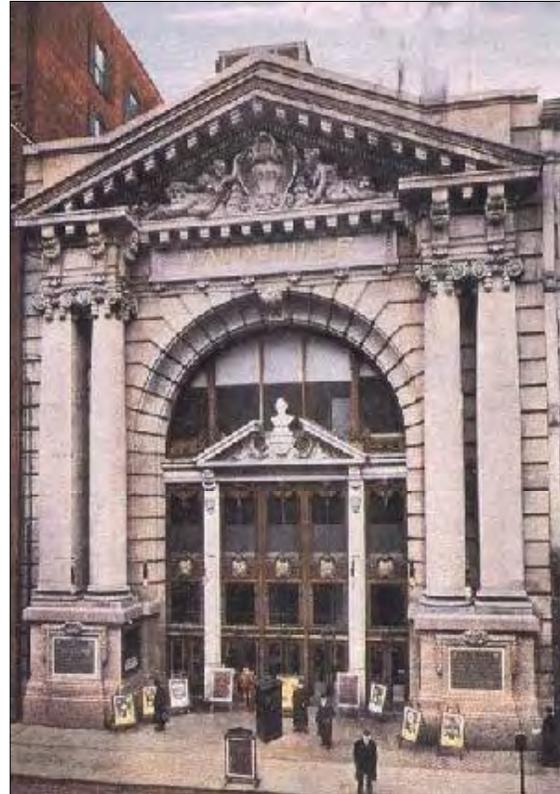


Figura 2.183 - **Colonial Theatre, Chicago, 1903.**
Teatro Vaudeville.
VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 19.

Desvinculadas do edifício teatral que as originou, estas novas salas, menores e de decoração mais simples, buscando também uma identidade e um caráter arquitetônico próprios, vincularam-se imediatamente a um movimento arquitetônico nascente: a corrente *Art Déco*, não sendo mais então influenciados pelos grandes teatros e palácios europeus.



Figura 2.1.9 - Cinema **Gaumont Palace**, Cheltenham, 1933, atualmente dividido em cinco salas. EYLES, Allen. Gaumont British Cinemas. West Sussex: Cinema Theatre Association, 1996, p. 60.

Durante os anos 30, o Art Déco substituiu outros estilos de arquitetura de cinemas e tendo se tornado o padrão em projeto de 'palácios'. O primeiro palácio Art Déco, projetado em 1930 por Marcus Priteca, foi o Hollywood Pantages em Hollywood e o Vine em Los Angeles.³

Esta postura de rejeição aos modelos *Beaux Arts*, e a conseqüente adoção da escola *Art Déco*, embora parecesse simbolizar um cansaço com os estilos do velho mundo e pretendesse sugerir uma arquitetura tipicamente americana, na verdade era inspirada na *Exposition Internationale des Arts Decoratifs et Industriels*, ocorrida em Paris, em 1925. A exposição percorreu os Estados Unidos em 1926 e demonstrou, juntamente com outra exposição, o *Industrial Style* exibida no *Museum of Modern Art*, e com o movimento da *Bauhaus*, de 1930, exercer uma considerável influência nos arquitetos e designers americanos. Mas ainda que não se caracterizasse como um estilo genuinamente americano, como queriam seus arquitetos/autores, é importante ressaltar que, pela

³ <http://xroads.virginia.edu/~CAP/PALACE/consumer.html>.

primeira vez, o edifício de cinema passa a apresentar identidade e caráter próprios, o que passaremos a analisar a seguir.

Posteriormente ao movimento Art Déco surgem edificações vinculadas ao movimento moderno, e neste caso são exemplares os cinemas projetados pelo arquiteto paulista Rino Levi. Os cinemas de Levi foram de grande importância para a construção da modernidade em de São Paulo e sua entrada na esfera das grandes metrópoles mundiais. Estes projetos podem ser analisados inicialmente por sua importância para a qualificação do espaço público, de lazer e cultura da cidade, mas principalmente pela construção e sedimentação da arquitetura moderna na cidade de São Paulo. Rino Levi projetou o cinema **Ufa Palace** em 1936, o **Universo** em 1938, o **Piratininga** e o **Ipiranga** em 1941, todos os quatro em São Paulo, tendo projetado também uma sala **UFA Palace** para a cidade de Recife em 1937.

Sempre se colocando numa posição de vanguarda em relação ao público de seu tempo, que via no cinema somente uma forma de diversão de massas, Rino Levi, mostra-se maravilhado com as “vistas animadas e sonorizadas”, reconhecendo imediatamente no cinema uma nova forma de produção artística:

“No que diz respeito aos meios de expressão, estamos sempre verificando o aparecimento de novas manifestações de arte. É o caso do cinema que nos apresenta imagens em movimento, sincronizadas com palavras e sons. Trata-se de um acontecimento inédito, e o que é mais extraordinário nele, é o desenho animado, pela sua relação, sob certos aspectos, com a pintura, uma pintura em movimento próprio e além do mais acompanhada da palavra e da música.”
(Levi, 1992, p.39)

Figura 2.1.10 - **Cinema Ipiranga**, Arq. Rino Levi, São Paulo, 1942. Vista da platéia e do forro luminoso. Revista Acrópole, São Paulo, número 58, fevereiro de 1943, p. 347.



2.2. O Caráter do edifício de cinema

Começamos discutindo o conceito de “caráter”, lembrando a definição do dicionário *Petit Robert*, onde é “sinal, ou conjunto de sinais distintivos. Traço próprio a uma pessoa, a uma coisa, e que permite distingui-la de uma outra”, algo que pode ser lido, identificado nas relações perceptivas que se estabelece entre as pessoas ou delas para com determinadas coisas. Apreende-se então que todas as pessoas ou coisas são portadoras de caráter, sobre o qual podemos realizar um juízo de valor, moral, político, cultural, estético ou simplesmente utilitário.

Com base nesta definição genérica, podemos sinteticamente definir o caráter arquitetônico como o conjunto de características que diferenciam um edifício de outro, e que ao mesmo tempo o fazem pertencente a um grupo claramente identificável. Assim, toda e qualquer edificação é possuidora de um caráter específico, que nos permite diferenciá-la de outra. Lembramos ainda que, as teorias sobre caráter arquitetônico são bastante antigas e remontam ao século XVIII, quando *Quatremère de Quincy* (apud Hinchclif, 1985), em sua *Encyclopedie Méthodique* define genericamente o caráter como sendo “uma marca ou figura traçada sobre pedra, metal, papel ou qualquer outro material, com o cinzel, o buril, o pincel, a pena, ou qualquer outro instrumento, de forma a tornar-se o signo distintivo de algo”.

Já para a tradição francesa da *Ecole des Beaux Arts*, segundo Solá-Morales (1984), “um caráter deveria ser, aristotélica e romanticamente, expressão da alma, isto é, do conteúdo do edifício e da intenção de seu autor”, referindo-se assim à leitura e ao significado que possa ter uma edificação, mas não negligenciando de maneira alguma a “genialidade criativa” do arquiteto.

Uma vez que falamos que o caráter – segundo Rowe (1999, p. 65) em tanto que “impressão da individualidade artística e a expressão, simbólica ou funcional, da finalidade à qual o edifício está destinado” – imprime ao edifício uma peculiaridade que o distingue de outros de uma mesma natureza, precisamos admitir que “a presença do caráter nem sempre tem sido um atributo necessário da arquitetura.” (Rowe, 1999, p. 65). Isto porque, existe um grande número de edificações que não revela um caráter peculiar. Avançamos então sobre a problemática dos princípios que conferem a um edifício valorado do ponto de vista arquitetônico. A este propósito, constatamos diferentes opiniões entre os estudiosos.

De um lado, a qualidade do caráter de um edifício é associada a uma boa composição. É neste sentido que vemos Loudon afirmar que “graças à exaltação de suas proporções gerais e à justa distribuição de todas as partes” um edifício apresente “algo semelhante à nobreza do caráter (humano)... Em geral, o que engendra o caráter de um edifício deve ser evidente e notável; e deve apoiar-se melhor em uma só característica do que em várias.” (apud Rowe, 1999, p. 65). Dentro da mesma ótica Bofrand (apud Szambien, 1980, p. 176) afirma que:

“ainda que o objetivo da arquitetura pareça apenas a utilização daquilo que é material, ela é suscetível de diferentes gêneros que tornam suas partes, por assim dizer, animadas pelos diferentes caracteres que ela faz sentir. Um edifício exprime através de sua composição, tal como num teatro, que a cena é Pastoral ou Trágica, que se trata de um

Templo ou de um Palácio, um Edifício destinado a um certo uso, ou uma casa particular. Esses edifícios diferentes por sua disposição, por sua estrutura, pela maneira com que são decorados, devem anunciar ao espectador sua destinação; e se eles não o fizerem, eles pecam contra a expressão e não são o que devem ser.”

De outro lado, caráter e composição são tidos como independentes um do outro, e o bom projetista é aquele que consegue fazê-los concordante no mesmo projeto. Conforme Pickering (apud Rowe, 1999, p. 65),

“o caráter adequado não acompanha necessariamente a boa composição... Uma fábrica pode mostrar todos os encantos da arquitetura clássica, mas ter aspecto de biblioteca pública. Por outro lado uma igreja pode ser reconhecida como tal devido aos elementos que leva associado – o campanário e os vitrais, mas carecer por completo de qualquer princípio de bom desenho. O caráter adequado e os princípios de composição não são sinônimos; e só aparecem em conjunto graças ao esforço consciente do projetista. E para que uma obra arquitetônica se destaque, deve conter ambos.”

Diante desta aparente oposição, aponta-se então a necessidade da distinção das diferentes variedades eventualmente apresentadas pelo caráter arquitetônico.

Comas (1989, p. 99) contribui a elucidar a questão quando lembra que *Guadet* referia-se a duas variedades de caráter:

“Uma pode ser chamada caráter tipológico ou programático, e busca revelar o propósito do edifício e os valores conexos a esse propósito – levando em consideração a influência do clima e a natureza do sítio e do lugar. Outra, caráter genérico que busca representar civilização e cultura em coordenadas temporais e geográficas, o ‘espírito da época’, ou o ‘espírito do lugar’.”

Aprofundando a questão, Mahfuz (miméo. s/d) identifica cinco categorias de caráter - Imediato, Genérico, Essencial, Programático, Associativo, nos aportando uma classificação sobre a qual podemos analisar o edifício de cinema.

Analisando comparativamente os Cinemas Palácio e as salas Art Déco, podemos distinguir diferenças importantes relativas ao **Caráter Imediato**, “definido pela técnica e pelos materiais usados na construção de um edifício” (Mahfuz, s/d, p.6), entendendo-se assim que edifícios baseados no mesmo tipo arquitetônico, mas tecnicamente diferentes suscitem sensações diferentes. Assim,, nos Cinemas Palácio e salas Art Déco identificamos uma diferença no que se refere o porte e as dimensões dos dois tipos edificação. Se por um lado o Cinema Palácio busca um aspecto maciço da edificação, o Art Déco busca fluidez do espaço, verticalização, graças a certa “aerodinâmica” das formas. Os cinemas palácio procuraram sempre associar a distinção dos materiais com sua arquitetura, o uso da pedra dos teatros europeus. Tal material, além de atribuir solidez ao edifício, também lhe auferia nobreza. Por outro lado, os cinemas menores, utilizando elementos de linguagem vinculados ao nascente movimento *Art Déco*, ainda que apresentem a mesma estrutura tipológica que seus antecessores, possuem um caráter imediato totalmente distinto em função da técnica construtiva e dos materiais. Materiais mais simples como o tijolo à vista, o reboco, as linhas e planos mínimos de construção simplificam o edifício, fazendo-o parecer mais próximo do público e da crescente classe média operária americana, desvinculando assim o cinema da aristocracia.

Avançamos nossa análise tomando por perspectiva o **Caráter Genérico**, “determinado pelo partido e pelas relações que este determina entre os espaços interiores, por um lado, e entre edifício e contexto, por outro” (Mahfuz, s/d, p. 6), revelado então pela estrutura tipológica do cinema. Em nosso objeto de análise, o tipo é um elemento *a priori* fixo, para todo e qualquer cinema visto tratar-se normalmente de uma estrutura espacial composta seqüencialmente por um espaço de acesso e espera, uma sala de projeção, uma platéia e uma tela. Neste

aspecto, mesmo os edifícios de teatro apresentam um tipo arquitetônico semelhante aos cinemas, onde a tela é substituída pelo palco.

Figura 2.2.1 - **Cinema Tower**, Compton, Califórnia, 1935-36, Arq. Charles Lee. Sala característica dos partidos Art Déco, com utilização de materiais simples, acesso coberto pela marquise, totem de sinalização. VALENTINE, Maggie. *The Show Starts on the Sidewalk*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 98



Entretanto, ao analisarmos as salas de cinema afastando-nos do tipo (imaterial), e aproximando-nos do modelo (material) e da materialidade do edifício, podemos analisar as diferentes partes deste edifício, comparando soluções adotadas.

As fachadas, por exemplo, apresentam configurações diferenciadas no Cinema Palácio e no Cinema Art Déco., no que diz respeito a sua relação de permeabilidade com o espaço público no pavimento térreo. Os primeiros Cinemas Palácios, derivados dos teatros, relacionavam-se com o passeio através de uma fachada onde predominavam os cheios sobre os vazios, permeada por um conjunto de portas, ou arcos, ligando a um espaço semi-público, o foyer, as bilheterias, a sala de espera.

Figura 2.2.2 - **Orpheum Theatre**, Los Angeles, 1926, 2200 lugares, apresenta pavimento térreo claramente delimitado entre espaço exterior e espaço interior.
<http://www.silverscreens.com/images/la/laorpheim1.jpg>



Os cinemas *Art Déco*, por outro lado, apresentam o pavimento térreo bem mais transparente e permeável configurado por um grande espaço aberto e coberto, já dentro de seus domínios, mas perfeitamente e francamente integrado ao passeio. A fachada térrea construída junto ao alinhamento praticamente desaparece. A bilheteria já não mais se encontra localizada na parte interna do edifício, mas confunde-se com o próprio espaço público, com o passeio.

Figura 2.2.3 - **Cinema Tower**, Fresno, Califórnia, 1939, Arq. Charles Lee. O limite entre o passeio público e o espaço privado é indefinido, apenas mediado pela bilheteria em ilha.
 VALENTINE, Maggie. *The Show Starts on the Sidewalk*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 104



No Cinema Palácio, o público está fora ou dentro do edifício, há uma barreira a se franqueada, enquanto que no cinema *Art Déco*, esta barreira é invisível, fluída, mais fácil de ser ultrapassada, o que também faz com que a “ida ao

cinema” seja uma atividade menos ritualizada que a ida ao Teatro ou ao Cinema Palácio.

Outro aspecto que permite diferenciar os cinemas ainda relacionado com seu caráter genérico, diz respeito à estrutura espacial da sala principal. A estrutura da platéia do Cinema Palácio apresenta-se seguidamente estratificada em dois níveis: platéia principal e balcão, contando até mesmo com camarotes e galerias, originários da tradição teatral. Os Cinemas *Art Déco* por sua vez, apresentam uma só platéia, praticamente plana.



Figura 2.2.4 -**Orpheum Theatre**, Los Angeles, 1926. Cinema Palácio, platéia de 2200 lugares, estratificada em diversos níveis, com decoração excessivamente opulenta. <http://www.silverscreens.com/images/la/laorpheim2a.jpg>



Figura 2.2.5 - **Academy Theatre**, Inglewood, 1939, Arq. Charles Lee. Cinema Art-Déco, platéia de 1156 lugares, praticamente plana, decoração contida, sóbria. VALENTINE, Maggie. *The Show Starts on the Sidewalk*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 117.

Numa tentativa de identificar o caráter genérico nos complexos multi-salas e conjuntos Multiplex, podemos afirmar que as relações espaciais do edifício com a cidade e das partes da sala entre si se modificam significativamente. Neste caso evoluiu-se de um Cinema Palácio comportando até 6000 pessoas, para conjuntos de até 20 salas de 200 a 300 pessoas, entremeadas por serviços de alimentação e um sistema de fluxos otimizados de entrada e saída de sessões. As relações do cinema com o espaço público também se modificaram, uma vez que os espectadores têm acesso às salas através do *Mall* do Shopping Center, e não mais via o passeio público.

O **Caráter Essencial** parece-nos um dos mais importantes a ser analisado no edifício de cinema, pois é vinculado às possíveis leituras do edifício por parte do público, assim como seus significados. Segundo Mahfuz (s/d, p. 6), é “basicamente abstrato, (...) consiste no conteúdo psicológico que a obra é capaz de

suscitar: estranheza, infinitude, variedade, fantasia, serenidade”. E o cinema, em sua perspectiva mais ampla, enquanto “vendedor de sonhos e evasão”, sempre teve o compromisso também de vender sonhos não só nos filmes, mas também no edifício. Os grandes romances palacianos eram projetados também em palácios, o público sentia-se fazendo parte da “corte”. O caráter essencial é definido então pelas dimensões, proporções e relações das partes, espaços e volumes constituintes do edifício. Grandes superfícies de fachadas, extensos salões, altos pés-direitos são recursos utilizados para conferir especial caráter a um edifício público.



Figura 2.2.6 - Publicidade do **Cinema Odeon**, Rio de Janeiro, lugar de atividade social “distinta”, senhoras “de família” bem vestidas, numa casa oferecendo “conforto e elegancia - iluminação profusa”. GONZAGA, Alice. Palácios e poeiras – 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record / FUNARTE, 1996, p. 86.

A importância de incorporar significado ao edifício parece já presente nos textos de Quatremère (apud Hinchclif, 1985), quando afirmava:

Assim, (o arquiteto) preocupado em erigir um templo a uma divindade, não deveria ter outra preocupação, outro pensamento, do que sentir, estudar, saber o caráter próprio dessa divindade, isto é, as qualidades com as quais a imaginação deleitou-se ao compor esses seres alegóricos, e encontrar os meios de fixar, por intermédio das formas arquitetônicas, esses fugidios resultados do pensamento...”

Inicialmente materializado nos grandes Cinemas Palácios, o edifício para exibição de filmes buscava estabelecer uma referência direta com a aristocracia européia e seus Palácios. Surgiu assim um grande número de cinemas de estilos eclético, neoclássico, neobarroco, construídos com a solidez da pedra, segundo princípios da *École des Beaux Arts*. Estas atitudes retrospectivas dos arquitetos tinham por objetivo a manutenção de modelos arquitetônicos históricos, tidos como “nobres”, reconhecidos e aceitos pela sociedade. Mas não se pode esquecer que a adoção de modelos aristocráticos europeus tinha também por objetivo tornar nobre um edifício onde se pretendiam apresentar atrações e eventos que anteriormente eram apresentados em Teatros de *Vaudeville*, e cabarés “pouco freqüentáveis”. Nos Estados Unidos, o vínculo destes cinemas com a aristocracia americana fez ser associada a expressão “de luxe” aos nomes comerciais das salas. Assim, os cinemas eram apresentados como “*de luxe Colonial Palace*”, “*de luxe Orpheum Theatre*”. Segundo Valentine (1994, p. 69), o “termo ‘de luxe’ traduzia-se em arquitetura ornamentada, pródigos *designs* de interior e um conjunto de serviços ao consumidor, incluindo bebidas e refrigerantes.” Estes grandes cinemas, apresentados como “Palácios para o povo”, somente encontravam rivais a sua altura em luxo e sofisticação nos grandes hotéis.



Figura 2.2.7 - **Los Angeles Theatre**, Los Angeles, 1932, projeto de Charles Lee. Palácio de 2200 lugares, interiores de estilo barroco francês, com grandes escadarias, lustres de cristal, forros decorados e pinturas em trompe l'oeil. BERGER, Robert, CONSER, Anne, SILVERMAN, Stephen M. *The last remaining seats – Movies Palaces of Tinseltown*. Glendale: Balcony Press, 1997, p. 42

À semelhança dos grandes cenários das produções musicais americanas, o edifício de cinema revestiu-se também de grande suntuosidade cenográfica, quando a calçada, a fachada do edifício e o hall de entrada já anunciavam o evento social, denotando o início do espetáculo. A transposição do clima de fantasia presente nos filmes, para o ambiente no qual ele é projetado foi uma constante no projeto dos cinemas, mesmo na atualidade. O arquiteto

americano Charles Lee, autor de mais de uma centena de salas de cinema na costa oeste americana nas décadas de 30 a 50, justificava sempre a opulência de seus projetos afirmando: “*The show starts on the side walk*” (O espetáculo começa na calçada).



Figura 2.2.8 - **Los Angeles Theatre**, 1932, Los Angeles, Arq. Charles Lee. Vista exterior. VALENTINE, Magie. *The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 61.

Por outro lado, a necessidade de evasão do “nascente” público deste “nascente” cinema fez surgir então uma série de salas de projeção que se poderia hoje chamar de “temáticos”, quando foram construídos cinemas egípcios, aztecas, chineses e pátios sevilhanos.

2.2.9 - **Chinese Theatre**,
Los Angeles, California,
1927, Arq. Meyer & Holler.
Vista exterior.
[http://www.silverscreens.com
/images/la/chineseb.jpg](http://www.silverscreens.com/images/la/chineseb.jpg)



Figura 2.2.10 - **Chinese Theatre**, Los Angeles, California, 1927, Arq. Meyer & Holler. Vista da platéia. BERGER, Robert, CONSER, Anne, SILVERMAN, Stephen M. The last remaining seats – Movies Palaces of Tinseltown. Glendale: Balcony Press, 1997. p. 74.

Conforme aponta Anelli (1992, p. 39),

“Cinemas egípcios foram construídos na mesma época de filmes de Cleópatra, efeitos atmosféricos simulavam jardins barrocos nas salas de projeção realizadas por John Ebersson, estilos orientais referiam-se ao fascínio pelo exótico. É estranho pensar que tal potencialização do ecletismo do século XIX pudesse ser identificada como moderna.”

Estas novas salas americanas, pródigas em elementos decorativos, barrocos e opulentos, e a ascensão dos Estados Unidos como produtor de cultura e

entretenimento de massa rapidamente começaria a ultrapassar suas fronteiras, chegando ao Brasil, que deixava de ser um império do século XIX, tornava-se uma república e entrava finalmente nos tempos modernos. Aqui também as grandes salas revestiram-se de elementos decorativos étnicos, como saudava efusivamente nota publicada no jornal O Estado de São Paulo, em 1930:

“Eu acho que as complicadas arquiteturas do Oriente adaptam-se bem ao cinema. O trepidante sonho moderno dos homens – como os sonhos de todos os tempos – vão bem nessas férias, nessas sombrias e rendadas visões de ópio, dos palácios nababescos das Mil e Uma Noites.”⁴

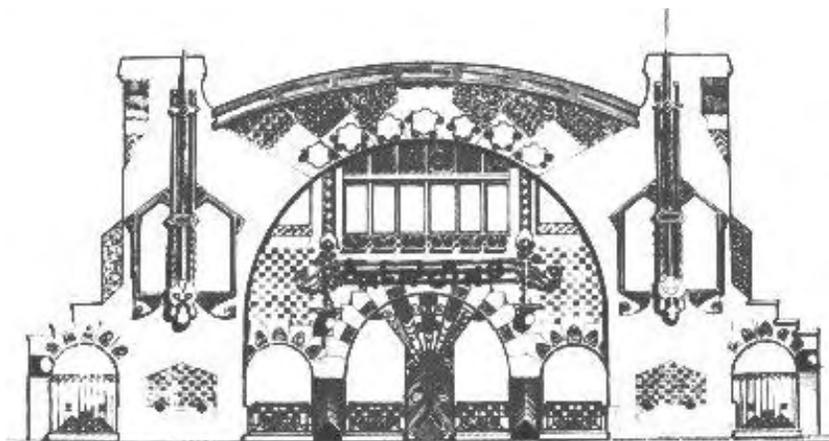


Figura 2.2.11 - **Cinema Americano**, Rio de Janeiro. Fachada com inspiração “étnica”, misturando elementos orientais, árabes e africanos. GONZAGA, Alice. Palácios e poeiras – 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record / FUNARTE, 1996, p. 128.

Um dos mais atuantes arquitetos projetistas de salas de cinema, juntamente com Charles Lee, foi John Ebersson. Autor de mais 100 cinemas criou o conceito de cinema atmosférico. O primeiro deles foi o Houston Majestic, de 1923, descrito por seu autor como "um magnífico anfiteatro sob um glorioso céu iluminado

⁴ ALMEIDA, Guilherme de. Coluna “O Cinematographo”, in **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 11/07/1930.

pela lua... Um jardim italiano, um pátio persa, um pátio espanhol, ou um jardim místico de um templo egípcio.”⁵

A intenção de criar teatros atmosféricos era de a impressão ao público de estar assistindo um filme sentado ao ar livre, no centro de uma grande praça, sob um céu estrelado. Nas paredes circundantes da sala eram então construídas fachadas de edifícios e residências nos mais variados estilos, históricos ou étnicos. No forro em forma de abóbada eram projetados céus estrelados, nuvens e outros efeitos atmosféricos. Estes efeitos eram obtidos:

“pintando de azul um céu noturno e usando uma lanterna mágica Brenograph para projetar nuvens e constelações, nesta ‘noite estrelada’. O projetor Brenograph também criava efeitos especiais como aurora boreal, tempestades de neve, nuvens cadentes, anjos voadores, pássaros, borboletas, fogo e fumaça, raios, nuvens de tempestade, ondas do oceano, chuva, tempestades de areia, neve, chuvas de pétalas de rosas, arco-íris, e vulcões em erupção.”⁶

⁵ <http://xroads.virginia.edu/~CAP/PALACE/auditorium.html>, 12/04/2000.

⁶ American Studies at the University of Virginia. Some enchanted evenings: American pictures palaces. [on line] Disponível na Internet. URL: <http://xroads.virginia.edu/~CAP/PALACE/auditorium.html>. 12/04/2000.

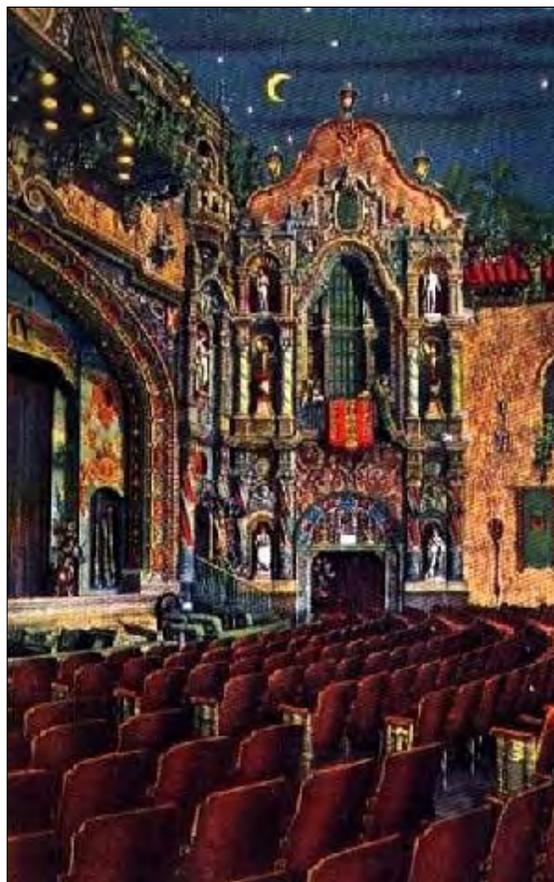


Figura 2.2.12 - **Tampa Theatre**, Tampa, Florida, 1926. Cinema atmosférico, projeto de John Eberson. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 41.

A magia do cinema, o envolvimento do público com o acontecimento, dava-se assim, na própria sala, antes do início da sessão. No entanto, o exotismo das salas, assim como o descomedimento de dispositivos publicitários justapostos à fachada encontrava também opositores na imprensa, como quando satirizava os projetos elaborados pelo arquiteto Virzi no Rio de Janeiro da década de vinte.

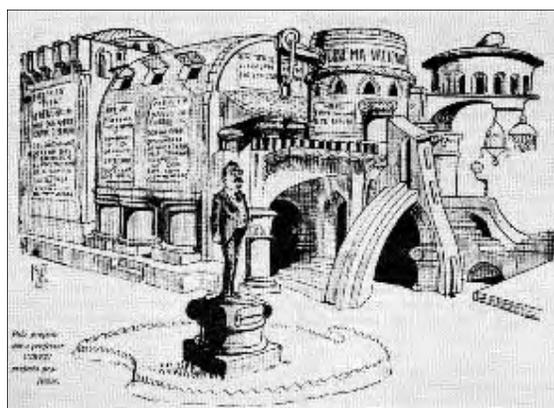


Figura 2.2.13 –Ilustração satirizando “o cinema brasileiro, a publicidade cinematográfica e o exotismo das salas de exibição, retratando Virzi na estátua”. GONZAGA, Alice. Palácios e poeiras – 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record / FUNARTE, 1996, p. 128.

Ao procedermos à análise da evolução das salas de cinema percebemos que os teatros adaptados evoluíram no sentido de incorporar de maneira gradativa, elementos caracterizadores do novo programa, revestindo a edificação de elementos funcionais, indicadores do novo uso, manifestando assim, o **Caráter Programático** da edificação. O Caráter Programático é aquele que relaciona as características do edifício capazes de permitir a percepção da dimensão funcional ou simbólica do objeto arquitetônico vinculando-o ao programa do projeto. Pode ser encarado por duas vertentes: a primeira, “visa exprimir, de maneira funcional ou simbólica, o propósito para o qual o edifício se destina” (Mahfuz, s/d, p. 7). Por outro lado, o caráter programático pode ser alcançado através da transformação de “componentes do programa em elementos expressivos como, por exemplo, escadas e elevadores (Stirling em seus edifícios universitários dos anos 60 e 70), sistemas mecânicos (o Centro Pompidou é o exemplo óbvio) ou a própria estrutura (Mies no IIT)” (Mahfuz, s/d, p. 7).



Figura 2.2.14 - **Cinema The Regent** (1929) A edificação apresenta o caráter e a imponência do edifício de teatro. EYLES, Allen. Gaumont British Cinemas. West Sussex: Cinema Theatre Association, 1996, p.28

Figura 2.2.15 – **Cinema Studio**, Hollywood, 1931. Apesar da mesma época de construção que o Cinema The Regent, apresenta nitidamente elementos do programa de necessidades tornados expressivos e caracterizadores da função do prédio: marquise, display, sinalização, bilheteria. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 93.



Segundo Mahfuz (s/d, p.5), “A caracterização dos edifícios do século XIX consistia basicamente na impressão da individualidade artística sobre os edifícios e/ou na expressão, simbólica ou funcional, do propósito para o qual o edifício foi construído.” A partir desta afirmação, temos assim indicado que antes de mais nada, percebe-se como preocupação primordial dos arquitetos a veiculação em seus projetos de valores relativos ao caráter programático do edifício, de maneira que fique legível sua utilização. Sem dúvida alguma a evolução do edifício de cinema, partindo do prédio para teatro, fez com que os novos edifícios tivessem “cara de cinema”, não mais “cara de teatro”. Vários elementos de arquitetura presentes neste edifício, bem como a composição das fachadas definiram um edifício ímpar, conforme veremos a seguir. Da mesma maneira, diversos elementos do programa de necessidades, tais como bilheteiras, marquises, displays, são tornados elementos expressivos nos projetos.

O primeiro elemento de destaque no edifício de cinema consiste na marquise sobre o passeio. Este elemento tem características nitidamente programáticas: a proteção ao pedestre, de maneira a permitir-lhe a admiração aos cartazes dos filmes apresentados, a compra de ingressos e a fila de acesso à sala. Também tem função de suporte a dispositivos publicitários de divulgação de filmes. A relação do edifício com os dispositivos publicitários é algo importante a ser analisado. Nos cinemas Palácio, o conflito é evidente, pois ao mesmo tempo em que buscavam referências neoclássica ou historicistas na composição das fachadas, os edifícios viam-se confrontados com estes novos elementos de sinalização e publicidade, como painéis, neons, luminosos e displays. Assim, a fachada vai desaparecendo por detrás dos painéis publicitários onde se anunciam, num primeiro momento as estrelas de determinado filme. Mais que o filme em si, que seu diretor, o que interessa neste momento são os astros e estrelas da fita.



Figura 2.2.16 – **Cinema Rialto**, Rio de Janeiro, 1921. No primeiro caso, no filme “Ben Hur”, a fachada de um templo romano é aposta ao edifício; no segundo caso o edifício é totalmente coberto por cartazes da “atriz”. GONZAGA, Alice. Palácios e poeiras – 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record / FUNARTE, 1996, p. 186.

O edifício *Art Déco* evita ao máximo artifícios decorativos na fachada, agora trabalhadas através da sobreposição de planos e no contraste entre cheios e

vazios, alvenaria e esquadria. Esta aparente “nudez” do edifício permite então que se tornem visíveis estes novos elementos arquitetônicos: os suportes para a publicidade dos filmes em cartaz. Estes dispositivos publicitários, surgidos inicialmente de maneira tímida, como pequenos cartazes colocados sobre cavaletes na calçada, surgem então como elementos incorporados ao próprio projeto arquitetônico, sob a forma de marquises e estruturas metálicas de suporte.



Figura 2.2.17 - **Cinema Bruin**, Los Angeles, 1937, projeto de Charles Lee. O edifício incorpora desde o projeto, dispositivos de sinalização e publicidade dos filmes em cartaz. VALENTINE, Magie. *The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 101.

Em grande parte dos cinemas de calçada, já posteriores aos grandes palácios, a fluidez espacial entre exterior e interior, entre público e privado é elemento importante nos projetos arquitetônicos. Este espaço público é então ocupado pela bilheteria, colocada sob forma de um quiosque independente, sob a marquise. Este elemento do programa arquitetônico torna-se desta maneira elemento indispensável caracterização do edifício. A bilheteria faz a transição e o controle deste espaço público (mas privado), identificando a função do edifício. Neste sentido, este elemento arquitetônico apresenta-se sempre junto ao

alinhamento, sob forma de um pequeno quiosque, utilizando formas curvas a fluídas, sempre “decorado” de maneira harmônica com a linguagem do edifício propriamente dito.

Figura 2.2.18 – **Fremont Theatre**, San Luis Obispo, 1941-41, Arq. Charles Lee. Bilheterias de Cinemas Art Déco, colocadas sob a marquise, em espaço semi-público. VALENTINE, Magie. *The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 97.



Com a crise de 1929 e o período que o sucedeu, chamado Depressão, a frequência dos cinemas baixou significativamente, e, por conseguinte, os lucros. Desta maneira, surge a venda de produtos de alimentação e bebidas no interior do lobby, “quando estandes de concessão, responsáveis por 45% do lucro dos cinemas, tornaram-se mobiliário necessário nos palácios de cinema”⁷. Se nos complexos multiplex modernos os equipamentos de refrigeração e balcões de atendimento, serviço e exposição são previstos e parte indispensável no projeto arquitetônico, apresentaram-se obviamente em conflito com os ambientes palacianos, ou exóticos, que os acolheram nas décadas de trinta e quarenta.

⁷<http://xroads.virginia.edu/~CAP/PALACE/lobby.htm>



Figura 2.2.19 - **Chinese Theatre**, Los Angeles. À esquerda, pode-se observar o balcão de “concessão”, venda de bebidas e comidas. BERGER, Robert, CONSER, Anne, SILVERMAN, Stephen M. *The last remaining seats – Movies Palaces of Tinseltown*. Glendale: Balcony Press, 1997, p. 72.

O cinema, como já exposto, teve sua origem em meio a atrações pouco nobres de espetáculos de vaudeville. A arquitetura das salas teve então por tarefa tornar nobre o edifício, lançando mão de elementos emprestados de outras edificações. No caso das salas americanas, tomando-se emprestados elementos de outros programas, de outras linguagens, de uma arquitetura européia, é efetuada uma transposição de valores, cria-se assim uma arquitetura, imaginada americana, porque derivada de um programa de necessidades americano. É o que se entende pela manifestação do **Caráter Associativo**, que conforme Mahfuz (s/d, p. 8), se “baseia no emprego de elementos convencionais, mais ou menos literais, que visam efetuar uma transposição de caráter, ou seja, o novo ganha significado por associação com algo existente e valorizado por um determinado grupo social”.

O Caráter **Associativo** faz com que o novo seja validado por referência ao velho, ao conhecido. Podemos exemplificar este fato pelo uso generalizado de frontões, que mais que demonstrarem o vínculo a uma arquitetura neoclássica, caracterizam o cinema como um “templo erigido à sétima arte”. Esta

utilização de elementos historicistas, tão próxima a determinadas correntes da pós-modernidade, não somente dignifica o edifício, mas o faz legível como algo pertencente a um grupo.

Também a utilização do forro é elemento de qualificação e caracterização do edifício de cinema. Nos primeiros Cinemas Palácios, o forro obedece à tradição dos grandes teatros, ou seja, é ricamente decorado, pintado, com um grande lustre pendente sobre a platéia ou o foyer.

Figura 2.2.20 – **Orpheum Theater**, Los Angeles, 1926, Arq. Albert Lansburgh. O forro busca referências aos teatros e óperas europeus (ouro e lustre de cristal). BERGER, Robert, CONSER, Anne, SILVERMAN, Stephen M. *The last remaining seats – Movies Palaces of Tinseltown*. Glendale: Balcony Press, 1997, p. 23.



No cinema Art Déco, onde é forte o vínculo com as artes gráficas e a decoração aplicada, o forro ainda tem função decorativa, graças à aposição de molduras, frisos, e luminárias.

Figura 2.2.21 – **Cinema Gaumont Palace Exeter**, 1932. Forro com domo decorado e luminárias Art Déco suspensas. EYLES, Allen. *Gaumont British Cinemas*. West Sussex: Cinema Theatre Association, 1996, p. 53.



Posteriormente, combinando tendências Art Déco, modernistas, e do movimento expressionista alemão, a fonte luminosa desaparece e o forro converte-

se numa sucessão de planos luminosos, transformando-se numa grande superfície emissora de luz.

Figura 2.2.22 – **Cinema Gaumont Rose Hill**, Carshalton, 1937. Forro Art Déco / Modernista, onde o lustre desaparece e é substituído por planos luminosos, refletores de fontes de luz ocultas. EYLES, Allen. Gaumont British Cinemas. West Sussex: Cinema Theatre Association, 1996, p. 86.



Os palácios cinematográficos apresentavam uma dicotomia na que se refere à linguagem e composição de seus exteriores e interiores. Externamente os edifícios buscavam seus princípios de composição diretamente na tradição *Beaux Arts*, utilizando elementos tais como ritmo, estratificação do prédio em base rusticada, corpo e coroamento, revestimento brutos em pedra ou tijolo a vista, etc. Internamente o compromisso existia com uma ornamentação às vezes quase excessiva, cenográfica, sempre comprometida com estilos, modas, períodos históricos. Esta decoração tinha por objetivo tornar mais nobre o espetáculo de *vaudeville*, vinculado à época a um divertimento pouco familiar, associando-o então a um divertimento da alta sociedade americana.

Figura 2.2.23 – **Colonial Theatre**, Chicago, 1903. Cinema Palácio, arquitetura suntuosa, associada à nobreza dos grandes palácios europeus, dignificava o cinema. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 19.



A arquitetura mais austera, menos exuberante, menos “neobarroca” dos novos cinemas também pode ser explicada como certa “solidariedade” dos arquitetos com os novos e duros tempos pós-Depressão. Também é apontado outro argumento para a adoção do estilo Art Déco nos novos cinemas, com o argumento de que em 1930, “ir ao cinema era uma forma aceitável de comportamento e não precisava mais de uma defesa por parte da arquitetura,” ou seja, da habilidade dos arquitetos de cinema de prescindir de referências com o clássico, o velho mundo”⁸

Figura 2.2.24 – **The Anza Theatre**, Riverside, Califórnia, 1939, Arq. Charles Lee. Cinema Art Déco, arquitetura austera, associada à crise econômica americana, a à classe média trabalhadora. VALENTINE, Magie. *The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 97.



Com base na apreciação destas cinco categorias de caracteres arquitetônicos nas salas de cinema, podemos avançar que se os caracteres **Imediato** e **Genérico** são inerentes e indissociáveis de qualquer obra arquitetônica, independente de sua qualidade, o **Essencial**, o **Programático** e o **Associativo** são aqueles que, não obrigatoriamente presentes num edifício, agregam-lhe qualidade, diferenciando-o de outro de mesmo tipo ou programa.

É evidente então o caráter de um edifício é portado pela sua materialidade, e pela estrutura organizacional de um edifício. Avançamos para um

⁸ <http://xroads.virginia.edu/~CAP/PALACE/thirties.html>.

importante conceito que define esta estrutura material, a saber, o conceito de Composição. Rowe (1999, p. 65) sublinha a estreita relação entre composição e caráter ao afirmar:

“Para eles (os teóricos sobre a composição) um edifício verdadeiramente significativo é, em primeiro lugar uma estrutura organizada segundo os princípios da boa composição arquitetônica e imbuída de um conteúdo simbólico que geralmente é descrito como caráter.”

Ao tomarmos a palavra composição em seu sentido semântico podemos defini-la genericamente como reunião de dois ou mais elementos para formação de um novo elemento com significado novo e autônomo, não raro dissociado das noções expressas por seus componentes originais.

Num primeiro momento, a noção de composição é associada à “tradição de imitação estilística”, cara às Escolas de Belas Artes e à tradição francesa, através do arranjo de partes segundo regras precisas, formando um todo unitário e uniforme. Este conceito deve-se claramente a *Durand*, segundo o qual todo edifício seria composto pela articulação precisa de partes, da mesma forma que a articulação de palavras segundo princípios de sintaxe formam frases. Mahfuz (1995, p.44) avança no conceito quando explica que:

“...Guadet se refere a duas classes de elementos, os quais chamou de Elementos de Arquitetura e Elementos de Composição. (...) Os Elementos de Composição eram os principais, ou pelo menos aqueles que determinam as principais características de um projeto...”

Durand referia-se à atividade do projetista como sendo a de “compor um programa” ou seja, a partir de um programa de necessidades (materializado sob a forma de um organograma), combinar **Elementos de Arquitetura** (objetos arquitetônicos concretos) e **Elementos de Composição** (conceitos, regras, ambientes, espaços criados ou estruturas espaciais pré-definidas).

Num segundo momento a composição é associada ao arranjo de corpos distintos e independentes formando um todo nem sempre unitário, nem sempre uniforme. Este conceito é caro ao Movimento Pitoresco, particularmente inglês, onde, deixando de ser “nobre” ou erudita, a arquitetura manifesta-se mais romântica e sensorial. Neste momento as noções de composição e caráter se fundem intimamente, na medida em que a composição é suporte direto do caráter essencial, aquele capaz de suscitar sentimentos. Se buscarmos retomar neste momento os conceitos de Elementos de Arquitetura e Elementos de Composição, poderíamos dizer que, neste caso, observamos uma “potencialização” dos primeiros e uma “cuidadosa” desconsideração com os segundos.

Finalmente a composição é definida como um princípio de articulação das partes componentes do projeto segundo princípios abstratos, transformando o arquiteto num gênio criador que, embora possa afirmar partir do nada, seguidamente segue regras funcionais, tão caras a correntes do Movimento Moderno, ou internas ao próprio projeto. Se novamente pretendermos retomar e aplicar aqui os conceitos de Elementos de Arquitetura e Elementos de Composição, poderíamos dizer que finalmente ambos são praticamente ignorados, na medida em que o “gênio criador” do arquiteto inventa novas partes do edifício, assim como a maneira de combiná-las.

No sub-capítulo seguinte, procuraremos identificar quais os elementos de arquitetura, que preferimos chamar de elementos tipo-morfológicos, e quais os elementos de composição, ou seja a maneira de combinação destes elementos.

2.3. Elementos tipo-morfológicos do edifício de cinema

Para que possamos proceder a uma análise do edifício de cinema e a caracterização do tipo cinema, é necessário inicialmente que se possa identificar as partes deste edifício, e as relações espaciais que mantêm entre si. Deste modo, cumpre inicialmente revisar o conceito de tipo, lembrando aqui Quatremère de Quincy (1832, p. 629), quando afirmou no *Dictionnaire Historique d'Architecture*:

“... a arte da construção nasce de um germe pré-existente; nada vem do nada... o tipo é uma espécie de cerne em torno do qual, e de acordo com ele, são ordenadas todas as variações de que um objeto é suscetível.”

Na publicação *De l'imitation*, Quatremère de Quincy (1980, p. LVIII) fornece elementos complementares e mais aprofundados em relação a este conceito:

“A palavra tipo apresenta menos a imagem de algo a ser copiado ou imitado completamente do que a idéia de um elemento que deve servir como uma regra para o modelo. Por isso, não devemos dizer (...) que uma estátua, ou que a composição de uma pintura acabada, serviu de tipo para a cópia que delas foi feita; mas quando um fragmento, o esboço, o pensamento de um mestre, uma descrição mais ou menos vaga, deu origem a uma obra de arte na imaginação do artista, podemos dizer que o tipo lhe foi fornecido por tal e tal idéia, motivo ou intenção. O modelo, tal como entendido na prática de uma arte, é um objeto que deve ser repetido tal como é; o tipo, ao contrário, é um objeto com respeito ao qual cada artista pode conceber trabalhos de arte que possam não ter semelhança entre si. Tudo é preciso e dado no modelo, tudo é mais ou menos vago no tipo.”

Nas duas últimas décadas a contemporaneidade do conceito de tipo lançado por Quatremère no século XIX, foi retomado por estudiosos como Argan (1983, p.), quando afirmava ser inevitável em qualquer processo de projeto, um posicionamento tipológico:

“o tipo é um modo de organização do espaço e de prefiguração da forma, e em conseqüência se refere sempre a uma concepção histórica do espaço e da forma, ainda que se admita que tais concepções mudem com o desenvolvimento histórico da cultura. (...) Em cada obra arquitetônica há, por conseqüência, um aspecto ou um momento tipológico: seja no sentido de que o arquiteto tenta aproximar-se de um tipo ou afastar-se e renová-lo, ou seja no sentido de que cada obra arquitetônica tenta, em definitivo, propor-se como um tipo.”

Ampliando e justificando a importância de vinculação dos edifícios a famílias tipológicas, Alan Colqhoun (1986, p. 14.) oferece um vínculo sociocultural ao tipo, quando o relaciona a estruturas espaciais ou figurativas aceitas e lidas por determinado grupo social:

“Segundo o modelo da lingüística estrutural, aquilo que é fixo na língua, e o que é sujeito de livre mudança e manipulação é a palavra. Mas isto pressupõe que a língua dá ao orador individual uma infinita liberdade de combinação e permutação. Em arte, pelo contrário, o que o artista individual encontra é um conjunto de procedimentos e regras que incorporam um conjunto daquilo que é socialmente aceito sobre normas estéticas. Estas regras, sistematizadas como a gramática e a retórica, são um tipo de forma intermediária entre a língua e a palavra, como definido pelas estruturas lingüísticas. Elas constituem entidades tipologicamente fixadas que exprimem significados artísticos dentro do contexto social.”

As idéias de Colqhoun são reforçadas por Demetrius Porphyrios (apud Mahfuz, 1984, p.93) vincula a leitura significação que possa ter um edifício com seu inter-relacionamento com um tipo definido:

“A forma arquitetônica torna-se significativa somente quando é codificada tipologicamente, porque o tipo, com suas bases

nos hábitos e convenções sociais, age como um elemento classificatório que torna legível o mundo visível.”

Finalmente Corona Martinez (1991, p. 119) sintetiza estes dois conceitos quando afirma que o tipo pode ser visto por dois ângulos: “o especificamente projetual, desde dentro da arquitetura, como forma de conhecimento aplicável ao processo de desenho. Por outro lado o tipo – a tipologia – como um território de encontro entre arquitetos e habitantes”.

A análise tipo-morfológica do ambiente construído pode ser efetuada em diversas escalas segundo um ou vários critérios significativos, mais concretos e próximos da materialidade do objeto de estudo. Assim, segundo Duplay (1985, p. 413), “pode-se trabalhar com diferentes níveis de análise tipo-morfológica, dos quais se terá determinado os diferentes valores. Os critérios podem ser independentes ou dependentes, ordenados ou não, quantificáveis ou não.”

Os diferentes níveis ou escalas da análise morfológica de um tecido urbano ou de um edifício se concluem na identificação de diferentes tipologias integradas, ou incorporadas a este edifício, por conseguinte estabelecidas em diferentes níveis, da escala urbana, à escala do detalhe:

- *“tipologia dos sistemas construtivos*
- *tipologia das unidades de construção*
- *tipologia das parcelas*
- *tipologia dos quarteirões*
- *tipologia das fachadas*
- *tipologia da ornamentação urbana*
- *tipologia das vias*
- *tipologia dos elementos pontuais “ (Duplay, 1985, p. 413)*

A partir das idéias de Argan (1982, pp. 34-35.) segundo o qual “o tipo determinou-se sempre na história pela comparação de uma série de edifícios entre si. Teoricamente, de todos”, procuraremos então caracterizar o tipo cinema

identificando elementos comuns a diferentes edificações em diferentes períodos. Assim, “o tipo resultará de um processo de seleção mediante o qual separamos todas as características que se repetem em todos os exemplos da série” (Argan, 1982, pp. 34-35). Estes elementos, ainda que apresentem variações morfológicas e de escala, estruturalmente e conceitualmente mantêm-se permanentes e que por esta razão caracterizam o edifício tipo cinema. São eles: a implantação no quarteirão e ocupação do lote; a fachada e seus elementos constitutivos (displays, marquises); instalações funcionais (bilheterias, quiosques de venda de balas), e interior e seus elementos constitutivos as relações espaciais entre platéia e tela que caracterizam e identificam o cinema junto ao público.

Os cinemas, desde suas primeiras implantações, impuseram-se como marco e referencial urbano nas grandes cidades. A modernização e o crescimento das grandes capitais, incluindo-se também as grandes cidades brasileiras se fez também pela construção de grandes salas de cinema nos centros urbanos, que representaram monumentos e instituições significativas para a cultura e a vida social destas cidades. Assim, pode-se começar uma análise tipomorfológica do edifício de cinema analisando seu relacionamento com o entorno urbano o quarteirão, sua **Implantação** na quadra. É possível identificar então três padrões de ocupação do lote: o cinema de meio de quadra, o cinema de esquina, e o cinema implantado sobre a totalidade de um quarteirão.



Figura 2.3.1 - Tipos de ocupação do lote: meio de quadra, esquina, totalidade do quarteirão. Ilustração do autor

No primeiro tipo de ocupação, em meio de quadra, o edifício nem sempre procurou a contextualização com o entorno. Os cinemas de menor porte,

construídos no início do século, e seguidamente incorporados à habitação do proprietário, procuraram contextualizar-se na combinação comércio-térreo, complementado por habitação-superior.



Figura 2.3.2 - **Cinema Odeon**, São Paulo, década de 30, ainda apresenta a combinação do pavimento térreo comercial com o corpo superior residencial. SIMÕES, Inimá. Salas de cinema em São Paulo. São Paulo: PW/Secretaria de Estado da Cultura, Secretaria Municipal de Cultura, 1990, p. 16.

Os dois pavimentos apresentam-se assim integrados, com a mesma proporção e ritmo de esquadrias, estas ainda numa escala doméstica. Os cinemas de maior porte, ainda que construídos junto ao alinhamento e às divisas do terreno, dentro do gabarito construtivo padronizado, sempre buscaram, entretanto, diferenciar-se da homogeneidade dos centros urbanos procurando sobressair-se dos demais edifícios através de elementos arquitetônicos específicos, como poderemos analisar mais adiante.

Figura 2.3.3 - **Cinema Gaumont Camden Town**, Londres, 1937, apresenta continuidade do quarteirão, mas diferencia-se de outras edificações de mesmo gabarito, pela opacidade da fachada, suporte da publicidade do filme em cartaz. EYLES, Allen. Gaumont British Cinemas. West Sussex: Cinema Theatre Association, 1996, p. 82.



Por outro lado, os cinemas implantados em lotes de esquina apresentam configurações distintas, principalmente no que se refere à disposição do acesso público. Por um lado aqueles onde os acessos e a sala de espera são posicionadas ao longo da bissetriz da esquina, mas comportando eventualmente portas de saída nas laterais diferenciando assim os fluxos de entrada e saída. Por outro lado, aquelas edificações onde a implantação de esquina privilegia uma das fachadas, normalmente aquela situada em via de maior hierarquia urbana, ou fluxo de automóveis ou pedestres, situando ali o acesso público, sobre a fachada considerada como “principal”, em detrimento da fachada adjacente.

Figura 2.3.4 – **Cinema Olaria**, Rio de Janeiro, 1942. Implantação em lote de esquina, onde o acesso principal e a torre valorizam a aresta do quarteirão. GONZAGA, Alice. Palácios e poeiras – 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record / FUNARTE, 1996, p. 186.



Figura 2.3.5 – **Cinema Avenida**, Porto Alegre, 1923. Neste projeto o arquiteto optou pela frontalidade para a Avenida João Pessoa, de maior importância na hierarquia urbana, abdicando de um reconhecimento mais enfático da esquina. Foto do autor.



Também é possível analisar a morfologia do edifício de cinema diferenciando por um lado aqueles individualizados e construídos como massa edificada única, e por outro lado aqueles incorporados a outro edifício, construídos no pavimento térreo de torres de apartamentos ou escritórios. Os projetos individualizados apresentam princípios compositivos mais definidos, maior detalhamento da fachada, enquanto que aqueles incorporados a edifícios de uso misto, reduzem-se normalmente a um pavimento térreo em pilotis, permeável, onde se neutralizam e confundem acessos da sala de cinema e da torre de habitação ou escritórios.

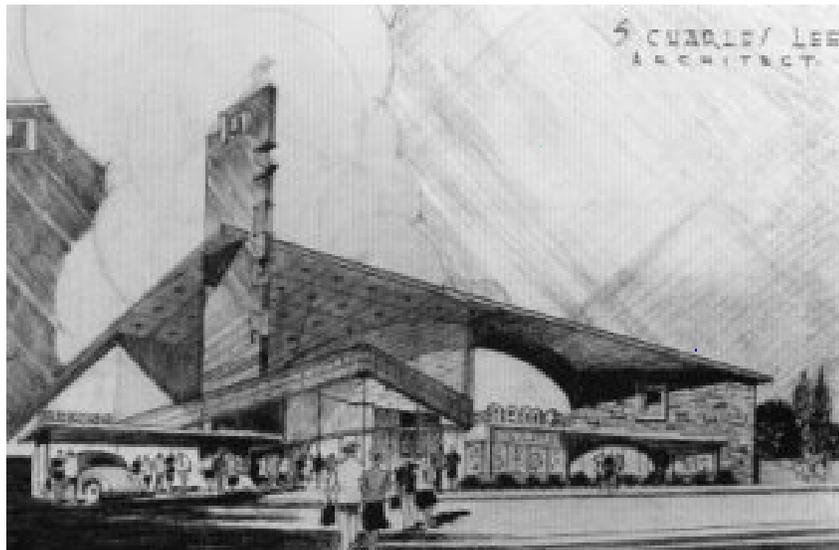


Figura 2.3.6 – **La Tijera Theatre**, Los Angeles, 1947, apresenta-se como edificação individualizada. VALENTINE, Magie. *The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 147.



Figura 2.3.7 – **Cinema Bandeirantes**, São Paulo, 1939. A sala de cinema é inserida no pavimento térreo de um edifício residencial. SIMÕES, Inimá. *Salas de cinema em São Paulo*. São Paulo: PW / Secretaria Municipal de Cultura / Secretaria ed Estado da Cultura, 1990, p. 52.

Finalmente, implantações contemporâneas de conjunto de salas de cinema, os chamados Multiplex, compostos por grande número de salas, ignoram o

quarteirão e o entorno, posto que seguidamente são construídos na periferia das grandes cidades, em meio a grandes parques de estacionamento.



Figura 2.3.8 - **Cinemark Legacy 24**, Plano, Texas, EUA. Complexo Multiplex de 24 salas, implantado no subúrbio, ao lado de uma auto-estrada, em meio a um grande estacionamento. As relações de vizinhança e contextualização são inexistentes neste caso. <http://www.film-tech.com/legacy/legacy1.jpg>

Independente da localização no quarteirão, o cinema conforma uma **fachada urbana**, separando o interior do exterior, o privado do público, fornecendo uma primeira imagem do edifício, indício ed caráter e linguagem. Ao proceder à análise da fachada dos cinemas observamos elementos de utilização transitória na edificação, e elementos de permanência e mesmo de qualificação e sedimentação do tipo e do caráter do edifício de cinema. Inicialmente a fachada constitui envelope de um edifício integrado à escala urbana dos centros das cidades, onde predominam edificações de altura reduzida, onde o térreo tem função comercial, os pavimentos superiores, residenciais. O cinema apresenta-se então com dois pavimentos, o térreo permeável através de um conjunto de portas em arcos, o segundo pavimento, composto por janelas sobrepostas às portas térreas. O pavimento superior de fachada eventualmente poderia ser também utilizado para abrigar a sala de espera do balcão e camarotes, ou até mesmo um salão de festas.

Cabe lembrar que nos grandes teatros europeus, este consistia no espaço nobre, o foyer de honra, ligado aos camarotes e às frisas de primeira linha, considerados os melhores lugares, onde se via e se era visto. Com o cinema este espaço passa a ser menos valorizada, devido à obscuridade da sala, e às melhores condições de visibilidade apresentadas pelas poltronas de platéia.

Inicialmente valorizada como elemento expressivo e significativo do edifício, a fachada também é colocada em posição secundária em determinados momentos da história do edifício de cinema. Numa análise evolutiva do edifício de cinema, relacionada pelo desenvolvimento da própria produção cinematográfica, percebe-se quatro períodos distintos:

Num primeiro período, que poderíamos chamar de implantação das salas de cinema e sua “aculturação”, o edifício de cinema precisa se diferenciar dos demais, marcando seu espaço e caráter nos centros urbanos. Assim, a fachada reveste-se de grande suntuosidade, buscando referência nos grandes teatros e óperas vinculados a uma tradição *École des Beaux Arts*.⁹ São utilizados materiais nobres nos interiores, bem como elementos decorativos de fachada, frontões, colunas, capitéis, fustes, etc.

⁹ Estas atitudes retrospectivas dos arquitetos tinham por objetivo a manutenção de modelos arquitetônicos históricos, tidos como “nobres”, reconhecidos e aceitos pela sociedade, uma vez que as primeiras projeções ocorreram em pequenas salas, em meio a espetáculos de vaudeville, considerados menos nobres e “pouco freqüentáveis” pelas famílias.



Figura 2.3.9 - **Los Angeles Theatre** (Los Angeles, 1931, Charles Lee), apresenta fachada ricamente ornamentada, colunas, capitéis coríntios, frontão, numa clara alusão aos grandes teatros e óperas europeus. VALENTINE, Magie. *The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 61.

Num segundo momento, com a ascensão do culto aos grandes astros e estrelas americanos, os protagonistas e o título dos filmes são anunciados ostensivamente em grandes painéis apostos às fachadas, até mesmo em cavaletes sobre o passeio. Neste momento, era importante destacar as estrelas do filme, colocando-se em posição secundária o título de filme em cartaz, e o diretor,. Assim, a arquitetura de cinema é colocada em posição secundária, servindo como suporte para a programação do cinema.



Figura 2.3.10 - Cinema Capitólio, Rio de Janeiro, 1925. O pavimento térreo é praticamente fechado pelos cartazes e anúncios de filmes e estrelas. GONZAGA, Alice. Palácios e Poeiras. Rio de Janeiro: Record / FUNARTE, 1996, p. 134.

Em seguida, quando a ida ao cinema passa a ser atividade corriqueira junta a grande parte da população, quando o culto aos astros de Hollywood diminui, mas principalmente quando surgem novas salas, vinculadas ao movimento Art Déco e à Arquitetura Moderna, os dispositivos publicitários são então previstos e incorporados ao projeto arquitetônico, fazendo com que reapareça a fachada do edifício. Observamos assim dois conjuntos de elementos de sinalização independentes. Um, indicando o nome do cinema, normalmente sobre dois suportes: aposto horizontalmente junto à marquise, outro vertical, colocado sobre painel perpendicular à fachada; um segundo conjunto de indicação dos filmes, disposto sob pequenas vitrines, junto ao passeio, no nível do pedestre.



Figura 2.3.11 - **Cinema Broadway** (São Paulo, 1942), fachada Art Déco em *skyline*, incorporando o nome da sala, e marquise suporte do nome filme em cartaz. SIMÕES, Inimá. Salas de cinema em São Paulo. São Paulo: PW/Secretaria de Estado da Cultura, Secretaria Municipal de Cultura, 1990, p. 51.

Nas décadas de setenta e oitenta, quando as salas começam a enfrentar um período de crise e sucessivos fechamentos, sobretudo aquelas localizadas nas zonas centrais das grandes cidades, os cinemas alteram sua programação para filmes pornográficos em sessões contínuas, da manhã à noite. De maneira a atrair público, foi preciso então criar enormes painéis publicitários de maneira a chamar os público e divulgar atrações extras das salas. A publicidade dos filmes e “shows ao vivo” passa a ser então o principal elemento visual do edifício, de maneira análoga às salas do início do século, ocultando a fachada da edificação. Por outro lado, estes painéis servem também de maquiagem com o objetivo de ocultar fachadas gastas e sem manutenção dos velhos cinemas centrais, a maioria deles construída nos anos vinte.

Figura 2.3.12 - **Cinema Marabá** (São Paulo, 1945), onde a fachada é encoberta pela publicidade de filmes pornográficos, já na fase de decadência das grandes salas situadas em zonas centrais das grandes cidades. SIMÕES, Inimá. Salas de cinema em São Paulo. São Paulo: PW/Secretaria de Estado da Cultura, Secretaria Municipal de Cultura, 1990, p. 125.



Finalmente, raros são os cinemas de rua na atualidade, e aqueles localizados em Shopping Centers não apresentam fachadas reais, diluindo-se em meio a extenso número de espaços comerciais, lojas e quiosques.

Figura 2.3.13 - **Cinema GNC Joinville** (Joinville / SC), Acesso principal, ou "fachada principal", obscuramente identificada, confundindo-se com o mall do Shopping Center. http://www.gnccinemas.com.br/img/foto_joiville2.jpg



Ao analisarmos a fachada de um cinema em suas diversas partes componentes, podemos observar em diferentes períodos históricos elementos que apresentam certa permanência e por isto mesmo caracterizam o cinema e a função do edifício. Mantendo sempre como objeto de estudo as salas de cinema construídas na via pública, os "cinemas de rua" ou "cinema de calçada", passaremos então a analisar individualmente estes elementos componentes da fachada.

Um primeiro elemento de destaque e identificação no cinema é a **marquise**, que comporta em si duas funções: uma primeira, de suporte de painéis de identificação da sala, divulgação do filme em cartaz dos atores e atrizes; uma

segunda função, aquela de propiciar abrigo e proteção ao pedestre usuário do passeio público e ao cliente que aguarda a próxima sessão de cinema. Os primeiros cinematógrafos eram exibidos em salões e confeitarias, o edifício de cinema era ainda inexistente, a marquise como elemento identificador da sala e da programação não tinha então razão de ser.

As primeiras marquises metálicas, suporte do nome da sala exibidora ou da programação, parecem assim terem sido apostas a edifícios já existentes, onde se projetavam os filmes, como a confeitaria, o salão de bailes, etc.

Figura 2.3.14 - **Orpheum Theatre** (Los Angeles, 1911), detalhe da marquise metálica. VALENTINE, Magie. *The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 18.



Logo em seguida a marquise passa a acompanhar toda a fachada do edifício, projetando-se sobre o passeio, criando desta maneira um espaço semi-público, protegendo o pedestre, convidando-o a entrar. Por outro lado, serve de suporte para o nome da sala e para dispositivos publicitários de anúncio do filme e dos “astros da película”.

Figura 2.3.15 - **Cinema UFA Palace** (São Paulo, 1936, Arq. Rino Levi), a marquise acompanha a totalidade da fachada. Revista Projeto, n. 189, set./95, p. 76.



Finalmente a marquise abriga, acolhe e configura todo o pavimento térreo do cinema, abrigando também a bilheteria, o público, funcionando como suporte de informações sobre a programação, fazendo a mediação entre o espaço público e o espaço privado. O espaço por ela criado configura o cinema, tornando-se desta maneira tão importante quanto a própria sala escura.



Figura 2.3.16 - **Bruin Theatre** (Los Angeles, 1937, Arq. Charles Lee), onde a marquise configura e caracteriza todo o pavimento térreo do cinema. VALENTINE, Magie. *The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 101.

Um segundo elemento de destaque na caracterização do edifício de cinema é aquele que faz o **Coroamento** do prédio, inicialmente efetuado através de um frontão, numa referência ao tipo templo. Como já pudemos observar, os

primeiros filmes foram apresentados em meio a espetáculos de vaudeville e atrações burlescas, divertimento pouco recomendável às famílias. No momento em que começaram a ser construídas as primeiras salas de projeção, vinculadas a prédios de linguagem neoclássica, além de aderência a uma corrente artística, a arquitetura tinha por função tornar nobre o espaço onde se projetariam filmes, até então pouco nobre. Assim, surgem diversos cinemas onde o coroamento do edifício se dá através da utilização de um frontão grego triangular, referência a uma arquitetura clássica, num misto de busca de um caráter essencial e associativo ¹⁰.

Figura 2.3.17 – **Cinema Ypiranga**, Porto Alegre, 1928. Nesta fachada tripartida, de composição clássica, originada do tipo “templo grego”, o coroamento do corpo central se dá através da utilização de um frontão triangular. Foto do autor.



Com a evolução das linguagens arquitetônicas, o frontão assume formas diferentes do triângulo isóscele grego original, ora arredondando-se, ora finalmente assumindo a forma de um grande painel vertical, contínuo à fachada principal do edifício, quando o edifício já estabelece então conexões com o movimento art déco, ou pré-moderno. Este painel eventualmente tem por função sustentar da identificação da sala, apresentando-se também rotacionado, posicionado perpendicularmente à fachada.

¹⁰ O caráter essencial é aquele que incorpora ao edifício a possibilidade de evocação de sentimentos em seus usuários, enquanto que o caráter associativo é evocado através da transposição e re-utilização de elementos de arquitetura conhecidos e valorizados por determinado grupo social.

Figura 2.3.18 – **Cinema Orpheu**, depois **Cinema Astor** (Porto Alegre, 1923), detalhe do frontão sobre o acesso principal da sala. Foto do autor.



Figura 2.3.19 - **Cinema Rex**, Caxias do Sul, s/d. Projetado no período de influência do movimento Art Déco, o coroamento do edifício é feito através do uso de elementos retilíneos, fluídos e contínuos. Prefeitura de Caxias do Sul, Museu Histórico Municipal.



O acesso do público ao cinema se dá de maneira diferenciada em função da permeabilidade do pavimento térreo. Os **Pórticos** de acesso apresentam uma evolução na caracterização do tipo cinema. Nos cinemas mais antigos o pavimento térreo é pouco permeável e a sala de espera e as bilheterias são acessadas através de três portas, que delimitam o espaço público do espaço privado. Com a evolução do tipo do edifício de cinema estas portas vão se dilatando e recuando para uma abertura mais franca ao exterior, na medida em que a parede limite frontal do cinema recua, criando um espaço semipúblico sob a grande marquise, uma sala de espera e de compra de ingressos num espaço ao mesmo tempo público e privado.



Figura 2.3.20 - **Cinema Gaumont Palace Egremont**, Wallasey, 1933. Pavimento térreo pouco permeável, acesso por três portas idênticas no centro da fachada. A saída das sessões se faz através de duas portas opostas, nas extremidades da fachada. EYLES, Allen. Gaumont British Cinemas. West Sussex: Cinema Theatre Association, 1996, p. 61.



Figura 2.3.21 – **La Reina Theatre**, Sherman Oaks, Califórnia, 1938, Arq. Charles Lee. Pavimento térreo integrado ao passeio, com conseqüente diluição dos limites entre o espaço público e privado. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 100.

Um elemento de caráter basicamente funcional no projeto, mas que passa a ser parte fundamental na identificação e caracterização do cinema é a **Bilheteria**. Inicialmente configurada sob a forma de uma pequena janela na

fachada do edifício ou no interior do hall, a bilheteria assume função estética e figurativa no projeto, apresentando-se de duas maneiras: interiorizada ao edifício ou exteriorizada a ele. A bilheteria interna é configurada como um quiosque aberto integrado à sala de espera, ou foyer, comportando diversos postos de atendimento, por outro lado, a bilheteria externa situa-se no espaço público-privado, situado sob a marquise, configurando-se como um quiosque coberto, comportando normalmente um só posto de venda de bilhetes.

Figura 2.3.22 - **Cinema Gaumont Palace Wood Green**, Londres, 1934, apresenta três conjuntos de bilheterias, situadas internamente ao projeto, na sala de espera. EYLES, Allen. Gaumont British Cinemas. West Sussex: Cinema Theatre Association, 1996, p. 63.

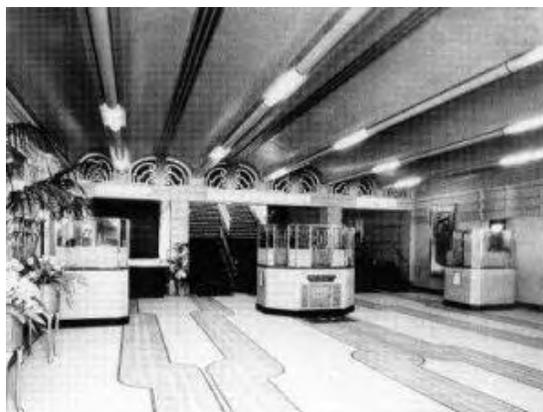


Figura 2.3.23 - **Cinema Fremont Theatre**, San Luis Obispo, 1941/42, Arq. Charles Lee. Apresenta bilheteria individualizada, situada externamente ao edifício, junto ao passeio público. VALENTINE, Magie. *The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 96.



No que se refere ao interior do edifício de cinema o espaço que se impõe prioritariamente à análise é sem dúvida a **Platéia**, que pode apresentar diferentes configurações espaciais, definidas principalmente em função da capacidade das salas. Cinemas de pequeno porte apresentam uma única platéia plana, enquanto que cinemas de maior capacidade apresentam platéias planas complementadas por um ou mais balcões de maior inclinação. Numa abordagem

cronológica, as primeiras platéias de cinema são aquelas do edifício de teatro, onde séries sobrepostas de camarotes e galerias, no quadro atual parecem totalmente inúteis por apresentarem condições de visibilidade ruins devido ao posicionamento lateral. No cinema os camarotes perdem também sua função secundária, que é de “ser visto no teatro”, já que a sala fica às escuras¹¹.



Figura 2.3.24 - **Cinema Orpheum Theater**, Downtown, Los Angeles, 1926, Arq. G. Albert Lansburgh. Apresenta interior da platéia decorado em estilo Renascentista Francês, de acordo com os grandes teatros e óperas europeus. BERGER, Robert, CONSER, Anne, SILVERMAN, Stephen M. *The last remaining seats – Movies Palaces of Tinseltown*. Glendale: Balcony Press, 1997, p. 23.

Nas décadas de 20/30 surgem nos Estados Unidos “cinemas atmosféricos”, onde eram criados em torno da platéia estruturas e fachadas reproduzindo cidades, paisagens, lugares exóticos, colocando o público em meio a um cenário.

¹¹ Cabe lembrar que os camarotes há muito já haviam perdido sua importância como dispositivo de suporte à “exposição social” do público, até mesmo nos projetos de teatros, desde o momento em que Richard Wagner decidiu escurecer a platéia, durante a apresentação de suas óperas.

Figura 2.3.25 - **Fox Theatre** (Bakersfield, 1930). Cinema atmosférico. VALENTINE, Magje. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 77.



No momento em que o cinema consolida-se como edificação com características próprias, sobretudo naquelas salas vinculadas ao movimento Art Déco, é simplificada a decoração das platéias, surgindo assim dois tipos de salas: as platéias planas, e as platéias escalonadas, compostas por um ou mais balcões sobrepostos. Finalmente, na década de oitenta, com a crise do mercado cinematográfico e a concorrência com a televisão, numa tentativa de oferecer programação diversificada de filmes e horários de sessões, bem como otimizar a utilização de grandes áreas construídas, os grandes cinemas foram divididos em salas menores, seguidamente através da construção de uma parede na borda do balcão, transformando-o numa segunda sala sobre a platéia.

Figura 2.3.26 - **Cinema UFA Palace** (São Paulo, 1936, Arq. Rino Levi), com 3139 lugares, distribuídos em 1860 poltronas na platéia e 1279 poltronas nos balcões. Em primeiro plano balcões laterais, com poltronas chamadas "namoradeiras." SIMÕES, Inimá. Salas de cinema em São Paulo. São Paulo: PW/Secretaria de Estado da Cultura, Secretaria Municipal de Cultura, 1990, p. 39.

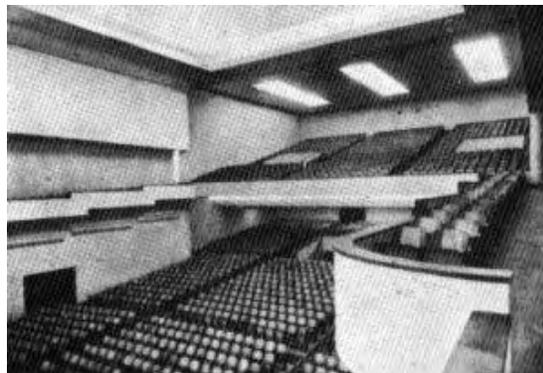


Figura 2.3.27 - **Academy Theatre**, Inglewood, Califórnia, 1939, Arq. Charles Lee. Apresenta platéia única, com ligeira inclinação. VALENTINE, Magie. The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 117.



Finalmente resta-nos encerrar esta análise dos elementos tipomorfológicos definidores do edifício do cinema com alguns comentários a respeito da **Tela de Projeção**, elemento fundamental para que o evento cinematográfico aconteça. Neste caso a evolução morfológica da tela e do quadro de cena pode ser abordada numa perspectiva histórica de análise, mas que se conduz junta a um processo de progresso tecnológico dos equipamentos de projeção de filmes e dos formatos das películas. As primeiras telas, de proporção quase quadrada eram inseridas num quadro de cena originado do teatro, seja nas grandes salas com balcões, assim como nas salas de menor porte.



Figura 2.3.28 – **El Capitan Theater**, Hollywood, Los Angeles, 1926, Arq Morgan, Walls & Cement e Albert Lansburgh. Tela enquadrada por boca de cena teatral, arco de cena em estuque e cortina pintada representando alegoria ao skyline de Los Angeles e aos filmes musicais. Em 1991 foi completamente renovado pela Walt Disney Company. BERGER, Robert, CONSER, Anne, SILVERMAN, Stephen M. *The last remaining seats – Movies Palaces of Tinseltown*. Glendale: Balcony Press, 1997, p. 85.



Figura 2.3.29 - **Avalon Theater**, Catalina Island, 1929, Arq. John Gabriel Beckman. Tela enquadrada por boca de cena teatral, arco de cena em estuque e cortina pintada representando alegoria ao "Nascimento de Vênus" de Botticelli. BERGER, Robert, CONSER, Anne, SILVERMAN, Stephen M. *The last remaining seats – Movies Palaces of Tinseltown*. Glendale: Balcony Press, 1997, p. 122.

Num segundo momento, influenciado pelo movimento Art Déco, de relativa simplificação das artes aplicadas sobre as superfícies, a tela passa a ocupar lugar de destaque na frente da platéia, desaparecendo a cortina e parte do aparato decorativo em excesso, conforme observamos na fotografia a seguir. Perde assim importância o palco e a boca de cena, para ganhar relevância a tela de cinema, onde efetivamente acontece a projeção do filme.



Figura 2.3.30 - **Lido Theatre**, Cidade do México, 1942, Arq. Charles Lee. A boca de cena teatral desaparece, mas a tela ainda tem proporção quadrada, pequena largura, e enquadramento por elementos decorativos. VALENTINE, Magie. *The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 158.

Por fim, quando surgiram novas bitolas de filmes, como o Cinemascope, e a película 70 mm, as telas de projeção apresentam larguras de até 3 vezes a altura, o que provocou a ocultação ou mesmo a demolição de bocas de cena de antigos cinemas, uma vez que o as qualidades técnicas de projeção se sobrepujam às qualidades da arquitetura. Finalmente, nos cinemas contemporâneos a tela ocupa lugar de destaque na sala, ocupando toda a parede frontal da platéia, numa estrutura chamada wall-to-wall, reduzindo o cinema a uma sala escura, uma grande tala e poltronas escalonadas.



Figura 2.3.31 - **Mann's Chinese 16** - Aurora, Colorado, EUA, sala de cinema contemporânea, tela ocupando a quase totalidade da parede frontal da sala.
<http://www.film-tech.com/pics/chinese2.jpg>

3. SALAS DE CINEMAS DE RUA EM PORTO ALEGRE

3.1. Os Cinematógrafos e as primeiras salas: 1896-1910

O salão [do Recreio Ideal] está muito bem preparado e tem grande número de cadeiras, sendo os trabalhos de cenografia executados pelo cenógrafo Alfredo Tubino. O aparelho cinematográfico é, sem dúvida, o melhor que até hoje veio a esta capital, não se notando nas projeções a mínima trepidação.

Correio do Povo, 12/05/1908

Como já pudemos nos referir anteriormente, a primeira sessão de cinema aconteceu na tarde de 28 de dezembro de 1895, no “Salão Indiano”, localizado no subsolo do Grand Café, do Boulevard des Capucines, em Paris, quando os irmãos Lumière apresentaram seu invento consistindo na projeção de “vistas animadas” sobre uma tela de tecido. Apesar das dificuldades de comunicação com a Europa, o invento chega ao Brasil já em 1896, quando foram projetadas “vistas animadas” no Rio de Janeiro em 8 de julho, e em São Paulo, no mês de agosto. Os diferentes sistemas de projeção e tecnologias logo colocaram seus “inventores” em concorrência, conforme polemizava o jornal A Notícia (apud Gonzaga, 1956, p. 53), de 06 de junho de 1895:

“O Kinetoscopio de Edison, antes de estar bastante divulgado para se considerar uma conquista practica, já está suplantado tão victoriosamente que se lhe pode quase applicar o velho epitafio, em latim macarronico: ‘mortus est pintus in casca’. O Cinematographo dos irmãos Lumière, de Lyon, distancia de muito o aparelho do grande inventor americano e arreda-o da concurrencia”

O cinema não tardou a chegar a Porto Alegre, uma vez que, somente quatro meses após sua chegada ao Rio de Janeiro, o cinematógrafo também já era apresentado na capital gaúcha. Assim, a primeira sessão de cinema na capital gaúcha ocorreu na noite de 4 de novembro de 1896, quando Francisco de Paola e Dewison apresentaram as vistas animadas “O Bosque de Boulogne”, “A dança Serpentina” e a “Chegada do trem a Lyon”, “na Rua da Praia, no número 349, endereço da Pharmacia Jouvin” (Gastal, 1999, p. 16).



Figura 3.1.1 – Fotograma do filme “**Chegada do trem a Lyon**”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Logo em seguida, de acordo com Meyer (1992, p. 273), em 7 de novembro de 1896, George Renouveau apresenta “vistas animadas” na mesma Rua da Praia, número 230, provavelmente onde se localizava o Café Guarany, conforme anunciava o jornal Correio do Povo de 03 de novembro de 1896 (apud Gastal, 1999, p. 16) a chegada a Porto Alegre de:

“...Georges Renauleau (sic), que aqui foi outr’ora estabelecido com um atelier photographico (...) O Sr. Renauleau vem de Pariz, onde fez aquisição de modernos aparelhos de Cinematographia”

Diante deste novo invento, conforme Becker (apud Gastal, 1999, p. 77) o público porto-alegrense assistiu maravilhado a pequenos filmes de curta-metragem: “O Carroção”, “Uma criança brincando com cachorros” e “Exercícios de equitação por militares”.

A transitoriedade de suas primeiras exhibições, na verdade quase demonstrações científicas, aliada à curiosidade popular despertada pelo cinema, não ensejava maiores preocupações quanto ao espaço arquitetônico onde elas ocorriam. Deste modo, apresentando o cinematógrafo como uma curiosidade científica, sinal do progresso do final de século, as “vistas animadas” foram inicialmente projetadas em salões públicos e cafés da Rua da Praia, até que em 23 de julho de 1897 Faure Nicolay exhibe um cinematógrafo no **Theatro São Pedro**. Esta sessão é especialmente importante, posto que, pela primeira vez uma projeção de cinema ocupou um espaço do qual viria apropriar-se definitivamente, adaptando-o às suas necessidades posteriormente.

Além do mais, devido às dimensões da platéia, o evento tornou o cinema um acontecimento popular, acessível à maior parte da população, o que pode ser confirmado pelos anúncios em jornais da época, que asseguravam a existência de bondes para os bairros ao final das sessões.



Figura 3.1.2– À esquerda o **Theatro São Pedro**, à direita o Palácio da Justiça.
<http://www.teatrosaopedro.rs.gov.br/hist.htm>

Projeto do alemão Philip von Normann, o **Theatro São Pedro** foi inaugurado em 27 de junho de 1858 por Angelo Moniz da Silva Ferraz, tendo sido festejado pelos 20.000 habitantes da capital como indispensável e majestoso cenário para a vida cultural da cidade. O espetáculo escolhido para a abertura foi “Recordações da Mocidade”, com a Companhia Ginásio Dramático Rio-grandense.



Figura 3.1.3 – Anúncio em jornal de “Estréia do cinematographo aperfeiçoado”, da “Empresa E. Hervet”, no **Theatro São Pedro**. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Mas a popularização deste espaço nobre da elite porto-alegrense, e os baixos preços das exibições dos cinematógrafos, de acordo com Pfeil (1983), não foram vistos com bons olhos pelos jornais da época:

“(...) Assim é que aquele importante prédio de propriedade do Estado em que o digno secretário dos negócios do interior fez executar, não há muito importantes obras de reparação, achasse nivelado às casas de diversões de terceira classe”.

A campanha dos jornais contra a apresentação de cinematógrafos no **Theatro São Pedro** era constante, que viam o cinema como uma atividade menor, uma sessão de magia, um mero aparato científico, não merecedor de uma casa de espetáculos do porte do principal teatro da cidade. A campanha liderada pelo jornal *A Gazeta* considerava que o cinematógrafo rebaixava o São Pedro a um “teatrinho de feira”.

O **Theatro São Pedro** atravessou mais de cem anos com intensa programação de espetáculos de teatro, música, dança, assim como filmes, até que em abril de 1973, por absoluta falta de condições técnicas a sala de espetáculos encerra as suas atividades, em meio ao mofo, umidade e cupins. Em 1975, iniciam-se as obras de reforma, até ser reaberto em 27 de junho de 1984, mantendo-se em intensa atividade até hoje.

Numa cidade em crescimento, onde a vivência urbana era fator indispensável para sentir-se moderno, a possibilidade de ver o que se passava do outro lado do Atlântico, através do cinema, era extremamente valorizado. “Entendida como realidade em movimento, a vida encontra sua melhor forma de expressão no cinema” (Moraes, 1988, p. 225).

No final do século XIX os ares sofisticados da *Belle Epoque* parisiense da rua da Praia contrastavam com a precariedade da qualidade de vida da população de 67.000 habitantes. A cidade ainda não dispunha de água potável canalizada, somente distribuída em poucas ruas centrais, enquanto as demais eram abastecidas por caminhões pipas. A rede de esgoto cloacal também era inexistente até 1908, quando começou a substituir as fossas fixas ou móveis (chamados cubos ou cabungos).

Na virada do século Porto Alegre ainda era uma cidade interiorana, com aproximadamente 70.000 habitantes. No entanto, pelo rio Guayba, chegavam novidades da capital Federal, e da Europa. Estas novidades fomentavam certa efervescência mundana, pelos salões e bulevares porto-alegrenses. O espírito de mudança de século colocava em oposição uma cultura do século XIX dominada por uma sociedade colonial rural e a modernidade do século XX, industrial e urbana. As

diversões da população concentravam-se nas corridas de touros, velódromos e sociedades recreativas e culturais.

Os Campos da Redenção, atual Parque Farroupilha, acolhiam as touradas realizadas no Circo de Touros, localizado em frente à rua da República. De 1875 até 1898, quando ocorreram respectivamente a primeira e a última tourada em Porto Alegre, revezavam-se na pista toureiros e bandarilheiros, enfrentando touros em meio a números musicais.

Figura 3.1.4 – **Campos da Redenção**, observando-se em primeiro plano, após as edificações, o **Velódromo**, ao fundo, à direita, o **Circo de Touros**, duas atividades de lazer da sociedade porto-alegrense do final do século. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória Porto Alegre – espaços e vivências. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1999, p. 74.



A fundação de agremiações dedicadas ao ciclismo marcou o final do século em Porto Alegre, quando foi criada a primeira sociedade com este fim, em 7 de março de 1896, seguida por outra sociedade, esta fundada por descendentes de alemães. Em 19 de novembro de 1899 foi inaugurado um velódromo, na esquina das ruas Sarmiento Leite com Osvaldo Aranha, onde hoje está a Faculdade de Arquitetura da UFRGS.

Figura 3.1.5 – Velódromo situado na esquina das ruas Sarmiento Leite com Osvaldo Aranha. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória Porto Alegre – espaços e vivências. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1999, p. 53.



O glamour da rua, o flunar pelos “boulevards” porto-alegrenses, conduziam a população aos cafés e confeitarias do Centro da cidade, que polarizavam a preferência do público, juntamente com os cinemas, num setor da Rua da Praia chamado Cinelândia. Juntavam-se então os espectadores das matinês, o “footing” das senhoritas, os rapazes e senhores nos cafés, as senhoras nas confeitarias. Nas primeiras décadas do século esta zona foi se consolidando com a implantação de diversos estabelecimentos: havia as confeitarias Centras, Colombo, Rosicler, Woltmann, a Antonello (desaparecida com a abertura da avenida Borges de Medeiros); o Bar Americano, mais tarde Café Florida e por fim café Cinelândia; o Café América, entre o Cine Central e a Confeitaria Central, o Café 17, ao lado do Cine Imperial; o Bar Danúbio, antiga Taberna do Max, no térreo do Cine Vera Cruz, (depois Cine Vitória); o Café Rex, demolido juntamente com o Cine Rex para dar lugar à Galeria Di Primio Beck, o Café Indiana. Em frente ao aristocrático Grande Hotel, havia também o Café Édén, freqüentado por prostitutas, gigolôs e vigaristas, até ser demolido para a construção da Caixa Econômica Federal.

Figura 3.1.6 – **Café América**, localizado na rua da Praia, em frente à Praça Senador Florêncio, atual Praça da Alfândega. PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Espetáculo da rua. Porto Alegre: Editora da Universidade / UE, 1996, p. 70.



A freqüência dos cafés era objeto da crônica social da época, como atesta matéria publicada no jornal O Independente, de 6 de outubro de 1895 (apud Pesavento, 1996, p. 74):

“O América, o ponto melhor da Rua dos Andradas e onde se reúnem advogados, médicos, comerciantes, poetas literatos, noticiaristas, boêmios inteligentes e extravagantes e do melhor que possui o nosso meio social, aos domingos é visitado pela simpática rapaziada caixeiral, sempre correta e unida, que, elegantemente vestida, provoca olhares etéreos e cristalinos de criaturas meigas e tentadoras, felizes e sedutoras...”

As artes eram congregadas na Sociedade *Dramática Particular Luso-brasileira*, e na *Estudantina Porto-Alegrense*, “composta por elementos da alta sociedade e cumpria o papel de cultivar os ‘pendores artísticos’ da juventude da época” (Pesavento, 1999, p. 65).

Figura 3.1.7 – **Estudantina Porto-Alegrense**, onde as moças porto-alegrenses cultivavam seus “pendores artísticos”. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória Porto Alegre – espaços e vivências. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1999, p. 65.



Neste ambiente, pouco a pouco o cinema em Porto Alegre começa a ser apresentado nos teatros Polytheama e São Pedro, tendo grande aceitação junto à população da cidade, conforme relata o cronista Achyles Porto Alegre (apud Pesavento, 1996, p. 15):

“O frio é intenso, mas, de instante a instante, ouço vozes femininas e rumores de passos na rua: são famílias que vão para os cinemas, porque a “arte do silêncio” é hoje a “cachaça” de toda a gente, e a loucura do belo sexo. O cinema pode se dizer acabou de matar a “vida em família”, que há muito tempo já vinha perdendo o seu encanto e desaparecendo. (...) A hora em que escrevo, muitos lares estão desertos, porque as salas dos cinemas estão repletas.”

Uma das primeiras salas inicialmente destinadas ao teatro, mas que posteriormente abriram espaço para o cinema foi o **Theatro Polytheama**, inaugurado em 1900, sala de grande porte, comportando 1410 pessoas. Situado na

confluência da Praça Rui Barbosa com o “Caminho Novo” (atual rua Voluntários da Pátria), em setembro de 1901 o Polytheama já apresentava o **Cinematógrafo do Sr. H. Haurt**, com ingressos a 6000 réis o camarote, 1000 réis a cadeira e 500 réis a geral.

Em 1904 enquanto se anunciavam sessões no **Theatro Parque**, o Jornal do Commercio anunciava exhibições de um bioscópio para o mês de setembro de 1904 no **Theatro São Pedro**. Na edição de 21 de setembro de 1904, publicava:

“O Bioscópio Inglês do senhor José Fellipi em nova função no Theatro São Pedro. Como sempre, as fotografias animadas, principalmente, os combatentes de forças russas, transilvanas etc. agitam, parece, os nervos dos espectadores, que aplaudem, estrepitosamente, com salvas de palmas”.¹

As apresentações de cinematógrafos eram atividades extensivas a toda a família, como anunciava o Jornal do Commercio de 26 de outubro de 1907, a apresentação do **Cinematógrafo Grand Prix**, também no **Theatro São Pedro**, “em duas funções, sendo uma delas para crianças.” (Franco, 1998. p. 113).

Até 1907/1908, o cinema era então apresentado como atração exótica, curiosa, em salões pouco adaptados, eventualmente em teatros. Carecia-se assim de locais especificamente construídos para esta atividade, dotados de poltronas confortáveis, energia elétrica para o projetor, ventiladores para os meses de verão, proporcionados somente com a implementação da energia elétrica na cidade, que ocorreu em 1907. Para atender uma demanda real de mercado,

¹ Jornal do Commercio, 21/09/1904.

também faltava a profissionalização dos exibidores, até então viajantes que carregavam consigo por todo o estado projetores portáteis e filmes.

Em 20 de maio de 1908 é aberto finalmente o **Recreio Ideal**, a primeira sala com destino exclusivo para cinema em Porto Alegre, segundo anúncio publicado no jornal Correio do Povo do mesmo dia. Localizado inicialmente na Rua da Praia, número 321, pouco depois se mudou para os números 313 e 315 (atualmente 1077), da mesma rua em frente à Praça Senador Florêncio, atual Praça da Alfândega. Tinha como proprietário o espanhol José Tours, representante de uma fábrica espanhola de acessórios cinematográficos, contando também com o conhecido cenógrafo Tubino, encarregado da execução de “painéis para reclames”.



Figura 3.1.8 – Anúncio em jornal de programação de cinema no Recreio Ideal. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

No dia seguinte à abertura da nova casa, os jornais já esboçavam a excelente acolhida que teve a sala e o entusiasmo de receber um cinema fixo em Porto Alegre, conforme aponta Todeschini (1995 p. 14):

O salão está muito bem preparado e tem grande número de cadeiras, sendo os trabalhos de cenografia executados pelo conhecido cenógrafo Alfredo Tubino. O aparelho cinematográfico é, sem dúvida, o melhor que até agora veio a esta Capital, não se notando nas projeções a mínima trepidação. Os filmes do programa: Chegada de Elliu Root ao Rio de Janeiro, Trechos do Rio de Janeiro, Funerais do Rei D. Carlos e do Príncipe Real, D. Luís Felipe.”

Com acomodações para 135 pessoas, apresentava programação composta por pequenos filmes, dramas, comédias e jornais, em sessões diárias de *matinée* às 15:00 e 16:00 horas *soirées* às 18:30 e 23:00 horas. O Jornal do Commercio de 13 de outubro de 1908 referia-se entusiasticamente ao **Recreio Ideal** e seu sucesso junto à sociedade porto-alegrense:

“Verdadeiro successo de bilheteria está obtendo o magnifico centro de diversões ‘Recreio Ideal’, onde diariamente são exhibidas vistas novas pelo aperfeiçoado cinematographo ‘Pathé’, da empresa Bartelô & C. A preferencia dada pelas familias e cavalheiros de significação social é assás justa, attendendo-se aos esforços empregados pela referida empresa.”

Apesar do sucesso junto ao público porto-alegrense, o **Recreio Ideal** fechou suas portas alguns meses após sua abertura, trocando de mãos, passando aos interesses de Hirtz & Cia., empresa exibidora que teria longa e profícua carreira no meio cinematográfico em Porto Alegre. Reabriu em fevereiro de 1911, após reformas e com novo proprietário, conforme apontava o jornal A Federação de 3 de fevereiro de 1911:

“Ao transpol-o [o novo salão], sente-se como que um doce encanto que nos enleva a alma, transportando-nos a um mundo ideal (...) [o] declive [das poltronas] permite ao publico apreciar sem constrangimento as fitas exhibidas. (...) Ar e luz, esses dois elementos essenciaes á vida, lá se encontram em abundancia. A sala de espera também está decorada com apuro e arte, apresentando bellos panoramas da bahia do Rio de Janeiro. (...) A fachada embellesada com um magnifico alpendre de crystal, que, á noite, produz bonito effeito com suas luzes de variegadas cores. (...) Os novos proprietarios do Recreio mimosearam gentilmente o bello sexo, offerecendo-lhe () lindos bouquets de flores”

A abertura do Recreio Ideal marca o início da atividade exibidora permanente na cidade de Porto Alegre, e a inauguração de diversas outras salas no mesmo ano, principalmente na rua da Praia, principal artéria do centro da cidade. Assim, em 16 de junho de 1908, ocorreu a primeira apresentação do **Recreio Familiar**, situado na rua da Praia, 327, atual rua dos Andradas, 1097. A sala não permaneceu aberta por muito tempo, fechando em data desconhecida, mas reabrindo em 1911, no Caminho Novo, número 98, atual rua Voluntários da Pátria.

O Jornal do Commercio de 09 de novembro de 1908 comentava apresentação na véspera do **Cinematógrafo Berlim**, na rua da Praia, 305, entre o Recreio Ideal e o Recreio Familiar, ao lado do Armazém Maisonave, quando houve “desarranjo no respectivo aparelho” (o projetor), tendo sido os freqüentadores ressarcidos do valor do ingresso”.

O **Recreio Moderno** é aberto em 17 de outubro de 1908, na rua Demétrio Ribeiro, número 267, atual 1151, no mesmo prédio onde anteriormente funcionara o Café Aliança. Todeschini (1995, pp. 14-15) relata a crônica da época:

“Com aparelhagem de feitura moderna e engenhosa, possuindo uma coleção de vistas novas, de belos e surpreendentes efeitos. Os espetáculos serão diários, das 7 às 11 da noite, e as entradas serão facultadas somente a cavalheiros e famílias.”

No mesmo ano é aberto também o **Cinematógrafo Rio Branco**, na rua da Praia, 477, atual rua dos Andradas, 1449, próximo à rua Uruguai.

Em 20 de setembro de 1908 é aberto o **Cinema Variedades**, na rua da Praia, número 343 (atual rua dos Andradas 1162), próximo à praça da Alfândega. Localizado na antiga estação de mudas de animais de tração dos bondes da Carris (“Caixa de fósforos”), no Largo dos Medeiros, onde também funcionara uma tabacaria, era o mais amplo e confortável dos cinemas da época.

De propriedade de Pascoal Sirangelo, contava com 1500 poltronas distribuídas em “três platéias” e galerias com gradis de ferro batido. Estava localizado em ponto de grande efervescência social da cidade, podendo ser considerado a primeira sala de cinema construída especificamente para esta atividade, e embrião da futura “cinelândia” porto-alegrense.

Numa época de Cinematógrafos e Recreios, o **Variedades** foi assim embrião de um *tipo* cinema, ainda que muito próximo do *tipo* teatro. Conforme Vieira (1986, p. 59):

“O cinema historicamente levou um certo tempo para construir uma arquitetura específica, com superfícies, planos e volumes próprios. Das fotografias animadas ao cinema como experiência estética, o espaço que acolheu estas imagens em movimento passou das pequenas salas improvisadas do final do século para o requinte dos Roxys e Capitols disseminados pelo mundo inteiro.”

Inaugurado numa época de filmes mudos, maxixe e charleston, acolhia homens com figurino dândi e chapéus picareta freqüentadores do vizinho Café América, e damas melindrosas, freqüentadoras da Confeitaria Central, pertencente aos Irmãos Medeiros, que deram nome ao largo. Em 1913 é fechado, e suas instalações ocupadas por um estabelecimento comercial, até 1921, quando retornaria novamente à atividade exibidora de filmes, pela instalação do Cinema Central. Na esquina da Rua dos Andradas com General Câmara, só resta atualmente um prédio do início do século: foram demolidos o Palácio Chaves (onde hoje há o edifício de mesmo nome) ou “do Relógio”, na década de 50; a Confeitaria Central, menor, atrás do **Cinema Central**, ao lado do Café América, tradicional ponto de encontro; a Confeitaria Colombo, a menor à esquerda. Todos os prédios foram substituídos por estabelecimentos bancários.

Ainda que tenham sido abertas grandes salas no centro da cidade, persistiam apresentações de cinematógrafos em toda a cidade, como atestava o *Jornal do Commercio*, 16 de junho de 1909 (apud Steyer, 1998, p 39):

“Actualmente o cinematographo é o divertimento mais procurado pelo povo da nossa cidade e tudo parece indicar que esta preferencia não o deixará por longo tempo ainda. Quando nol-o mandou a velha Europa, elle aqui installou-se no centro da capital. Em breve, porém entrou a conquistar terreno e hoje não ha suburbio que não o possua também. Onde quer que appareça não lhe falta publico numeroso, que se a cotovella e súa á entrada dos salões. Na realidade o cinematographo é para a vida intensa das populações laboriosas a distracção mais propria. É essencialmente democrata, não exige apuros de toilette. o operario, sem mesmo mudar a blusa de trabalho. pôde vê-lo e admiral-o. Instrue e deleita, sem nos roubar síquer o tempo que se consagra ao repouso. É numa palavra, commodo e barato. E, no entanto, a que despezas colossaes não se obrigan. ás vezes, as grandes empresas cinematographicas da Europa, só para obterem um novo film que passa despertar a curiosidade do seu immenso publico (...).”

Finalmente, em 02 de março de 1909, é aberto o **Smart Salão**, na rua da Praia esquina rua Payssandu, atual rua dos Andradas esquina rua Caldas Júnior. Esta sala inaugura a exibição de produções de ficção de grandes estúdios europeus. O cinema deixa de ser o local de exibição de “vistas animadas”, pequenos filmes documentários, passando a posicionar-se como uma forma de expressão artística, como um contador de histórias. O primeiro filme de ficção apresentado no Smart Salão, de acordo com Toedschini (1995, p.16.) foi:

“Bianca Capello, drama histórico ambientado no século dezesseis, em Florença, na corte dos Medici, produzido pela fábrica Cines, de Roma, a mise-en-scène de Mario Caserini, interpretado pelos famosos artistas italianos Fernando Negri, Maria Gasparini, Gustavo Serena...”

O surgimento de filmes de estúdios, sejam eles dramas históricos ou histórias de ficção, faz surgir no cinema o culto ao personagem, seja ele real ou

fictício, e não ao ator ou diretor. Somente na década de 10 surge o conceito de “estrela de cinema”, as grandes divas e os grandes galãs. O diretor então, será reconhecido bem mais tarde, quando deixar de ser somente um operador de câmera. A valorização das pessoas que fazem o cinema foi assim um importante passo de reconhecimento e estabilização desta forma de expressão, agora vista como arte e diversão, não mais somente um aparato científico.

3.2. Os primeiros palácios e os cinemas de arrabalde – 1910-1920

Era um prazer ouvir as orquestras. Os professores perdiam horas seleccionando os repertórios, de acordo com os argumentos dos filmes. Recordo-me que, quando foi exibido o filme de Francesca Bertini, Assunta Spina, encaixaram a partitura 'Soldatto Innamorato', cujo trecho, embora o filme fosse mudo, figurava no enredo como se Asunta o cantasse.

José de Francesco

A década de 10 inicia numa cidade de Porto Alegre com 120.000 habitantes, onde a rua da Praia era o centro de urbanidade de uma população que se pretendia europeia, culta e civilizada. Os cafés e confeitarias reuniam os porto-alegrenses, sempre antes ou depois de uma sessão de cinema.

A programação cinematográfica se alterna entre apresentações de cinematógrafos em salões, cafés e confeitarias, a apresentações de filmes curtos em pequenos cinemas, já espaços exclusivos. A programação das sessões constava de filmes de ficção de enredos simplórios com curta duração, assim como documentários retratando lugares turísticos, funerais de reis e rainhas, paradas militares, etc.

Se no final da década anterior o cinema instaurava-se definitivamente Porto Alegre, através da abertura de diversas salas na zona central da cidade, inicia-se na década de dez um deslocamento em direção aos bairros,

caracterizando assim novos pólos cinematográficos além do Centro: Assis Brasil, Benjamin-Navegantes, Cidade Baixa e Azenha.

Os filmes ainda mudos eram acompanhados por dedicados músicos empenhados em criar atmosferas compatíveis com as “vistas animadas” projetadas. Surge assim importante mercado de trabalho para os músicos da cidade, grande parte deles filhos da imigração italiana que começava a chegar ao estado. Casas pequenas com o **Recreio Ideal** empregavam um pianista, às vezes acompanhado por um violinista, enquanto que casas de maior porte, como o **Odeon** empregavam orquestras formadas pelos mais gabaritados “professores”, como eram qualificados à época os músicos profissionais. Nas telas o público assistia comédias de Buster Keaton, e a filmes de um dos primeiros diretores de cinema, Davis W. Griffith.

A grande aceitação do cinema como elemento de diversão de massas à época, deve-se certamente ao baixo custo dos ingressos. Conforme o jornal *O Diário*, de 7 de fevereiro de 1913, enquanto que um almoço no Café Colombo custava aproximadamente 2\$000, os cinemas Recreio Ideal e Avenida, os melhores da época, cobravam 1\$000 por um ingresso de primeira classe e \$500 para um de segunda. Por outro lado, o cinema Força e Luz, mais popular, cobrava \$500 por um ingresso de primeira classe e \$300 por um de segunda.

A década começa com a abertura, em 6 de janeiro de 1910, do **Cinema Odeon**, pertencente à firma A. Lewis & Cia. Situado na rua da Praia, números 477 e 449, atual rua dos Andradas, números 1383 e 1389, na parte fronteira da Galeria Chaves, era especializado na exibição de filmes históricos e documentários, contando em sua orquestra com dez ou doze “professores”, dirigidos pelo maestro Ângelo Tagnin. Inaugurado com os “films” *Fucino*, *A vingança de um taberneiro*, *Guilherme Ratcliff* e *Os óculos da bruxa*, em uma

sessão especial para convidados e a imprensa, o Odeon teve ótima aceitação por parte da crítica, como atestava a coluna *Teatros e Artistas* (apud Todeschini, 1995, p. 15) no dia seguinte:

“O Odeon está magnificamente instalado, em vasto e elegante salão guarnecido de grande número de ventiladores, bem iluminado e bem ventilado, com 170 confortáveis poltronas para espectadores de primeira classe e cem cadeiras de palhinha para os de segunda”

Um fato curioso que caracterizava o Cinema Odeon era apresentar sessões “só para homens”, às 23:00 horas, segundo Gastal (1999, p.34), provavelmente “filmes ‘fortes’ ou ‘livres’, com nus artísticos ou temas científicos sobre doenças venéreas.”

O deslocamento das salas para além da rua da Praia teve na inauguração do **Cine Theatro Coliseu**¹, seu ponto máximo. A sala foi aberta em dezembro de 1910 inicialmente em um barracão no lugar do antigo **Theatro Polytheama**, na rua Voluntários da Pátria. Somente em 1915 é que foi construído o edifício definitivo, quando Umberto Petrelli, encomendou a Ricardo Wriedt²,

¹ Processo número 10487, do filme F042, de 1930, contém os fotografias: “Projecto para modificação de o primeiro andar do Theatro Colyseu”; Planta do segundo e terceiro andares. Processo número 07807, do filme F055, de 1933, contém os fotografias: “Augmento de um passadiço no Edifício Theatro Colyseu – segundo andar”; “Projecto para modificação de partes das divisões do primeiro, segundo e terceiro andares do edifício do Theatro Colyseu”. Processo número 332, do filme F016, de 1918/1921, contém os fotografias: “Reconstrucção do Theatro Colyseu – plantas do primeiro e segundo andares”; Corte longitudinal; Elevação principal. Processo número 13887, do filme F078, de 1938, contém os fotografias: Planta da platéia e numeração de poltronas e camarotes.

² Richard Wriedt “associou-se na Sociedade Germânia em 1910. Em 1916 era professor na Gewerbeschule. Neste mesmo ano desenhou a planta da cidade de Pelotas (...) Em 1916 publicou um livro intitulado “Construções Nacionais” cujo primeiro volume tem o subtítulo “Casas modestas, no valor de 10 a 30 contos de réis”. (...) O arquiteto estava estabelecido na rua Hilário Ribeiro, 23”. WEIMER, Güinter. *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP, 1989. Tese [Doutorado em Arquitetura] – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1989, p. Q.86.

Mariani, Willy Paul ³ e Agnello Nilo de Lucca ⁴, o projeto e a construção do imponente prédio na esquina das ruas Voluntária da Pátria e Pinto Bandeira, com arquitetura eclética, inspirada em modelos europeus do século XIX. Inicialmente o Coliseu apresentava somente peças teatrais, mas com o crescimento do cinema, após ligeiras adaptações, passa a apresentar programação mista de teatro e cinema.



Figura 3.2.1 – Teatro Coliseu, cartão postal da época da abertura da sala. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

³ Bruno Willy Paul “era natural de Weissensee/Niederbarnin, perto de Berlim onde nasceu em 20/10/1897. Sabe-se que imigrou no início do século, pois foi um dos primeiros alunos da Gewerbeschule (...) Depois de fazer seu estágio prático no escritório e nas obras dirigidas por de Wiederspahn, matriculou-se nas ‘Vereinigte Bauschulen von Gross-Berlin’ (Escolas de Construção Reunidas da Grande Berlim) onde se formou em 17/03/1921 (...) De volta a Porto Alegre, fundou uma firma bastante conhecida, a Construtora Willy Paul, através da qual realizou obras como o Cinema Baltimore e o hotel da esquina da rua Venâncio Aires com a João Pessoa.” WEIMER, Güinter. *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul* Paulo: USP, 1989. Tese [Doutorado em Arquitetura] – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1989, pp. Q.56-57.

⁴ Agnello Nilo de Lucca “nasceu em 04/10/1902 em São Paulo. Em seu requerimento de registro no CREA, dizia estar estabelecido como arquiteto na rua Gen. Câmara, 318. Alegava ter feito o urso de arquitetura, mas não ter o diploma por estar em demanda por irregularidade. Seu pedido foi indeferido”. WEIMER, Güinter. *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP, 1989. Tese [Doutorado em Arquitetura] – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1989, p. Q.45.

Grandioso e imponente, rivalizava em capacidade de público ao **Cine Theatro Apollo** e em prestígio ao **Theatro São Pedro**, assim como às grandes salas do Brasil, como pretendiam os jornais da época, segundo Fortini (1966, pp. 117-118):

“(...) A maior casa de diversões do Brasil com a lotação para 3000 pessoas (...) No programa figuravam também o preço das entradas, (...) poltronas numeradas, 1\$500; platéia, 1\$000; arquibancadas numeradas, \$700; e galerias \$500. Os espetáculos começavam às 20,30 horas e depois havia bondes para as linhas do Menino Deus, Escola de Guerra (atual Gasômetro), Teresópolis, Glória, São João, Navegantes e Independência”

A garantia de bondes à saída dos espetáculos confirmava assim, a identificação de grande parte da população pelo cinema e pelo teatro no início do século.

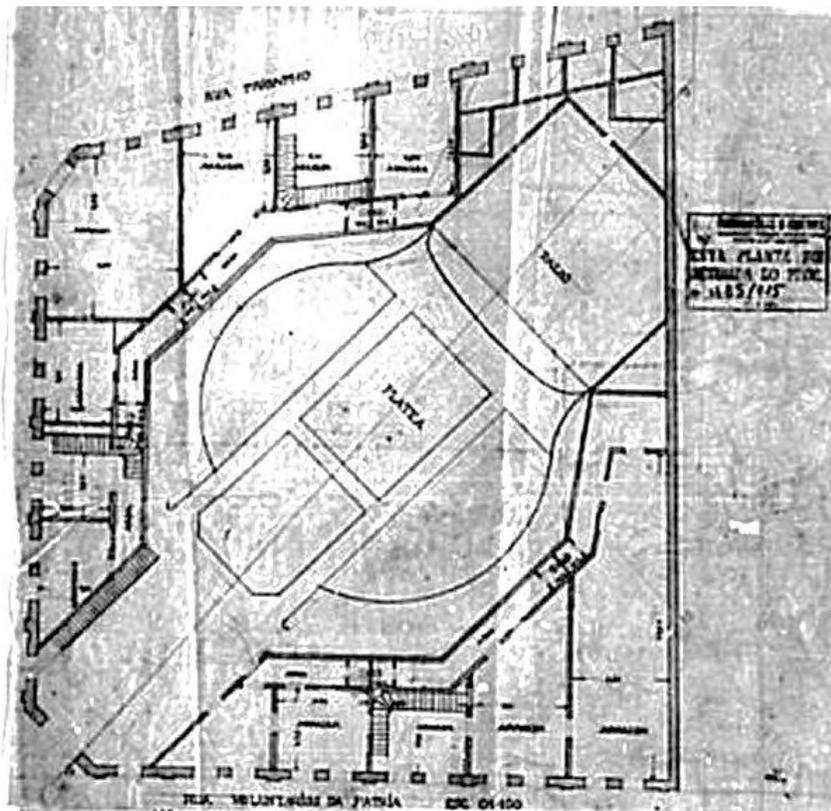


Figura 3.2.2 – **Theatro Coliseu**, planta baixa pavimento térreo, enfatizando salas de espera periféricas à platéia. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 332, do filme F016, de 1918/1921.

Implantado num terreno com três frentes, o acesso à sala se faz pela *porte cochère*, de configuração cilíndrica, situada na esquina principal, à qual se sobrepunham diversos balcões, coroados por um domo de cobertura de um mirante. O edifício apresentava fachadas praticamente simétricas para as duas ruas. A platéia localizava-se no núcleo da massa edificada, contornada por uma série de pequenas salas de espera, escadarias e circulações. O número excessivo de pequenas salas ao redor da platéia provavelmente tenha sido questionado pelos proprietários do Coliseu, uma vez que, em 1930 é encaminhado à municipalidade, projeto de alteração do teatro, transformando estes espaços em apartamentos, provavelmente para locação.

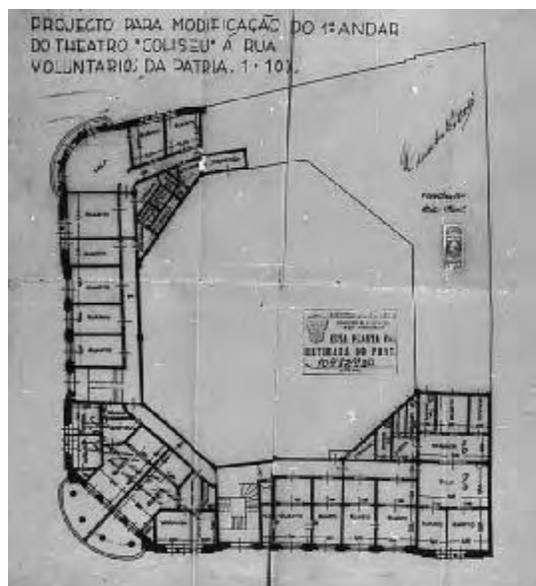


Figura 3.2.3 – **Cine Theatro Coliseu**. Projeto encaminhado à municipalidade em 1930 para aprovação, visando transformar as salas periféricas à platéia em apartamentos. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 10487, do filme F042, de 1930.

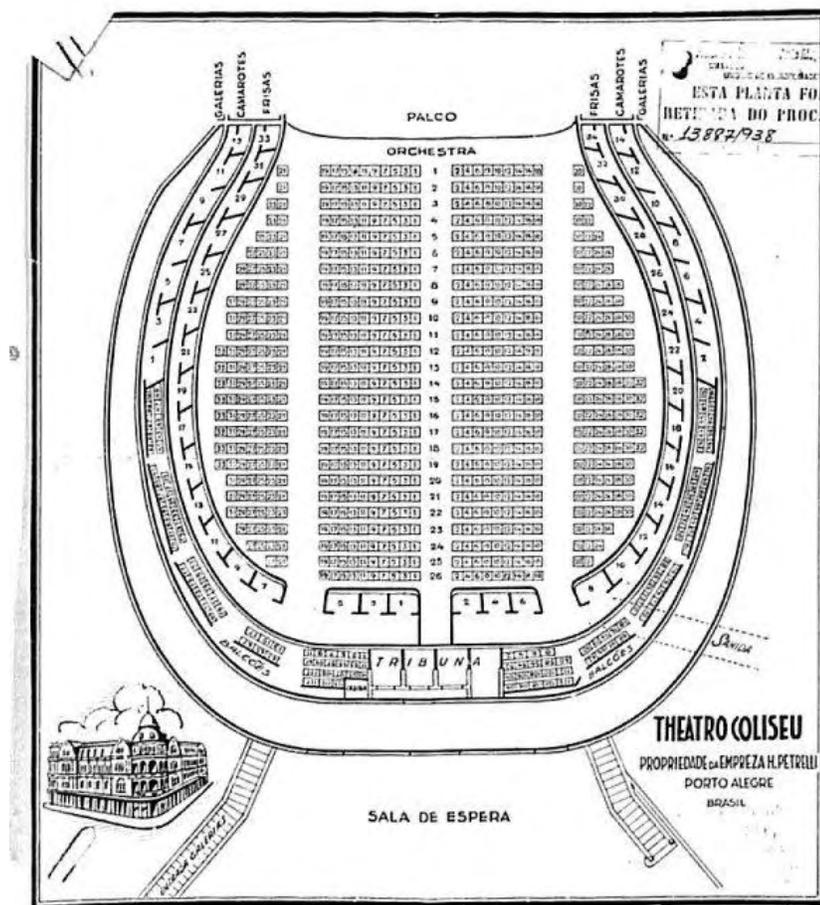
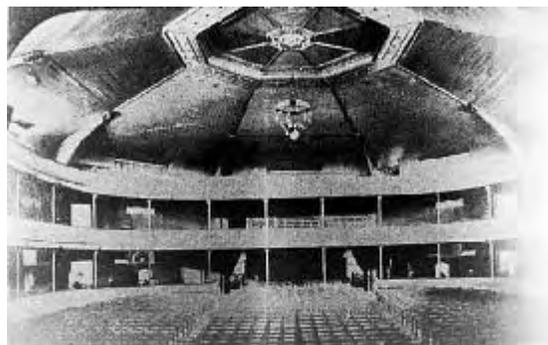


Figura 3.2.4 – **Cine Teatro Coliseu**, planta de localização de assentos. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 13887, do filme F078, de 1938.

Interiormente caracterizava-se pela grande sala com capacidade para 3000 pessoas, distribuídas numa grande platéia em ferradura, contornada por um conjunto de frisas (camarotes térreos), e dois pavimentos periféricos comportando camarotes superiores e galerias, também chamadas “torrinha ou poleiro”. No pavimento de camarotes, ao fundo da platéia localizava-se a “tribuna”, recinto de honra, reservados a personalidades da sociedade e da política.

Figura 3.2.5 – **Cine Theatro Coliseu**, vista da platéia, a partir do palco. O interior simples opõe-se à arquitetura imponente do exterior. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.



A fachada eclética do Cine Theatro Coliseu é estruturada segundo princípios de composição neoclássicos, diferenciando-se o embasamento, o corpo central, marcado pela simetria e ritmo das aberturas em dois pavimentos e o coroamento. Emoldurando o acesso principal junto à esquina, um torreão, e nas extremidades do corpo principal, dois volumes de maior altura são coroados por frontões ecléticos, misturando referências ao neoclássico e ao barroco. Todavia, o torreão apresentado na ilustração perspectiva, não existe na fachada encaminhada para aprovação na prefeitura municipal.

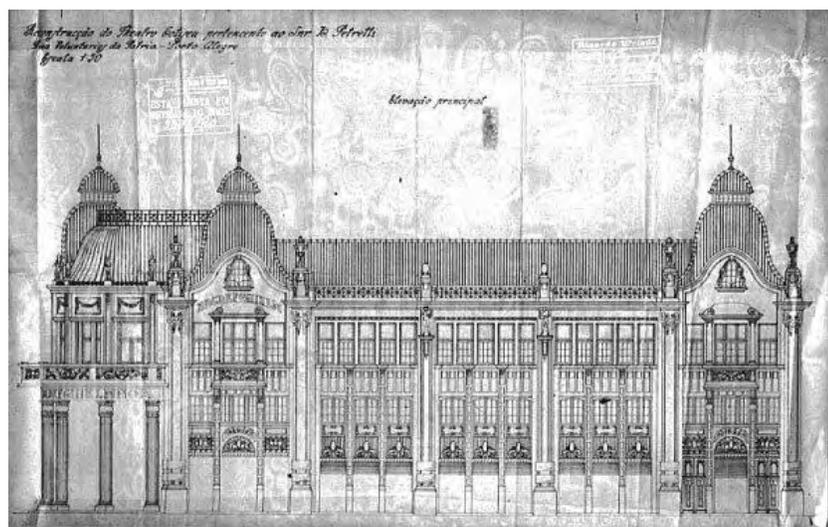


Figura 3.2.6 – Cine Theatro Coliseu, fachada para a rua Voluntários da Pátria. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 07807, do filme F055, de 1933.

Se a proposta de fachada do Coliseu era austera e majestosa, a decoração da platéia era bastante despojada, com guarda-corpos de balcões e galerias construídos com simples painéis de madeira, sem elementos decorativos

aplicados. Até mesmo o grande lustre da platéia, ícone característico dos grandes teatros, era aqui muito simples e bastante inferior àquele de seu rival, o Theatro São Pedro. É inevitável nesta ocasião a comparação: se a imponência exterior do Cine Theatro Coliseu sobrepunha-se à simplicidade das fachadas do Theatro São Pedro, o interior do teatro da praça da Matriz era mais rico que o interior de seu concorrente.

Apesar de ter polarizado a vida social e cultural de Porto Alegre por mais de quarenta anos, o Cine Theatro Coliseu entrou em decadência, e teve sua última sessão na noite de 23 de setembro de 1956, sendo logo em seguida demolido.

Em 1910, é aberto na rua da Praia, número 230, o **Cinema Royal**, confirmando a tendência da construção da chamada Cinelândia porto-alegrense, junto à praça da Alfândega.



Figura 3.2.7 – Parte da rua dos Andradas em frente à praça da Alfândega, conhecida como “Cinelândia”, no período da enchente de 1941. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Em 1911 é aberto o **Salão Parisiense** na rua da Praia, número 393, e, já em direção à zona sul da cidade, é aberto no mesmo ano, o **Cinema Familiar**, na rua da Azenha, número 89.

Em 1912 o circuito exibidor começa a profissionalizar-se através de Francisco Damasceno Ferreira ⁵, importante personagem para a implantação de diversas salas e para o desenvolvimento do cinema em Porto Alegre. Sua empresa abriu no mesmo ano, quatro salas de cinema na cidade. A primeira delas foi o **Cinema Avenida**, inaugurado em 9 de novembro de 1912, na rua da Ladeira, atual rua General Câmara, entre a rua da Praia e a rua Sete de Setembro. Instalado num prédio de fachada clara e duas colunas enquadrando a porta principal, era uma grande sala, com capacidade para 2000 pessoas, considerada “luxuosa” pela imprensa da época. Ficava ao lado da *Confeitaria Colombo*, onde antes havia a sede do *Jornal do Commercio*. Funcionou até 1916, quando foi substituído por um banco.

⁵ Francisco Damasceno Ferreira era representante para o Rio Grande do Sul, da Companhia Brasil Cinematográfica, do Rio de Janeiro. Foi proprietário do Cinema **Recreio Ideal**, na Praça Senador Florêncio, do **Cinema Avenida** na Rua da Ladeira, do **Cinema Democrata** no bairro São João e do **Cinema Força e Luz** no bairro Navegantes. Também abriu salas Recreio Ideal em Caxias, Santa Maria, Pelotas e Rio Grande. Foi o primeiro de uma série de pequenos empresários locais exibidores, proprietários de diversas salas. Até as décadas de 60/70, as empresas exibidoras eram basicamente familiares, sendo substituídos por grandes grupos exibidores nacionais e, finalmente na década de 90, por companhias multinacionais.



Figura 3.2.8 – Vista da rua da Ladeira em direção ao Guaíba. No meio da quadra situava-se o **Cinema Avenida**, em primeiro plano à direita, um bonde e um tálburi. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

No mesmo ano de 1912, Damasceno Ferreira abriu duas salas: o **Cinema Democrata**, junto ao pólo Assis Brasil, na Rua São Pedro e o **Cinema Força e Luz**, na Avenida Eduardo, atual Avenida Presidente Roosevelt, no mesmo local onde funcionaria o Thalia. Também em 1912 foi inaugurado o **Cine Nollet** na rua João Alfredo, 178, próximo à rua Luiz Afonso.

A abertura do **Cinema Cosmopolita** em 19 de novembro de 1912 na Avenida Germania, bairro Navegantes, inicia o deslocamento das salas para além do centro, neste caso em direção ao quarto distrito. O Cosmopolita inicia a implantação de diversas salas que se consolidariam como pólo Avenida Benjamin Constant - Navegantes.

O **Cine-Theatro Guarany** ⁶ foi inaugurado em 30 de novembro de 1913, na rua da Praia, número 305, atual rua dos Andradas, número 1409. O autor

⁶ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09036, do filme F077, de 1938, contém os seguintes fotografias: Plantas baixas do pavimento térreo e galeria; Cortes longitudinal e transversal.

do projeto era o arquiteto alemão Theo Wiederspahn ⁷, profissional de grande projeção na cidade de Porto Alegre. Como todas as salas da rua da Praia, era “lançador de filmes” de primeira linha, também recebendo em seu palco artistas eruditos, companhias de teatro clássico, revistas e operetas, cantores populares e líricos. Segundo grande palácio teatral e cinematográfico construído na cidade, o **Guarany** tinha a vantagem de não estar localizado “lá” na rua Voluntários da Pátria, como seu concorrente **Coliseu**, mas em frente à Praça da Alfândega, pólo de toda movimentação da cidade.

A fachada eclética mistura elementos neoclássicos, como os frisos nas colunas, e barrocos, como as terminações superiores curvas das janelas do pavimento térreo e o frontão circular.

⁷ O alemão Theo Wiederspahn nasceu em Wiesbaden, em 1878, tendo estudado de 1892 a 1894 na Escola Profissional de Construções e Ofícios de Wiesbaden, e de 1895 a 1896 na Escola Real de Construções de Idstein. Chegou a Porto Alegre em 1908, quando trabalhou por sete anos no escritório de engenharia de Rodolfo Ahrons, primeira empresa construtora da cidade, o que o impulsionou como profissional de grande projeção nas primeiras décadas do século em Porto Alegre, tendo projetado mais de 500 edifícios. “Só para dar uma idéia do volume de sua obra, cito apenas os trabalhos do entorno imediato da praça da Alfândega: o MARGS, o Correio, a sede do Banco Meridional, o cinema Guarani, a avenida Sepúlveda com a implantação do porto na extensão do vão central com os dois armazéns laterais, a Casa Victor e ainda obras que já foram demolidas como o Palácio Chaves, os bancos da Província, Pelotense, Alemão e a Caixa Econômica Federal.” WEIMER, Guinter. *Arquitetos estrangeiros no Rio Grande do Sul*. In XAVIER, Alberto, MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. São Paulo: PINI, 1987, p. 25.



Figura 3.2.9 – **Cine-Theatro Guarany**, em atividade, ainda com a marquise sobre o passeio e a porta de acesso no alinhamento, anteriores à reforma dos anos 40. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Primeiro cine-teatro construído em Porto Alegre tinha uma sala com platéia, camarotes no primeiro andar, balcões e galerias no segundo, e a geral no terceiro nível, totalizando 958 lugares. Apesar da imponência da fachada e dos diversos pavimentos, era um teatro de pequena capacidade, devido à reduzida largura do terreno.

O pavimento térreo é composto pela sala de espera, a partir de onde o público podia dirigir-se à platéia, através de duas escadas centrais, ou às

galerias, pelas escadas laterais. Contava com um palco de dimensões razoáveis, apesar da escassa área de coxias, complementados por um conjunto de camarins em três níveis, situados no fundo da cena.

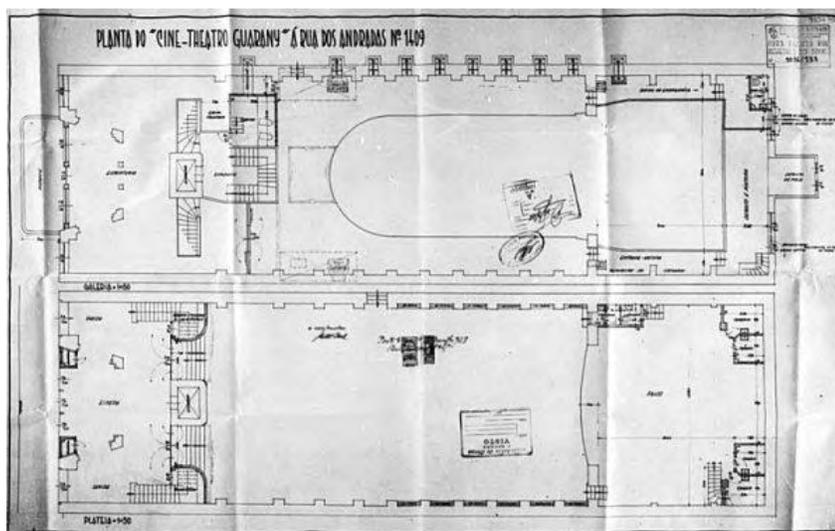


Figura 3.2.10 – **Cine Theatro Guarany**, plantas baixas pavimentos superior e térreo. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09036, do filme F077, de 1938.

No pavimento superior situava-se uma sala de espera, ou *foyer*, chamada pelo público de “Magnífico Salão Azul”⁸, qualificado de “aristocrático” pelos jornais da época, assim como os conjuntos de galerias e camarotes contornando a platéia, e, no fundo da galeria a sala de projeção, posicionada aqui deslocada do eixo da sala, o que provavelmente acarretava distorções na projeção.

⁸ O deslocamento do *foyer* nobre para o pavimento superior ao hall de acesso, como também ocorria no Theatro São Pedro se explica pelo fato das famílias mais abastadas darem preferência aos camarotes, alugados pela temporada, em detrimento da platéia, considerada menos nobre. Era também uma maneira de colocar-se na vitrine do teatro, de ver, mas principalmente ser visto.

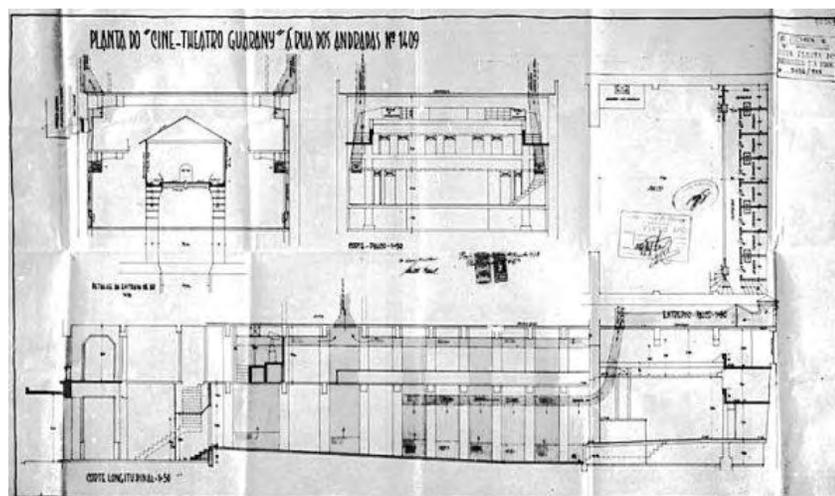


Figura 3.2.11 – Cine Theatro Guarany, cortes transversais, corte longitudinal e planta baixa dos camarins. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09036, do filme F077, de 1938.

Foi reformado em 1938, quando passou a contar com modernos projetores e iluminação com mais de “3000 bicos de luz”. Nos anos 40 passa por nova reforma quando é modificado o pórtico principal, através do recuo das esquadrias, trocando o nome para Rio, o que foi feito através de concurso público organizado pelo jornal Correio do Povo. No final da década de 50 volta a chamar-se Guarany, entretanto sem os balcões e camarotes, que foram demolidos, e com novas poltronas estofadas e reclináveis “Pullmman”. Foi finalmente fechado no final da década de 70, tendo, no entanto, sua fachada preservada juntamente com aquela da farmácia Carvalho, abrigando sendo atualmente a sede do banco Safra. O atual cinema Guarani, no mezanino do Cinema Imperial, presta-lhe homenagem pela adoção de seu nome, caro à memória da cidade.



Figura 3.2.12 – Atual Banco Safra, antigo **Cine Teatro Guarany**. Foto do autor.

O **Cinema Garibaldi** foi inaugurado em 1913, junto à Praça Garibaldi, número 77, atual avenida Venâncio Aires. Era considerado em sua época um cinema de médio porte, tendo em vista sua lotação de 1054 pessoas.



Figura 3.2.13 – Fotografia atual do antigo **Cinema Garibaldi**, depois **Cinema ABC**, já fechado e em reforma. Foto do autor.

Sempre se caracterizou como cinema de bairro, apresentando reprises de filmes já lançados nas salas do centro da cidade, seriados completos, programas duplos de filmes classe C e matinês de fim de semana, o que também é confirmado pela extrema simplicidade de sua fachada.

Tinha como público cativo os moradores do “Arraial da Baronesa”, da “Rua da Margem” (atual João Alfredo), José do Patrocínio e Venâncio Aires, que o

chamavam “Garipulgas”, face à inabalável presença destes insetos junto à platéia. Caracterizava-se assim como um cinema popular, graças a sua decoração espartana, ou mesmo pela falta dela, e aos precários cuidados com instalações e higiene.

A fachada, de extrema simplicidade, é caracterizada por uma abertura central, acesso da sala e espera. À direita, uma pequena abertura hoje fechada, o que teria sido provavelmente a bilheteria, à esquerda uma porta, também fechada por alvenaria, destinada à saída das sessões, independente do fluxo de entrada de público. O coroamento da edificação é feito por uma platibanda horizontal, sem hierarquização do acesso principal. Posteriormente, já tendo trocado de nome para **Cinema ABC**, foi aposto perpendicularmente à fachada um luminoso vertical com o nome do cinema, permitindo assim a leitura e identificação da sala por parte do público que chega de ambos os lados da avenida Venâncio Aires.

Figura 3.2.14 – Antigo **Cinema Garibaldi**, na foto, já com o nome de **Cinema ABC**, apresentando “os melhores da Revista Moviola”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.



No dia 02 de janeiro de 1969, troca de nome para **Cine ABC**, quando começa a modificar sua programação, passando pouco a pouco a apresentar filmes de arte e “cults”, até se definitivamente fechado em 1994, e finalmente vendido em junho de 1998, para ser reformado e convertido em alguma atividade comercial.

Em 1913 é inaugurado o **Cinema Brazil** também na Rua João Alfredo, provavelmente no local do antigo **Cinema Nollet**, reaberto com outro nome, procedimento freqüente à época.

Em 1913 foi também inaugurado o **Cinema Íris**, localizado na Rua da Praia, número 230, próximo à rua Uruguai, no mesmo local onde havia funcionado desde 1910 o **Cinema Royal**. Um anúncio num jornal da época apresentava a sala como “Salão predilecto da elite porto-alegrense; Chic, Artístico e Vasto; oferece toda segurança contra incêndios; o mais ventilado, cômmodo e hygienico” Entretanto, parece ter sido uma sala muito simples, pois segundo Todeschini (s/d, p. 12). “sua tela era uma pintura branca na parede.”



Figura 3.2.15 – Anúncio de jornal do **Cinema Íris**, em cartaz “*In Hoc Signo Vincis*”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Em 1913 é encaminhado à municipalidade, pelo Architecto e Engenheiro“ João Baade ⁹, processo de aprovação de projeto para “**Cobertura para secção cinematográficos Hirtz & Cia.**” ¹⁰, situado na Avenida Independência.

Eduardo Hirtz ¹¹ proprietário da sala era não só exibidor, mas, segundo Pfeil (1995, p.19), também realizador de filmes:

“Com intimidade no ramo fotográfico, setor do qual era chefe na Litographia Hirtz & Irmãos, Eduardo Hirtz ampliou o seu interesse pelo cinema, dedicando-se à realização de filmes, já que havia adquirido uma câmera, anunciando a disponibilidade de filmar festas de aniversário e outros acontecimentos.”

Além disso, Hirtz era co-proprietário de outras salas em Porto Alegre: **Coliseu, Apolo, Talia**, além de participar na empresa Damasceno Ferreira & Cia, representante para o Rio Grande do Sul da distribuidora de filmes Companhia Brasil Cinematográfica do Rio de Janeiro, e proprietária de diversas salas em Porto Alegre, no interior, em Pelotas, Bagé, Santa Maria, Rio Grande e Rio Pardo.

⁹ Ole Johan Baade (João Baade) “nasceu em 30/10/1871 em Stavanger, na Noruega como filho de Ole Johan Baade e Anna Maria Einloft. Em 22/12/1904 casou, na comunidade evangélica de Porto Alegre, com a sueca Mary (ou Maria) Brandt, filha do arquiteto Hermann Martin Brandt. Segundo anúncio proveniente do Anuário do Estado do RGS de 1909 ‘João Baade, architecto. Sucessor de Germano Glotz. Atelier de architectura e edificações. Rua São Raphael, 61 A , Porto Alegre. Offerece os seus serviços para execução de edificações de qualquer estylo, por administração ou por contrato, apresenta receitas de custo, aprompta desenhos e plantas e faz todos os trabalhos concernentes ao ramo. Composturas de qualquer qualidade serão feitos solidamente e por preços módicos. Oficina especial para marceneiros e carpinteiros. Encarrega-se da compra e venda de terrenos. Preços módicos.’ Era pessoa de grande prestígio nas altas rodas sociais o que era devido, em parte, a seu cargo de cônsul de seu país de origem.” WEIMER, Günter. Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul. São Paulo: USP, 1989. Tese [Doutorado em Arquitetura] – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1989, p. Q.6.

¹⁰ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 790, do filme F012, de 1913, contém os seguintes fotogramas: Planta baixa do pavimento térreo; Corte transversal e fachada frontal; Corte longitudinal e fachada lateral.

¹¹ Eduardo Hirtz nasceu em 7 de abril de 1878 na Alemanha, e morreu em Porto Alegre, em 13 de fevereiro de 1951, aos 73 anos.

Estranha-se o caráter provisório da construção do Cinematógrafo Hirtz numa época em que já se começavam a construir grandes e suntuosos cinemas-palácio, como o **Coliseu** (1910), o **Guarany** (1913) e o **Apolo** (1914). Uma análise mais precisa nos faz perceber, contudo, que o Cinematógrafo Hirtz parece fazer a ponte entre o espaço do cinema em tanto que “atração forense”, “de feira”, e as grandes salas ainda chamadas Cine Theatro, o que talvez explique o caráter híbrido que o faz ao mesmo tempo parecer efêmero e palácio, características aparentemente contraditórias.

A edificação constitui-se numa espécie de barracão construído no centro de terreno de meio de quarteirão, isolado das divisas. No alinhamento, na parte baixa da planta, aparece algo assemelhado a uma parede de alvenaria comportando três aberturas, provavelmente a central dedicada ao acesso, as duas laterais servindo para a saída do público das sessões. Entretanto somente são apresentadas as fachadas do pavilhão interno, não havendo maior informação quanto a esta fachada, nem a seu tratamento superficial.

A platéia apresenta uma circulação de 1,50 m de largura, um setor de platéia de 9,00 m, circulação central de 1,50 m, platéia de 9,00 m, circulação lateral de 1,50m. Contava com 280 cadeiras em cada setor frontal, 360 em cada setor central e 360 em cada setor de fundo, totalizando 2000 lugares, o que demonstra o grande interesse que tinha o público nas sessões cinematográficas, passados somente 5 anos desde a primeira exibição. Contava com um palco e local chamado “Música”, talvez pequeno fosso para a orquestra, que animava as sessões cinematográficas.

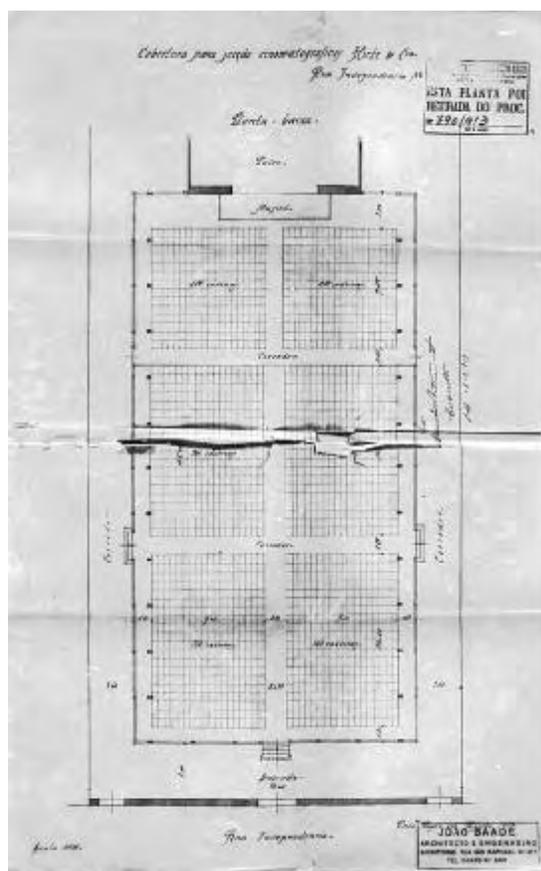


Figura 3.2.16 – **Cinematógrafo Hirtz**, planta baixa. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 790, do filme F012, de 1913.

O “barracão” de 22,50m de largura por 45,00 m de profundidade caracteriza-se de por uma grande cobertura de duas águas, pilares circundantes da platéia e uma pequena cerca separando a platéia das circulações externas descobertas. O caráter “efêmero”, remetendo a atrações forenses e circenses, é garantido pela pouca solidez da construção, e o uso extensivo da madeira e dos lambrequins.

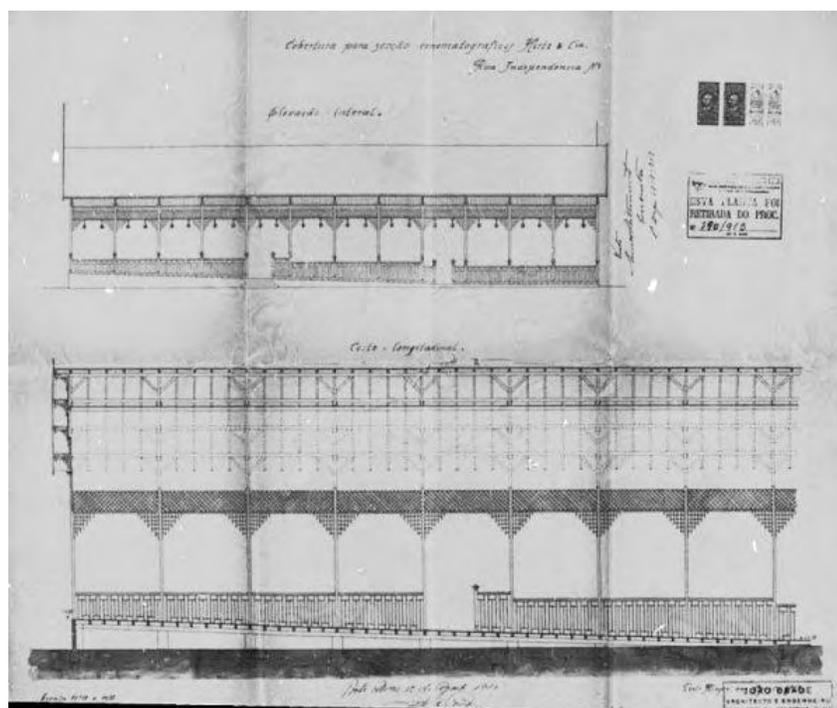


Figura 3.2.17 – **Cinematógrafo Hirtz**, elevação lateral e corte longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 790, do filme F012, de 1913.

O Cinematógrafo Hirtz não apresenta espaços de serviços anexos, tais como sanitários, administração, depósitos, local específico para projeção, o que novamente o coloca ainda como continuidade dos primeiros cinematógrafos ambulantes. O corte longitudinal indica judiciosa atenção com questões de conforto e visibilidade da tela, na medida em que prevê leve inclinação da platéia.

Apesar de projetado e encaminhado para aprovação junto à Prefeitura de Porto Alegre, não existem referências quanto à execução deste projeto. Acreditamos entretanto tratar-se de um primeiro estudo para o Teatro Apollo. Nossa suposição apóia-se em vários pontos: ambas as salas estavam localizadas na avenida Independência, ambas tinham como proprietário, ou como um dos sócios, Eduardo Hirtz, ambas apresentavam o mesmo tipo de cobertura em duas águas com a mesma inclinação, além dos lambrequins idênticos na cobertura dos dois projetos.

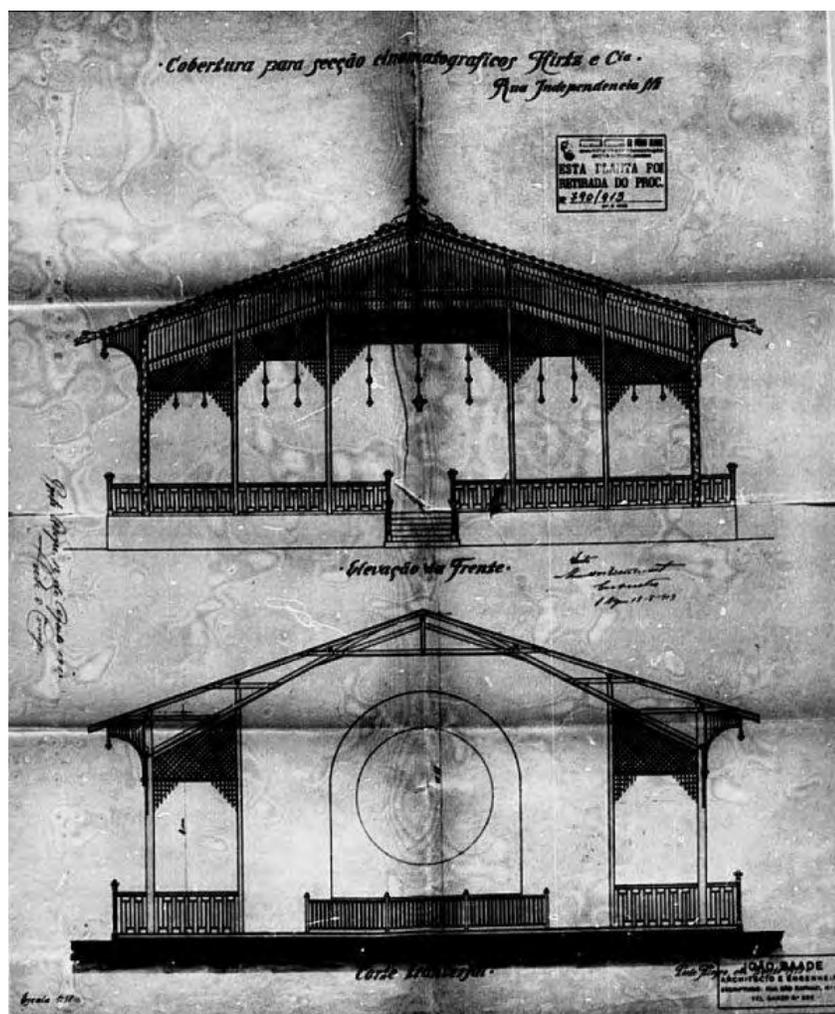


Figura 3.2.18 – Cinematógrafo Hirtz, elevação “da frente” e corte transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 790, do filme F012, de 1913.

Inaugurado em 01 de abril de 1914, o **Cine Theatro Apollo**¹² estava situado no início da Avenida Independência em frente à Praça Dom Feliciano, próximo à Santa Casa, em terreno de propriedade do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira. Pertencia ao empresário Januário Grecco, tendo sido construído

¹² O projeto do Cine Theatro Apollo está arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 616, do filme F018, de 1918/1919, contém os seguintes fotogramas: Reconstrução do Theatro Apollo (planta baixa pavimento térreo, planta baixa galeria, cortes transversal e longitudinal; Reconstrução da casa motor do Theatro Apollo (planta baixa e dois cortes)

pela empresa Weise, Mennig & Cia – Engenheiros Civis ¹³, juntamente com Pedro Bonotto.



Figura 3.2.19 – Cine Theatro Apollo. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Construído quase inteiramente em madeira, tinha capacidade para 2000 pessoas distribuídas numa grande platéia e mezanino, não possuindo camarotes ou balcões, apenas duas galerias ao longo das laterais da grande platéia. Contando também com o pioneirismo de Eduardo Hirtz, a sala é inaugurada com

“(...) um projetor, protótipo inteiramente fabricado aqui, pela firma Hirtz e Rehn, que levou o nome do Brasil, conseguindo ‘a abolição completa da trepidação nas projeções e fixidez absoluta das imagens’, pioneirismo que os projetores europeus até então não haviam conseguido.” (Pfeil, 1995, p. 20)

¹³ Empresa estabelecida na rua dos Andradas, 369, tinha como sócios o Arquiteto Willibald Leopold Weise, e o Engenheiro Ernst Mennig.

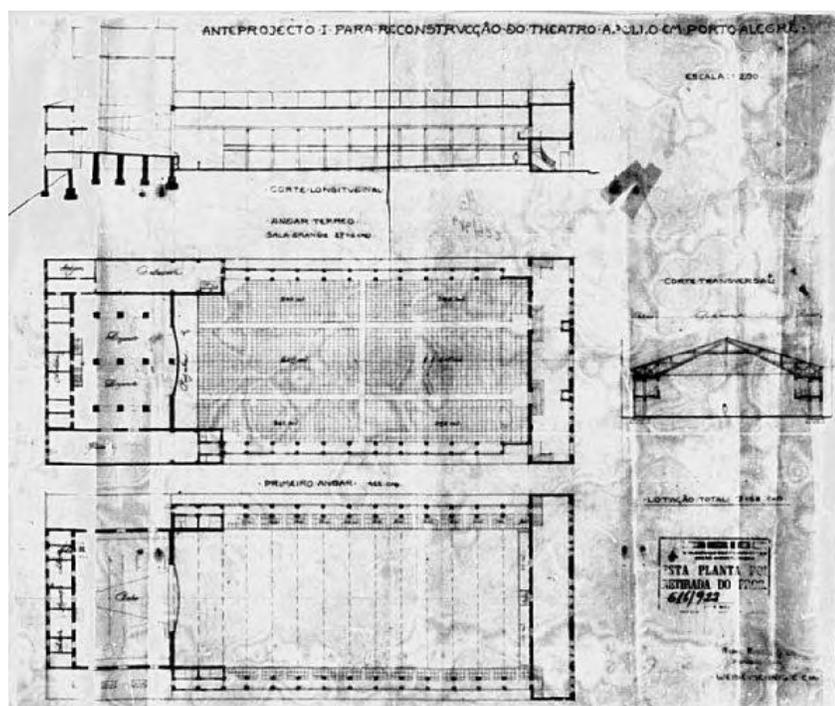


Figura 3.2.20 – Cine Theatro Apollo, plantas baixas dos pavimentos térreo e superior, cortes longitudinal e transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 616, do filme F018, de 1918/1919.

Era considerado pela imprensa um cinema “popular” o que talvez se possa tentar explicar pelo fato de estar situada fora do pólo Rua da Praia, de seus cinemas, cafés e confeitarias, locais por onde circulava a população *chic* e *smart* da época. Por outro lado, a estrutura tipológica pavilhonar adotada, distante da imagem e do caráter dos grandes teatros europeus, tornava-o provavelmente menos nobre aos olhos da pequena burguesia porto-alegrense.

No cinema Apollo ocorreu a projeção do primeiro filme sonoro na cidade, conforme publicado no jornal *A Federação* de 7 de outubro de 1929:

“Conforme a firma Greco E. C. a primeira exibição de cinema falado será no cinema Apolo, com maquinária importada de empresa de rádio Pacent Reproducer, com a película ‘Broadway Melody’ é falado, cantado e dançado”

A planta baixa ocupa a quase totalidade do terreno retangular. Possuía um palco, para “atrações de cena”, apoiado por camarins. Segundo o

projeto de reconstrução do cinema, a lotação total era de 1746 lugares na platéia, e 422 nas galerias, totalizando 2168 assentos, que o classificava na época como um dos maiores cinemas do Brasil.

O Cine Theatro Apollo é apresentado em todas as publicações sobre a história de Porto Alegre, juntamente com uma fotografia assinada por E. Becker, retratando a edificação com cobertura de duas águas, e o clássico frontão. Esta edificação parece com certeza corresponder ao projeto de reconstrução apresentado à municipalidade, principalmente pela coincidência do telhado de duas águas, indicado no pequeno corte transversal, de caimento semelhante ao projeto fotografado.

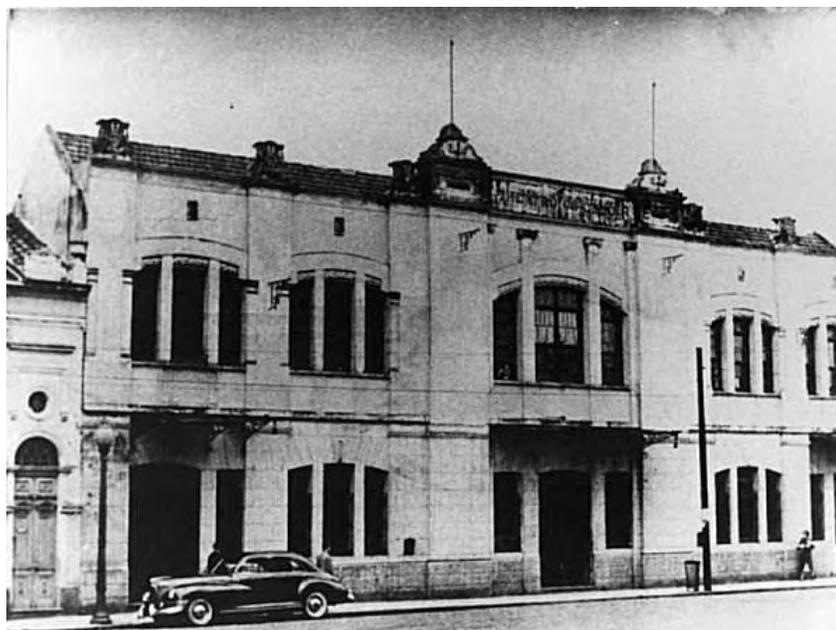


Figura 3.2.21 – **Cine Theatro Apollo**, fotografia da fachada arquivada no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, não corresponde ao projeto, nem à fotografia de Becker. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Entretanto, o Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa tem arquivada uma fotografia, retratando também o Cinema Apollo, diferente no entanto da edificação fotografada por Becker. Se num primeiro momento possa nos parecer tratar-se de um engano, retratando talvez outra sala da capital, mesmo de

uma Cinema Apollo em outra cidade, a pequena residência vizinha ao Teatro, no lado esquerdo de ambas as fotografias confirma tratar-se de salas de cinema construídas no mesmo lote. São duas fachadas praticamente distintas, o que nos faz crer numa reconstrução do teatro, mas de maneira diferente do projeto encaminhado à municipalidade.

Se a primeira fachada retrata uma edificação pavilhonar, reforçada pelo telhado de duas águas aparentes, a segunda fachada apresenta uma proposta de linguagem próxima do movimento Art Déco, com articulação entre elementos horizontais e verticais.

No final da década de 50, quando morreu a bisneta de Pinto Bandeira, proprietária do terreno, o cinema foi vendido a uma incorporadora, que construiu no local o edifício Santa Tecla, composto por uma garagem e um posto de gasolina.

O **Cinema Colombo** ¹⁴ foi inaugurado em 1914 na avenida “Christovam Colombo”, 1386, no arrabalde Floresta, após construção sob responsabilidade de Augusto Sartri. O projeto encaminhado para aprovação apresenta em prancha única uma sala retangular, um corte longitudinal, outro transversal, muito simplificado e uma fachada, onde é evidente a referência à arquitetura neoclássica, através do frontão, colunas dispostas segundo ritmo preciso, e frisos junto à platibanda. Provavelmente a sala tenha sido construída de maneira muito simples, visto que em 1928, seria encaminhado para aprovação o projeto de nova sala de Cinema Colombo, reconstruída sobre a primeira edificação.

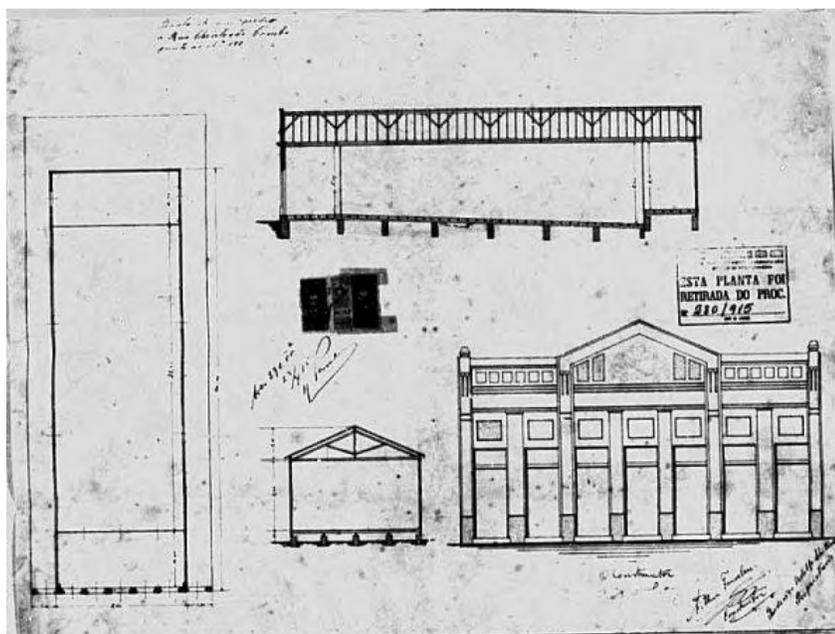


Figura 3.2.22 – **Cinema Colombo**, prancha única contendo planta baixa, cortes transversal e longitudinal e fachada. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 280, do filme F031, de 1915.

Também em 1914 são inaugurados o **Cinematógrafo Ponto Chic**, na avenida Eduardo, atual avenida Presidente Roosevelt, e o **Cinematógrafo Noivo**, este último em local ignorado.

Em 1915 é inaugurado o **Cinema Hélios**, na rua São Pedro, número 25, esquina com a avenida Eduardo, atual avenida Presidente Roosevelt no arrabalde São João. Provavelmente no mesmo ano tenha sido inaugurado o **Teatro Irmãos Hirtz**, localizado nas proximidades das ruas Triunfo e Voluntários da Pátria.

O **Petit Cassino** é aberto em 4 de agosto de 1916, na rua da Praia, segundo anúncio publicado no jornal Correio do Povo de 03 de agosto de 1916. Tinha porte e capacidade semelhantes ao **Guarany**, mas apresentava uma fachada neoclássica, diferente deste último, de inspiração barroca. Em 1936, no

¹⁴ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 280, do filme F031, de 1915, contém os seguintes fotogramas: Prancha única contendo planta baixa, corte transversal, corte longitudinal e

mesmo local viria a ser inaugurado o **Cinema Rex**. No mesmo ano, no Arrabalde do Parthenon é aberto o **Cinema Royal**.

Na rua dos Andradas, 230, é aberto em 1914 (ou 1916) o **Cine Teatro Selecta** (ou **Selecto**, segundo outras fontes), no mesmo local onde anteriormente havia o **Cinema Royal** (1910) e o **Cinema Iris** (1913), o que confirma a rotatividade e o caráter ainda efêmero das projeções cinematográficas. Finalmente em seu terreno foi construída a Casa Sloper, tradicional loja de artigos femininos da cidade, que por fim transformou-se num Bingo.

O **Cine Theatro Talia**¹⁵ (ou Thalía) é inaugurado em 1917, na avenida Eduardo, número 1378, atual avenida Presidente Roosevelt, no mesmo ponto onde funcionou o **Cinema Ponto Chic**, próximo ao Clube Gondoleiros, no arrabalde São João. A sala de 1600 lugares, projetada por João Antônio Monteiro Netto¹⁶, e construída por Antônio Linhares, foi o principal centro de lazer, cultura e informação do quarto distrito, apresentando filmes continuamente em quatro sessões diárias. O projeto encaminhado à municipalidade não permite uma apreciação geral da edificação, pois apresenta setores parciais de planta e corte, já

fachada.

¹⁵ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre: Processo número 8952, do filme F40, de 1920, contém dois fotogramas com o mesmo título: Planta para construção de uma galeria e sala de espera no Cine Theatro Talia, à Avenida Eduardo, número 1378.

¹⁶ João Antônio Monteiro Netto “nasceu em 10/05/1893 na cidade de Lapa, no Paraná. Segundo a ‘folha corrida’ profissional por ele assinada e anexa a seu processo no CREA, teria iniciado sua vida profissional em 1914 na Secretaria de Obras Públicas do Paraná. Em 1916 mudou-se para o Rio de Janeiro onde trabalhou na Companhia Construtora Ipanema e na Leopoldina Railways Company. Em 1918 foi desenhista da catedral de Petrópolis. (...) Em fins de 1929 veio ao Rio Grande do Sul, quando passou a trabalhar na Diretoria Geral de Saneamento da Prefeitura de Porto Alegre, na qualidade de desenhista. No ano seguinte teria exercido o cargo de arquiteto-chefe na firma Barcelos & Cia. Estabeleceu-se com escritório de arquitetura de 1931 até 1934.(...) De 1936 até 1940 trabalhou na firma Azevedo, Moura e Gertum como arquiteto. Em 1940 entrou de sócio na firma Spolidoro & Cia, na qual foi responsável pelo Departamento de Arquitetura. (..) A partir de 1948 teve escritório próprio denominado ‘Studio Monteiro Netto’, na Cristóvão Colombo, 1700.” WEIMER, Günter. *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP, 1989. Tese [Doutorado em Arquitetura] – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1989, pp. Q.51-52.

que se tratava da incorporação de uma sala de espera e galeria à edificação existente.

Mas é importante observar que este projeto apresenta também a localização da cabine de projeção, o que indica a conversão desta sala, originalmente um teatro, e sua adaptação para a apresentação de filmes.

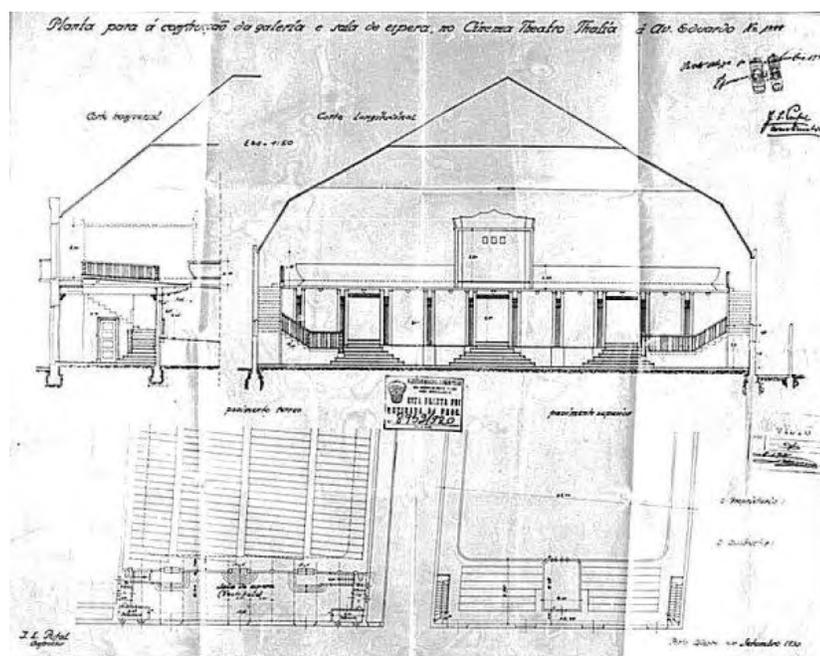


Figura 3.2.23 – **Cine Teatro Talia**. Planta para construção de uma galeria e sala de espera no Cine Teatro Talia. Cortes e plantas setoriais, mostrando o acesso à platéia, balcão e cabine de projeção. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 8952, do filme F040, de 1920.

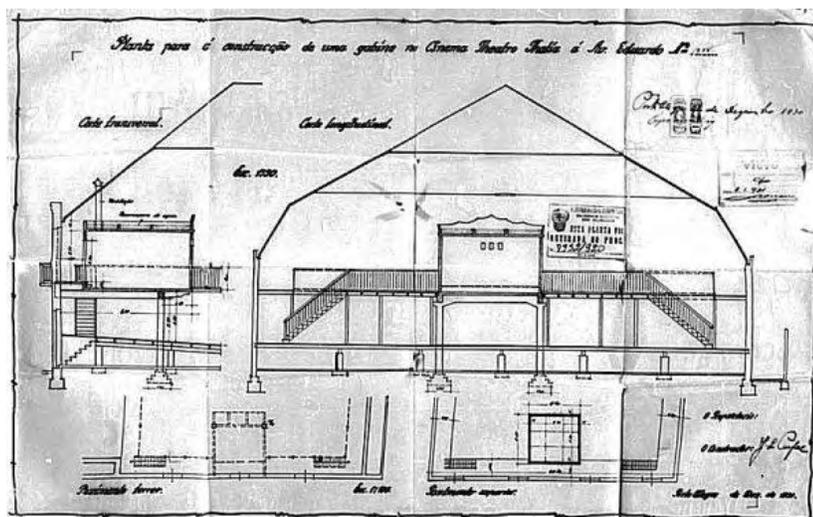


Figura 3.2.24 – **Cine Theatro Talia**. Planta para construção de uma galeria e sala de espera no Cine Theatro Talia. Cortes e plantas setoriais, mostrando a cabine de projeção. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 8952, do filme F040, de 1920.

Após um incêndio, foi reconstruído na década de quarenta, posicionando-se então como sala de segunda linha, apresentando reprises e programas duplos. Em seus momentos finais, só apresentava sessões noturnas, até ser demolido em 1985 e transformado em estacionamento

A primeira sala do **Cinema Carlos Gomes**¹⁷ foi aberta em 1917, na Praça Senador Florêncio, atual Praça da Alfândega, provavelmente no mesmo local do antigo Recreio Ideal. Tinha capacidade para 1530 espectadores, distribuídos em platéia, camarotes, balcões, galerias. Durante a greve de 1917 foi um dos poucos edifícios da cidade a dispor de energia elétrica graças a um gerador próprio. Pelo que se refere Francesco (apud Gastal, 1999, p. 35), cronista da época, parece ter sido local de “reputação duvidosa”:

“(...) de teatro somente tinha o nome, pois era uma espécie de cabaret, onde exploravam o jogo, e cujo gerente era o

¹⁷ Não confundir com a sala atual, uma das últimas salas de rua em ainda em atividade na capital, situada na rua Vigário José Inácio.

Oliveira, um moreno que era compositor. Mandou-me pintar vários cenários, assim passei vários dias, porém o dinheiro quase não via (...)

Também em 1917 são abertos o **Cinema do Centro Cathólico.**, em local não apurado, e, no bairro Tristeza, o **Cinema Maravalha**, pequena empresa familiar onde, segundo Pellin (apud Gastal, 1999, p. 31):

“seu Dario Gontrã trazia os filmes da cidade, seu Sócrates Gandolffi, proprietário do cinema, passava-os e dona Regina, sua esposa, cobrava as entradas - trezentos réis. A máquina funcionava com arco voltaico, espalhando chispas para todos os lados.”

Finalmente em 1918 são abertas três salas localizadas em “arrabaldes” mais distantes do centro da cidade, caracterizadas pela apresentação continuações ou reprises dos grandes sucessos lançados no centro. No dia 13 de julho é inaugurado o **Cinema Orion**, na avenida Bonfim, 178. No arrabalde São João, que começava a firmar-se como pólo cinematográfico de bairro, rivalizando com a rua da Praia, é aberto o **Cinema Vênus**, na avenida Eduardo, atual avenida Presidente Roosevelt. Por fim, numa época em que já se construía Cinemas Palácios e Cine Teatros, é inexplicavelmente inaugurado o **Cinematographo Teresópolis**, no bairro de mesmo nome.

3.3. A população nas salas e a chegada do cinema sonoro e colorido - 1920-1930

A cinematografia a cores será tomada a sério, em Holywood, no próximo ano. Ai daqueles que apreciam fitas a preto e branco. Ai também daqueles que gostam de fitas silenciosas. Trata-se, ativamente de preparar fitas falantes.

Correio do Povo, 13/11/1928

A cor chegou aos cinemas de Porto Alegre em 1927 quando foram projetados os primeiros filmes coloridos, ainda mudos. Como já pudemos nos referir anteriormente, o Jornal A Federação de 7 de outubro de 1929 anuncia a projeção do primeiro filme sonoro da cidade, provavelmente “Broadway Melody”¹, no cinema Apollo, Os cartazes apregoavam em inglês “*the first all-talking, al-singing, all-dancing musica*”, ou seja, um musical todo falado, todo cantado, todo dançado, e com o som impresso na película pelo sistema Movietone. O advento do cinema falado levantou diversas polêmicas e posições antagônicas de ataque e defesa desta evolução técnica. Se por um lado haviam argumentos de que ninguém estaria interessado em ouvir atrizes de belos rostos falarem, jornais levantavam-se em defesa do cinema sonoro. No rio ed Janeiro, por exemplo, o Jornal Diário da Noite,

¹ “BroadwayMelody” foi o primeiro filme sonoro apresentado em Porto Alegre, mas é necessário ressaltar que o primeiro filme sonoro produzido foi “O cantor de Jazz”, com All Johnson, da Warner Bros., estreado nos Estados Unidos em 1927.

de 12 de dezembro de 1929, publicava matéria a respeito da inevitabilidade das mudanças:

“(...) tudo está radicalmente modificado. Os aparelhos de sincronização que permittiram o cinema falado, significam rigorosamente uma revolução e uma revolução vencedora na materia. Tenho ouvido dizer que aqui se move uma campanha contra o cinema falado. É tolice. Ninguém conseguirá mais derrotal-o. Basta lembrar que as grandes empresas productoras de films dos Estados Unidos estão fazendo e melhorando cada vez mais, as suas installações especiaes para esse novo genero cinematographico, e invertem nessas installações milhões de dollares que não podem ser empregados assim por um méro capricho ou tentativa de duração passageira. A synchronização dominou por completo e não será derrotada. Nem que as fabricas quizessem não poderiam mais voltar atraz, porque já avançaram em gastos que seriam na peor das hypotheses decisivos”.

Em Porto Alegre a exibição do “cinema falado” no Cinema Apollo causou grande expectativa, conforme retratava o Jornal A Federação de 7 de outubro de 1929:

“Conforme a firma Greco E. C. a primeira exibição de cinema falado será no cinema Apolo, com maquinária importada de empresa de rádio Pacent Reproducer, com a película ‘Brodway Melody’ é falado, cantado e dançado”

Todavia, enfrentava opositores nos defensores do cinema com forma de expressão artística, como o articulista Augusto Meyer escreveu na Revista do Globo de outubro de 1929:

“Não se trata de uma nova invenção dentro do cinema e sim de uma confusão de valores (...) Pois o cinema falado é uma invenção tão absurda como a pintura cantada ou a poesia comida (...)”

Além da questão estética de sobreposição de uma linguagem oral a uma imagem por si só significativa, os filmes sonorizados apresentavam o

inconveniente de serem falados em inglês e legendados em espanhol, num estado onde apenas 38% da população era alfabetizada.

A exibição de filmes começa na década de vinte a se apoiar numa estrutura empresarial mais sólida, o que é confirmado pelo surgimento de mais de uma sala administrada pela mesma empresa. Surgem assim as primeiras redes exibidoras em Porto Alegre, que irão se solidarizar nos anos seguintes. Também deixa o cinema de ser mais uma entre diversas atrações de espetáculos burlescos ou shows de cabaré.

A década de 20 incorpora definitivamente à cultura nacional o culto às estrelas de cinema, como a alemã Greta Garbo, bem como o início de certa idealização de um *american way of life*, envolto simultaneamente numa aura de glamour e o progresso do primeiro mundo. Guilherme de Almeida na Coluna “O Cinematógrafo” de 11 de outubro de 1928, no jornal O Estado de São Paulo, retrata o imaginário da época:

“Oh! – Victrola Ortophenica Auditorium – Blue Heaven – Alto-falante – The Talkies – Rádio – Fios, fios e fios – Gollas de lynce no pescoço raspado das mulheres – Tremores de blacks e blues nos joelhos de seda descobertos – Cimentos armados enormes, enormes, pintados de novo – Barulhos de klaxons roucos – Flirts: telepathia, telegrama, telephone, tele... daqui a pouco televisão – America, America, America: construção, amplidão e improvisação – Cheiro de cal e duco – Tudo novo, tudo grande...”

O entusiasmo em relação ao progresso, à cultura americana, ao consumo de filmes, de astros, de costumes, faz com que as fachadas dos cinemas sejam literalmente forradas por cartazes, anúncios, ilustrações, criando desta maneira uma nova profissão: o cenógrafo. Este profissional era responsável pela pintura de cartazes, painéis, reclames e cavaletes que eram colocados sobre o passeio público. O público acompanhava com grande expectativa a transformação

das fachadas, que precedia à estréia dos filmes, sempre grandes sucessos de bilheterias. Todavia, seguidamente o mau tempo e as chuvas colocavam por terra todo um trabalho de pintura, naquelas casas que não possuíam marquises ou espaços protegidos.

Na grande tela o público assistia às comédias (dramáticas) de Charles Chaplin em “Em busca do Ouro” e “O garoto”, ao expressionismo alemão de Fritz Lang em “Metrópolis” e de Robert Wiesne em “O gabinete do Dr. Caligari”, ao drama histórico russo “Encouraçado Potemkim” de Serguei Eisenstein, aos romances de Rodolfo Valentino em “O Sheik”. O interesse do público pelo cinema faz surgir em Porto Alegre em 1927 a revista especializada *A Tela*, que circulou até 1937.

A década de 20 inicia com a abertura, em 12 de novembro de 1920, do **Cinema Palais**, também citado como o **Cinema Palácio**, ou **Theatro Palácio**, na rua Coronel Genuíno, número 206, próximo à Ponte do Riacho. Tinha como proprietário Emílio B. Adam, e lotação de 980 pessoas.



Figura 3.3.1 – **Cinema Palais**, apresentado na fotografia como “Theatro Palácio”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

A fachada indica ter sido uma sala muito simples, apresentando dois pavimentos, com cinco aberturas idênticas em cada nível. A cobertura é ocultada por uma platibanda vazada por elementos de cimento, coroada por uma série de pinhas. Sobre a abertura central um pequeno frontão apresenta o nome da sala.



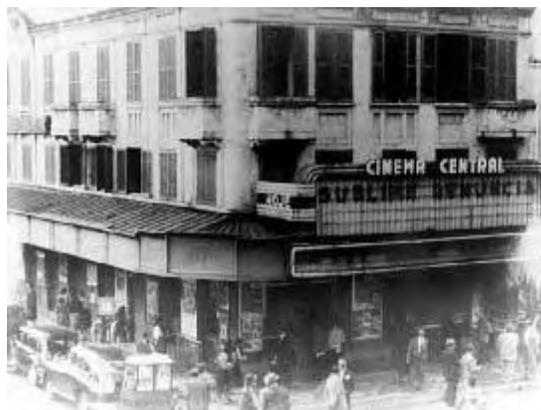
Figura 3.3.2 – **Cinema Palais**, vista da platéia. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

A platéia era plana, apresentando balcões laterais junto ao palco-plateia. Uma constatação curiosa, despertada pela fotografia da platéia e que confirma o caráter popular do cinema e especificamente desta sala é a presença maciça de negros na platéia. Provavelmente era composta por moradores do Areal da Baronesa, antiga chácara da Baronesa do Gravataí, Dona Maria Emília da Silva Pereira, zona onde se escondiam escravos fugidos de seus donos, no final do século XIX. Posteriormente transformou-se em zona habitacional de famílias pobres, sem nenhuma infra-estrutura urbana. O cinema Palais foi demolido na década de 40 e no mesmo local construído o Cinema Marabá, inaugurado em 1947, junto a apartamentos residenciais.

O **Cinema Central**, de propriedade dos Irmãos Sirângelo ², é inaugurado em 5 de março de 1921, na rua da Praia, número 343, próximo à praça da Alfândega, atual rua dos Andradas, número 1162. Localizado numa das esquinas

mais valorizadas do centro da cidade, no mesmo local do antigo **Cinema Variedades**, inaugurado em 1908, também localizado ao lado do Café América. Anteriormente ao Cinema Variedades, no mesmo local havia a antiga estação de mudas de animais de tração dos bondes da Carris, chamada “Caixa de fósforos”.

Figura 3.3.3 – **Cinema Central**, apresentando em cartaz o filme “Sublime Renúncia”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.



O local chamava-se “Largo dos Medeiros”, onde também se localizava a Confeitaria Central, dos Irmãos Medeiros, que deram nome ao largo. Qualificado de “elegante” pelos jornais da época, foi inaugurado numa época de filmes mudos, maxixe e charleston, damas melindrosas, homens com figurino dândi e chapéus picareta, exigindo gravata do público masculino, era o mais amplo e confortável dos cinemas de sua época, contando com 1350 poltronas distribuídas em “três platéias” e nas galerias com gradís de ferro batido. Pouco anos depois de inaugurado passa por reformas que o dotam de palco e estrutura cênica para apresentações teatrais e espetáculos de variedades, quando sua capacidade foi reduzida para 920 lugares. Durante a década de 50 foi lançador de filmes da PELMEX - Películas Mexicanas, estatal mexicana distribuidora de filmes para a América Latina.

² Os irmãos Pasqual, Francisco e Salvador Sirângelo , após fecharem o elegante Café Gioconda, resolveram aventurar-se no ramo cinematográfico, construindo um pequeno império familiar, incorporando novas casas à empresa, como o Carlos Gomes, o Guarany, o Garibaldi, o Coliseu, o Palácio e o Colombo.

Durante muitos anos o Central foi considerado o principal cinema de Porto Alegre. Em 12 de março de 1930, o jornal Correio do Povo publicava:

“Central continua ‘leader’ dos cinemas da capital. Para isso contribuíram, em grande parte, a excelente programação que sempre tem apresentado aos seus habitués; programação essa constituída dos maiores filmes das mais reputadas produtoras norte-americanas e européias; a estréia, em seu proscênio, seguidamente, dos melhores números de teatro, assim como, também, a escolha de seus funcionários, sempre solícitos em atenderem à altura, os freqüentadores dessa casa de diversões. Outro motivo do agrado com que nosso público tem sabido distinguir o Central, está na sua orquestra, formada pelos professores, sob regência do maestro Milton de Calazans, merecedora de elogios, pela sabida escolha de seus programas musicais, que dão ao filme uma perfeita sincronização.”



Figura 3.3.4 – Cinema Central, apresentando em cartaz o filme “Rebecca”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Funcionou até os anos sessenta, quando foi demolido para dar lugar a um banco, o que foi bastante lamentado pela população, conforme publicava dia 3 de abril de 1960 o Jornal Diário de Notícias:

“Era no cinema Central, freqüentado nas vesperais de domingo pela juventude, que tinham início flertes e namoros.”

(...) A verdade é que todos sentimos o 'The End' na fachada do Cinema Central."

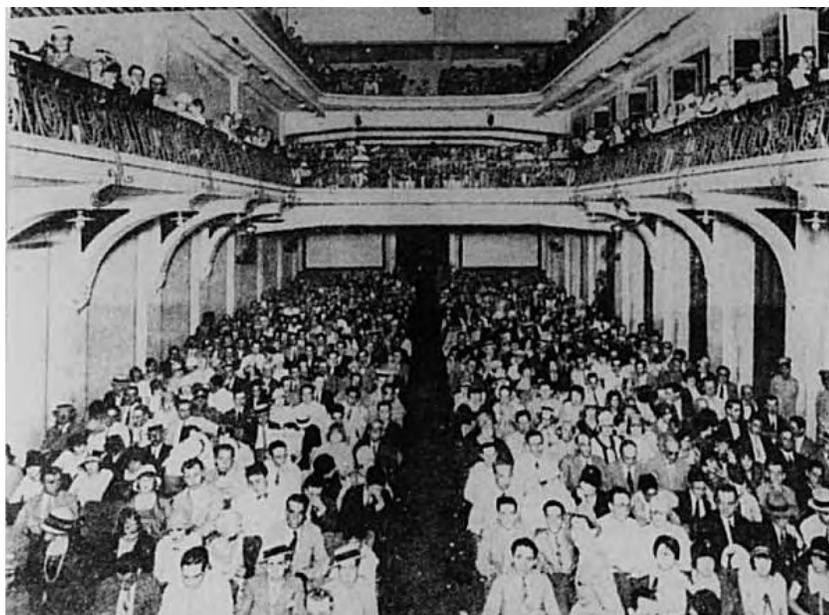


Figura 3.3.5 – **Cinema Central**, lotação completa em vista da platéia, galerias laterais e balcão. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Na esquina da Rua dos Andradas com General Câmara, só resta um prédio do início do século: foram demolidos na década de 50o Palácio Chaves, ou "do Relógio (onde hoje há o edifício de mesmo nome)"; a Confeitaria Central, menor, atrás do Cinema Central, ao lado do Café América, tradicional ponto de encontro da sociedade porto-alegrense e a Confeitaria Colombo. Todos os prédios foram substituídos por estabelecimentos bancários.

No mesmo ano de 1921 é aberto o **Cinema Recreio**, na rua Barão do Triunfo esquina com a rua Nunes Machado. Tinha como lotação escassos 135 lugares, provavelmente devido ao fato de ser um cinema "de arrabalde".

Em 1922 são abertas duas novas salas: em 28 de janeiro o **Cine Teatro Variedades**, localizado ao ar livre no Jardim Zoológico; e em 1º de agosto, o **Cinema República**, na rua Sete de Setembro.

Em 03 de outubro de 1923 foi inaugurado o **Cinema Orpheu** ³, na rua Benjamin Constant, 1891, atual número 1191, esquina com Cristóvão Colombo. De propriedade da empresa Mendelski e Irmãos, tinha projeto e construção de João Luiz Pufal ⁴, e Eduardo Pufal ⁵. Com lotação de 1395 lugares, apresentava “funções” noturnas, com músicos e artistas de variedades, intercalados com sessões de cinema, programas duplos e reprises.



Figura 3.3.6 – **Cinema Orpheu**, vista atual, após fechamento. Foto do autor.

A planta baixa apresenta uma pequena sala de espera, platéia retangular e palco de boa dimensão, complementado por camarins e locais de apoio, o que habilitava o Orpheu à apresentação de espetáculos de variedades. A

³ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 1500, do filme F019, de 1922, contém os seguintes fotogramas: Fachada para a rua Benjamin Constant e planta baixa do pavimento térreo; Corte transversal, corte longitudinal e planta baixa da galeria

⁴ João Luiz Pufal “nasceu em Alfredo Chaves, RS, em 08/12/1892. Intitulava-se arquiteto-construtor, porém sua licença era simplesmente de construtor de prédios até quatro pisos e vãos de até 10m. Antes de se registrar no CREA, porém, já havia construído algumas obras significativas, como o Cine Orpheu, a fábrica de móveis Walter Gerdau (rua Voluntários da Pátria esquina Brasil) em 1924, a fábrica da FIATECI, na esquina da Voluntários com São Pedro, no ano seguinte e o edifício da Companhia Predial e Agrícola, na 7 de setembro (...) Suas fábricas no ‘estilo utilitário’, à sua época representaram um considerável avanço em direção à arquitetura moderna.” WEIMER, Günter. *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP, 1989. Tese [Doutorado em Arquitetura] – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1989, p. Q.59.

⁵ Eduardo Pufal “nasceu em 24/07/1899, como filho do construtor Jacob P., em Porto Alegre. Intitulava-se projetista-construtor e era sócio de seu irmão João Luiz P. com o qual construiu o Cine Teatro Orpheu em 1922, quando ambos trabalhavam com o pai. Seu registro no CREA (nº 66) foi cancelado em 1948 por ter sido cassada a carteira ‘por ato desabonador’. A partir de então todas as obras da empresa corriam sob a responsabilidade do irmão que era construtor enquanto Eduardo elaborava os projetos.” WEIMER, Günter. *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP, 1989. Tese [Doutorado em Arquitetura] – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1989, p. Q.59.

fachada apresenta-se simetricamente composta, com um aceso central e duas saídas laterais para o fim de sessões. As três portas são coroadas por frontões, sendo a central de maior hierarquia no conjunto. As aberturas em arco no pavimento superior seguem o mesmo princípio que os frontões laterais.

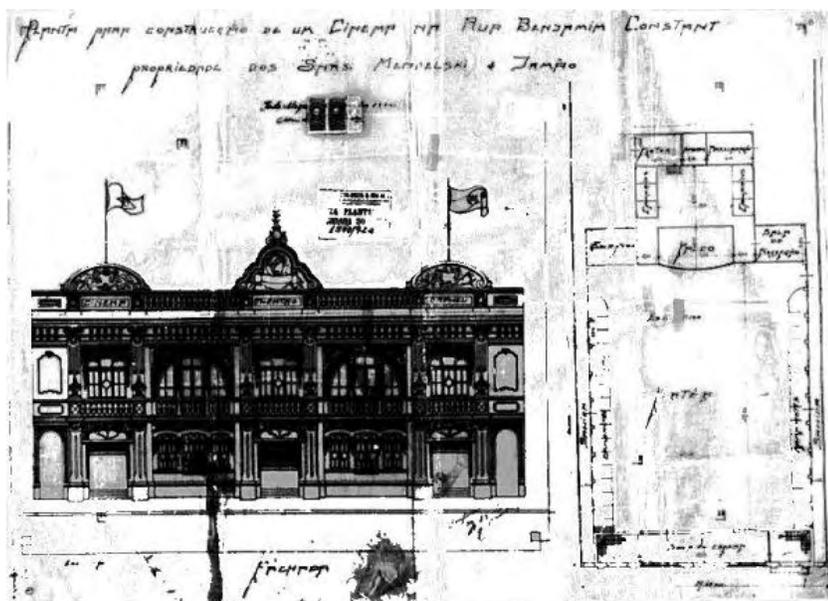


Figura 3.3.7 – **Cinema Orpheu**, fachada principal e planta baixa do pavimento térreo. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 1500, do filme F019, de 1922.

Em 1963 foi reformado e dotado de modernas poltronas Pullman, mudando o nome para Astor. Fechou em 1984, encontrando-se atualmente em estado de total abandono.

Em 1923 é aberto o **Cine Theatro Carlos Gomes**, na rua Vigário José Inácio, número 355. A fachada apresenta um pavimento térreo protegido por uma marquise, por onde se dá o acesso à pequena sala de espera e bilheteria. A fachada do pavimento superior é estruturada em três corpos, com predomínio do corpo central, coroado por um frontão, enquadrando uma estátua, o que confere certa nobreza ao hoje combalido Cine Theatro Carlos Gomes. A platéia conta com mais de 2000 lugares. Em seu palco se apresentaram Noel Rosa, Francisco Alves, Procópio Ferreira, o tenor Carlo Buti, ilusionistas, malabaristas, ventríloquos e

companhias de revista. Com a decadência do centro da cidade e consequentemente as salas ali localizadas, a programação do cinema Carlos Gomes , que inicialmente caracterizava-se por filmes de primeira linha, com o passar do tempo começou a exibir westerns e lutas marciais em programas duplos, finalmente caindo na programação de vídeos pornográficos, o que mantém a sala em atividade atual hoje.



Figura 3.3.8 – Cine Teatro Carlos Gomes. Foto do autor.

Em 1923 são abertas duas salas de “arrabalde”: na Cidade Baixa o **Cinema América**, situado na avenida Venâncio Aires, e o **Cinema Mont Serrat**, provavelmente no bairro de mesmo nome, mas sem local precisamente identificado.

No mesmo ano de 1923 foi inaugurado o **Cinema Avenida**⁶, na Avenida Redenção (atual João Pessoa, número 1105) esquina com a Avenida Venâncio Aires. Tinha como proprietário o senhor Atilio Tedesco, que contratou a construção à empresa Dahne & Conceição.

⁶ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 05085, do filme F059, de 1923, contém os seguintes fotogramas: Perspectiva do prédio; “Detalhe de cimento armado da marquise para o Cinema Avenida”.



Figura 3.3.9 – Primeira edificação do **Cinema Avenida**, após ter sido quase que totalmente derrubada por um ciclone em 1929. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

A sala original era bastante simples, própria para um cinema “de arrabalde”, tinha uma platéia com assentos de primeira e segunda classe, comuns nas primeiras décadas do século XX. Na época dos filmes mudos, contava com uma orquestra de “professores”, que acompanhava árias entoadas pelo tenor Richinitti. A sala foi quase que totalmente derrubada por um ciclone, em 13 de setembro de 1929, durante a exibição do filme “O Barqueiro do Volga”, de Cecil B. de Mille, conforme atesta fotografia da época. No acidente morreu uma pessoa e vinte e cinco ficaram feridas na platéia lotada.

Foi então reconstruída nova edificação, sob responsabilidade dos engenheiros Oscar Silva e José Barreto Vianna, dotada de recursos técnicos mais modernos e capacidade para 1500 espectadores no pavimento térreo e 520 no balcão. A sala de esquina tinha clara orientação para a avenida João Pessoa, hierarquicamente de maior importância urbana que a avenida Venâncio Aires. A fachada principal, volta-se totalmente para a avenida João Pessoa, por onde se dá o acesso, propondo a fachada para a avenida Venâncio Aires quase como uma empena. A proposta reconhece entretanto a esquina, através do arredondamento da aresta, assim como pela elevação de um pequeno frontão.



Figura 3.3.10 – **Cinema Avenida**, vista atual, ocupado pelo Bingo Avenida. Foto do autor.

O crítico de cinema Hiron Goidanich (1995, p. 40) lembra as sessões do Avenida:

“(...) nos vesperais de domingo o Avenida sorteava prêmios. Bola de futebol para os meninos, bonecas para as garotas. (...) Ao término do espetáculo, sempre programa duplo, até quase meia-noite – projetavam um slide engraçado. Uma mão aparecia segurando um castiçal com vela, enquanto a chamada dizia “boa-noite, senhores espectadores”.

Na década de 80, com a diminuição de público nas grandes salas, foi dividido em duas salas: Avenida 1 e Avenida 2. A sala 1 manteve o acesso pela avenida João Pessoa, enquanto que a sala 2

Atualmente abriga o Bingo Avenida, que mantém externamente as características arquitetônicas do edifício original, bem como presta-lhe homenagem ao manter o nome deste lugar tão importante para a cidade.

O projeto apresentado para aprovação junto à Prefeitura Municipal consiste em marquise a ser aposta ao prédio existente. Ao que parece não foi executada, pois não aparece atualmente na edificação.



Figura 3.3.11 – Perspectiva externa do **Cinema Avenida**, projeto encaminhado à municipalidade, apresentando marquise a ser construída sobre o passeio. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 05085, do filme F059, de 1923.

Em 1923 foi inaugurada no centro da cidade mais uma sala, o **Cine Theatro Centenário**⁷, situado na rua Vigário José Inácio, com construção a cargo de Adolf Stern⁸.

⁷ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 141, do filme F019, de 1922, contém os seguintes fotogramas: Plantas baixas do pavimento térreo e galeria; Fachada para a rua Vigário José Inácio.

⁸ Adolph Alfred Stern “nasceu em Riga, na Letônia em 30/12/1879. Com dois anos de idade emigrou para S. Leopoldo onde fez o curso ginásial no colégio dos jesuítas onde se empregou como funcionário subalterno. Promovido a professor, não ficou muito tempo no posto pois foi contratado para lecionar no Instituto Júlio de Castilhos, depois de rápida passagem por Livramento. Paralelamente, estudou engenharia formando-se no curso de estradas em 1909 e em Arquitetura e Hidráulica, no ano seguinte. Ingressou então no magistério Superior. Em 1912 foi mandado à Itália a fim de estudar arquitetura e engenharia. Logo após sua volta abriu seu escritório de arquitetura e construção. (...) Esteve envolvido com vários empreendimentos arquitetônicos como projetista, construtor ou fiscal. (...) Seu projeto mais conhecido é o edifício da Companhia Estadual de Energia Elétrica, na rua dos Andradas, 1223. WEIMER, Günter. *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP, 1989. Tese [Doutorado em Arquitetura] – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1989, p. Q.76.



Figura 3.3.12 – Cine Theatro Centenário, fachada principal.

A construção ocupa a quase totalidade do lote, com exceção de duas pequenas áreas simétricas, situadas no fundo do lote, para iluminação e ventilação de sanitários e camarins. A planta baixa do pavimento térreo é estratificada em 3 setores: sala de espera, platéia, palco e sanitários e locais técnicos.

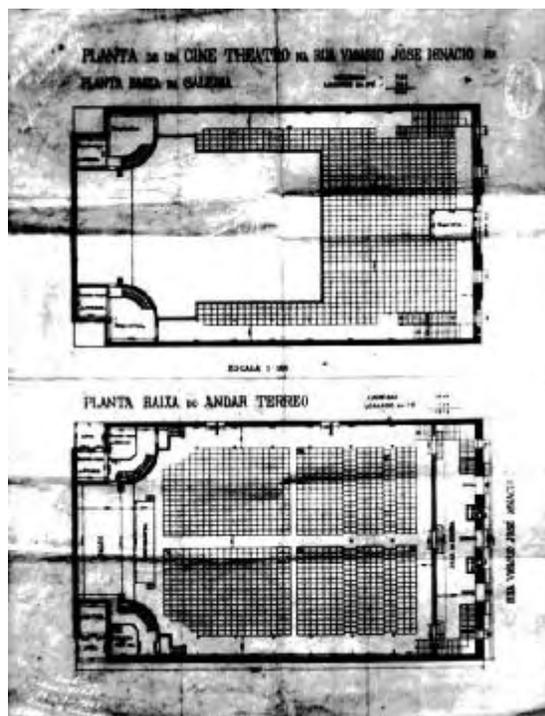


Figura 3.3.13 – Cine **Theatro Centenário**, planta baixa pavimentos superior e térreo.

No pavimento térreo a lotação é de 1710 pessoas, distribuídas em 1238 cadeiras e 472 “logares em pé”, na galeria e lotação é de 1038 pessoas, distribuídas em 738 cadeiras e 300 “logares em pé”. O cinema totaliza assim 2276 lugares, o que o colocava como um dos maiores da cidade à época.

Apesar da pouca profundidade do palco, é muito provável que a sala recebesse espetáculos teatrais, pois o espaço é complementado por dois “guarda-roupas para artistas” e um lavado, oposto a um “motor” e “depósito para óleo” o que asseguraria sessões noturnas em caso de panes de fornecimento de energia elétrica por parte da municipalidade. No pavimento superior lateral do palco situam-se em cada lado, um “Guarda-roupa para artistas” e um local “Requisitos” (?).

A fachada neoclássica segue o princípio dos *palazzos* renascentistas, apresentando-se estratificada tanto horizontalmente quanto verticalmente. Horizontalmente observa-se a tripartição do edifício em base, corpo e ático. A base apresenta acabamento rusticado, por onde se dá o acesso

centralizado ao edifício. Segue-se um *piano nobili*, e finalmente o coroamento, através de um frontão de templo grego numa referência explícita à arquitetura do período renascentista. Desta maneira aproxima-se o edifício dos grandes teatros, afastando-o dos cinemas, simplesmente pela falta de referência do que poderia ser um edifício de cinema, um programa arquitetônico novo para a época.

O **Cine-Theatro Navegantes** ⁹ foi inaugurado em 1923, na avenida Germânia, atual avenida Cairu, antigo número 26c, Esquina com a rua Rio Grande. Com projeto e construção de H. C. Schubert ¹⁰, a sala foi implantada no Quarto Distrito da capital, zona residencial operária, contando com diversas indústrias e depósitos. Devido à grande densidade habitacional, este bairro verá, nas primeiras décadas do século, implantarem-se diversas salas de cinema, o que confirma a vocação inicial do cinema como uma atividade de lazer essencialmente popular.



Figura 3.3.14 – **Cine Theatro Navegantes**, fotografado à época de sua inauguração. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

⁹ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 507, do filme F017, de 1920/1921, contém os seguintes fotogramas: Planta baixa do pavimento térreo; Corte longitudinal; Corte transversal; Fachada principal; Fachada lateral.

¹⁰ H. C. Schubert era um construtor estabelecido na rua Voluntários da Pátria, 635.

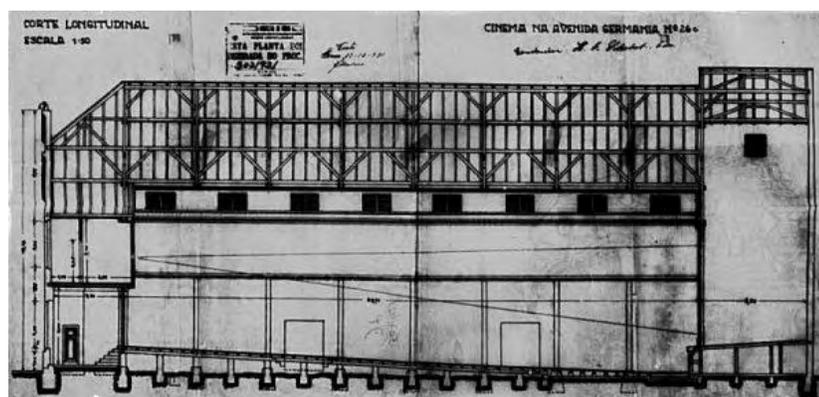


Figura 3.3.16 – Cine Theatro Navegantes, corte longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 507, do filme F017, de 1920/1921.

A fachada faz referência ao barroco brasileiro, inserindo o edifício no movimento “neocolonial”¹¹. Ainda que implantado em terreno de esquina, a fachada sobre a avenida Germânia, é qualificada como principal, por onde se dá o acesso à sala, negando a opção usual de acesso pela esquina. Esta preferência pode ser explicada por diversos pontos: a avenida Germânia era hierarquicamente superior à avenida Rio Grande; as dimensões e proporções da referência barroca prestavam-se bem mais à implantação numa fachada de menor dimensão (Germânia) que numa fachada extensa (Rio Grande). A referência explícita à igreja barroca, é reforçada pela frontalidade da edificação.

¹¹ Termo criado por José Mariano Filho, mentor de movimento artístico nacionalista, visando o resgate da arquitetura e arte tradicionais brasileiras. SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, capítulo 2, do Anticolonial ao Neocolonial: a busca de alguma modernidade 1880-1926.

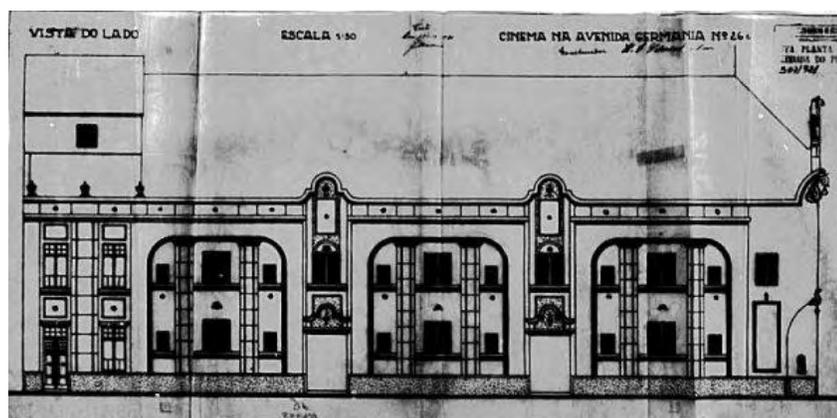


Figura 3.3.17 – **Cine Theatro Navegantes**, fachada para a rua Rio Grande. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 507, do filme F017, de 1920/1921.

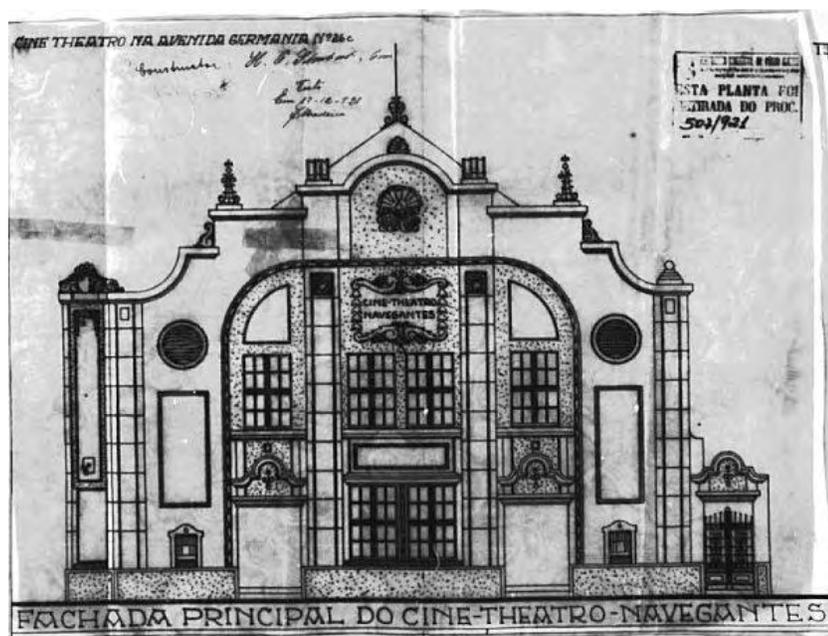
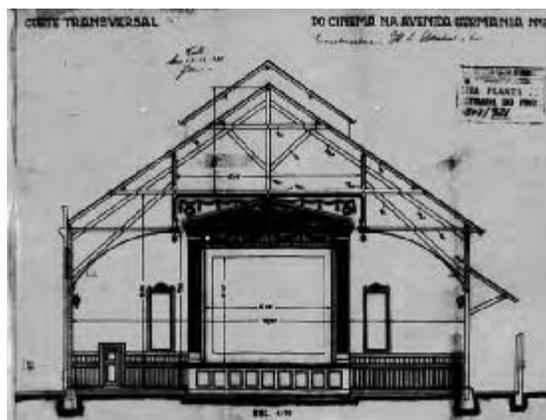


Figura 3.3.18 – **Cine Theatro Navegantes**, fachada para a rua Cairu. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 507, do filme F017, de 1920/1921.

Devido ao fato de estar localizado em zona de cota baixa do município, sujeita a alagamentos, o Cine-Theatro Navegantes passou por várias enchentes, especialmente em 1941, que inundou grande parte da cidade, principalmente em zonas adjacentes ao Guaíba.

Figura 3.3.19 – **Cine Teatro Navegantes**, corte transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 507, do filme F017, de 1920/1921.



O cinema funcionou por mais de 50 anos, fechando finalmente na década de 70. Atualmente o prédio ainda tem conservadas suas fachadas e a cobertura, abrigando em seu interior um depósito para produtos congelados, juntamente com uma fábrica e comércio de gelo.

No dia 8 de junho de 1924, é aberto o **Cine Teatro Moderno**, na rua das Flores, atual rua Siqueira Campos. Pouco depois, em 5 de agosto do mesmo ano é inaugurado o **Pavilhão Elegante**, sem local preciso.

O **Salão da Glória**, pequena sala de 300 lugares, foi aberto em 1924, na avenida Oscar Pereira, localizada no bairro Glória. Após ser reformado em 1930, é reaberto como **Cinema Glória**.

Em 1925, foi inaugurado o **Cinema Gioconda**, com 600 lugares, situado na rua Borges de Medeiros, atual avenida Wenceslau Escobar, no arrabalde da Tristeza. Era uma sala de pequeno porte, fazia reprises de filmes de sucesso no centro da cidade, apresentando também matinês de seriados completos. Fechado na década de sessenta, seu prédio serviu de estúdio para a empresa Teixeira Produções Cinematográficas. Posteriormente foi ocupado por um supermercado, quando foi então totalmente descaracterizado. Atualmente abriga a Agência Tristeza da Caixa Econômica Federal. A fachada original, ocultada

por um painel metálico, permite perceber-se a oposição entre a transparência e permeabilidade do pavimento térreo, oposto à opacidade do pavimento superior, onde se localizava o apartamento do proprietário da sala. Na lateral do prédio percebe-se as esquadrias destinadas à ventilação da sala e eventual iluminação.



Figura 3.3.20 – Cinema **Gioconda**, vista frontal. Foto do autor.



Figura 3.3.21 – Cinema **Gioconda**, vista lateral. Foto do autor.

O **Cinema Popular (Capitólio)**¹² foi inaugurado em 12 de outubro de 1928 com o filme *Casanova – o Príncipe dos Amantes*. Situado na rua Demétrio Ribeiro, 1085, esquina com a Avenida Borges de Medeiros. De propriedade do alfaiate José Faillacce teve sua construção em estilo neo-renascentista conduzida por Domingos F. Rocco, sendo reformado logo em 1935.

12 Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 5901, do filme F197, de 1927, contém os seguintes fotogramas: Planta baixa pavimento térreo e planta baixa do subsolo; Planta baixa dos dois níveis de galerias; Corte Longitudinal; Corte transversal e setor de planta com cabine de projeção; Fachada rua Demétrio Ribeiro e Corte transversal; Fachada avenida Borges de Medeiros



Figura 3.3.22 – **Cinema Capitólio**, vista exterior. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Era uma sala lançadora de filmes da Warner Bros e Columbia Pictures, juntamente com o Cinema Vera Cruz. Além da projeção de filmes em seus salões também eram apresentadas peças teatrais e ocorriam bailes infantis de carnaval.

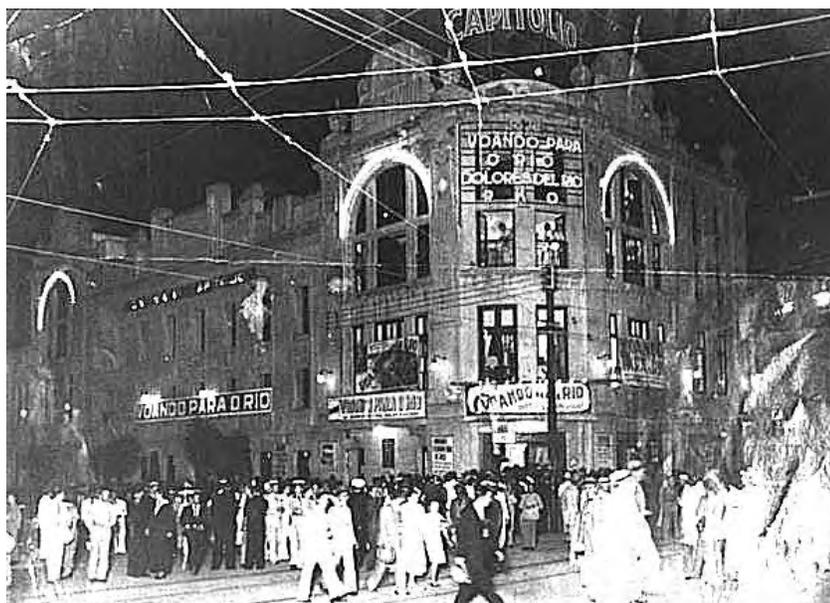


Figura 3.3.23 – **Cinema Capitólio**, vista noturna, em cartaz “voando para o Rio”, com a atriz Dolores Del Rio. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

O pavimento térreo era composto por uma pequena sala de distribuição, contígua a um bar e um foyer de onde era possível acessar a platéia

ou o pavimento superior, através de duas escadas simétricas. No subsolo havia uma sala para músicos e um depósito

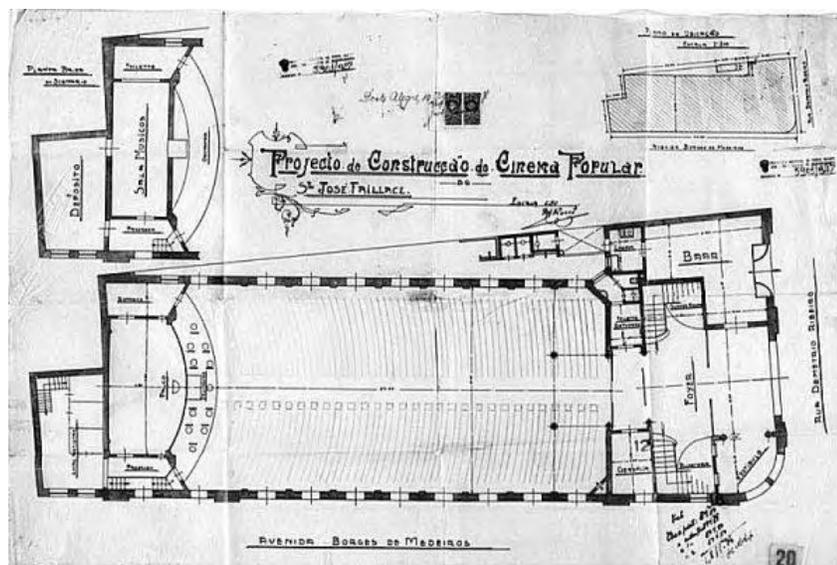


Figura 3.3.24 – Cinema Capitólio, plantas baixas do subsolo e do pavimento térreo. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 5901, do filme F197, de 1927.

No pavimento de acesso à primeira galeria há uma sala de espera contida por duas escadas simétricas de acesso aos três níveis da sala. Em ambos os lados da larga circulação central de acesso à galeria existem duas pequenas salas, com legenda ilegível, talvez uma chapelaria e uma bombonière. Também neste pavimento existem dois conjuntos sanitários, masculino e feminino. Os assentos são dispostos em forma de ferradura, com grande parte dos espectadores colocados nas laterais da sala. A primeira galeria conta com aproximadamente 210 lugares.

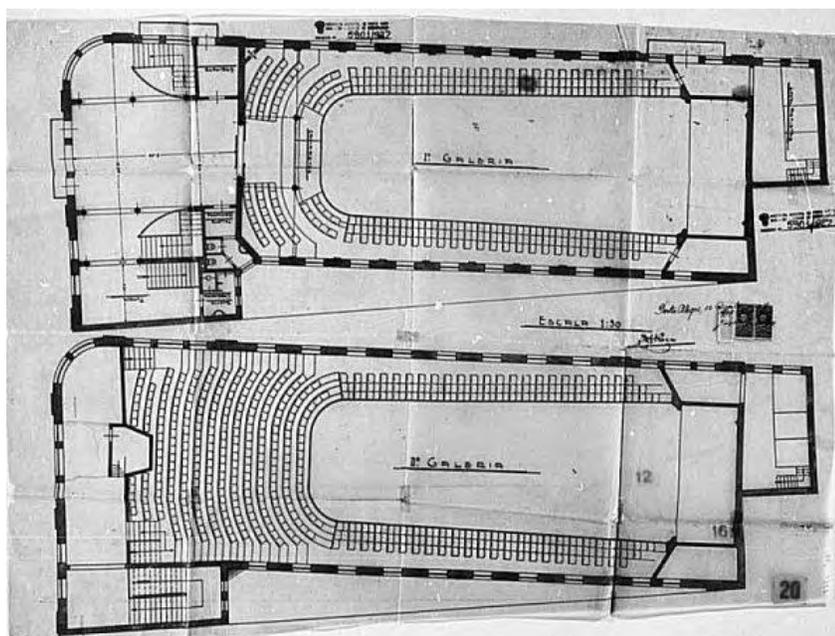


Figura 3.3.25 – Cinema Capitólio, plantas baixas primeira galeria e segunda galeria. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 5901, do filme F197, de 1927.

O acesso à segunda galeria de 400 lugares é feito pelo mesmo conjunto de escadas, por onde se alcança diretamente o fundo da sala, não existindo neste nível sala de espera nem sanitários públicos. Por uma das escadas é acessado ampla sala, provavelmente local utilizado para administração do cinema, por onde se acessa finalmente a cabine de projeção. O público da Segunda galeria distribui-se nas laterais da sala, como no pavimento inferior, mas também em poltronas frontais, em um balcão que avança ao fundo da sala por sobre a sala de espera da primeira galeria.

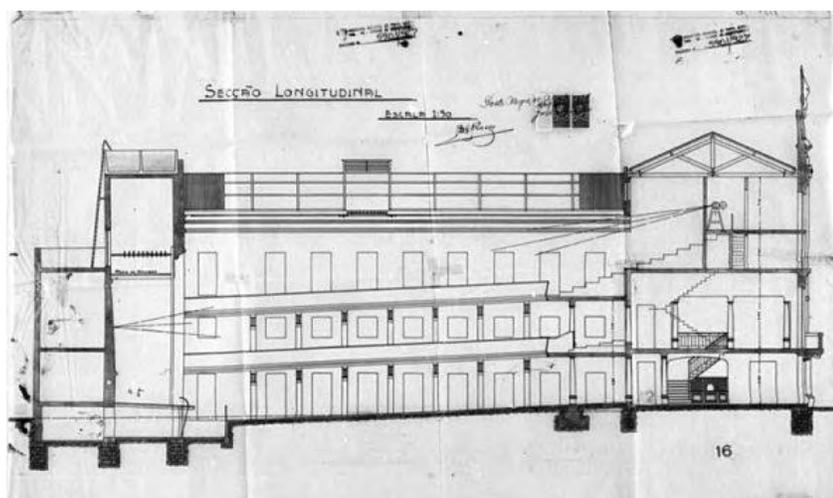


Figura 3.3.26 – Cinema Capitólio, corte longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 5901, do filme F197, de 1927.

As fachadas foram desenvolvidas dentro de princípios compositivos neoclássicos, dividindo o edifício em base, corpo e ático. A fachada voltada para a rua Demétrio Ribeiro é organizada em três corpos verticais, o central de maior hierarquia, por onde se dá o acesso à sala. A fachada para a avenida Borges de Medeiros, também dividida em três corpos, emoldura o corpo central, mais baixo com dois pórticos laterais.

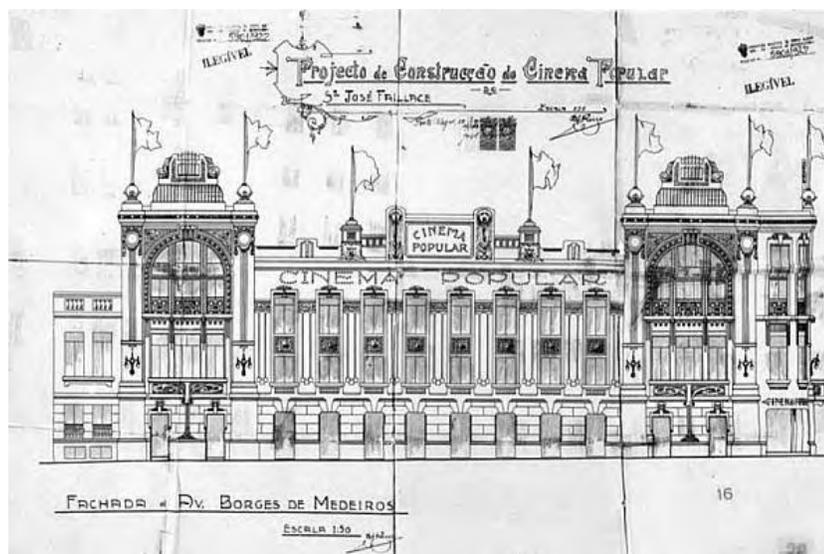


Figura 3.3.27 – Cinema Capitólio, fachada para a avenida Borges de Medeiros. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 5901, do filme F197, de 1927.

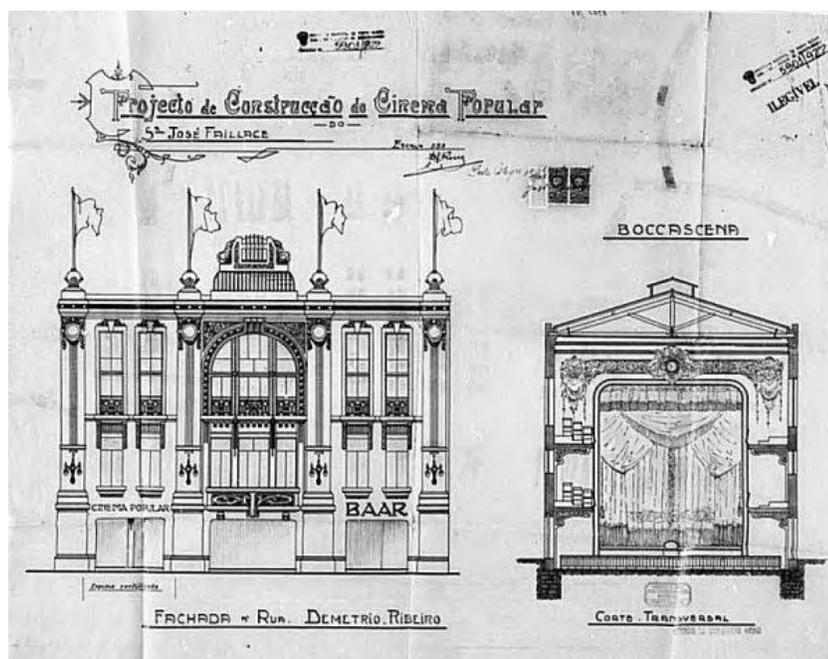


Figura 3.3.28 – **Cinema Capitólio**, fachada para a rua Demétrio Ribeiro e corte transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 5901, do filme F197, de 1927.

Na década de 70 foi novamente reformado o que o descaracterizou bastante internamente. Em 1969, o prédio foi arrendado e reabriu com o nome Premier (ou Première). Foi fechado definitivamente no dia 30 de junho de 1994, quando os arrendatários entregaram à família Faillacce um edifício sucateado, que terminou seus dias apresentando filmes pornográficos.

De acordo com o jornal Zero Hora de 31/10/98 “foi assumido pelo Serviço Social do Comércio (SESC) um ano depois (...) serão investidos R\$ 5 milhões para transformar o prédio, de estilo neo-renascentista, em centro cultural. Não há previsão de data para conclusão das obras. O SESC administrará o Capitólio por 50 anos, montando oficinas de teatro e cinema.” Mas infelizmente até o momento, nada foi feito.

Em 1928, após construção de nova sala, é reaberto o **Cinema Colombo**¹³, inaugurado inicialmente em 1914 na avenida Christovam Colombo, 1386, no arrabalde Floresta.



Figura 3.3.29 – **Cinema Colombo**, apresentando o filme “O Vento e o Leão”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa

Implantado em terreno de configuração trapezoidal, o pavimento térreo é constituído por uma sala de espera acessada pela porta principal, contígua a duas amplas circulações laterais de saída das sessões. O fluxo de público entre sessões é distribuído através do acesso central para entrada e acessos laterais para saída. A platéia conta com 800 lugares, distribuídos em quatro setores. O palco mede aproximadamente 12,00 metros na boca de cena e 12,00 metros de profundidade, razoavelmente dimensionado para apresentação de espetáculos, além das sessões de cinema, complementado por três camarins e um WC nos setores laterais, o que justifica a denominação Cine Theatro aposta ao frontão na

¹³ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 737, do filme F031, de 1928, “Projecto para reconstrução do Cine Theatro Colombo” contém os seguintes fotogramas: Implantação, Plantas baixas do subsolo, pavimento térreo e galeria, cortes transversal e longitudinal; Fachada principal.

fachada. As galerias situadas no pavimento superior, contando com aproximadamente 120 lugares, são acessadas a partir de duas escadas laterais à sala de espera. Nesta pavimento estão também localizados espaços técnico e administrativos, como “Escritório, Cabine das projecções e Salla de revisão das fitas e Archivo,”.

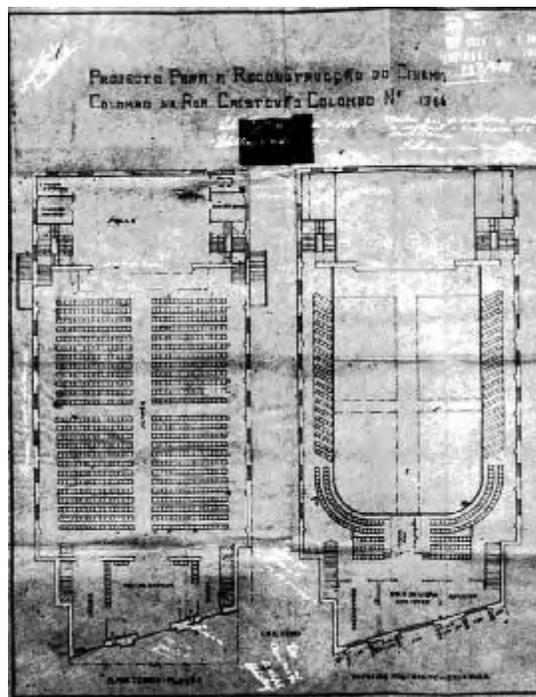


Figura 3.3.30 – Cinema Colombo, planta baixa pavimentos térreo e superior (galerias). Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 737, do filme F031, de 1928.

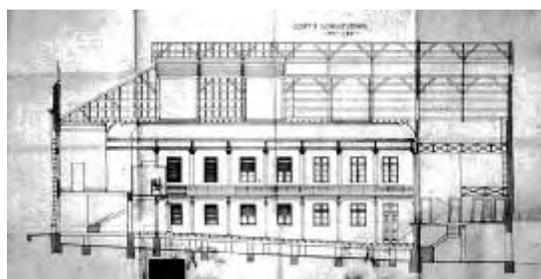


Figura 3.3.31 – Cinema Colombo, corte longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 737, do filme F031, de 1928.

A fachada neoclássica apresenta o edifício composto por três corpos, sendo o central de maior altura. A fachada construída diferencia-se da projetada pela construção de uma marquise metálica, não prevista no projeto encaminhado à municipalidade para aprovação, separando o pavimento térreo permeável do

pavimento superior. O fato de ter sido construída em estrutura metálica leve também indica a transitoriedade deste elemento.

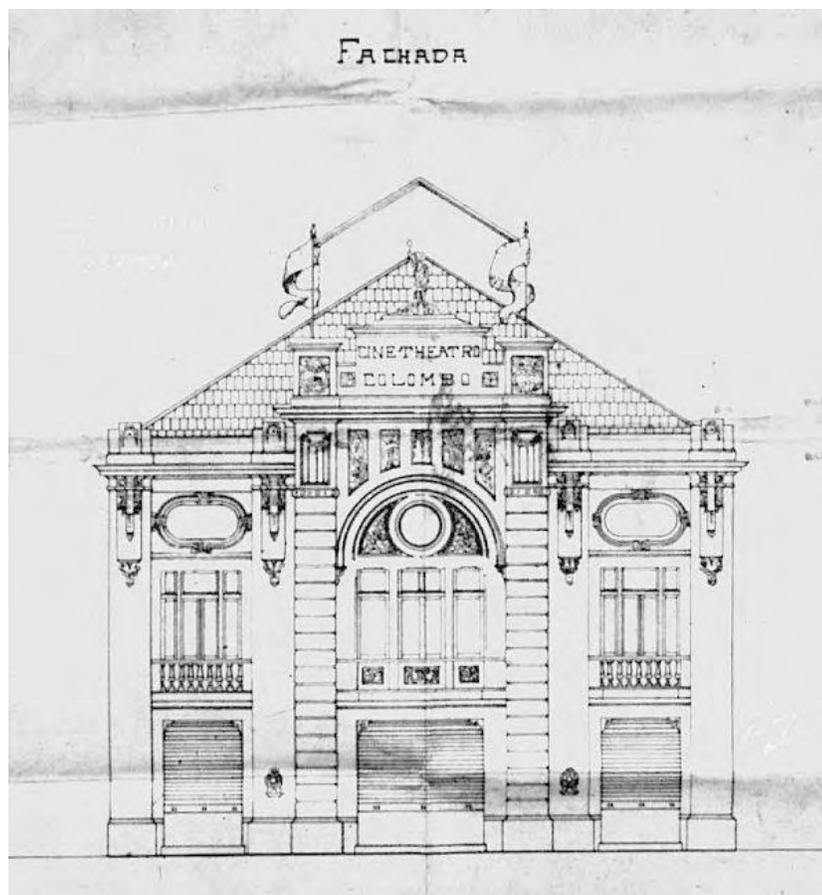


Figura 3.3.32 – Cinema Colombo, fachada principal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 737, do filme F031, de 1928.

O corte longitudinal permite observar-se a inclinação da platéia, em vista as galerias laterais. O palco apresenta importante elevação em relação à platéia, e sob ele um porão.

O Cinema Colombo fechou na década de 70, havendo indicações de que seu prédio ainda exista, talvez bastante descaracterizado ou coberto por uma fachada metálica comercial.

O **Cine Teatro Ypiranga**¹⁴ foi inaugurado em 1928, na avenida Cristóvão Colombo quase esquina com a rua Ramiro Barcelos. O projeto encaminhado à municipalidade para aprovação é uma “Planta para modificação das aberturas, prolongamento das galerias e aumento da altura do palco na construção do Cinema Ypiranga à rua Christovam Colombo n° propriedade dos Snrs. Pianca Irmãos”, não se tratando portanto de documento para aprovação da construção da edificação original.

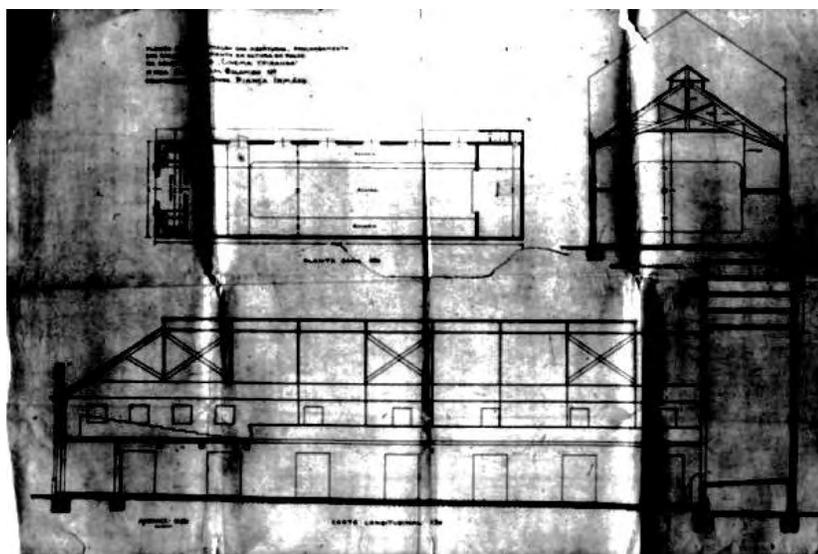


Figura 3.3.33 – **Cine Theatro Ypiranga**, “Planta para modificação das aberturas, prolongamento das galerias e aumento da altura do palco na construção do Cinema Ypiranga à rua Christovam Colombo n° propriedade dos Snrs. Pianca Irmãos”. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 797, do filme F031, de 1928.

Construído por Leonidas Tellini, a sala de 1159 lugares era de propriedade da empresa Pianca Irmãos (Romeu Pianca), que também eram proprietários do Cine Vera Cruz (mais tarde Cine Vitória) e Cine Capitólio. Situado no bairro Floresta, reduto de imigrantes alemães, apresentava programação de filmes austríacos e alemães, produzidos pela estatal UFA. Foi bastante depredado pelo público durante a Segunda Guerra Mundial, devido a sua ligação aos

¹⁴ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 797, do filme F031, de 1928,

movimentos nazista e integralista, assim com o Cinema Vera Cruz, conforme relata Gasta (1999, p. 65):

“A partir de 1934, as manifestações pró-nazistas ganham força em Porto Alegre, e o Ypiranga torna-se o local preferido para os encontros dos simpatizantes. Neste ano, em maio, acontece ali a convenção do Partido Nazista (Correio do Povo, 05/05/1934, p.13. A reunião seria comemorativa ao Dia do Trabalho alemão.) e, em 1936, o Correio do Povo traz uma foto de uma reunião do Núcleo Integralista, na mesma sala. (correio do Povo, 25/09/1936, p.11)”

A edificação ocupa a quase totalidade do lote, encostada na divisa esquerda, liberando um corredor lateral aberto ao longo da divisa direita. No pavimento térreo uma abertura principal centralizada dá acesso a uma sala de espera retangular, sendo enquadrada por duas aberturas laterais simétricas, hoje fechadas, talvez vitrines para mostra de cartazes de filmes em exibição. Na sala de espera, de pé-direito baixo conforme mostrado pelo corte, o espectador pode acessar diretamente a platéia, ou a galeria, através de duas escadas laterais simétricas. A galeria previa à época assentos laterais e um balcão no fundo da sala, avançando sobre a sala de espera térrea. Tinha parte da cobertura retrátil, que era aberta em noites de verão.

Enquanto que a parede lateral esquerda da platéia é cega, a parede lateral esquerda é provida de portas na platéia e janelas nas galerias. Estas esquadrias permitiriam ventilar a sala e eventualmente iluminar. Também permitiam a saída do público após as sessões, sem cruzamento de fluxos com o público da sessão seguinte. Ao fundo desta circulação aberta, há uma pequena edícula, que

parece ser destinada ao uso de sanitários, já que estes são inexistentes junto à sala de espera. Mas é curioso notar que existe um só sanitário, sem divisão por sexo.

A fachada repete o tipo “templo grego”, um corpo central de maior porte, encimado por um frontão, complementado por dois corpos laterais simétricos, de menor porte. Esta recuperação do tipo clássico foi retomada no renascimento, e desde então se manteve como tentativa de “tornar nobre” qualquer edificação de uso público.



Figura 3.3.34 – Cine Theatro Ypiranga, já convertido em supermercado “deKusto”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa

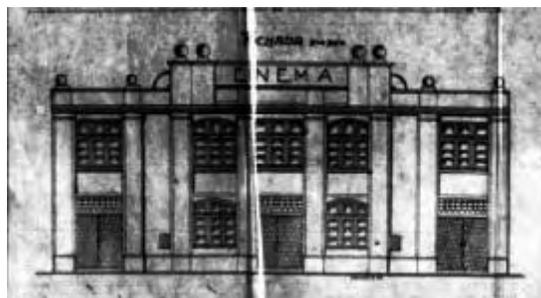
Após o fechamento da sala, na década de 70, a edificação foi transformada em supermercado, terminando logo em seguida seus dias como discoteca, encontrando-se presentemente à venda.



Figura 3.3.35 – Cine Theatro Ypiranga, aspecto atual. Foto do autor.

O **Cine Teatro Petersen** ¹⁵ foi inaugurado em 1928, de acordo com o projeto, na “Estrada do Caminho do Meio” ¹⁶, após construção sob responsabilidade técnica de Egidio Petrucci. Não foi possível definir a localização exata da edificação.

Figura 3.3.36 – **Cine Teatro Petersen**, fachada principal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 6633, do filme F033, de 1928.



As plantas baixas do pavimento térreo e da galeria permitem identificar estruturas funcionais semelhantes à maioria das salas da época. Pela porta principal (central) da fachada, é acessado uma estreita e larga sala de espera, por onde se pode acessar a platéia, através de uma porta central. O fluxo de saída das sessões provavelmente era feito pelas portas laterais entre sala de espera e platéia, depois pelas portas laterais da fachada, permitindo que espectadores de diferentes sessões não se misturassem na sala de espera.

Os espectadores com ingressos para a galeria tomavam a partir da sala de espera uma das duas escadas situadas na lateral da sala de espera. Estas escadas apresentam-se “de costas” para o público da sala de espera térrea. Tal disposição, se dificulta a subida à galeria (o espectador passa pela lateral da escada e “retorna para subir), ao final da sessão “despeja” o fluxo de saída da

¹⁵ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 6633, do filme F033, de 1928, contém os seguintes fotogramas: Prancha com plantas baixas térrea e do balcão, cortes longitudinal e transversal e fachada; Prancha com detalhe e especificações para construção do balcão.

¹⁶ Atual avenida Osvaldo Aranha, e sua continuação, avenida Protásio Alves. A denominação do autor do projeto está equivocada, pois desde a planta municipal de 1916 a atual avenida Osvaldo Aranha já constava como Avenida do Bom Fim, até mudar em 1930 para Avenida Osvaldo Aranha.

galeria diretamente sobre as portas laterais da sala de espera. O balcão é composto por uma galeria no fundo da sala e 24 camarotes, posicionados ao longo das paredes laterais, provavelmente para 4 pessoas, separados por pequenos painéis, conforme pode ser observado no corte transversal. A capacidade total da sala não é indicada no projeto, e a dificuldade de leitura das plantas impede um dimensionamento aproximado.

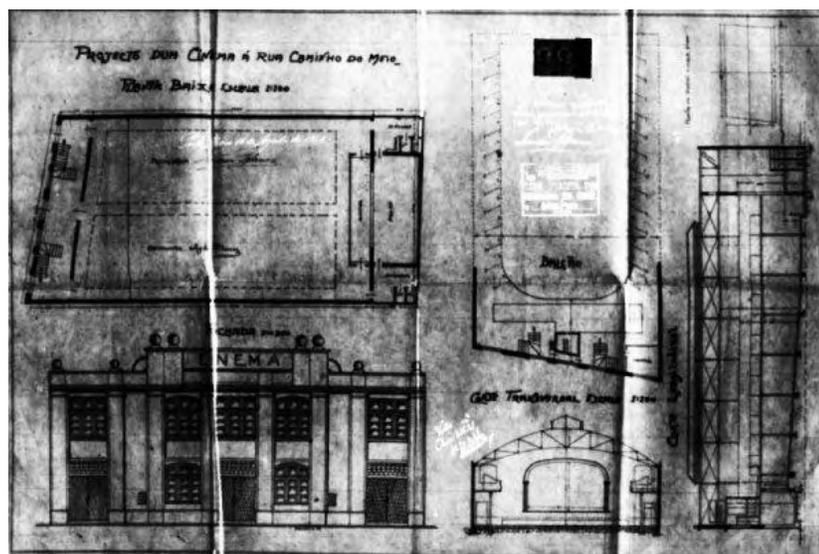
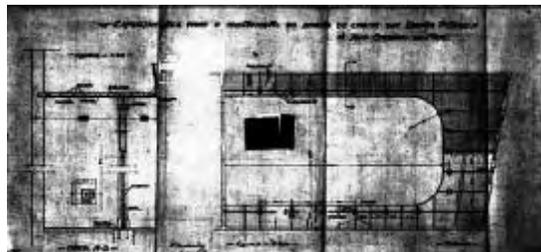


Figura 3.3.37 – Cine Theatro Petersen, planta baixa pavimentos térreo e superior, fachada principal, cortes longitudinal e transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 6633, do filme F033, de 1928.

A fachada é estruturada em três corpos, da mesma maneira que os teatros e templos. O corpo principal, de maior altura que os laterais, contém no pavimento térreo a porta principal de acesso, e duas janelas, no pavimento superior três janelas. Nos corpos laterais estão dispostas duas portas de saída, encimadas por duas janelas. Pode-se observar entre o corpo principal e os laterais, duas pequenas esquadrias das bilheterias, abertas para o exterior. Estes elementos, ainda que presentes no projeto original, parecem perdidos na composição geral da fachada, talvez pelo fato de serem inéditos no programa do edifício de teatro, que certamente originou o projeto que ora analisamos. Finalmente, a fachada é coroada por platibandas e um conjunto de pinhas esféricas.

No que se refere à linguagem utilizada no projeto, a ligeira referência ao movimento Art Déco de 1925, talvez deva-se mais à economia de recursos financeiros que a uma renúncia ao neoclassicismo e decorativismo tão caros ao início do século, principalmente tratando-se de um cinema, onde a referência aos grandes teatros era corrente.

Figura 3.3.38 – **Cine Teatro Petersen**, planta baixa pavimento galeria, corte setorial da galeria. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 6633, do filme F033, de 1928.



Devido à dificuldade de localização precisa do Cinema Petersen, é impossível informar a utilização atual do terreno, visto que provavelmente o prédio original tenha sido demolido há muitos anos.

Também em 1928 é inaugurado o **Cinema Rosário**, com 1180 lugares, na avenida Cristóvão Colombo, primeira de uma série de outras salas do empresário Horácio Castello, fechado na década de 70.

O **Cine Teatro Real**¹⁷, localizado na Estrada do Passo d'Areia (atual Avenida Assis Brasil, 3107), esquina com a Rua da Hortícola, foi apresentado à Prefeitura Municipal de Porto Alegre para aprovação em 1928. No projeto microfilmado, o Sr. Arthur Sfoggia assina tanto como proprietário quanto como construtor, ou responsável técnico.

¹⁷ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 6531, do filme F033, de 1928, contém os seguintes fotogramas: Plantas baixas do pavimento térreo e galeria, cortes transversal e longitudinal; Fachada principal e esquina; Fachada lateral.

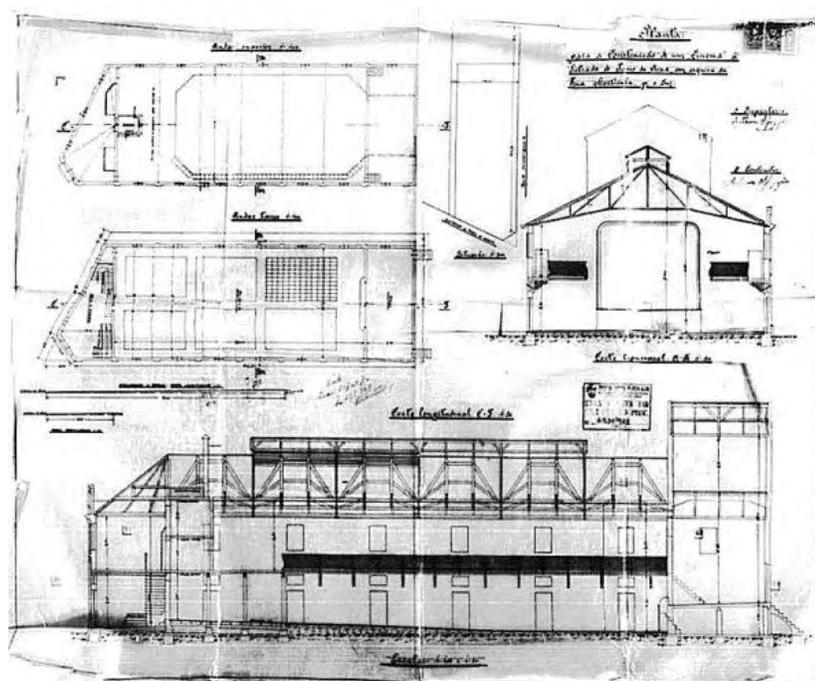


Figura 3.3.39 – Cine Theatro Real, planta baixa pavimentos térreo e superior, cortes longitudinal e transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 6531, do filme F033, de 1928.

A edificação ocupa a quase totalidade do lote de esquina, descolando-se entretanto da divisa lateral de maneira a criar uma estreita circulação ao ar livre, ao longo da parede esquerda da platéia, conforme pode-se observar no corte transversal e na fachada principal.

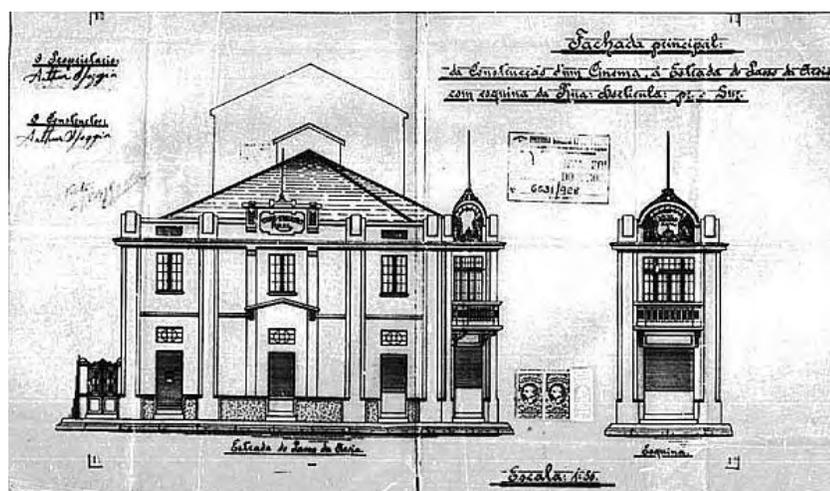


Figura 3.3.40 – Cine Theatro Real, fachada para a Estrada do Passo d'Areia e para a esquina. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 6531, do filme F033, de 1928.

No pavimento térreo, o ingresso do público e acesso à sala de espera é feito pela esquina chanfrada, que indica ser o setor de maior hierarquia das três fachadas. De acordo com o projeto aprovado, a sala de espera, de formato irregular, trapezoidal, parece conter somente duas escadas opostas de acesso ao balcão e galerias e uma porta central de acesso à platéia. A platéia, bastante profunda é dividida em 6 setores de cadeiras, contando com aproximadamente 792 lugares. A descarga do público da platéia pode-se fazer, supostamente através do conjunto de portas na duas laterais da sala. No lado direito, diretamente sobre o passeio público da rua da Hortícola, do lado esquerdo, através de circulação aberta junto à divisa, e em seguida um portão sobre a Estrada do Passo d'Areia, como pode-se observar na fachada.

Figura 3.3.41 – Cine **Theatro Real**, fachada para a rua da Hortícola. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 6531, do filme F033, de 1928.



No pavimento superior situam-se uma sala de espera na mesma posição da sala térrea, e um balcão no fundo da sala, complementado por galerias em toda a lateral. De acordo com o projeto apresentado, e poltronas desenhadas, neste pavimento a lotação seria de 160 pessoas.

O Cine Teatro Real apresenta um pequeno palco, com piso inclinado e uma caixa cênica, que apesar da pouca altura, permite a suspensão e movimentação de cenários. Na fachada lateral é possível perceber a caixa de palco, bem como lanternim e esquadrias de ventilação e exaustão da platéia.

A cabine de projeção está situada no fundo do balcão, contra a parede divisória entre a sala de espera superior e o conjunto balcão-galeria. Como

está localizada no interior da construção, sem contato com a fachada, a exaustão de gases e ventilação do projetor (provavelmente equipado com lâmpada a carvão) são feitas através de chaminé, como indicado no corte longitudinal.

Tratando-se de um terreno de esquina, a fachada é composta por três planos: Estrada do Passo d'Areia, Rua da Hortícola e chanfro de esquina. Mesmo tratando-se de um lote de esquina, o projetista parece seguir optar por uma fachada híbrida, regida por dois princípios: o reconhecimento da esquina do quarteirão como um fato urbano, ao mesmo tempo em que reconhece e adota o princípio clássico de composição da fachada do cinema em três corpos.

No dia 14 de fevereiro de 1929 é inaugurado o **Cinema Rio Branco**, sala de médio porte, com capacidade para acomodar 1450 pessoas. Situado na Rua Caminho do Meio (atual Protásio Alves) na altura da atual Silva Só. De propriedade dos Irmãos Petersen, foi inaugurado na mesma época que o **Cine Colombo**. Como a grande maioria das salas de sua época, apresenta a fachada estratificada em dois pavimentos, divididos por uma marquise. No pavimento superior, a edificação é dividida em três corpos, um central, coroado pelo habitual frontão, aqui uma platibanda encurvada, e dois corpos laterais de menor hierarquia.



Figura 3.3.42 – **Cinema Rio Branco**, em cartaz o filme “Azas do destino”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Foi o primeiro cinema da América Latina a substituir os carvões dos projetores por lâmpadas de xenônio. Importante cinema do bairro Bom Fim, formavam-se longas filas em sua calçada nos finais de semana. As duas fachadas aqui apresentadas parecem indicar salas diferentes. Entretanto, acreditamos que o cinema tenha sido reformado, na medida em que, apesar de constatarmos uma evolução na linguagem adotada, a estrutura, dimensões e ritmos das esquadrias permanecem os mesmos.



Figura 3.3.43 – **Cinema Rio Branco**, em cartaz o filme “O vento e o leão”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Sala de grande lotação, ingressos baratos e programação popular, como todas as salas de “arrabalde”, na década de 70, conseguia receber “seis mil pessoas por mês, público jovem e jovens casais que passam suas horas de folga

edsfrutando de um filme de 35 mm.”¹⁸ O sucesso junto ao público no início da década, não impediu todavia o fechamento definitivamente da sala no dia 1º de fevereiro de 1978, com o filme “O Vento e o Leão”, com Sean Connery.

Em 1929 é inaugurado novo **Cine Theatro Variedades**, desta vez na rua Andrade Neves, número 40, de propriedade da empresa Castro e Carvalho. Apresentava atrações de “palco e tela”, inaugurando com o filme *Mãe sem filhos* e com a *Companhia de Variedades Portenha*.

Finalmente, encerrando a análise das salas abertas na década de 20, apresentamos o projeto do **Theatro Independência**¹⁹, que apesar de encaminhado para aprovação junto à municipalidade, não foi edificado. Tratava-se de uma grande sala, a ser construída na esquina das Avenidas Azenha (atual João Pessoa) e Venâncio Aires, onde mais logo em seguida seria construído o Cinema Avenida. O projeto de José Mariani deveria ser construído para a Empresa Hugo Sperb & Cia. Uma perspectiva ilustrativa do empreendimento foi publicada numa edição de 1922 da revista *Máscara*. O edifício tem 33,70 m de altura e palco de 600 m². Prevê entrada e saída de veículos pelo vestíbulo (porte-cochère), bar, restaurante, toaletes, salões para fumar, gerador próprio e salas de administração. A lotação de 4000 pessoas era distribuída em platéia e três ordens de camarotes, tribuna presidencial, duas ordens de balcões e galerias. Em seu lugar foi construído o Cinema Avenida, já analisado neste capítulo.

¹⁸ Jornal de bairro Três por Quatro, nov/1975, ano 4, n. 2, p. 6.

¹⁹ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 679, do filme F017, de 1921, contém os seguintes fotogramas: Planta térrea, Planta da platéia e circo, Planta do primeiro pavimento, Planta do segundo pavimento, Planta do terceiro pavimento, Planta do Sofito, Corte CD, Corte do palco, Fachada rua Venâncio Ayres, Fachada rua Azenha.

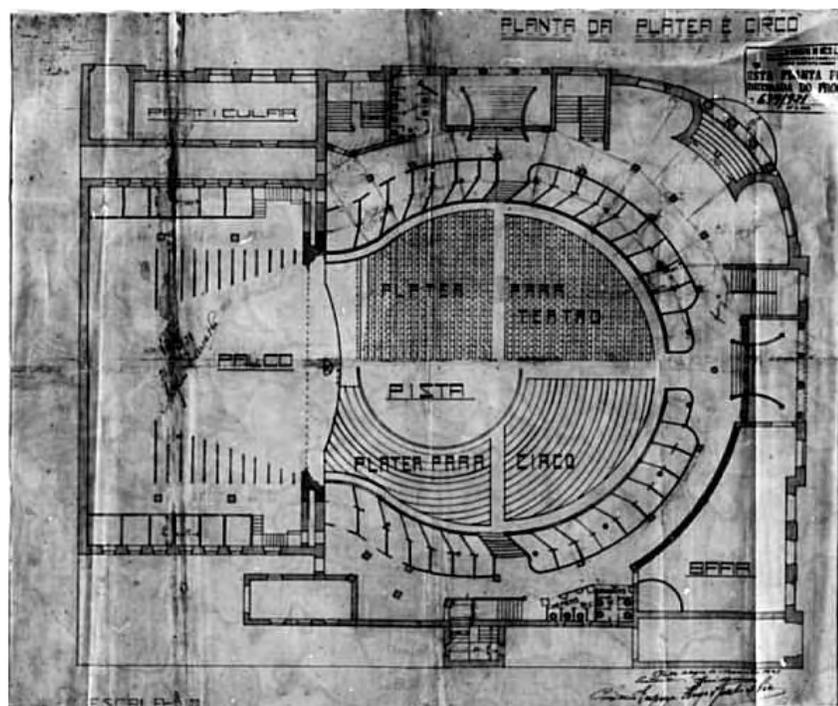


Figura 3.3.44 – **Theatro Independência**, “Planta da platea e circo”. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 679, do filme F017, de 1921.

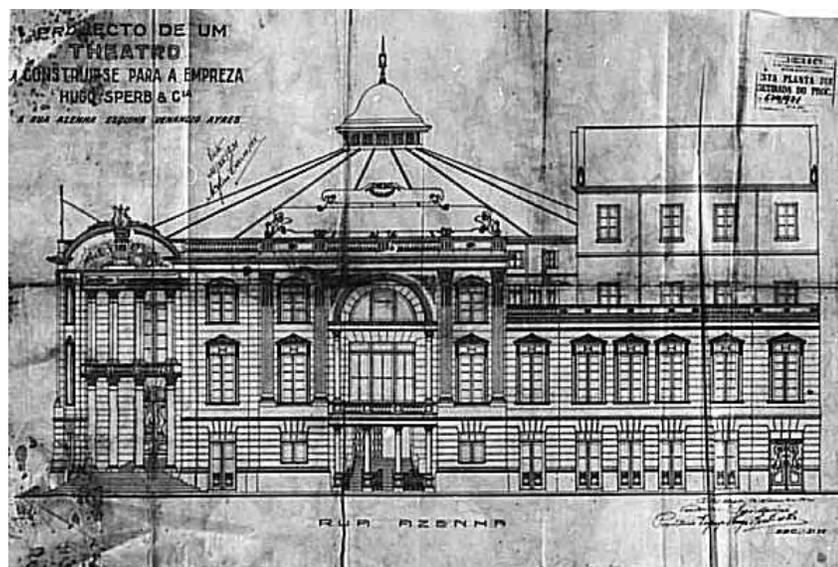


Figura 3.3.45 – **Theatro Independência**, fachada para a rua da Azenha. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 679, do filme F017, de 1921.

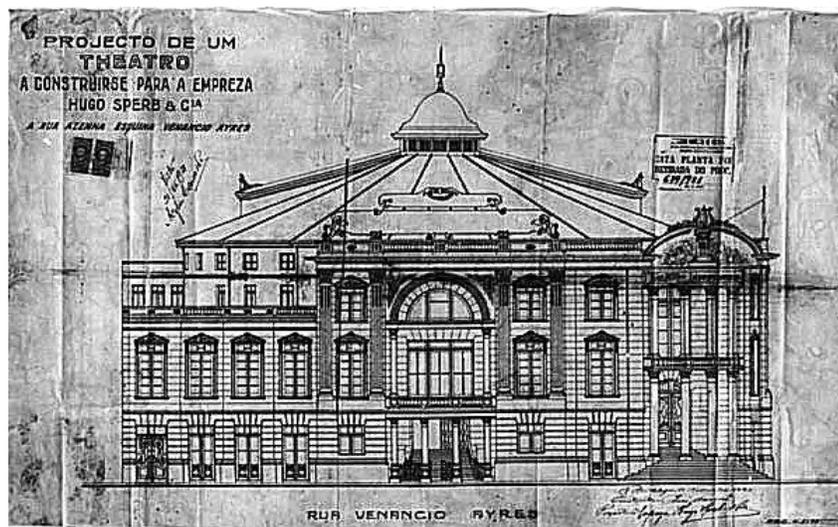


Figura 3.3.46 – **Theatro Independência**, fachada para a rua Venâncio Aires. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 679, do filme F017, de 1921.

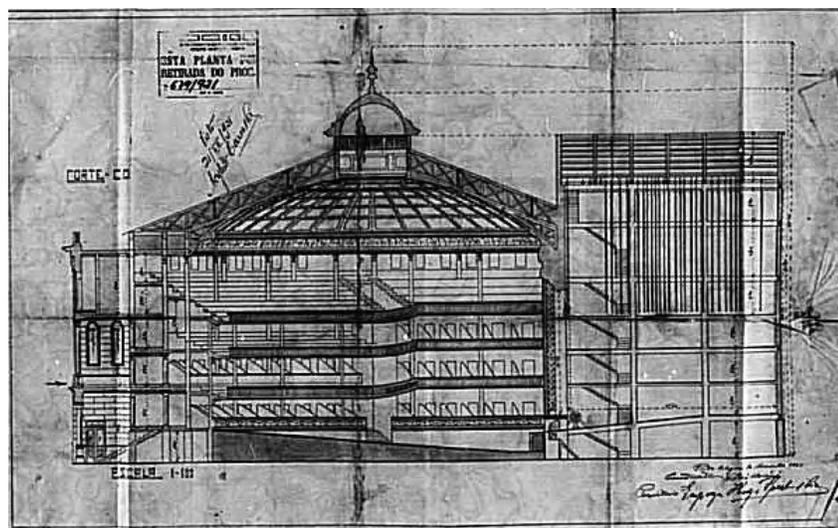


Figura 3.3.47 – **Theatro Independência**, corte longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 679, do filme F017, de 1921.

3.4. A expansão das salas em direção aos bairros – 1930-1940

Domingo, 13 horas. (...) A sala de cinema e os olhos das 'flappers' estão cheios de luz, a temperatura é um pouco morna... Giram asas dos ventiladores, para refrescar a sala e o coração das 'flappers' e dos 'dandys'. Na luminosidade do espaço cruzam-se olhares que se entendem. Há sorrisos bons dos que se amam... dos que têm dentes lindos."

Estado do Rio Grande, 22/07/1930, p. 6.

Os anos 30 foram marcados por importantes transformações na estrutura urbana de Porto Alegre, baseadas no Plano Gladosch, com a abertura de diversas novas avenidas assim como na verticalização do centro, pela construção de diversos edifícios residenciais e comerciais. Numa cidade em processo de expansão e modernização, segundo Pesavento (1999, p. 123) "o cinema se constitui num dos pontos de reunião mais elegantes da sociedade porto-alegrense".

Também a abertura do Parque Farroupilha, no antigo Parque da Redenção, com um grande evento, a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, em 1935, foi acontecimento de movimentação na cidade, o que serviu para a divulgação da arquitetura Art Déco. Em 1935 a cidade contava com 250.000 habitantes e 26.218 lugares de cinema distribuídos em 22 salas, ou seja, 10,5 % da

população poderia sentar-se numa poltrona e assistir a um “grande espetáculo”¹. Neste período o cinema contribuiu para caracterizar a morfologia dos centros urbanos e das principais avenidas das cidades. Aqueles situados nos bairros, ainda que construídos próximos às residências do público e cobrarem ingressos mais baratos, tinham como inconveniente as instalações simples, pouco confortáveis e a programação de filmes normalmente feita com certo atraso em relação às salas do centro da cidade.

No que se refere às salas de cinema, os anos 30 são marcados pela consolidação da chamada “Cinelândia” porto-alegrense, situada na rua dos Andradas (ainda conhecida como rua da Praia) em frente à praça da Alfândega, com construção de três importantes salas: os cinemas **Imperial**, **Rex** e **Roxy**. Historicamente erduto de diversos cinemas que foram sucessivamente abrindo e fechando, a rua dos Andradas somente consolida-se como polo de cinema na década de 30, quando estas novas salas vieram juntar-se ao ainda em atividade **Cinema Central**.

Nas telas o público assistia às piruetas do mais famoso par de bailarinos da história do cinema Fred Astaire e Ginger Rogers, às aventuras do primeiro Tarzan Johny Weissmüller, aos romances de Maurice Chevalier e Jeanette MacDonald e ao charme sedutor de Gary Cooper.

¹ Atualmente, os cinemas podem abrigar somente 0,7 % da população da cidade.

O **Cinema Popular São João** ² foi inaugurado em 17 de julho de 1930, na Avenida Benjamin Constant, pela empresa exibidora Tavares & Dias, propriedade de Ricardo Tavares e Honório Silveira Dias, após construção a cargo de Miguel Fontes ³.

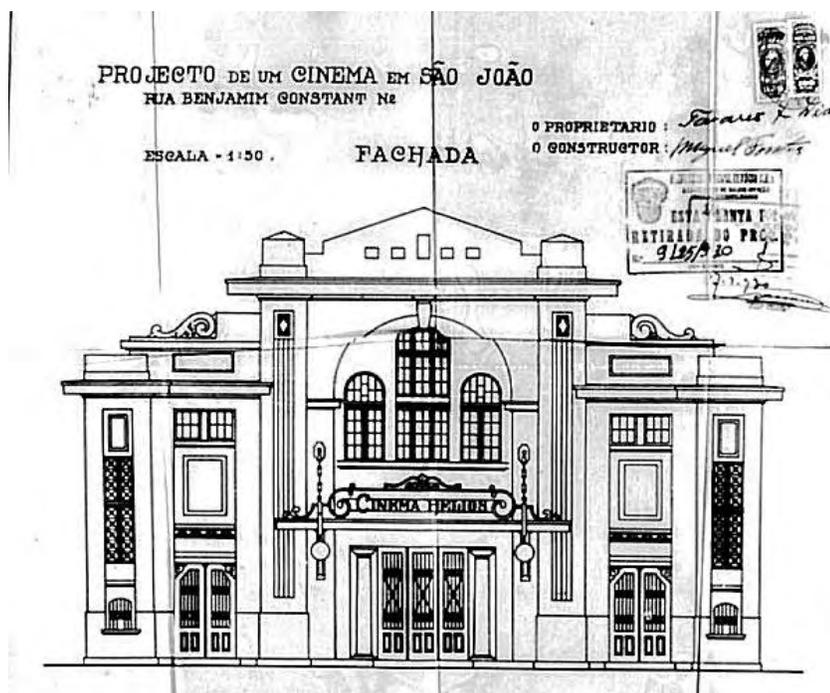


Figura 3.4.1 – **Cinema Popular São João**, fachada principal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09125, do filme F040, de 1929/1930.

O cinema foi construído em terreno de meio de quarteirão, apoiado em uma das divisas. A planta baixa apresenta-se simétrica internamente, embora implantada colada a uma das divisas do terreno, liberando uma circulação lateral de descarga do público e acesso aos sanitários, externos ao corpo do edifício.

² Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09125, do filme F040, de 1929/1930, contém os seguintes fotogramas: Planta baixa do andar térreo e galeria; Fachada lateral e corte transversal; Fachada lateral; Fachada principal; Corte transversal CD; Corte longitudinal AB; Detalhe de aumento do palco.

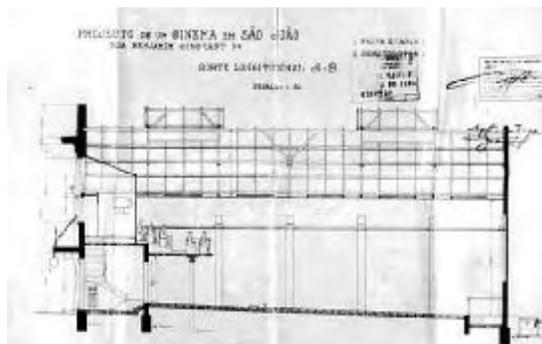
³ Miguel Fontes “nasceu em Pelotas a 05/11/1898. Sua licença permitia construir prédios de dois pisos. Sua obra mais importante foi a construção do Cinema São João, no Passo da Areia. Ao que tudo indica, em 1947 mudou-se para o interior, não deixando endereço.” WEIMER, Güinter. *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP, 1989. Tese [Doutorado em Arquitetura] – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1989, p. Q.23.

Figura 3.4.2 – **Cinema Popular São João**, planta baixa pavimentos térreo e superior (balcão). Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09125, do filme F040, de 1929/1930.



O acesso à sala é simples: uma vez adquirido o ingresso através de duas bilheterias externas, situadas nas duas extremidades da fachada, o acesso à sala de espera era feito pela porta central principal, e logo em seguida, na seqüência, se dava o acesso à platéia.

Figura 3.4.3 – **Cinema Popular São João**, corte longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09125, do filme F040, de 1929/1930.



Conforme publicava o jornal Estado do Rio Grande de 22 de julho de 1930, à página 6, “o novo cinema possui um declive suave (...) O corredor central do salão revestido de cimento, para diminuir o ruído dos passos dos espectadores retardatários, possui amplas aberturas para renovação de ar.”

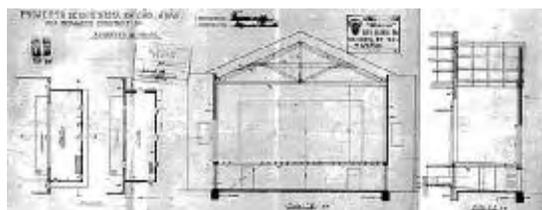
A platéia era dividida em dois setores: o setor esquerdo comportava 375 lugares, o direito 325 lugares. A saída do público provavelmente se fazia por duas portas laterais da platéia, sob o patamar da escada de acesso ao balcão, e em seguida por duas portas laterais na fachada.

Na frente da tela o cinema apresenta um fosso para orquestra, aproximadamente 70 centímetros mais baixo que o piso geral da platéia, de maneira a não prejudicar a visibilidade do público à tela. O Cinema Popular São

João não apresenta palco nem caixa cênica, apenas a tela, fixa (ou mesmo pintada) na parede frontal da sala

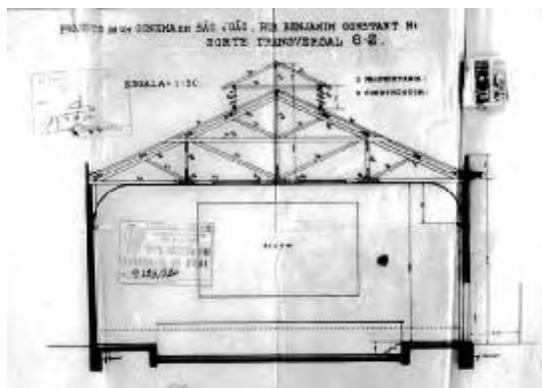
O acesso ao balcão era feito por duas escadas simétricas, colocadas nas extremidades da sala de espera, sobre as bilheterias e portas secundárias de saída da platéia.

Figura 3.4.4 – **Cinema Popular São João**, corte transversal e acréscimos junto à tela, criando um palco no cinema. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09125, do filme F040, de 1929/1930.



O balcão era dividido em dois setores: galeria e camarotes. No fundo a galeria comportando 134 poltronas individuais, mais à beira do balcão situavam-se então os camarotes, em número de 11, para 4 pessoas, totalizando 44 assentos.

Figura 3.4.5 – **Cinema Popular São João**, corte transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09125, do filme F040, de 1929/1930.

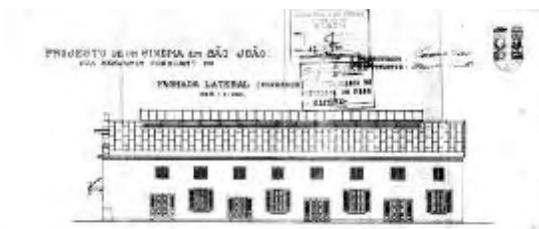


A lotação total do cinema apresenta-se assim no projeto como sendo de 878 lugares, embora o jornal Estado do Rio Grande, de 22 de julho de 1930, à página 6 anunciasse “acomodações para 1300 pessoas, existindo instalações próprias de um moderno cinema”.

Na galeria localizava-se também uma “cabine de cimento à prova de fogo”, medindo 4,00 x 2,40 metro, para o “Apparelho” de projeção. Ainda que separada da fachada frontal por uma circulação, é possível observar no corte

longitudinal um duto ligando, pelo forro, esta sala ao exterior, certamente para permitir a exaustão dos gases emitidos pelo projetor a carvão. É importante salientar o alto risco de incêndio que apresentavam os projetores com lâmpadas a carvão, assim como as películas, sujeitas à combustão espontânea.

Figura 3.4.6 – **Cinema Popular São João**, fachada lateral. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09125, do filme F040, de 1929/1930.



Os sanitários públicos são colocados em edícula construída no fundo do terreno, isolados do corpo principal do projeto. Tal solução talvez se explique pela tradição da arquitetura residencial de colocar o sanitário no fundo do lote, ou depois da cozinha. A planta baixa térrea apresenta inclusive projeto da rede de esgoto, fossa séptica e sumidouro, apesar de que já em 1912 a cidade tivesse inaugurado rede de esgoto cloacal subterrânea, talvez não disponível na avenida Benjamin Constant.

O projeto não apresenta detalhes quanto a acabamentos internos da sala, entretanto, pode-se perceber no corte transversal arremates arredondados de forro na lateral da platéia. Possuía também, segundo o jornal Estado do Rio Grande, de 22 de julho de 1930, à página 6. “sistema de luzes coloridas nas paredes (para intervalos) para não cansar a vista dos espectadores”. Percebe-se também a preocupação na renovação de ar e exaustão da sala, através da construção de um lanternim no telhado, e grelhas no forro.

A fachada é dividida em três corpos, um central principal, dois laterais de menor altura. Apresenta rebuscados detalhes e apliques de argamassa, e uma marquise, onde é indicado o nome da sala. São apresentadas duas fachadas

laterais, do corredor de descarga do público, e acesso aos sanitários, construídos numa edícula ao fundo do terreno e isolados do corpo principal do cinema. Estas fachadas apresentam dimensões diferentes no que se refere à profundidade da sala. Ainda que os desenhos não estejam apresentados na mesma escala, supõe-se que a fachada que contém o maior número de aberturas seja a correta, pela relação proporcional de sua altura com a largura da sala, com também pela largura da fachada e profundidade da sala.

O **Cinema Imperial** é inaugurado em 18 de abril de 1931, na rua dos Andradas, número 1051, situado no pavimento térreo de um edifício residencial. O projeto arquitetônico foi elaborado por Agnello Nilo de Lucca e a decoração por Fernando Corona. Segundo Canez (1998, p. 39) “em 1929, Corona viajou para Buenos Aires com Nilo de Lucca, com a intenção de estudar técnicas de cinema moderno”.



Figura 3.4.7 – **Cinema Imperial**, foto da década de 50, em cartaz o filme “as Neves de Kilimanjaro”, da Fox Films, com Gregory Peck, baseado no livro homônimo de Ernest Hemingway. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Era uma sala de grande porte com capacidade para 1615 espectadores. O Imperial foi uma das primeiras salas construídas no pavimento térreo de um edifício residencial, instaurando assim um tipo edilício inédito em Porto Alegre. Até então, as salas apresentavam-se como edificações independentes, destinadas exclusivamente à exibição de filmes.

O Imperial é a última sala de cinema ainda existente da “Cinelândia”, (além dele havia o **Roxy** (depois passou a chamar-se **Ópera**), **Rex**, **Central**, **Guarani**, **Cacique**, depois o **Scala**).



Figura 3.4.8 – **Cinema Imperial**, vista atual. Foto do autor.

Atualmente conta com duas salas, o Imperial e o Guarani, este último aberto em 3 de abril de 1987, ocupando o antigo mezanino do antigo Imperial, homenageando com seu nome a antiga sala vizinha, hoje sede do Banco Safra. Teve sua fachada inferior “ladrihada”, o que descaracterizou o projeto original.

O **Cine Teatro Baltimore** ⁴ foi inaugurado em 3 de setembro de 1931, na Av. Bom Fim (atual Osvaldo Aranha) 1058 (ou 1048). De propriedade de Emilio B. Adam, foi construído segundo projeto de Willi Paul. O Cine Teatro Baltimore propunha-se a ser talvez um centro de lazer da sociedade do bairro Bom

⁴ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09672, do filme F041, de 1930, contém os seguintes fotogramas: Plantas de cobertura; Planta baixa Salão de Festas; Cortes transversais; Corte longitudinal parcial; Corte longitudinal geral; Fachada Moderno-eclética; Fachada Neoclássica

Fim, já que, além da sala de cinema, contava também com um amplo Salão de Baile no pavimento superior à sala de espera.



Figura 3.4.9 – **Cinema Baltimore**, vista atual. Foto do autor.

O projeto é estruturado em 3 corpos, como pode ser observado no corte longitudinal. Um primeiro corpo contendo sala de espera no pavimento térreo e salão de festas no pavimento superior. Em seguida a grande platéia com 1848 lugares, e finalmente a caixa de palco e tela de projeção. É bem provável que a programação inicial da sala contemplasse “atrações de palco”, pois este é relativamente profundo, contando inclusive com espaço sobre a cena para suspensão e movimentação de cenários.

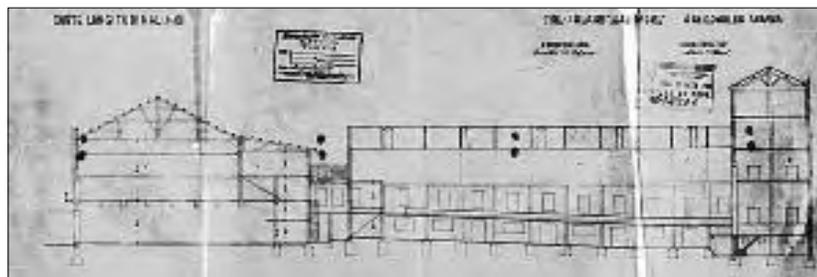


Figura 3.4.10 – **Cinema Baltimore**, corte longitudinal. À esquerda a sala de espera térrea e o salão de Festas superior; em seguida a platéia e o conjunto tela, palco e caixa cênica. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09672, do filme F041, de 1930.

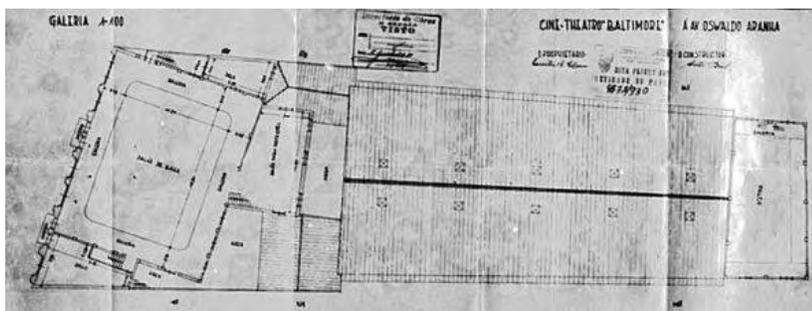


Figura 3.4.11 – **Cinema Baltimore**, planta baixa do pavimento superior, à esquerda Salão de Festas, à direita cobertura do cinema e vazio da caixa cênica sobre o palco. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09672, do filme F041, de 1930.

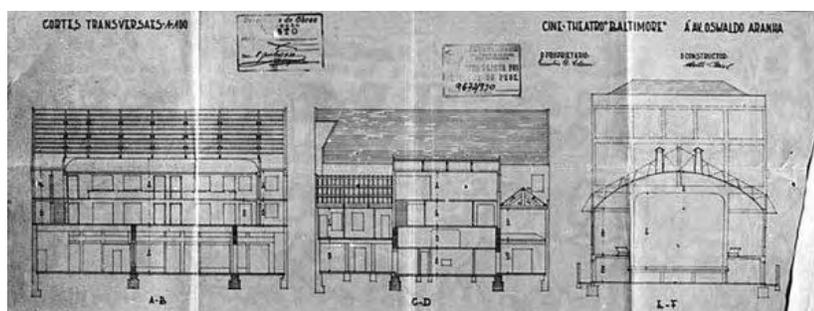


Figura 3.4.12 – **Cinema Baltimore**, Cortes transversais. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09672, do filme F041, de 1930.

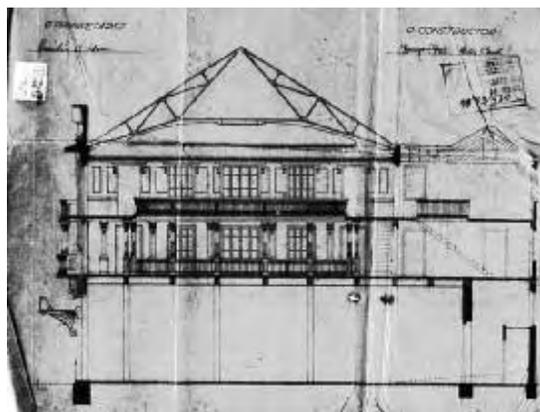


Figura 3.4.13 – **Cinema Baltimore**, Cortes transversais sobre o Salão de Festas. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09672, do filme F041, de 1930.

No projeto apresentado à prefeitura constam duas fachadas, que nos permitem uma análise bastante interessante no que se refere à linguagem da edificação: com as mesmas dimensões, proporções, ritmo, aberturas, são propostos caracteres distintos para o cinema. Uma proposta neoclássica, não construída, segue os passos da tradição dos grandes palácios cinematográficos, enquanto uma segunda proposta, executada, apresenta um edifício eclético,

contemporâneo, próximo do movimento Art Déco, mas que na execução vai se aproximar ainda mais desta corrente. A decisão pela adoção da fachada Art Déco, certamente foi embasada no raciocínio de que o cinema como um lazer “moderno” ficaria mais bem instalado num edifício contemporâneo que numa fachada historicista.

A fachada neoclássica apresenta dois corpos horizontais separados por uma marquise ao longo da testada da construção. O térreo apresenta cinco aberturas de acesso à sala de espera, sendo as duas laterais de maior dimensão que as centrais, diferentemente das outras salas. A hierarquia superior do acesso central, apesar de mais estreito que as outras aberturas, é garantido pelo balcão proeminente do pavimento superior, e pelo frontão. Os dois pavimentos superiores, salão de festas e mezanino, parecem incorporados num só corpo, devido à associação das janelas, formando painéis verticais. A fachada, generosa em elementos decorativos apostos, é coroada por um frontão abaulado, com dois mastros nas extremidades, complementados por grades metálicas. No lado direito do conjunto, a simetria da fachada é quebrada pelo volume de acesso independente ao Salão de Festas no pavimento superior.

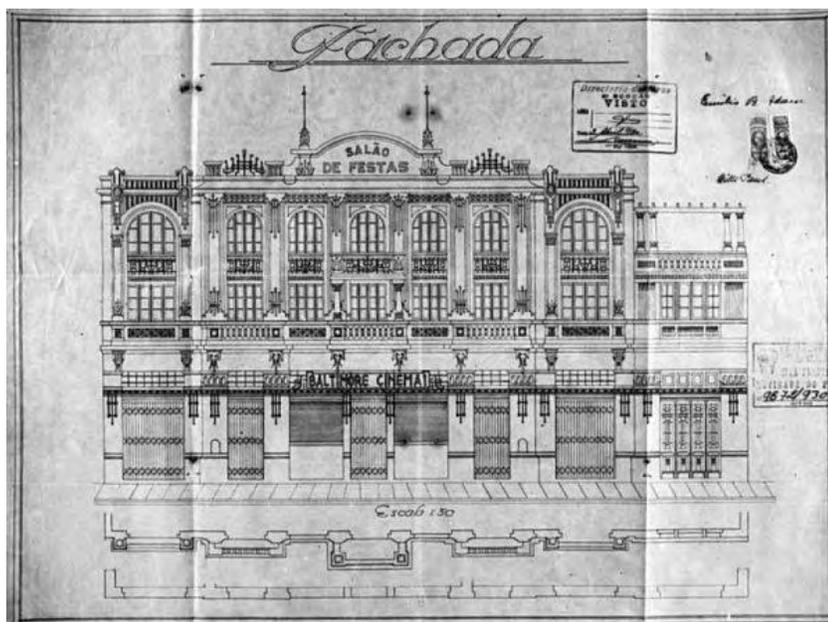


Figura 3.4.14 – **Cinema Baltimore**, fachada Neoclássica, não executada. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09672, do filme F041, de 1930.

A segunda fachada apresentada, de “inspiração” Art Déco, é ligeiramente diferente daquela construída, principalmente pelos elementos de platibanda, no coroamento superior da edificação. No projeto são apresentados na forma de pequenos frontões em duas águas, enquanto que na realidade foram construídas platibandas horizontais retas. Aparecem neste projeto, pela primeira vez numa sala de cinema algumas características da arquitetura Art Déco, como a axialidade e simetria das massas edificadas, o contraste entre elementos horizontais e verticais e o escalonamento das formas.

O movimento Art Déco, antes de ser incorporado como estilo arquitetônico surgiu como forma de arte decorativa, na *Exposition Internationale des Arts Decoratifs et Industriels*, ocorrida em Paris, em 1925. Quando a exposição viaja pelos Estados Unidos, os americanos apropriam-se do estilo, transpondo-o para a arquitetura e popularizando-o, visto que na Europa era ligado às vanguardas e a um consumidor elitista e aristocrático. Conforme Segawa (1999, p. 61)

“O Art Déco foi o suporte formal para inúmeras tipologias arquitetônicas que se afirmavam a partir dos anos de 1930. O cinema (e por associação, alguns teatros), a grande novidade entre os espetáculos de massa que mimetizava as fantasias da cultura moderna, desfilava sua tecnologia sonora e visual em deslumbrantes salas no Rio de Janeiro, em São Paulo e algumas outras capitais em verdadeiros monumentos Déco.”

Todavia, ainda que revelada discretamente no Cinema Baltimore, a arquitetura Art Déco somente irá se manifestar plenamente no projeto do Cinema América, em 1947.

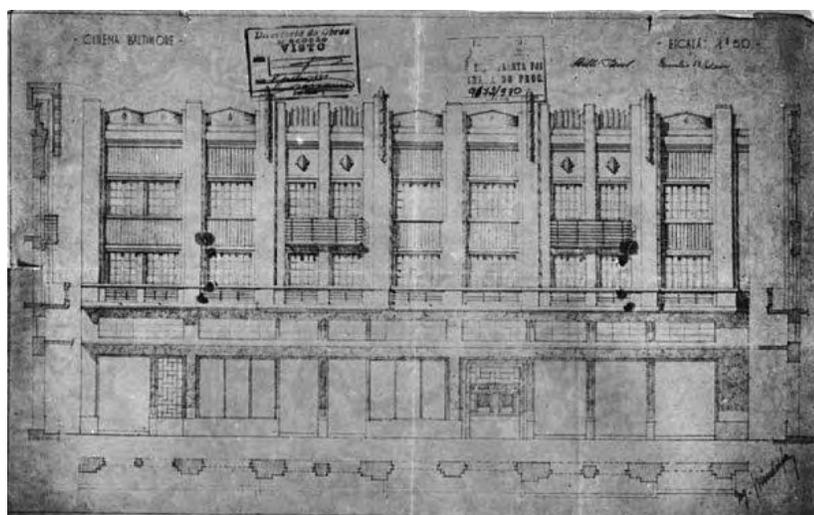


Figura 3.4.15 – **Cinema Baltimore**, fachada Art Déco, executada. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09672, do filme F041, de 1930.

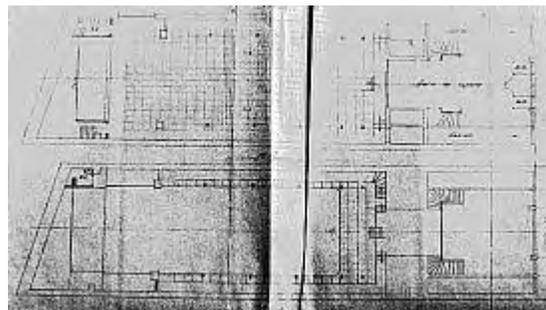
Em 1970 no Salão de Festas situado sobre a sala de espera, é inaugurado o **Mini Baltimore**, que em 01/05/1975 passa a chamar-se **Cinema Bristol**, no número 1060 da Avenida Osvaldo Aranha. O conjunto Baltimore-Bristol teve grande importância na vida cultural e no lazer da cidade de Porto Alegre, nas décadas de 70/80: O Baltimore graças a suas amplas instalações e sua grande tela curva em 70 mm, o Bristol pela apresentação de filmes de arte e ciclos de cineastas cult, programados por Romeu Grimaldi, Hiron Goidanich e Tuio Becker.

Finalmente em 1988 foi transformado num complexo de quatro salas, quando a grande sala foi desmembrada em três menores, Baltimore 1, 2 e 4, e o

Bristol passou a chamar-se Baltimore 3. Nos anos seguintes o sucateamento das instalações, a concorrência com as salas dos Shopping Centers, e a dificuldade de estacionamento no bairro foram diminuindo gradativamente o público, o que provocou o fechamento da sala em 1998, encontrado-sestado atualmente à venda.

O **Cinema Rex**, projeto do arquiteto Armando Boni ⁵, e de propriedade de Darcy Bittencourt, foi inaugurado no dia 5 de março de 1936 com o filme “A Mascote do Regimento”, com Shirley Temple. Estava localizado em plena Cinelândia porto-alegrense, na rua dos Andradas em frente à praça da Alfândega e ao Cine Central, em um prédio de três pavimentos, onde antes funcionara outro cinema, o **Petit Cassino**.

Figura 3.4.16 – **Cinema Rex**, planta baixa pavimentos térreo e superior. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Curso de Arquitetura e Urbanismo. Seqüência de Teoria e História da Arquitetura.



Construído num terreno profundo e estreito era um cinema de pequena capacidade para a época, com lotação de 448 pessoas na platéia e 88 nas galerias laterais e balcão ao fundo da sala, totalizando 536 lugares. Tinha uma fachada decorada com figuras em relevo, “simulacro da cultura francesa para a

americana” (Gastal, 1999, p. 65). Em sua tela foi exibido “o primeiro filme sonoro gaúcho, um documentário sobre a Festa da Uva, de Caxias do Sul, realizado em 1937” (Gastal, 1999, p. 65). Fechado no final da década de 50, foi demolido juntamente com o Diário de Notícias, para ser construída a Galeria Di Primio Beck.

O **Cinema Roxy**, assim como o Cinema Rex, pertencente ao empresário Darcy Bittencourt, foi aberto no dia nove de maio de 1938, na rua dos Andradas, entre Uruguai e General Câmara, com a estréia do filme “Ela e o Príncipe”, estrelado por Sonja Heine e Tyrone Power. Sua platéia estruturada em pórticos de perfil trapezoidal remetia à verticalidade do movimento futurista italiano. Comportava 900 espectadores, distribuídos numa platéia térrea e um balcão, o que o caracterizava como um cinema de pequena capacidade para sua época. Estava situado no térreo do Edifício Porto-alegrense, onde mais tarde passou a funcionar a loja de Caderneta de Poupança do Banco Sulbrasileiro. Na década de 50 foi reformado internamente, quando perdeu seus ares futuristas, passando a chamar-se então **Cine Ópera**, funcionando até o início dos anos 70, quando foi finalmente demolido.

⁵ Armando Boni “era de nacionalidade italiana, natural de Castelfranco onde nascera em 10/07/1886. Seu registro de nº 802 no CREA diz ser arquiteto-construtor com habilitação para construir prédios de cimento armado de até sete pavimentos, reservatórios de concreto e pontilhões até 8m de vão livre. (...) Seus projetos mais importantes são o prédio da livraria do Globo, na rua dos Andradas, 1416 e uma ponte sobre o arroio Dilúvio, na rua Nova. Esta ponte foi construída em 1929, antes da retificação do referido riacho, razão pela qual ela foi demolida depois. Existem várias publicações, atribuindo a Boni a construção do ‘Palacinho’ como é popularmente conhecido o palacete de Santo Meneghetti, na Cristóvão Colombo esquina Santo Antônio.” WEIMER, Güinter. *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP, 1989. Tese [Doutorado em Arquitetura] – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1989, p. Q.10.

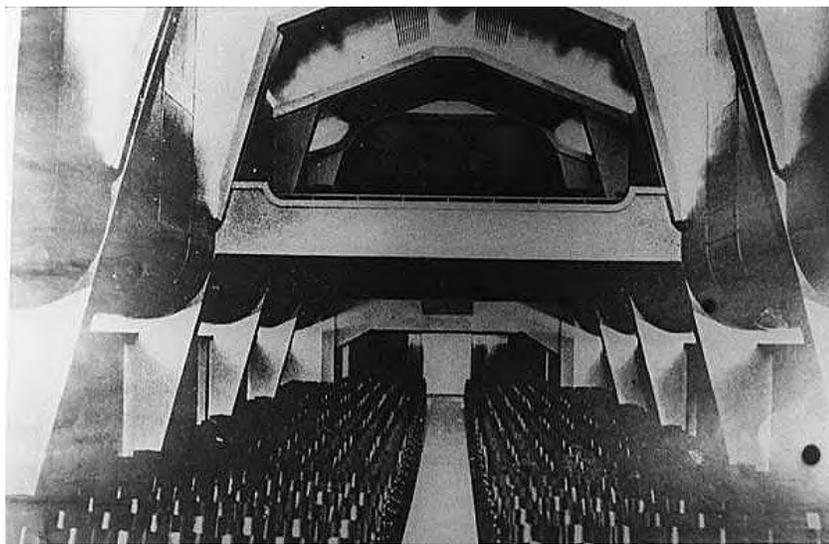


Figura 3.4.17 – **Cinema Roxy**, vista da platéia. Os pórticos estruturais remetem ao Futurismo italiano. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Em 27 de abril de 1939 foi inaugurado o **Cinema Castello**⁶, na avenida da Azenha, número 666, com o filme “Louca por Música”. Era considerado à época, um dos maiores cinemas do Brasil, devido à sua grande capacidade de 2600 espectadores, quando “lotava com filmes de faroeste, históricos (tipo Hércules e Sansão e Dalila), chanchadas brasileiras e os programas de auditório...”⁷. Os proprietários da sala, Horácio Castello⁸ e Dante Vescovini, encomendaram o

⁶ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 1792, do filme F035, de 1928/29, contém os seguintes fotografias: Planta baixa do “Andar Térreo”; Planta baixa do “Andar Alto”; Corte AA; Corte BB; Fachada.

⁷ Jornal Zero Hora, 31 de outubro de 1998, p. 5.

⁸ Horácio Castello, importante empresário no circuito exibidor de Porto Alegre, era paulista, de uma família envolvida com o ramo cinematográfico. Seu irmão Ignácio Castello era representante da Metro Goldwin-Mayer para a América Latina, o outro irmão, Libero Castello era diretor da sucursal da Paramount no Brasil. Iniciou sua carreira como distribuidor, depois foi gerente do Cinema Imperial até construir um pequeno império, que englobava os cinemas Rosário (1928), Imperial (1931), Castello (1939), Marabá (1947), Ritz (1948) e Marrocos (1953).

projeto a Agnello de Lucca, e contrataram a construção à empresa Azevedo Moura & Gertum⁹.



Figura 3.4.18 – **Cinema Castello**, fotografia provavelmente da década de 70, com a sala ainda em funcionamento. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Num terreno trapezoidal, a sala de cinema retangular apresenta-se com um edifício dentro de outro, circundada por três espaços de circulação. A sala de espera triangular dá acesso à grande platéia, através de uma porta central. A platéia é dividida em nove setores, complementada por um pequeno balcão ao fundo da sala, contendo camarotes e assentos individuais. Na parede junto à tela de projeção, há um pequeno sanitário de uso público, sem separação por sexo, e sem que tenham sido previstos sanitários junto à sala de espera.

⁹ A Construtora Azevedo Moura & Gertum foi fundada em 1924 pelos engenheiros Fernando de Azevedo Moura e Oscar Mostardeiro Gertum que “(...) revolucionaram na Capital e no Estado, o novo sistema de construção [concreto armado], hoje tão comum. (...) De 1924 a 1957, construíram 480 obras que variam de um a vinte e cinco andares.” CORONA, Fernando. “50 anos de formas plásticas e seus autores” Porto Alegre: Sulina, 1968, p. 247.

Figura 3.4.19 – **Cinema Castello**, planta baixa pavimento térreo. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 1792, do filme F035, de 1928/29.

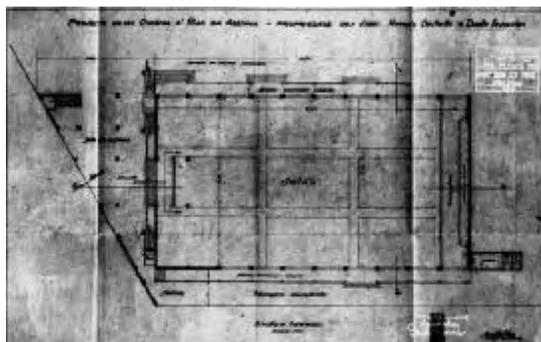
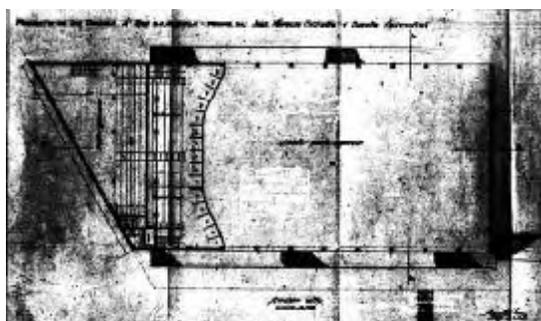
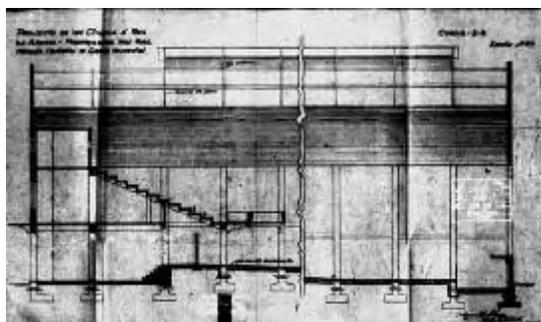


Figura 3.4.20 – **Cinema Castello**, planta baixa pavimento superior (balcão). Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 1792, do filme F035, de 1928/29.



Ao analisarmos o corte longitudinal do Cinema Castello podemos verificar a ausência da caixa cênica e do palco, existindo apenas um fosso de orquestra rebaixado aproximadamente 60 cm. em relação ao nível da platéia, o que descartava sua utilização para “atrações de cena”. A sala de projeção situava-se no último pavimento, o que corresponde à pequena abertura central no segundo pavimento da fachada.

Figura 3.4.21 – **Cinema Castello**, corte longitudinal, onde se percebe a sala de espera, balcão, platéia e a ausência de palco ou caixa cênica. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 1792, do filme F035, de 1928/29.



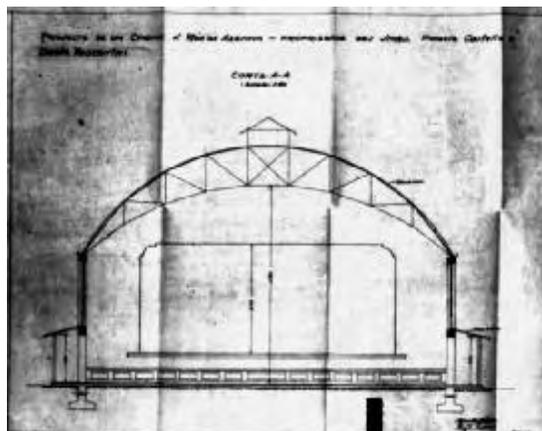


Figura 3.4.22 – **Cinema Castello**, corte transversal, ao fundo a tela de projeção. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 1792, do filme F035, de 1928/29.

A fachada encaminhada para aprovação junto à municipalidade não corresponde à fachada construída para o Cinema Castello. A proposta aprovada é bastante simples, apresando-se dividida em três corpos distintos, um central, de maior porte, complementado por dois corpos laterais mais baixos. Esta tripartição da fachada é uma constante em grande parte de projetos de cinemas, independente da linguagem adotada, e origina-se sem dúvida do *tipo* templo grego, que serviu de referência única para a grande maioria de edifícios de uso público durante toda a história da humanidade.

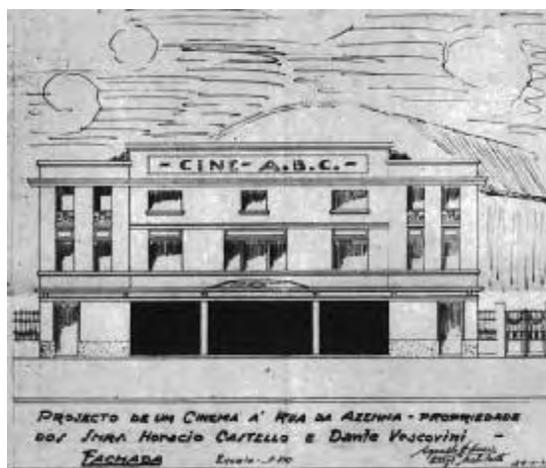


Figura 3.4.23 – **Cinema Castello**, fachada principal encaminhada para aprovação, não guarda a menor relação com a fachada construída. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 1792, do filme F035, de 1928/29.

Por outro lado, a fachada construída é quase alegórica, buscando reproduzir um castelo, aproximando o edifício de seu nome, pela aposição de um pequeno castelo de argamassa no corpo central do edifício, logo abaixo do frontão.

Ainda que sejam indicadas referências ao movimento Art Déco, tais como a simetria especular, a hierarquização do corpo central, o contraste entre elementos verticais e horizontais utilização, tudo é colocado em xeque pela tentativa alegórica de fazer o edifício parecer um castelo, mais que parecer um cinema.

Figura 3.4.24 – **Cinema Castello**, já transformado em “Baillão Canecão de Ouro”, antes de ser finalmente demolido. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.



Em 1976 a empresa exibidora anunciou falência, até que finalmente em 1980 prédio foi vendido e transformado no baillão “Canecão de Ouro”, que funcionou até 1985, quando foi demolido, e em seu terreno construída uma agência do Banco Itaú.

Também na década de 30, ainda que não tenhamos conseguido precisar a data exata, foi inaugurado o **Cine Rosário**, na avenida Assis Brasil, quase em frente à Igreja São João. Com grande capacidade de público e fachada de inspiração neoclássica, apresentava programação eminentemente popular, seriados completos, filmes classe B, westerns, reprises de sucessos de cinemas do centro e filmes de Mazzaropi, Texeirinha e José Mendes. Fechou em 1980, quando sua última sessão, segundo o jornal Correio do Povo, de 30 de abril de 1980 “foi acompanhada por vários velhinhos e velhinhas, casais que deviam ter muito de seu passado ligado à sala exibidora”, até ser finalmente demolido em 1984.

Ainda que não seja exatamente uma sala de cinema, incorporamos a esta análise o projeto do “Pavilhão Teatro Jeca Tatu”¹⁰, encaminhado para aprovação junto à municipalidade em 1930. Não foram localizadas nos jornais da época referências à localização desta construção temporária, mas ainda assim, é provável, que tenha acolhido também sessões de cinema junto a atrações, circenses, teatrais e burlescas, daí o interesse de se fazer presente neste inventário.

A Planta Baixa apresenta à esquerda duas bilheterias e um acesso central para platéia e camarotes e dois acessos laterais para as galerias. No lado oposto, a “Orchestra”, a “Scena livre”, coxias e seis camarins. Na “Platéa” são evidentes os problemas de *layout* de camarotes e galerias, quando se percebe que aqueles localizados junto ao palco apresentam-se praticamente de costas para a cena. Apesar de seu caráter efêmero, o “Pavilhão Teatro” tinha capacidade para 210 pessoas nos camarotes, 1322 na platéia e 1760 nas galerias, totalizando 3292 espectadores.

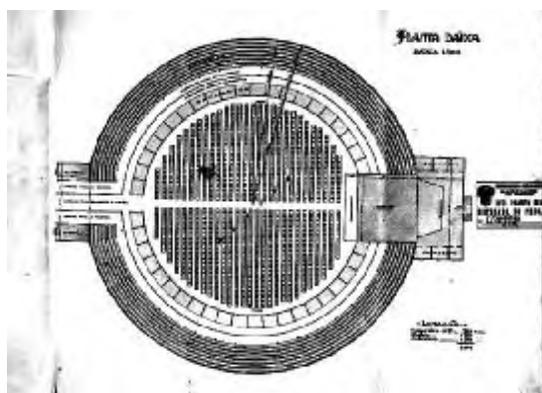


Figura 3.4.25 – **Circo Teatro**, Planta Baixa. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 11789, do filme F043, de 1930.

¹⁰ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 11789, do filme F043, de 1930, contém os seguintes fotogramas: Planta baixa; Corte Longitudinal e Transversal; Planta do Soalho; Vista da Entrada; Reclames.

No Corte Longitudinal percebe-se à esquerda o anexo de acesso à platéia, camarotes e galeras, logo em seguida a platéia, totalmente plana, e a cena, composta por um prosccênio avançado e pela caixa cênica, esta última com razoável altura, o que permitia a movimentação e suspensão de cenários e painéis. A referência ao Teatro Elizabetano é evidente tanto pela conformação da platéia, como pela estrutura do palco com prosccênio avançado. No Corte Transversal percebe-se o sistema estrutural atirantado, que permite a suspensão da cobertura através de dois pilares laterais, que não prejudicariam a visibilidade da cena.

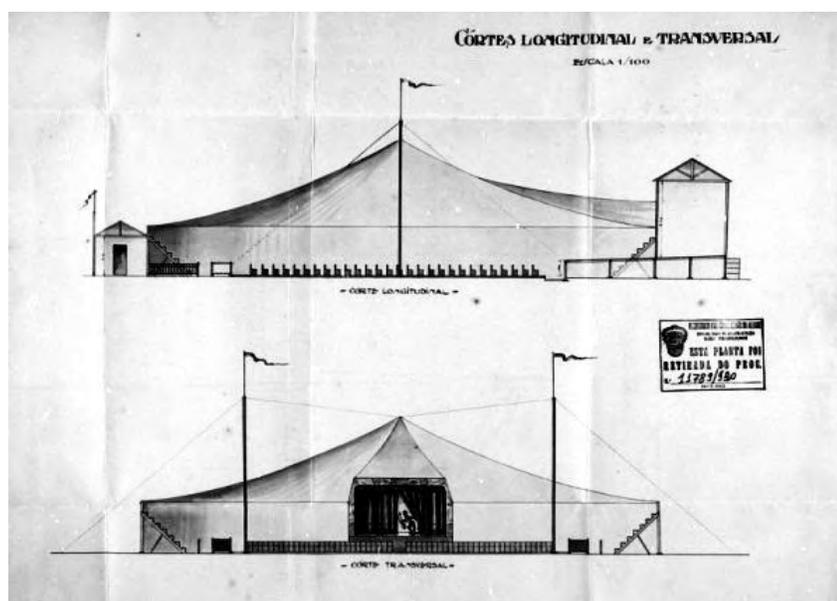
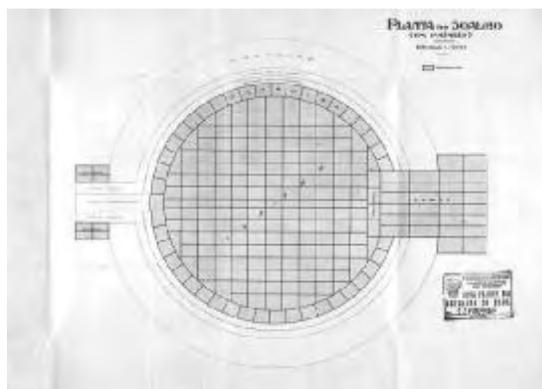


Figura 3.4.26 – **Circo Teatro**, Cortes Longitudinal e Transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 11789, do filme F043, de 1930.

A “Planta do Soalho (em placas)” apresenta a modulação dos painéis das “partes soalhadas” do pavilhão Teatro: a platéia e os camarotes.

Figura 3.4.27 – **Circo Teatro**, Planta do Soalho. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 11789, do filme F043, de 1930.



A prancha contendo a vista da entrada mostra a influência, ainda que tímida e também tardia, do movimento *Art Nouveau* sobre a arquitetura local, pois talvez seja o único exemplar em todas as salas analisadas. A ornamentação na parte superior da construção, inspirada em elementos naturais e orgânicos, remete aos projetos de Horta e Guimard.



Figura 3.4.28 – **Circo Teatro**, Vista da Entrada. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 11789, do filme F043, de 1930.

O processo arquivado também apresenta uma prancha com o projeto dos “Reclames”, dois painéis apostos às fachadas laterais do “circo”, onde seriam provavelmente enquadradas fotografias e ilustrações das atrações de cena. A disposição dos pilares nesta vista encontra-se invertida, pois corresponde ao corte

transversal, quando deveria ser idêntica àquela do corte longitudinal, onde aparecem os pilares sobrepostos.

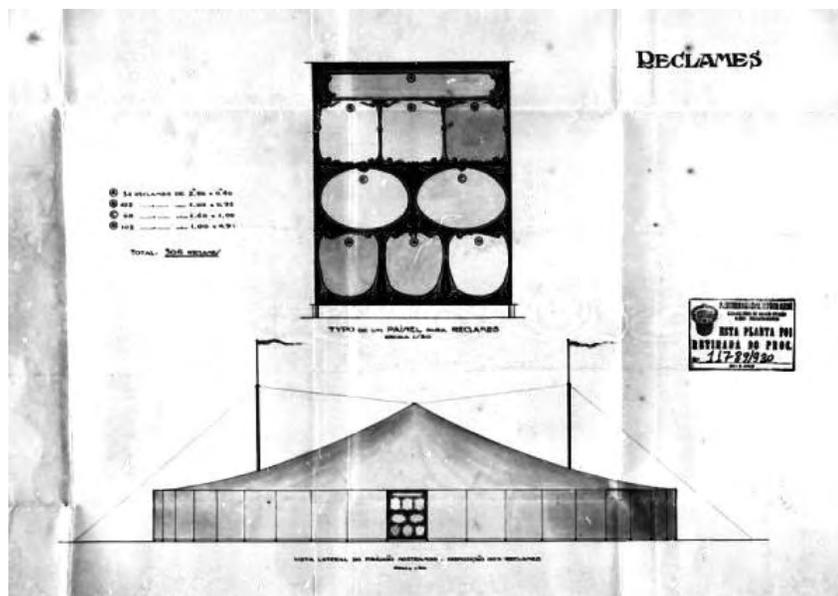


Figura 3.4.29 – **Circo Teatro**, Reclames. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 11789, do filme F043, de 1930.

3.5. O cinema americano nas telas– 1940-1950

Fundado ontem o 'Clube de Cinema de Porto Alegre', em reunião realizada no auditorium do Correio do Povo. P. F. Gastal, primeiro presidente, Osvaldo Goidanich, primeiro secretário. Mais de cinquenta pessoas. Primeira exibição em breve 'Berlim Sinfonia da Metrópole', filme raro. Primeira reunião da diretoria eleita 17-04-48 na Riachuelo 959 ap. 4.

Correio do Povo, 14/04/1948

A década de 40 em Porto Alegre é marcada por três fatos importantes: a Segunda Grande Guerra, a grande enchente de 1941 e, para o mundo cinematográfico, a fundação do Clube de Cinema de Porto Alegre.

A Segunda Guerra Mundial reflete-se incontestavelmente na programação das salas de cinema de Porto Alegre. Nesta época foi definitivamente perdido o vínculo com a cultura e a sociedade europeia, transferindo-os de forma definitiva e irreversível para a América do Norte, apesar de grande parcela da população gaúcha ser composta por imigrantes de origem alemã e italiana. Se na década anterior, os filmes alemães eram bem acolhidos na capital, justificada em parte pela composição de sua população de origem germânica, na década de 40 predominam os filmes americanos. O “glamour” europeu é substituído assim pelo *american way of life*, o que se refletirá nos costumes e na cultura de todas as décadas que se seguirão.

Assim sendo, invadem as telas de Porto Alegre astros como o enigmático Humphrey Bogart, a “menina prodígio” Shirley Temple, o casal romântico formado por Judy Garland e Mickey Rooney. E na mesma época em que a portuguesa - brasileira Carmem Miranda conquistava a América do Norte, os estúdios Disney criavam o personagem Zé Carioca, amigo de Pato Donald em “Você já foi à Bahia?”, além de lançarem a obra prima “Fantasia”. Em 1940 estréia também o clássico “E o vento levou”, com Clark Gable e Vivien Leigh.

Nos meses de abril e maio de 1941 uma chuva de 22 dias se abateu sobre a cidade, inundando parte do centro e do Quarto Distrito. A rua dos Andradas, onde se situava a maioria das salas de cinema da capital ficou embaixo d’água, assim como diversas salas do bairro Navegantes.



Figura 3.5.1 – Enchente de 1941. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

O movimento cinematográfico em Porto Alegre na década de 40 caracterizou-se pela fundação do Clube de Cinema de Porto Alegre, conforme anunciava o Jornal Correio do Povo de 14 de abril de 1948, na página 6:

“Fundado ontem o ‘Clube de Cinema de Porto Alegre’, em reunião realizada no auditorium do Correio do Povo. P. F. Gastal, primeiro presidente, Osvaldo Goidanich, primeiro secretário. Mais de cinqüenta pessoas. Primeira exibição em breve ‘Berlim Sinfonia da Metrópole’, filme raro. Primeira reunião da diretoria eleita 17-04-48 na Riachuelo 959 ap. 4.”

Coordenado por P. F. Gastal, jornalista e crítico de cinema, o “Clube de Cinema” seria uma frente de batalha em defesa do cinema como expressão artística e veículo de transformações sociais, não um local de diversão e contemplação de atores e atrizes norte-americanos. P. F. Gastal (apud Gastal, 1999, p. 75) defendia a fundação do “Clube de Cinema” em um artigo na Revista do Globo:

“Precisamos, portanto, fundar em Porto Alegre um Clube de Cinema para, seguindo o exemplo de São Paulo, Rio e Belo Horizonte, facilitar aos que amam a verdadeira Sétima Arte a possibilidade de entrar em contado, com o que de melhor tem sido realizado nestes cinqüenta e dois anos de cinema.”

Tomando filmes emprestados de embaixadas, consulados, distribuidoras e outras cinematecas, o Clube de Cinema promovia sessões especiais de filmes fora do mercado, do circuito comercial, bem como pré-estréias exclusivas para sócios.

Na década de quarenta intensifica-se a abertura de salas de cinemas nos bairros de Porto Alegre. De um total de quinze salas abertas na década, somente duas situavam-se no centro da capital. As outras salas vieram reforçar os pólos Benjamin Constant, Quarto Distrito, Assis Brasil e Farrapos.

A primeira sala aberta na década de 40 foi o **Cinema Vera Cruz**, inaugurado dia 4 de setembro de 1940, no pavimento térreo do Edifício Vera Cruz ¹, situado na Avenida Borges de Medeiros, 453, esquina com a rua Andrade Neves. O edifício foi projetado por João Antônio Monteiro Netto, projetista licenciado, e construído por Azevedo, Moura & Gertum. De propriedade da empresa Irmãos Pianca & Cia. Ltda, foi a segunda sala de cinema de Porto Alegre a instalar-se no pavimento térreo de um edifício residencial, seguindo tendência iniciada pela inauguração do Cinema Imperial em 1931, na rua da Praia. Foi inaugurado com o filme da Columbia “A Mulher faz o Homem”, do diretor Frank Capra.



Figura 3.5.2 – Edifício Vera Cruz (também conhecido como Edifícios Reunidos). XAVIER, Alberto, MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. São Paulo: PINI, 1987, p. 51.

¹ O **Edifício Vera Cruz** foi o primeiro prédio edifício em altura construído em Porto Alegre, contando com dezesseis pavimentos. Com a abertura das avenidas Borges de Medeiros e Salgado Filho, o centro da cidade viu serem construídos edifícios cada vez mais altos. Logo em seguida ao Vera Cruz foram erguidos os edifícios Sulacap, Sulamérica, União e Piratini.

O edifício Vera Cruz tem a planta baixa em “L”, o que proporcionou a implantação da sala de cinema no pavimento térreo do vazio interno ao fundo do terreno. As bilheterias eram acessadas pelo passeio público, a sala de espera pela esquina. A partir da sala de espera o acesso à platéia, em nível inferior ao saguão, era feito por uma escada, que permitia também a saída das sessões junto à travessa Leonardo Truda.

Dotado de moderno sistema de projeção e som, o cinema Vera Cruz foi mais uma sala a consolidar a Cinelândia porto-alegrense e, segundo Gastal (1999, p. 77) “o primeiro a apresentar poltronas estofadas em todos os seus 1100 lugares”, sem distinção entre primeira e segunda classe. Com “tratamento decorativo de autoria do escultor Fernando Corona” (Xavier, Mizoguchi, 1987, p. 51), a sala era estruturada em uma platéia e um balcão, localizando-se ao fundo desta a cabine de projeção.

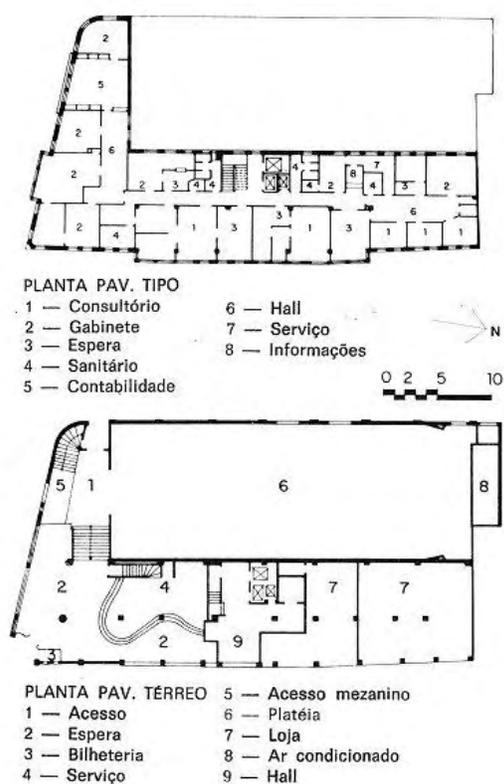


Figura 3.5.3 – Edifício Vera Cruz, planta baixa pavimentos tipo e térreo. No pavimento térreo, na parte interna do lote, o Cinema Vera Cruz. XAVIER, Alberto, MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. São Paulo: PINI, 1987, p. 51.

Para atender ao grande número de imigrantes alemães residentes na capital apresentava filmes da produtora alemã UFA², ligada ao movimento nazista, o que lhe valeu depredações poucos meses depois de aberto, durante a Segunda Guerra Mundial. Na mesma época, o Cinema Ypiranga, localizado à Avenida Cristóvão Colombo, também foi alvo de depredações e protestos, pois promovia, em seu auditório, reuniões do Partido Integralista, ligado ao movimento nazista.

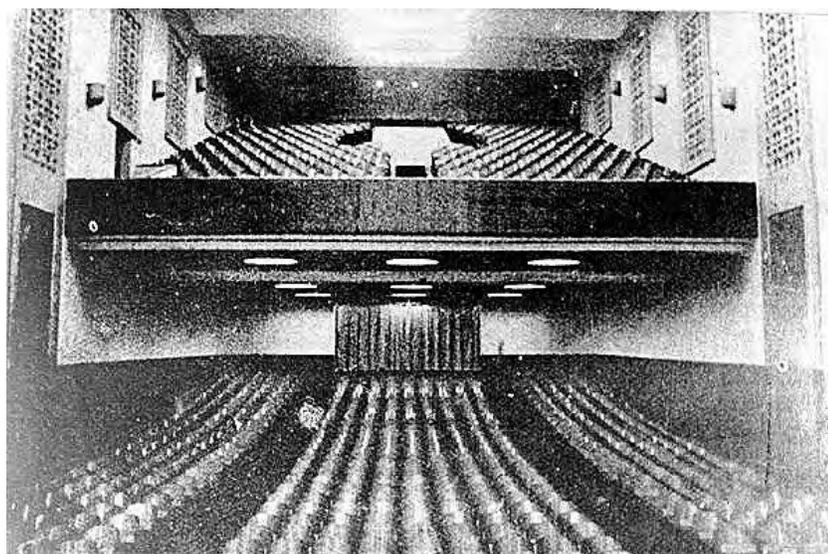


Figura 3.5.4 – **Cinema Vera Cruz**, vista da platéia e balcão. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

² A empresa **UFA** (Universum Film Aktien Gesellschaft) foi criada na Alemanha em 1917 por um grupo de militares e capitalistas com o objetivo de produzir e distribuir filmes, tendo passado logo em seguida às mãos de Alfred Hugenberg, sendo controlada por um consórcio de companhias cinematográfica americanas. Quando Hugenberg assumiu um ministério de Hitler a empresa passou ao controle do Partido Nacional-Socialista. No início da década de 30 a empresa abriu uma filial no Brasil, associando-se ao italiano naturalizado brasileiro Ugo Sorrentino na Art Films Ltda., construindo então os cinemas UFA Palace e Universo, ambos na cidade de São Paulo. Em 1938 Sorrentino cogitou construir um UFA no Rio de Janeiro no terreno do Automóvel Club (antigo Cassino Fluminense), mas a transação não foi efetuada, pois o proprietário do terreno não aceitou vendê-lo. Em 1940 foi inaugurado o cinema UFA Recife, que coincide com o período em que o público começou a repudiar o conteúdo das fitas alemãs distribuídas em todo Brasil pela Art Films, devido a sua proximidade com o movimento nazista. A referência ao nazismo, acentuada pela semelhança do logotipo da empresa UFA com a suástica, fez com que a filial brasileira tivesse seu nome modificado para Cinema Art-Palácio. Na década de 50, a empresa continuou seu crescimento, abrindo posteriormente várias salas no Rio de Janeiro, tais como o Art-Palácio Tijuca e Art-Palácio Méier. (SIMÕES, 1990)

Em 1953 a sala troca o nome para **Cine Vitória**, até ser finalmente dividida em duas salas na década de 90, e incorporada à Rua 24 Horas, tentativa de recuperação do centro de Porto Alegre.

O **Cinema Cruzeiro**³ foi inaugurado em 1942, na esquina das ruas Benjamin Constant e Ernesto da Fontoura, num bairro que viria a se tornar um polo de salas na cidade. A sala, de propriedade de Carlos Basler, foi construída por José Faria Peres⁴. Implantado em terreno quase retangular de aproximadamente 18,70 por 50,60 metros, a edificação ocupa a quase totalidade do lote, a partir de um recuo de ajardinamento de 4,00 metros, liberando área aberta no interior do quarteirão.

³ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 27096, do filme F100, de 1942, contém os seguintes fotogramas: Planta de situação e planta de "Orientação" (Localização); Planta baixa do pavimento térreo; Planta baixa da galeria; Planta da galeria (detalhe); Planta de instalação de esgoto; Corte longitudinal; Corte transversal; Fachada rua Ernesto da Fontoura; Fachada rua Benjamin Constant.

⁴ José Farias Peres "era natural de Taquari onde nasceu em 16/10/1891. Embora residente em Porto Alegre, construía primordialmente no interior já que sua licença lhe permitia construir prédios de até dois pisos e vãos de 6m. Em 1945 teve sua carteira apreendida temporariamente e em 1952 ela foi cassada em definitivo." WEIMER, Güinter. *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP, 1989. Tese [Doutorado em Arquitetura] – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1989, p. Q.58

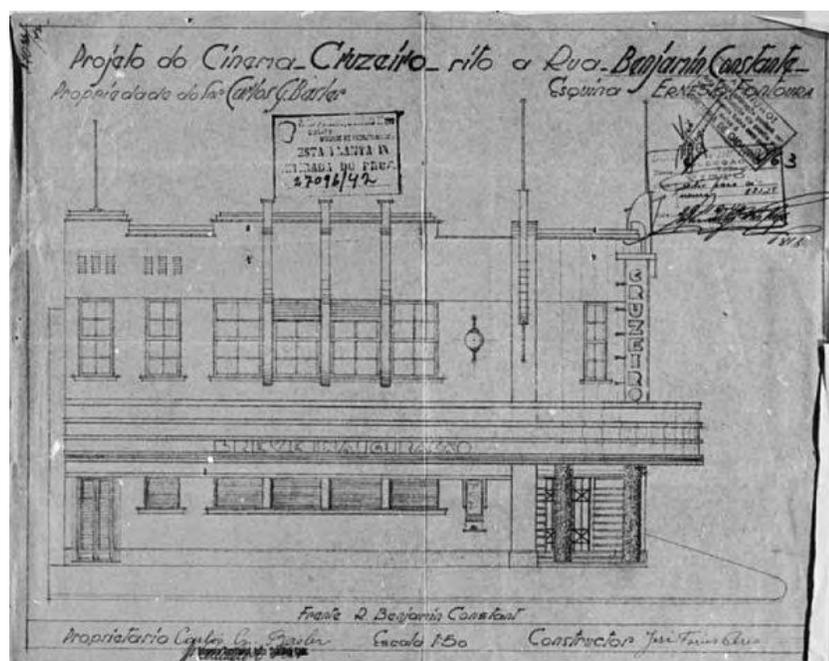


Figura 3.5.5 – **Cinema Cruzeiro**, fachada para a avenida Benjamin Constant. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 27096, do filme F100, de 1942.

A planta baixa térrea apresenta três setores estratificados e subsequentes: a sala de espera, a platéia e o palco. Uma vez adquirido o ingresso em uma das bilheterias externas, abertas para cada uma das ruas, o acesso à sala de espera se dá pela esquina do lote. Ao fundo da sala de espera situam-se sanitários públicos, ao centro da sala uma porta leva à platéia e às galeria.

A platéia apresenta lotação de 1034 lugares, ao fundo desta estão localizadas duas escadas simétricas de acesso à galeria, com 274 lugares, no mesmo local onde está situada a cabine de projeção, junto à fachada.

localizada a sala de espera e a cabine de projeção é concebida como a principal do projeto. Nesta fachada as aberturas são em maior número e predomina uma marquise que flexiona na esquina, sem, entretanto prolongar-se pela avenida Ernesto da Fontoura. Sobre esta marquise parece estar previsto elemento de programação e divulgação dos filmes em cartaz na sala. Sobre a marquise, na esquina de acesso, um display vertical apresenta o nome do cinema.

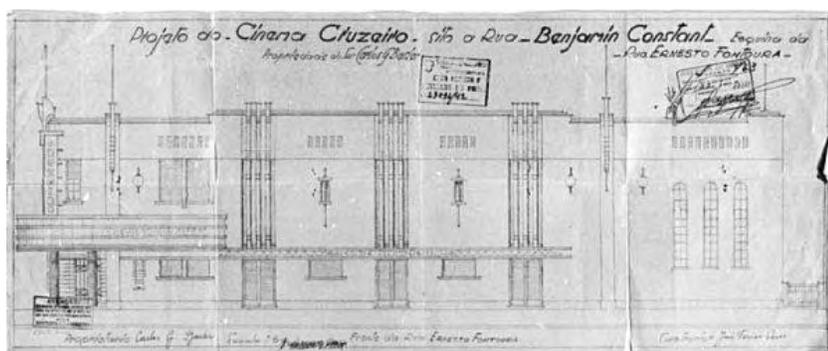


Figura 3.5.8 – **Cinema Cruzeiro**, fachada para a rua Ernesto da Fontoura. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 27096, do filme F100, de 1942.

O corte longitudinal apresenta o balcão prolongado sobre a sala de espera, a platéia com dupla inclinação em direção ao centro, e a ausência de caixa cênica junto ao palco.

Em 31 de julho de 1943 troca de nome para **Cinema Eldorado**. Demolido no final da década de 70, em seu lugar foi construído na década de noventa um edifício de comércio e serviços.

Em 19 de fevereiro de 1943, é inaugurado o **Cinema Brasil**, na Avenida Bento Gonçalves, 1960, esquina com a rua Paissandu. Fechou na década de sessenta, quando foi transformado em Posto de Gasolina.

Em 1943 é re-aberto o **Cinema Thalia**⁵, também apresentado como **Cine-teatro Riviera**, após importantes reformas conduzidas por João Antônio Monteiro Netto no prédio onde funcionava desde 1917, na avenida Eduardo, número 1378, atual avenida Presidente Roosevelt. Tratava-se de uma grande sala em um dos bairros mais populosos da capital.



Figura 3.5.9 – **Cine-teatro Riviera / Cine Teatro Thalia**. Após a reforma, o painel sobre a entrada anunciava o CINE novo TALIA. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

A platéia, de grande capacidade, comportava 1188 pessoas, distribuídas em seis setores, enquanto que no pavimento superior, a galeria comportava 366 pessoas, totalizando 1554 poltronas. O cinema contava com duas salas de espera independentes, uma primeira sala menor, situada no fundo da platéia, ao longo do passeio público, uma segunda sala perpendicular ao passeio, ao longo da lateral esquerda da platéia. Pelo que se depreende do projeto,

⁵ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre em diversos processos. Processo número 03620, do filme F108, de 1943/44, contém os seguintes fotogramas: Planta de situação e localização, Planta baixa pavimento térreo e galeria, Corte longitudinal, Corte transversal, Fachada principal e corte transversal. Processo

aparentemente a sala de espera de menor área, conduz ao balcão superior, enquanto que a sala de espera maior, dotada inclusive de dois conjuntos de sanitários, conduz à platéia.

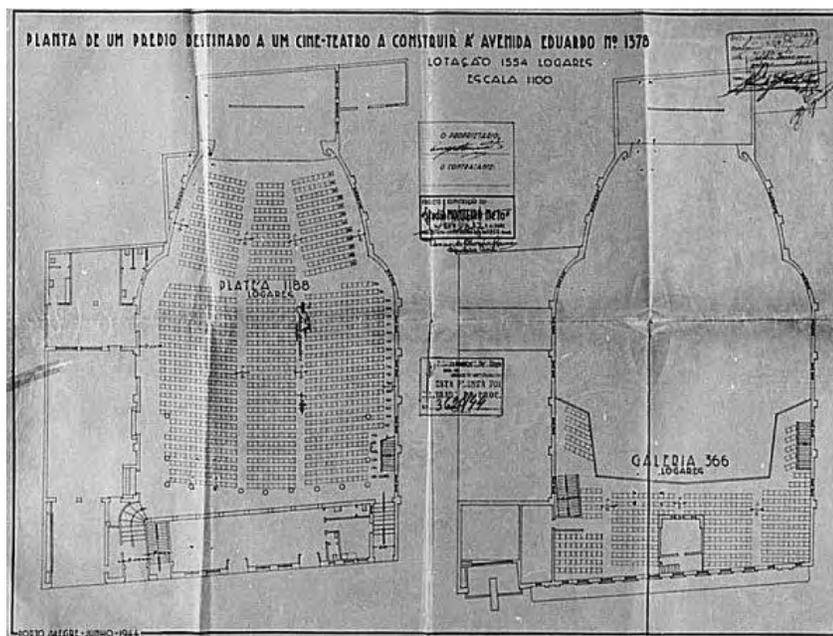


Figura 3.5.10 – Cine-teatro Riviera / Cine Teatro Thalia, planta baixa pavimentos térreo e galeria. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 03620, do filme F108, de 1943/44.

O corte transversal mostra a edificação compartimentada em três corpos distintos: um primeiro de menor porte comportando a sala de espera, e sobre esta a cabine de projeção e o balcão. Em seguida, de maior porte, a grande platéia, complementada por fim pelo palco, que, se por um lado apresenta razoáveis dimensões em planta, em corte demonstra não oferecer altura suficiente para apresentação de grandes espetáculos teatrais e suspensões de cenários. Também não foi construído fosso para orquestra, desnecessário numa época de filmes sonorizados.

número 13266, do filme F200, de 1945, contém os seguintes fotogramas: Planta baixa pavimento térreo e superior, corte AB e CD, Fachada principal, relativos a apartamento anexo ao cinema.

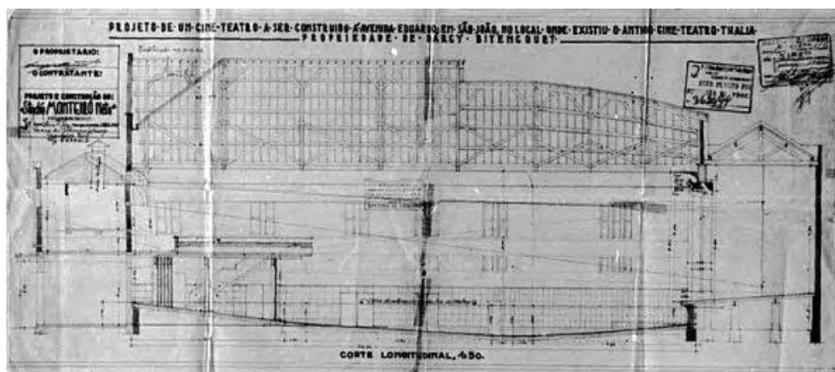


Figura 3.5.11 – Cine-teatro Riviera / Cine Teatro Thalia, Corte longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 03620, do filme F108, de 1943/44.

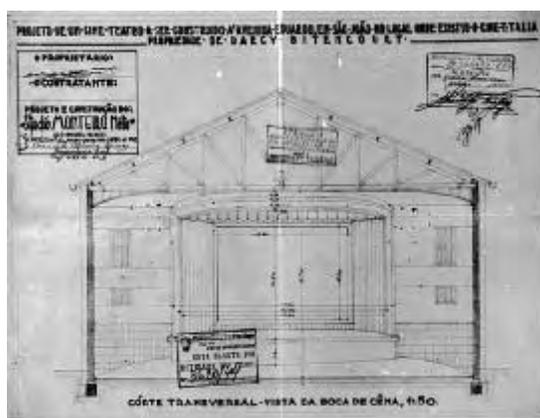


Figura 3.5.12 – Cine-teatro Riviera / Cine Teatro Thalia, Corte transversal – vista da boca de cena. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 03620, do filme F108, de 1943/44.

A fachada apresenta aparentemente duas edificações de pequeno porte, com somente dois pavimentos. À esquerda, o acesso às salas de espera, onde se pode ler na platibanda “Cine-teatro Riviera”. À direita, o pavimento térreo protegido por uma marquise, permite acesso à sala de espera do balcão, e a compra de ingressos na bilheteria externa situada no lado direito, enquanto que no pavimento superior, pequenas esquadrias circulares iluminam (eventualmente) e ventilam a cabine de projeção e o balcão. Em segundo plano da fachada, observa-se o corpo de maior porte da grande platéia.

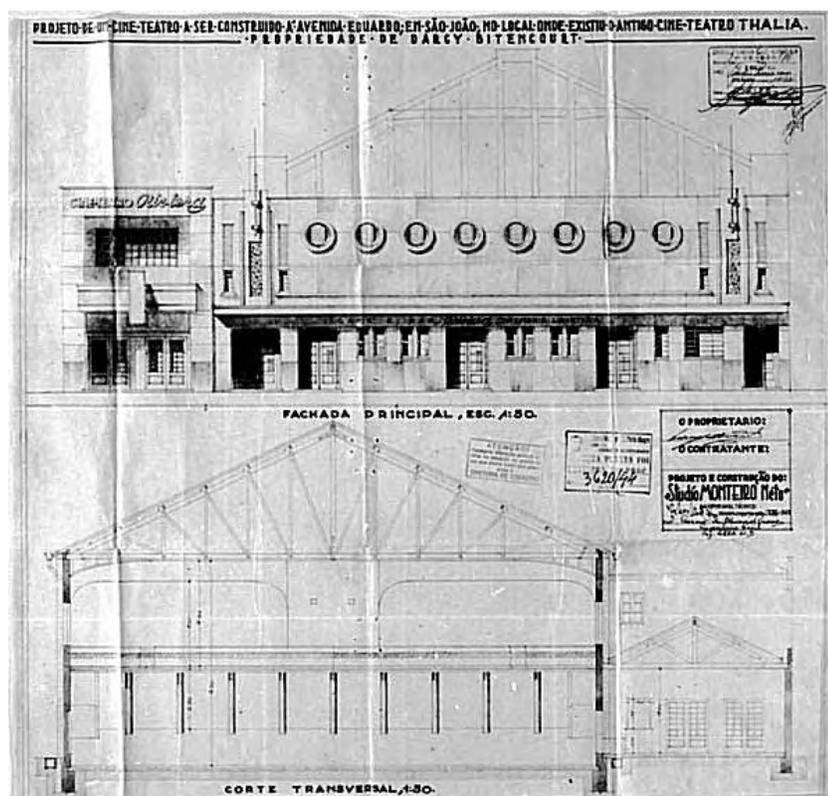


Figura 3.5.13 – Cine-teatro Riviera / Cine Teatro Thalia, Fachada principal e corte transversal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 03620, do filme F108, de 1943/44.

Em 1945 é encaminhado para aprovação projeto de “aumento por uma moradia no andar superior” do cinema Talia. Tratava-se da construção de um pequeno apartamento de sala, cozinha, banheiro e dois dormitórios no pavimento superior do acesso às salas de espera.

No final da década de setenta, início da década de oitenta, o Cinema Talia começa a enfrentar crise de público, escasso para uma sala de grande capacidade, e já com trinta anos de uso, o que fez com que começasse a apresentar somente sessões noturnas, até ser finalmente demolido em 1985 e transformado em estacionamento.

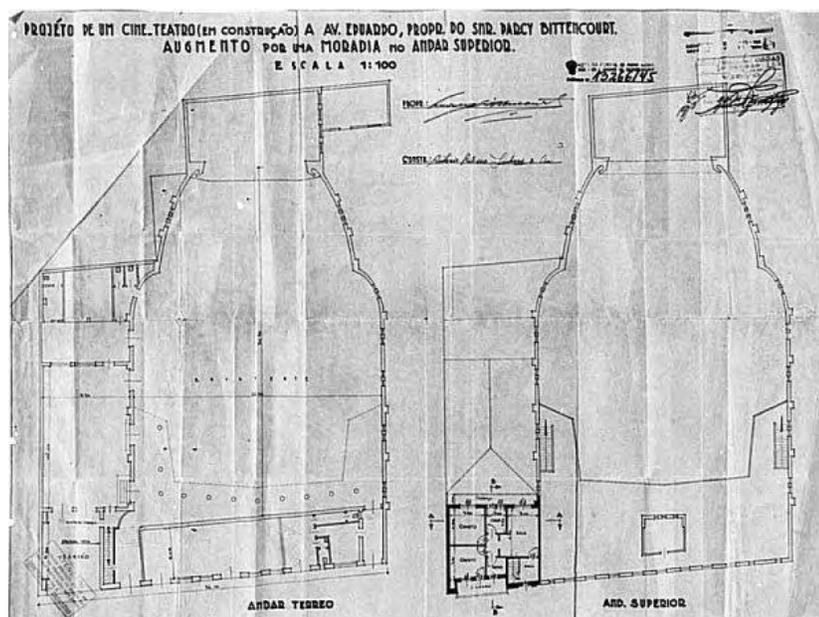


Figura 3.5.14 – Cine-teatro Riviera / Cine Teatro Thalia, Planta baixa andar térreo e andar superior. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 13266, do filme F200, de 1945.

Em 9 de julho de 1944 é inaugurado o **Cinema Rival**, sem que tenhamos podido precisar a localização.

Em 1945, no bairro Petrópolis, é inaugurado o **Cine Petrópolis**, localizado no bairro de mesmo nome, próximo ao **Cinema Ritz**. O endereço preciso do cinema é controverso, pois existem indicações de ter se localizado na Avenida Carazinho esquina com Avenida Protásio Alves, provavelmente onde hoje está localizado o Supermercado Zaffari, enquanto que outras fontes o posicionam duas quadras mais abaixo na avenida Protásio Alves, na esquina com a rua João Abott. Apesar da programação de “arrabalde”, com reprises dos filmes lançados nas salas do centro e programas duplos, tinha um proprietário cinéfilo que fazia lançamentos de filmes europeus, como “Nunca te Amei”, produção inglesa da década de 50, até o fechamento da sala na década de 70.

O **Cinema Marabá**⁶ foi construído no mesmo terreno onde havia anteriormente o **Cinema Palais** (também citado como **Palácio**), na rua Coronel Genuíno, próximo à confluência da avenida Borges de Medeiros com a antiga ponte de pedra. Apesar do projeto aprovado pela prefeitura municipal de Porto Alegre datar de 1928, o Cinema Marabá foi inaugurado somente em 13 de março de 1947. Sua abertura foi saudada pelo Jornal Correio do Povo de 19 de março do mesmo ano, à página 6:

“Ótima casa com 1800 poltronas e modernos aparelhos de projeção e som (RCA-Victor, modelo 1947). A nova casa é motivo de orgulho para a cidade. Programa de estréia constará de lançamento em primeira mão do filme da Continental.”

Figura 3.5.15 – **Cinema Marabá**, vista da galeria de acesso à sala, sob painel anunciando “Programa duplo às 14 e 20 horas”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.



Pertencia ao empresário Horácio Castello, associado neste empreendimento a Isaac Saidenberg e Ivo Schmidt. Projeto e construção do “Studio Monteiro Neto”, de João Antônio Monteiro Netto, que já havia construído em 1943 o Cinema Talia. Provavelmente tenha sido uma das primeiras salas de cinema a compartilhar usos numa mesma edificação, pois estava situada no pavimento térreo

⁶ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 25137, do filme F112, de 1928, contém os seguintes fotogramas: Planta baixa do terraço, planta baixa do primeiro andar e galeria; Planta baixa do segundo andar, fachada, cortes AA e BB (transversais); Corte CC (longitudinal).

de um edifício residencial na rua Coronel Genuíno, 206, quase na esquina com a Rua José do Patrocínio, na mesma quadra onde hoje é o SENAC.

O conjunto comportava uma loja, oito apartamentos e a sala de cinema com balcão. O setor térreo do projeto junto ao passeio público apresentava-se assim em pilotis, como uma galeria coberta, por onde era possível acessar independentemente estas três atividades. O acesso ao cinema, na porção direita da fachada conduzia a uma sala de espera e de lá à platéia e ao balcão. A grande platéia, com aproximadamente 18 metros de largura por 55 metros de profundidade tinha capacidade para aproximadamente 1400 pessoas. O palco, medindo 15 metros de largura por 10 metros de profundidade, paradoxalmente não apresenta espaços de serviço anexos, como camarins e acessos secundários. No pavimento superior, no corpo residencial do conjunto, foram previstos quatro apartamentos simétricos com sala, cozinha, banheiro e três dormitórios cada, totalizando oito economias nos dois níveis residenciais. Em seguida, no corpo da sala de cinema, observamos uma sala de espera superior, a cabine de projeção e o balcão para aproximadamente 400 pessoas, totalizando 1800 lugares.

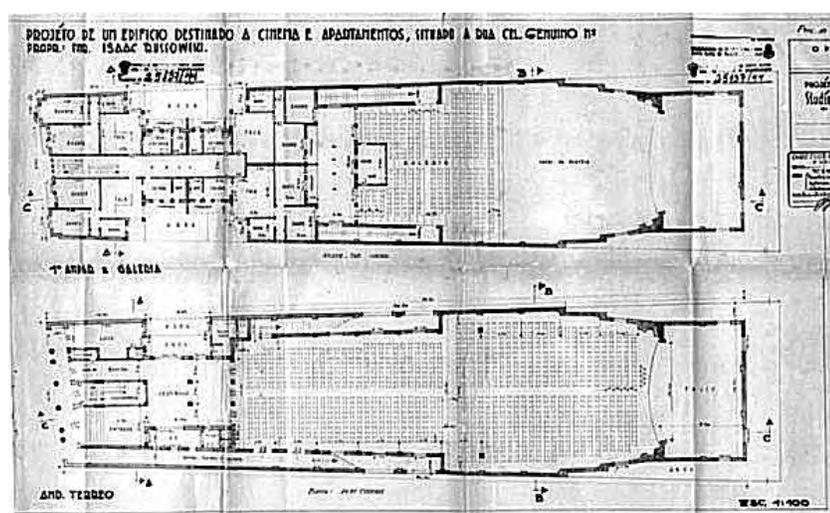


Figura 3.5.16 – Cinema Marabá, plantas baixas pavimentos superior (balcão) e térreo (sala de espera e platéia). Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 25137, do filme F112, de 1928.

O corte longitudinal permite identificar os diferentes corpos da edificação. À esquerda, o acesso ao cinema no pavimento térreo, situado sob dois pavimentos residenciais. Em seguida, a grande platéia, e o balcão, finalizando no palco e tela de projeção. No fundo do balcão e acima deste, pode-se identificar a cabine de projeção.

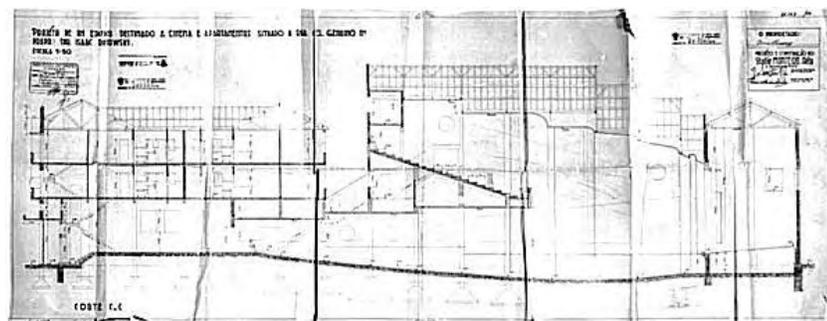


Figura 3.5.17 – **Cinema Marabá**, corte longitudinal. À esquerda o acesso à sala sob dois pavimentos de apartamentos; à direita o cinema: platéia, balcão e palco. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 25137, do filme F112, de 1928.

A fachada conjuga dois caracteres distintos: o edifício comercial no pavimento térreo e o residencial no superior. O pavimento térreo é extremamente permeável, pois comporta o acesso à loja, aos apartamentos, ao cinema e a saída do cinema. Em seguida um falso pavimento intermediário com janelas circulares semelhantes escotilhas de navio isola os dois pavimentos residenciais superiores ⁷. O corte transversal na sala de cinema apresenta em vista a boca de cena circular, certamente inspirada na eloqüente proposta do *Radio City Music Hall*, de Nova Iorque.

⁷ O estilo Art Déco foi particularmente utilizado na decoração de grandes navios de luxo franceses, o que o fez conhecido também como estilo “*paquebot*”, o que trouxe, por outro lado, referências a elementos náuticos na própria arquitetura.

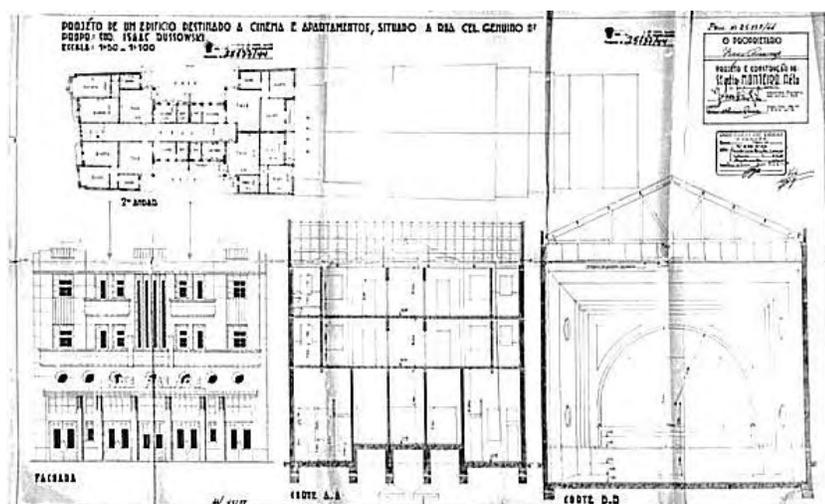


Figura 3.5.18 – **Cinema Marabá**, planta baixa do terceiro pavimento de apartamentos, e cobertura do cinema; fachada e cortes transversais. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 25137, do filme F112, de 1928.

Foi um dos cinemas mais populares da capital, onde, em programação diversificada, se exibiam filmes da Columbia, Paramount e da nacional Vera Cruz. Em determinados momentos, agradando aos cinéfilos mais exigentes, passou ciclos de consagrados diretores europeus, como Fellini, Bunuel e Antonioni, em outros, exibia programas duplos de filmes de segunda linha, chegando mesmo a apresentar em cena shows de transformistas, como o grupo “Les Girls”.

Foi demolido no final da década de 70, quando foram unificados seu terreno com o lote vizinho, e construído então um grande edifício residencial, provavelmente dezenas de pequenos apartamentos.

O **Cinema América**⁸ foi inaugurado em 2 de julho de 1947, na Estrada do Passo d’Areia (atual avenida Assis Brasil), junto ao número 351, entre

⁸ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 14905, do filme F200, de 1945, contém os seguintes fotogramas: Plantas de situação e localização; Fachada principal e detalhe da planta baixa; Corte transversal AB; Corte longitudinal CD; Corte transversal EF; Corte transversal GH; Planta de Lages (sic) do primeiro andar.

as ruas Portugal e Coronel Feijó. Pertencia ao empresário Darcy Bittencourt, proprietário de diversas salas em Porto Alegre, tendo sido construído pela empresa Antônio Ribeiro Linhares & Cia. Com certeza o **Cinema América**, juntamente com o **Cinema Ritz** é o melhor exemplo da arquitetura de sala de cinema Art Déco construída em Porto Alegre.

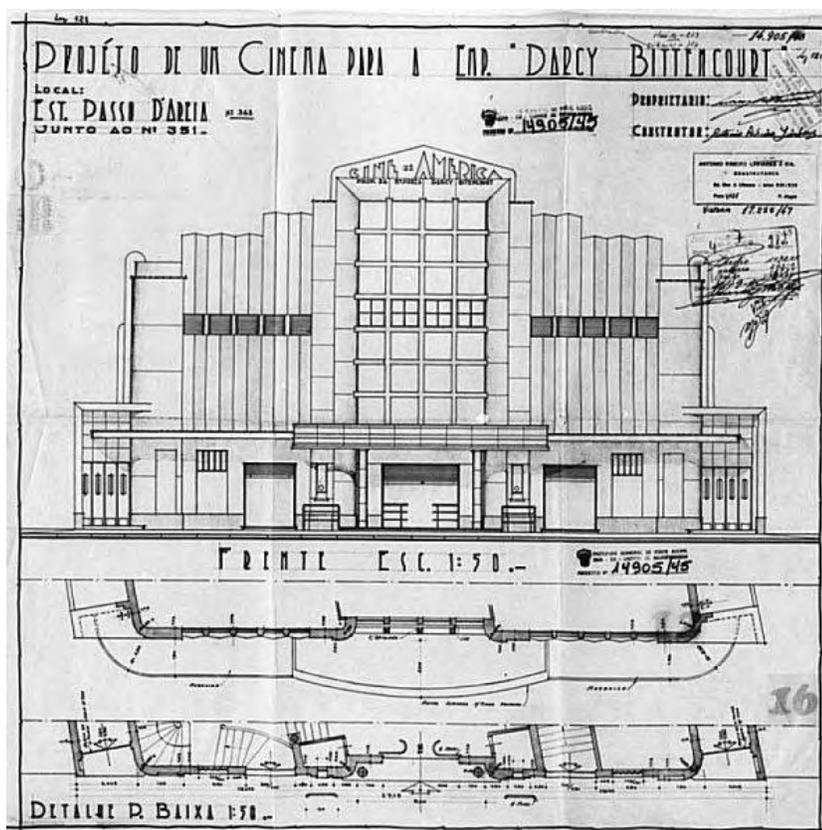
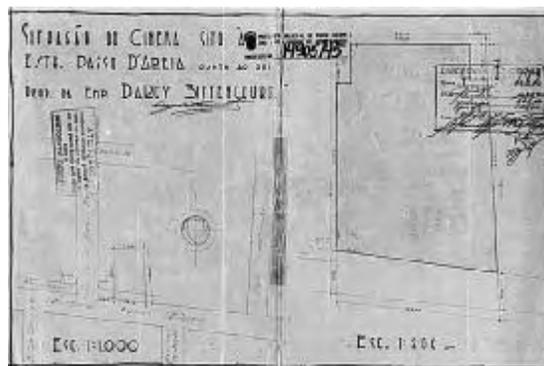


Figura 3.5.19 – **Cinema América**, fachada principal e setores de planta baixa superior e inferior. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 14905, do filme F200, de 1945.

O projeto arquivado não apresenta plantas baixas, com exceção de dois setores de planta junto à fachada, o que nos impede uma análise completa. Todavia, a planta de localização permite identificar as dimensões do terreno de forma trapezoidal com 27,00 metros de frente por 43,00 metros de profundidade. A edificação ocupa a quase totalidade do lote, liberando duas pequenas áreas de ventilação, laterais de ao palco.

Figura 3.5.20 – **Cinema América**, Plantas de Situação e Localização. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 14905, do filme F200, de 1945.



O Corte Longitudinal CD mostra a sala de espera térrea sob o balcão, que se prolonga até a cabine de projeção junto à fachada, a platéia com inclinação ao centro, de maneira a favorecer os assentos mais próximos à tela. A caixa de cena, apesar de pouco profunda, possui altura suficiente para suspensões de cenários de eventuais espetáculos teatrais.

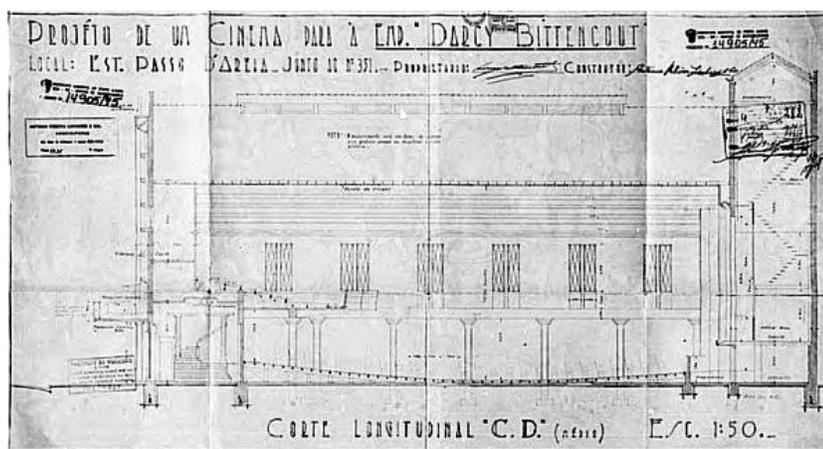
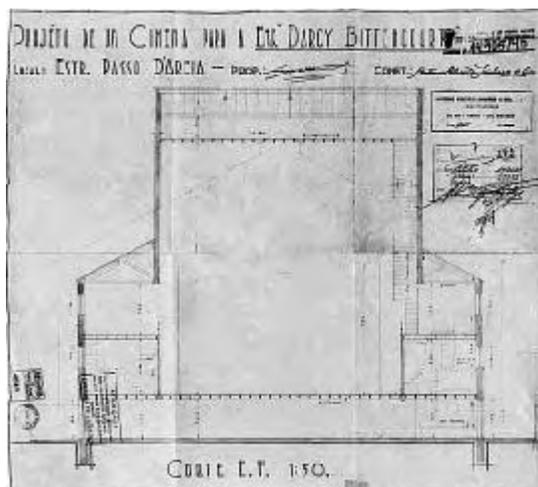


Figura 3.5.21 – **Cinema América**, Corte Longitudinal CD. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 14905, do filme F200, de 1945.

O Corte Transversal EF passa junto ao palco, permitindo a identificação de dois níveis de camarins em cada lado, assim como o *grid* técnico de suspensão e movimentação a tela de projeção, cortinas e cenários.

Figura 3.5.22 – **Cinema América**, Corte Transversal EF. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 14905, do filme F200, de 1945.



O Corte Transversal AB apresenta o quadro de cena, onde se percebe a tela com os cantos arredondados. O forro escalonado provavelmente continha sancas com iluminação embutida, assim como se pode identificar sancas de luz na junção das paredes laterais com o forro. A utilização da luz como elemento cenográfico, utilizando planos iluminados indiretamente foi uma das características do movimento Art Déco, talvez originada mesmo do cinema, onde este movimento artístico manifestou-se de modo pleno.

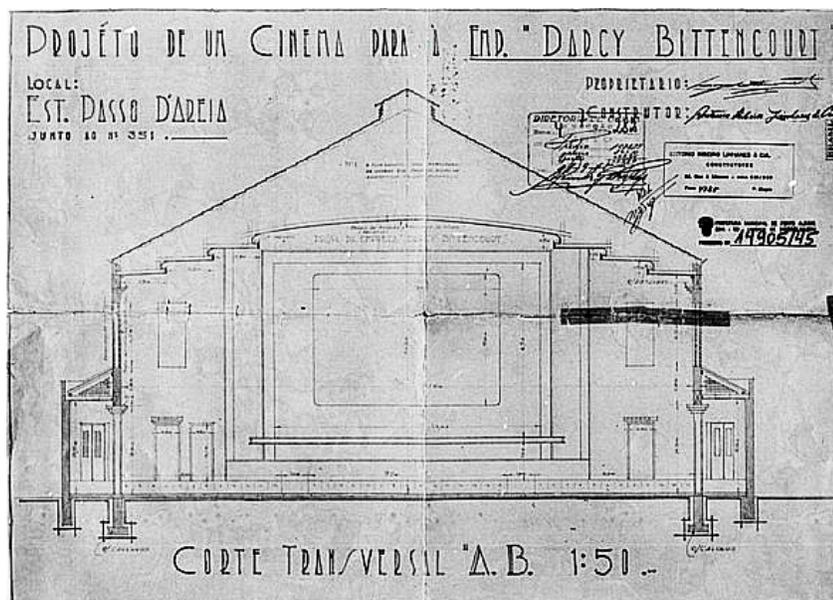


Figura 3.5.23 – **Cinema América**, Corte Transversal AB. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 14905, do filme F200, de 1945.

A fachada do Cinema América apresenta características icônicas do movimento Art Déco, tais como simetria especular, verticalidade de planos e escalonamento as formas em direção ao ponto mais alto no centro da fachada. Situado em meio de quarteirão, a fachada simula um *skyline* urbano, semelhante àquela do cinema Broadway em São Paulo.

Horizontalmente a fachada é dividida em duas partes, onde se identifica o pavimento térreo predominantemente horizontal, protegido por uma marquise e o corpo superior da edificação, onde predominam painéis verticais opacos. O acesso à sala é feito por uma porta central, emoldurada por duas bilheterias abertas para o passeio público. Ao lado das bilheterias, duas portas de saída das sessões. Nas extremidades duas outras portas, provavelmente também para escoamento do público após as sessões. Verticalmente um grande plano encimado por um frontão alinha-se com a porta principal, as bilheterias e a marquise central. Este painel apresenta o nome do cinema, da mesma maneira que a porção central da marquise provavelmente também tenha servido para aposição de letreiros com o título do filme e as estrelas. Não foi possível precisar a data de fechamento e demolição desta sala, provavelmente ocorridos na década de setenta, quando foi fechada a maioria dos cinemas de rua em Porto Alegres.

Em 1947 inaugura o **Cinema Baluarte**, no Passo da Mangueira, atual Avenida Assis Brasil, trocando de nome já no ano seguinte para **Cinema Cristo Redentor**. Provavelmente tratava-se de uma pequena sala de bairro, apresentando programação dupla de filmes de segunda linha e reprises de filmes lançados no centro da cidade.

O **Cine-Teatro Ritz**⁹ foi inaugurado em 6 de setembro de 1948, na Avenida Protásio Alves, 2589 (atual 2557), no final da linha dos bondes Petrópolis, no bairro de mesmo nome. O projeto, aprovado em 1945, tem como proprietário o empresário Darcy Bittencourt, e responsável técnico pela construção a empresa Spolidoro & Cia. Apesar de constituir-se num cinema de bairro, que se caracterizavam pela apresentação de reprises e programas duplos, o Ritz além das reprises fazia também lançamentos de filmes produzidos pelos grandes estúdios de Hollywood. Foi um dos mais modernos e confortáveis cinemas de bairro de Porto Alegre, contando com sala de espera, ampla platéia dotada de poltronas confortáveis e caimento de piso, oferecendo perfeitas condições de visibilidade a sua tela em formato *Cinemascope*. A *avant-première* aconteceu na véspera da abertura para o público, exclusivamente para sócios do recém fundado Clube de Cinema, com a projeção do filme *A Dama da Xangai*.

O Ritz foi uma das primeiras salas de cinema “modernas” a serem implantadas fora do centro de Porto Alegre, o que foi saudado pelo jornal Correio do Povo de 5 de setembro de 1948:

“(..) ganha Porto Alegre mais uma moderna casa de exibição, a qual sem dúvida virá melhorar sensivelmente o panorama local neste sentido. Já acentuamos diversas vezes e hoje repetimos, que entre nós vem sucedendo um estranho fenômeno que a ninguém pode passar despercebido: a descentralização dos bons cinemas da capital. Contamos, não se pode negar, com duas boas casas no Centro. Uma das quais há bem pouco foi equipada com aparelhagem nova. De um modo geral, porém, nossos cinemas deixam a desejar, quer no que diz respeito à projeção ou som, quer no que se refere à falta de conforto e ambiente de sossego, indispensáveis à apreciação de todo

⁹ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 7891, do filme F114, de 1945, contém os fotogramas: Plantas de situação e localização; Plantas baixas (3 pavimentos); Corte transversal; Corte longitudinal; Fachada.

espetáculo. Já os arrabaldes, ao contrário, de uns tempos para cá vêm ganhando cinemas novos e modernos, equipados com cabines do último modelo, como ocorre, por exemplo, com o Marabá, que pode ser considerado fora do Centro, com o América, com o Talia, brevemente com o Baltimore cujos aparelhos estão por ser mudados, e agora o Ritz.”



Figura 3.5.24 – Cinema Ritz, vista atual. Foto do autor.

O projeto foi construído sobre um terreno retangular de aproximadamente 25,00 metros de frente por 35,00 metros de profundidade, e apresenta basicamente um pavimento térreo, e pequena sala de acesso ao balcão.

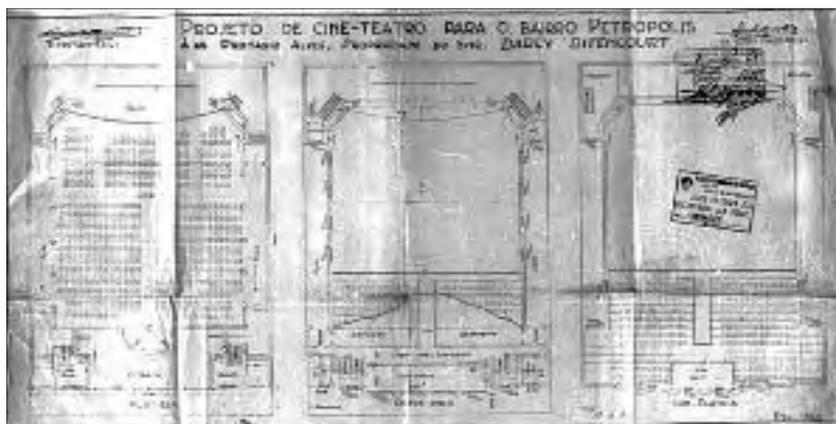


Figura 3.5.25 – Cinema Ritz, plantas baixas pavimentos térreo, intermediário e balcão. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 7891, do filme F114, de 1945.

Uma vez adquirido o ingresso nas bilheterias voltadas para o passeio público, é feito diretamente o acesso à sala de espera. A sala de espera é simétrica, tendo como ponto de convergência um balcão central para venda de balas e chocolates. Apesar de não indicado em outros projetos, aparecendo aqui pela primeira vez numa sala de cinema em Porto Alegre, o balcão de guloseimas é elemento importante na caracterização e conformação do espaço de espera da sala de cinema. Tanto que, na atualidade, nos complexos de salas e grandes redes exibidoras, a receita de alimentação é igual senão superior à receita de público nas salas. Logo em seguida, o acesso à sala é feito então tanto pela esquerda como pela direita da sala. Alguns poucos degraus levam então à platéia, uma escada leva ao balcão superior. A circulação na platéia principal se faz por dois corredores laterais e um central.

O corte longitudinal mostra a sala de espera, o balcão e platéia de dupla inclinação. Nas superfícies laterais superiores da platéia são mostradas grelhas de argamassa armada, que tinham por função permitir ventilação permanente cruzada na sala, sem entrada de luminosidade. O cinema possui também uma caixa cênica composta por um palco de aproximadamente 8,00 metros de profundidade e grande altura, sendo inclusive apresentados no corte longitudinal, elementos de maquinaria, movimentação e suspensão de cenários. Conta também com dois camarins, situados nas laterais do palco. Estes equipamentos o habilitariam para apresentação de peças teatrais.

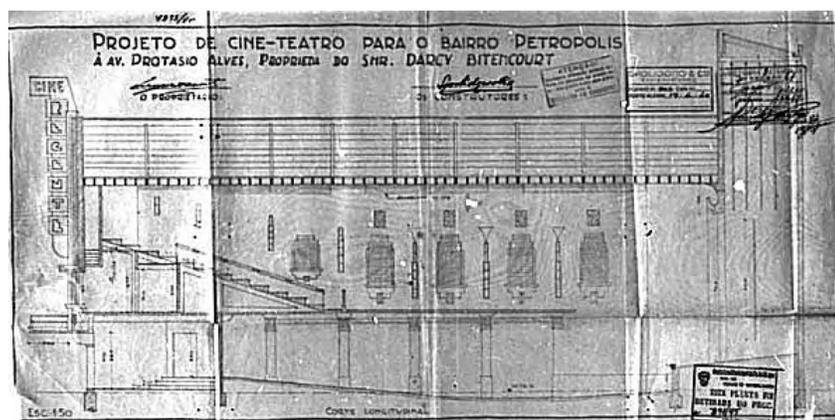


Figura 3.5.26 – Cinema Ritz, corte longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 7891, do filme F114, de 1945.

O corte transversal permite observar-se detalhes interiores do projeto, como capitéis de arremate das colunas que separam a grande sala da circulação lateral baixa, elementos de ventilação junto às janelas superiores, assim como detalhes de foro, provavelmente sancas com iluminação embutida. As circulações laterais têm pé-direito mais baixo que o restante da sala, criando desta maneira áreas de ventilação cruzada da sala, como já pudemos nos referir.

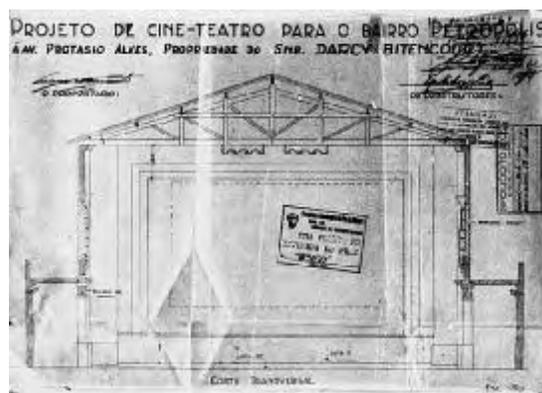


Figura 3.5.27 – Cinema Ritz, corte transversal junto à platéia, em frente à tela. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 7891, do filme F114, de 1945.

A fachada Art Déco, assim como no Cinema América apresenta elementos caracterizadores deste movimento, como simetria, verticalidade e hierarquização de acessos. O pavimento térreo ocupa um quarto da altura do prédio, separado do corpo do edifício por uma marquise. O corpo do edifício ocupa os três quartos superiores da fachada, procurando acentuar a verticalidade do conjunto. Na estratificação vertical, o projeto apresenta um princípio compositivo de

inspiração neoclássica, estruturado por um corpo central, de maior altura, complementado por dois corpos laterais de menor altura. No corpo central situam-se os acessos, protegidos por uma marquise, encimados por uma série de painéis curvados e planos verticais, um deles suporte do display onde consta o nome da sala de cinema. Os dois corpos laterais abrigam de maneira simétrica, as bilheterias (externas) e as saídas da sala. Nestes mesmos planos laterais são apresentados detalhes de reboco, representando composições geométricas abstratas, outra das características do movimento Art Déco.

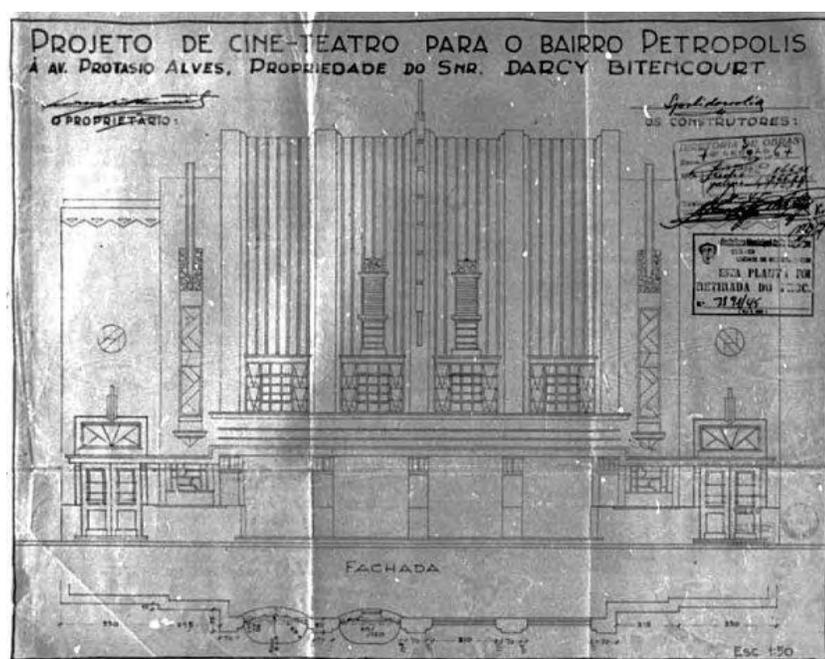


Figura 3.5.28 – **Cinema Ritz**, fachada para a avenida Protásio Alves. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 7891, do filme F114, de 1945.

Depois de alguns anos fechado, e colocado à venda, o Cinema Ritz encontra-se atualmente em processo de demolição.

Durante a década de 40 o **Cinema Guarany**, inaugurado em 1913, na rua dos Andradas, número 1409 atual 1035, após passar por uma reforma que modificou o pórtico principal, troca o nome para **Cinema Rio**. Em meados da década de 50 volta novamente a chamar-se Guarany, até ter seu interior

transformado em banco e preservada a fachada. Já no final da década, em 1948 inaugura o **Cinema Anchieta**, em local ignorado.

Embora não seja objeto de nosso estudo, apresentamos como curiosidade, o projeto do **Studio Cinematográfico Leopoldis Som**¹⁰, (antiga Leopoldis Films) de propriedade de Ítalo Manjeroni, situado à rua Gonçalves Dias, 342. A Leopoldis Films produziu a partir dos anos trinta até os anos sessenta o jornal *Actualidades Gaúchas*, programa obrigatório em todos os cinemas, antes do filme principal. Tendo fabricado sua própria câmera sonora, Manjeroni realizou os filmes *A festa da Uva* e *Bento Gonçalves, a terra mater do vinho*, primeiros filmes sonoros produzidos no estado.

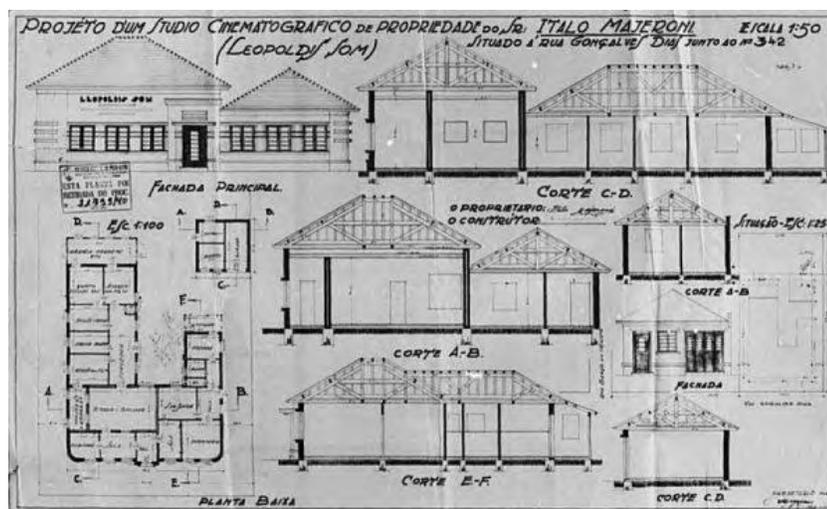


Figura 3.5.29 – **Studio Cinematográfico Leopoldis Films**. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 21799, do filme F089, de 1940.

¹⁰ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 21799, do filme F089, de 1940, contém um fotograma com o projeto completo.

3.6. Salas sob torres – 1950-1960

Nossa opinião, compartilhadas por líderes importantes da indústria, é que este novo elemento cinematográfico, o “Cinemascope”, permite ao público sentir o drama e a ação vivida a partir da sensação que esta produz, vivamente, em extensão infinitamente maior do que representações teatrais. É uma profunda emoção podermos entusiasticamente declarar que pusemos agora os meios de vigorar e ampliar o horizonte dos filmes cinematográficos a um grau jamais alcançado.

Correio do Povo, 02/02/1952

Na década de cinquenta a vida cultural dos gaúchos é marcada por dois acontecimentos importantes e definitivos: a abertura do MARGS – Museu de Arte do Rio Grande do Sul, em 1954 e a primeira FERIA do Livro, hoje evento obrigatório na primavera porto-alegrense. Na grande tela assistia-se a épicos, como *Ben Hur*, com Charlton Heston, aos musicais estrelados por Gene Kelly e Debbie Reynolds, aos rebolados e músicas de Elvis Presley, ao famoso beijo do cinema entre Débora Kerr e Burt Lancaster, em *A um passo da eternidade*, e ao nascimento de mitos como Marilyn Monroe. No plano da arquitetura o mundo via vir à tona o *International Style*, o “*less is more*”, o que se começa a perceber já em Porto Alegre, pelo surgimento das primeiras salas modernistas, como o Marrocos e o Presidente, juntamente com salas Art Déco, como o América e o Ritz.

Porto Alegre contava com cinquenta salas, vinte e seis salas localizadas no centro da cidade e vinte e quatro nos bairros, que não se limitavam

mais a uma posição de segunda linha, apresentando somente reprises. O Cinema Vogue e o Cinema Marrocos, pr exemplo, localizados respectivamente nas avenidas Independência e Getúlio Vargas, propõem-se desde sua abertura como salas lançadoras.

Também o crescimento e a verticalização da cidade proporcionou a construção de edifícios de uso misto, onde salas de cinema foram incorporadas a grandes edifícios de habitação coletiva, principalmente nas grandes artérias, como as avenidas Borges de Medeiros, Salgado Filho, Independência, entre outras.

Se na década anterior P. F. Gastal fundou o Clube de Cinema de Porto Alegre, na década de cinqüenta foi fundado por Humberto Didonet o Cine Clube Pro Deo, ligado à Igreja. O Cine Clube Pro Deo publicava um boletim, onde além da crítica qualitativa, era feita a recomendação ou condenação de determinados filmes, segundo critérios morais e religiosos.

A programação das salas era prioritariamente composta por filmes americanos, apesar da promulgação de decreto do governo federal obrigando a apresentação de um filme brasileira pra determinada cota de filmes estrangeiros. Segundo Gastal (1999, p. 105),

“em dezembro de 1951, um balanço publicado pelo Correio do Povo registra que Porto Alegre assistira a dezessete filmes italianos, quatorze ingleses, quatorze franceses, três argentinos, um mexicano, cento e dezoito americanos e dezesseis brasileiros”.

A primeira sala aberta na década de 50 foi o **Cinema Continente** inaugurado em 07 de dezembro de 1951, na Avenida João Pessoa, com a exibição do filme “Quando os Anjos Dormem”. O jornal Correio do Povo de 07 de dezembro de 1951 (apud Gastal, 1999, p. 110) o apresentava como o “primeiro cinema de

verão já construído no Brasil – oferece programação variada além das exibições de filmes, teatro para crianças, concertos e espetáculos de variedades”.

Em outubro de 1952 é aberto o **Cinema Miramar**, na avenida Aparício Borges quase esquina com a avenida Bento Gonçalves. De propriedade do cearense Joaquim Alves da Silva, que homenageava sua cidade natal com o nome da sala, provavelmente tratava-se de uma sala de grande porte tendo em vista as dimensões do prédio, ainda existente, hoje transformando numa agência do Banco HSBC. Apesar da modificação de uso e da reforma interna, as características exteriores da edificação Art Déco foram mantidas, como a extensa marquise em toda a testada do terreno e o grande plano vertical opaco de fachada, com saliências e reentrâncias de superfícies.



Figura 3.6.1 – Antigo **Cinema Miramar**, atualmente agência do Banco HSBC. Foto do autor.

No mesmo ano de 1952 foi aberto o **Cinema Vila Jardim**, no bairro de mesmo nome, provavelmente na Avenida Saturnino de Brito, sua principal artéria.

Em 27 de fevereiro de 1953 foi inaugurado o **Cinema Oásis**, na rua Barão do Triunfo, 665, esquina com a rua Vinte de Setembro, num prédio do bairro Azenha que abrigou diversas salas. Na década de 30 chamava-se **Cine Recreio**, na década de 50 **Cine Oásis**, até que na década de 60 passa a chamar-se **Cine Brasília**. Tinha em sua fachada um luminoso em néon com palmeiras, de maneira a ilustrar seu novo nome. O jornal Correio do Povo de 21 de fevereiro de 1953 assim se referia à abertura da nova sala:

“Com o prédio totalmente remodelado, o Oásis será praticamente, mais uma nova casa exibidora com que contará o porto-alegrense, distinguindo-se, sobretudo a satisfazer as preferencias do público que, aos lançamentos do centro prefere assistir aos filmes em segunda linha. O Oásis foi equipado com poltronas “Cimo-Roxy”, as primeiras a serem montadas em um cinema desta capital, e sua cabine conta com aparelhos de projeção “Zeiss-Ikon” e sistema sonoro “Klangfilm”. A inauguração do cinema Oásis, a 27 do corrente, se dará com o filme colorido da Paramount, “Nasci para Bailar”, que tem em Betty Hutton a figura central.”

Em 27 de julho de 1953 é aberto o **Teatro de Bolso**, na rua Sete de Setembro, número 767, fundos do jornal Correio do Povo, em frente ao Cinema Rex. Predominantemente utilizado para apresentações teatrais, eventualmente ocorriam sessões cinematográficas no Teatro de Bolso, apesar da precariedade do equipamento. Em 9 de novembro de 1953, trocou de nome para **Cine Palermo**, quando finalmente foi equipado com projetores de qualidade, passando então a dedicar-se exclusivamente à exibição de filmes. Apresentava filmes suecos do diretor Ingmar Bergman, o que o atraía um público cinéfilo e exigente, até seu fechamento definitivo na década de 70.

O **Cine Vitória** foi inaugurado em 12 de setembro de 1953, na mesma sala onde funcionara o Cinema Vera Cruz. Localizado na Avenida Borges de Medeiros esquina com a rua Andrade Neves foi construído por Azevedo, Moura

& Gertum. Era um cinema tradicional do centro de Porto Alegre, segundo Becker (1986, p. 17) “famoso por quase não passar filmes de culto ‘ofensivo à moral’, por norma de seus dirigentes, ligados à Igreja Católica”. Contava com um palco para apresentações ao vivo e lançamentos de filmes.

“Para o lançamento dos filmes de Teixeira no Victória, os atores e técnicos subiam ao palco anunciados pelo mestre de cerimônia. As cortinas vermelhas da boca de cena eram fechadas para dar maior realce à apresentação, semelhante às premières internacionais.” (Becker, 1986, p.19)

Fechou na década de 90, reabrindo na mesma década com duas pequenas salas, no mesmo local: Cines Vitória 1 e 2, junto à rua 24 Horas, num projeto de revitalização do centro da cidade.



Figura 3.6.2 – Edifício Vera Cruz. Na esquina térrea o acesso ao antigo **Cinema Vitória**. Foto do autor.

Em 26 de setembro de 1953, com a presença do prefeito Ildo Meneghetti foi inaugurado o **Cinema Marrocos**¹, na avenida Getúlio Vargas, 1714. A sala de arquitetura modernista, construída por Lubianca & Cia., tinha lotação de 1300 lugares, distribuídos numa única e extensa platéia.

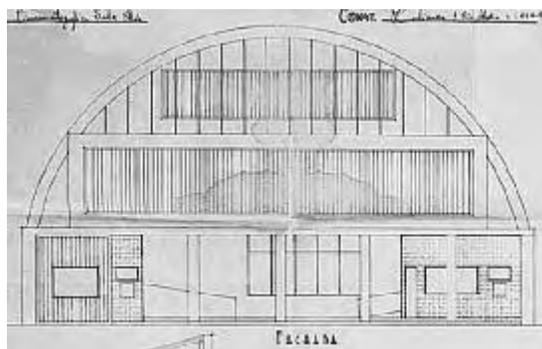


Figura 3.6.3 – **Cinema Marrocos** – Fachada. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09074, do filme F233, de 1952.

Considerado um “cinema lançador”, apesar de construído fora do centro da capital, reduto das salas de “primeira linha”, a sala estava implantada num terreno de 22,70 m de frente por 51,10 m de profundidade, acrescido de faixa lateral de 18,50 m por 5,00 m, utilizado como saída emergência.

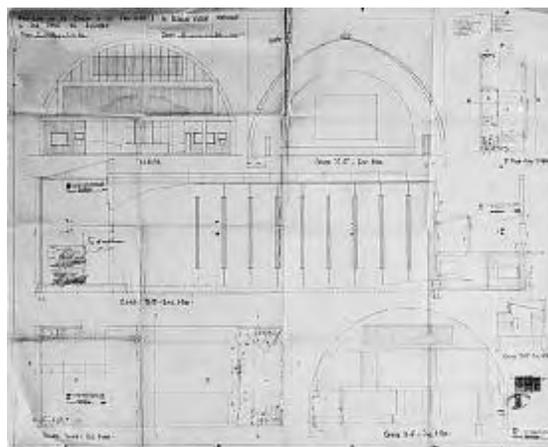


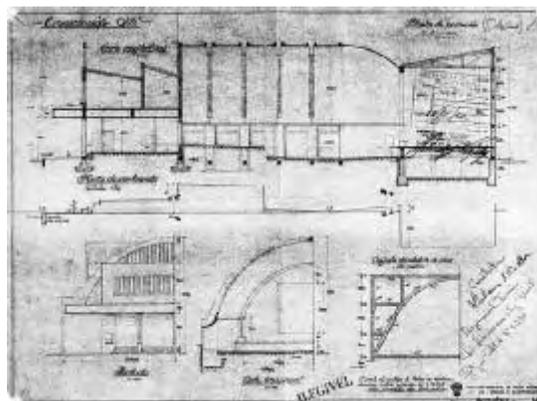
Figura 3.6.4 – **Cinema Marrocos** – Fachada, cortes transversal longitudinal. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09074, do filme F233, de 1952.

A platéia apresentava grande volume interior, devido à cobertura em abóbada, onde no forro havia pequenos pontos de luz, que simulavam um céu

¹ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09074, do filme F233, de 1952, contém os seguintes fotogramas: Planta de situação e localização; Planta baixa térrea, Cortes AA, BB, CC. e

estrelado, à maneira dos antigos cinemas atmosféricos. A estrutura de cobertura da sala era inovadora, pois o vão livre era vencido por um arco de concreto armado, não mais uma tesoura de duas águas como nos cinemas tradicionais.

Figura 3.6.5 – **Cinema Marrocos** – Corte longitudinal e setores de corte transversais. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 09074, do filme F233, de 1952.



Contava com um palco de boa profundidade, e caixa cênica com pé-direito superior à platéia, e, conforme anunciava o Diário de Notícias de 26 de setembro de 1953 à página 13, era “equipado com projetores preparados inclusive para a terceira dimensão, em prédio de cimento armado sem mezanino”. A grande boca de cena circular fazia referência ao Radio City Music Hall (New York), e ao Cinema Universum (Berlin), de Eric Mendehlson.

A fachada é marcada pelo arco do pórtico estrutural da platéia. Entretanto pode-se perceber uma certa estratificação horizontal, composta pelos blocos dos pavimentos térreo e superiores. A linguagem dominante faz referência à arquitetura modernista: uso de pilotis, revestimentos cerâmicos, janelas horizontais, marquise retangular. Por trás do conjunto de acesso e espera, percebe-se então o volume arqueado da cobertura da platéia.

Por volta de 1995 o Marrocos foi fechado, já em precárias condições de conservação e com público escasso (certamente migrado para as salas do Shopping Praia de Belas) e deu lugar a três estabelecimentos comerciais: a sala de espera térrea transformou-se em farmácia, a sala de espera superior em pizzaria e a platéia em estacionamento. Sua fachada foi completamente descaracterizada.

O **Cine Teatro Teresópolis**² foi inaugurado em 1953, com sessão especial para imprensa, do filme “Ouro dos Piratas”, com John Wayne. Situado na avenida Teresópolis, 3235, quase na esquina com a Praça Guia Lopes, foi projetado pelo arquiteto Antonio Mascarello. Apesar do nome “Cine Teatro”, certamente destinava-se exclusivamente à exibição de filmes, já que não contava com palco, nem camarins ou instalações de apoio.

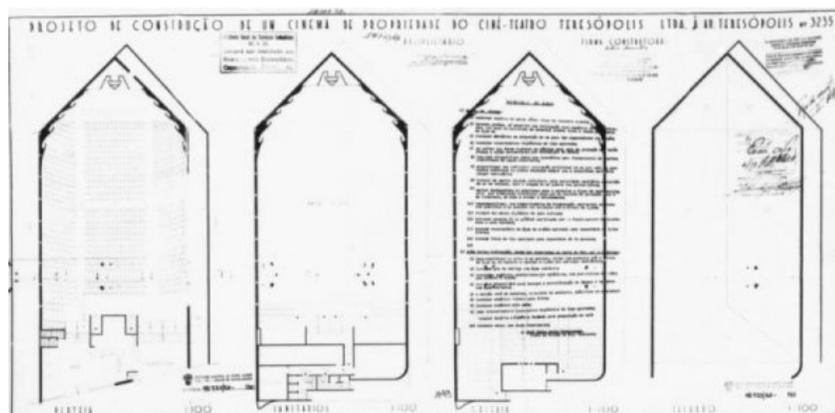


Figura 3.6.6 – **Cine Teatro Teresópolis** – plantas baixas. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 18733, do filme F238, de 1952.

De acordo com a planta de localização, a edificação ocupa a quase totalidade do lote, com exceção de pequeno recuo assimétrico no lado direito da testada, de uso provável como saída de emergência.

² Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 18733, do filme F238, de 1952, contém os seguintes fotogramas: Plantas de situação e localização; Plantas baixas; Cortes transversal, longitudinal e fachada.

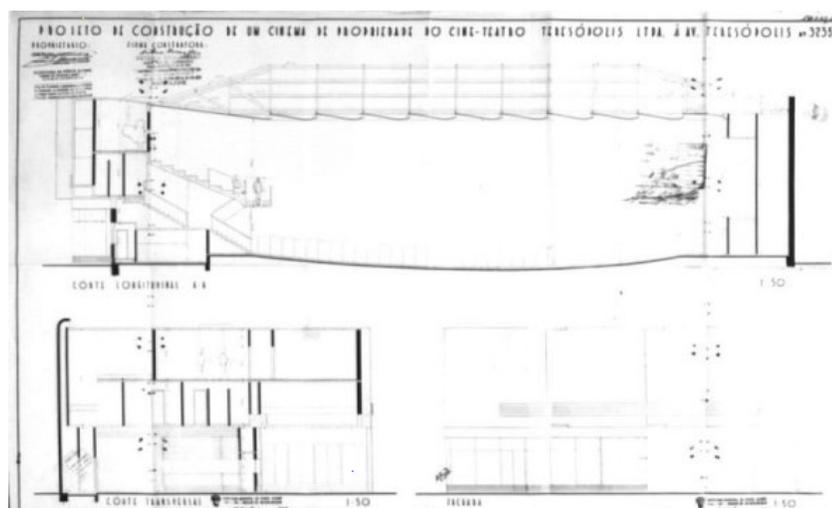


Figura 3.6.7 – **Cine Teatro Teresópolis** – Cortes longitudinal, transversal e fachada. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 18733, do filme F238, de 1952.

As plantas baixas são estruturadas com rigor geométrico e economia de planos verticais divisórios definidores do espaço, de acordo com os preceitos da arquitetura modernista.

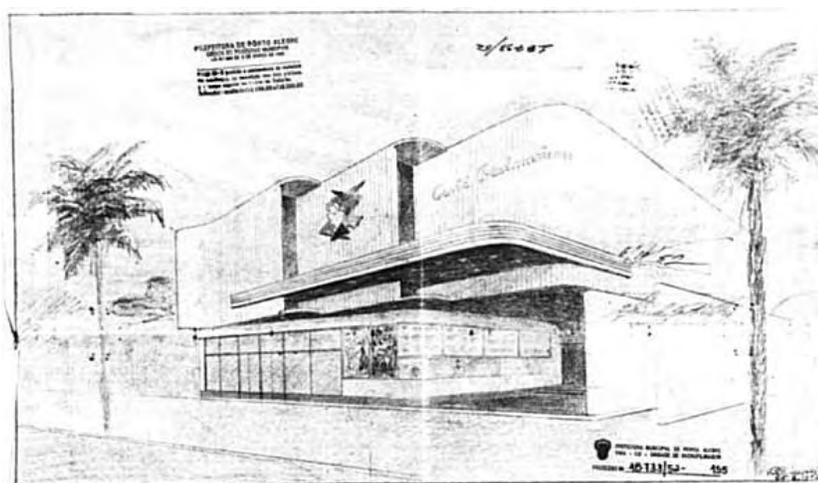


Figura 3.6.8 – **Cine Teatro Teresópolis** – Perspectiva externa. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 18733, do filme F238, de 1952.

Localizado entre a sala de espera e a cabine de projeção e balcão, há um pavimento intermediário, onde estão localizados os sanitários masculino e feminino, além de três salas, provavelmente locais administrativos.

De maneira diferente da maioria das salas, onde a platéia e o balcão ou galerias são acessados a partir de uma sala de espera comum, no Cinema Teresópolis, o acesso ao balcão é feito por escada tomada a partir da platéia térrea. A preocupação com a acústica do espaço é percebida na sala retangular, através da utilização do um forro constituído por painéis curvos, de maneira a propagar melhor o som produzido junto à tela.

A fachada é organizada em dois níveis: pavimento térreo e superior, separados por uma marquise. Enquanto que no pavimento térreo ocorre continuidade da fachada, através de grande plano envidraçado sobre a sala de espera, no pavimento superior observa-se a sobreposição de três planos verticais seqüenciais, criando interessante jogo de sombras como evidenciado no croquis perspectivo. Estes planos seqüenciais e a marquise reforçam a horizontalidade e dinamismo do projeto.

Neste projeto é observada claramente a influência de outros projetos modernistas de cinemas americanos, principalmente aqueles projetados por Charles Lee, na Califórnia. Estes cinemas caracterizam-se pela permeabilidade e recuo do pavimento térreo, sua abertura para o passeio, contrastando com a opacidade do pavimento superior, separados um do outro por uma marquise, normalmente suporte para identificação da sala e da programação em cartaz.

Figura 3.6.9 – Agência Tristeza da Caixa Econômica Federal, antigo **Cine Teresópolis**, vista atual. Foto do autor.



O prédio foi demolido e construído em seu lugar uma agência da Caixa Econômica Federal.

O **Cine Teatro Jóquei Clube** foi aberto em 1953, na Rua Doutor Barcelos, no bairro Menino Deus, com construção de Max-Hermann Schlüpmann.

Em 26 de junho de 1954 são abertas duas salas na Avenida Assis Brasil, bairro Passo da Areia: o **Cinema Rex**, fechado na década de 70, e o **Cine Rey**, propriedade da empresa exibidora Rey Fortes e Cia. No mesmo ano, no bairro Belém Novo, é aberto o **Cine Art**.

Continuando o fortalecimento do pólo cinematográfico da Avenida Assis Brasil, é aberto em 1955 o **Cinema Estrela**, embora existam informações quanto à abertura de outra sala com o mesmo nome na Estrada do Forte, número 1754. Provavelmente trate-se da mesma sala, situada na confluência das duas avenidas, perpendiculares uma à outra.

O **Cinema OK** é aberto no mesmo ano de 1955, no Passo da Mangueira, atual avenida Assis Brasil, 3107, esquina com a rua da Hortícola, próximo ao Hospital Conceição.

O **Cine Teatro Continente** foi inaugurado em outubro de 1956, na avenida Borges de Medeiros, número 624. Situado no pavimento térreo de um edifício de apartamentos, tinha capacidade para 1100 pessoas. Era mais uma sala da empresa exibidora de propriedade de Darcy Bittencourt, tendo sido construído por Azevedo, Bastian & Castilhos. Fechou para reforma em 17 de junho de 1970 reabrindo uma semana depois como **Cinema Lido**.

Em 20 de outubro de 1956 é aberto o **Cinema Popular Cinemascote**, em local ignorado.

Na Avenida Cavahada (Passo da Cavahada), é aberto em 6 de junho de 1957 o **Cinema Tamoio**, mais uma entre outras salas de arrabalde. O prédio abriga atualmente uma churrascaria, permanecendo praticamente original. Percebe-se na fachada a porta central, a abertura para bilheteria externa, assim como no pavimento superior a janela de ventilação da cabine do projetor.



Figura 3.6.10 – Antigo **Cinema Tamoio**, atual Churrascaria Kasarão. (sic.). Foto do autor.

Em 18 de junho de 1957, é aberto o **Cinema Medianeira**, na Avenida Medianeira, próximo ao Estádio do Grêmio Football Porto-alegrense.

O **Cinema Cacique**³ foi inaugurado no dia 02 de setembro de 1957, na rua dos Andradas, 943, projeto modernista de Tedesco. Chamado “o gigante da cidade”; o Cacique anunciava muitas novidades em termos de tecnologia e conforto. Foi inaugurado com a projeção do filme “O Rei Vagabundo”, de Michael Curtiz, baseado na opereta sobre a vida do poeta François Villon, com Kathryn Grayson, Rita Moreno, Sir Cedric Hardwick e o cantor Oreste no papel título, rodado em Vista-vision.

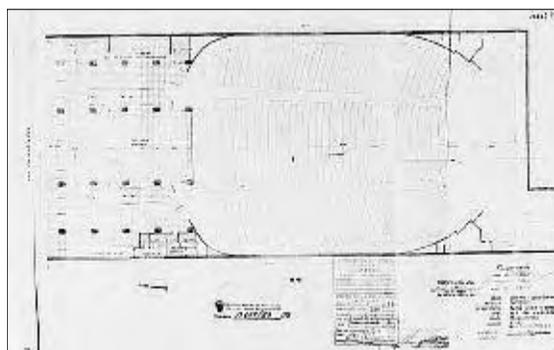
³ Projeto arquivado no Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 13622, do filme F281, de 1953/54, contém os seguintes fotogramas: Plantas de situação e localização; Planta baixa pavimento térreo; Planta baixa pavimento superior (balcão); Corte longitudinal.

Figura 3.6.11 – Edifício Cacique, na base do qual foram implantados os **Cinemas Cacique e Scala**. Foto do autor.



Já na Segunda metade do século, com o crescimento do mercado imobiliário e demanda por maior área construída e otimização dos terrenos disponíveis, inicia-se a construção de salas de cinema em edifícios de uso misto. A sala agora não se configura mais como edifício isolado, caracterizado individualmente, mas encontra-se inserida no pavimento térreo de um edifício em altura, sendo então complementada por uma torre de apartamentos ou salas comerciais.

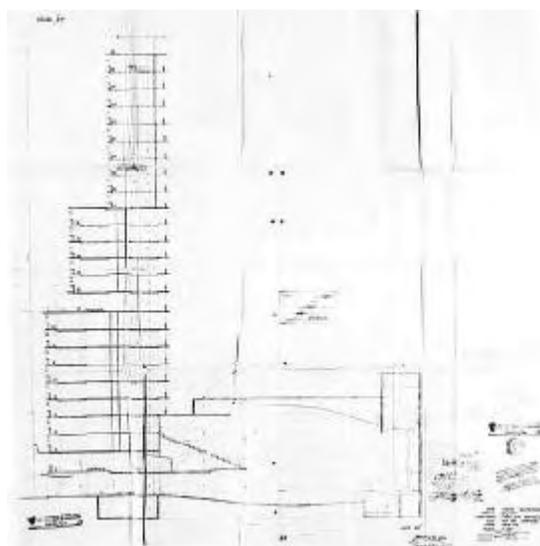
Figura 3.6.12 – **Cinema Cacique**, planta baixa. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 13622, do filme F281, de 1953/54.



Situado no térreo de edifício de mesmo nome, o cinema possuía ampla sala de projeção com pé-direito alto. Ele teria ar condicionado, com refrigeração e calefação, poltronas numerada no mezanino, maior lotação com visão perfeita, tela de projeção 70 mm, maior distância entre as 1800 poltronas Pullman totalmente estofadas, corredores com até 2,50 metros de largura, três projetores Simplex-XL, aptos a exibir diversos formatos (Cinemascope, Vista-vision, Naturama, Todd-AO, etc.) e som estereofônico “Perspecta”. As bilheterias eram

abertas desde as nove horas, para sessões contínuas a partir das quatorze horas. Possuía também moderna e luxuosa confeitaria situada no mezanino com “esmerado tratamento às famílias”, elevando Porto Alegre ao nível cinematográfico das grandes capitais da América. A sofisticação da casa apresenta um requinte extra: nas paredes laterais, dois grandes murais com alegorias indígenas assinados pelo artista Glauco Rodrigues, um índio a cavalo, outro a pé. A empresa Taba Cine-teatros pretendia abrir outras duas salas de mesmo porte, mas acabou transformando o mezanino e a confeitaria, no final dos anos 60, no cinema Scala.

Figura 3.6.13 – **Cinema Cacique**, corte longitudinal. À esquerda o edifício escalonado, à direita o cinema, identificando-se o balcão onde seria aberto o **Cinema Scala**, a platéia e o conjunto palco - caixa de palco. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 13622, do filme F281, de 1953/54.



Em 1959 o Cinema Cacique promoveu o FCG – Festival de Cinema Gaúcho, onde foram apresentados, segundo o jornal Correio do Povo de 13 de junho de 1959, à página 10, “curtas-metragens das companhias Leopoldis Som, Tomazoni Films, Guaíba Films, Wijkens Films, Cinematográfica Tiaraju e Brás Films”.

Os cinemas Cacique e Scala fecharam em 1994, juntamente com outras seis salas de Porto Alegre. Em junho de 1996 um incêndio consumiu parte dos cinemas, quando foram também perdidos os painéis pintados por Glauco Rodrigues.

É também inaugurado em 16 de dezembro de 1957 o **Cinema Pirajá**, na avenida Bento Gonçalves, próximo à rua Luís de Camões. Fechado na década de 60 foi transformado em depósito de móveis e madeiras, hoje abrigando uma loja de móveis.

No ano de 1957 são inauguradas duas salas de bairro: em Belém Novo o **Cine Belgrano**, na Vila São José o **Cinema Paquetá**.

No bairro Bom Fim é aberto em 20 de maio de 1958 o **Cinema Mônaco**, na Avenida Osvaldo Aranha esquina Santo Antônio. Em 1963, para orgulho do público cinéfilo de Porto Alegre, foi sede do primeiro Congresso Brasileiro de Cineclubismo. Fechou na década de 70, tendo seu prédio hoje ocupado por uma loja de móveis.

No pólo Benjamin Constant é inaugurado em 15 de novembro de 1958 o **Cine Teatro Presidente**, na avenida Benjamin Constant, número 1773. Era uma das maiores salas da capital, contando com um extenso palco, utilizado também para espetáculos teatrais de grande porte. Claramente modernista, a fachada é característica da arquitetura brasileira da década de 50, remetendo a projetos de Niemeyer e Reidy, graças à utilização de elementos de como a marquise ondulada e o grande painel de azulejos. No pavimento térreo, os pilares em “V”, típicos do *pilotis* modernista, parecem neste caso abafados pelo confinamento proporcionado pela parede construída logo a seu lado. Atualmente abriga reuniões religiosas da igreja evangélica “Jesus te ama”.



Figura 3.6.14 – **Cine Teatro Presidente**, estado atual. Foto do autor.

Em 17 de novembro de 1958 foi aberto o **Cinema Ipanema**, na avenida Flamengo em frente à igreja do bairro. O jornal Correio do Povo de 27 de novembro de 1958 referia-se à sala como “de construção moderna, a nova casa de espetáculos deverá desempenhar importante papel na vida social do populoso bairro do 6º distrito.” Era uma sala de 2000 lugares, de propriedade Livio Di Rocco. Foi demolido em data não precisada, e seu terreno provavelmente dividido em lotes menores, visto que não existe construção de grande porte no local, em substituição ao cinema.

Em 1959 são abertas duas salas de bairro: no pólo Benjamin Constant é inaugurado o **Cinema Nirvana**, na Avenida Ceará, e no pólo Assis Brasil é aberto o **Cinema Sarandi**, provavelmente no bairro do mesmo nome.

Em 1959 é inaugurado o **Cinema Vogue**, na Avenida Independência, 646, esquina com a rua Garibaldi, situado no pavimento térreo do Edifício Paglioli, projeto de Remo José Irace e Miguel Irace. O cinema foi acrescido posteriormente ao edifício residencial com planta em L, ocupando o vazio de meio de terreno no pavimento térreo.



Figura 3.6.15 – Edifício Paglioli. Remo José Irace e Miguel Irace, 1959. No térreo foi implantado o **Cinema Vogue**. XAVIER, Alberto, MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre: São Paulo: Pini, 1987, p. 142.*

O Cinema Vogue era uma sala de bairro “lançadora”, apresentando sempre programação qualificada, para um público de bom nível econômico e cultural, morador da avenida Independência, historicamente reduto da aristocracia porto-alegrense, desde o início do século XX. No dia 1º de agosto de 1959 o jornal *Correio do Povo*, publicava”:

“O Cinema Vogue, que passará a formar entre os lançadores da cidade, em circuito com o Guarany, Marabá e Eldorado, é uma acolhedora sala de espetáculos, de capacidade restrita, dotada, porém, de modernas conquistas da técnica no setor do conforto, da projeção, do som e da decoração.”

Em 1967 foi programado um festival unindo os cinemas Vogue e Ópera, onde foram apresentados filmes de Jean Luc Godard (*Acosados*), François Truffaut (*Les 400 Coups*), e Edouard Molinaro (*Os Primos*). Em 1984 foi reformado passando a chamar-se **Cinema 1 – Sala Vogue**, quando foi assinado contrato com a empresa produtora francesa Gaumont, para apresentar filmes europeus de qualidade, re-inaugurado então com o filme “*Fanny e Alexander*”, de Ingmar

Bergman. Fechou definitivamente em 1984, abrigando atualmente uma padaria na sala de espera, estando a platéia provavelmente abandonada.

Figura 3.6.16 – Vista atual do Edifício Paglioli. Ao centro o acesso aos apartamentos, à direita, na atual Padaria Treviso, acesso à antiga sala de espera e bilheterias do **Cinema 1 – Sala Vogue**. Foto do autor.



Na rua dos Andradas, é inaugurado o **Cine Ópera** no mesmo local do antigo **Cinema Roxy**, reformado internamente na década de 50, quando perdeu seus ares futuristas. Era freqüentado por um público cinéfilo, por apresentar filmes franceses “proibidos para menores de 18 anos” da *Nouvelle Vague*, distribuídos pela França Filmes do Brasil. A sala funcionou até o início dos anos 70, quando foi finalmente demolido.

3.7. O início da crise – 1960-1970

(...) o velho Capitólio está se transformando. É o processo de modernização e atualização dos nossos cinemas: o interesse das grandes organizações exibidoras por Porto Alegre. Agora a cidade vai ter o cinema Premier, com ingresso de um grupo famoso, o Serrador, de São Paulo. O Premier é o antigo Capitólio, passando por reformas internas e externas.

Zero Hora, 12/12/1969

A década de sessenta foi marcada pelo surgimento da contracultura, e pela liberalização dos costumes., mas, por outro lado, também pelo golpe militar de 1964 e pelo fim do sonho de liberdade. Nos cinemas, a década começou com o público assistindo a “La dolce Vita” (1961) de Frederico Fellini, passa pelos nacionais “Terra em transe” e “O pagador de promessas”, por “Barbarella”, com Jane Fonda, dirigido por Roger Vadin, terminando com o público seduzido com “2001: uma odisséia no espaço” (1968) de Stanley Kubrick.

Na década de sessenta continuou em expansão a construção de cinemas em edifícios de uso misto, onde a sala ocupa o pavimento térreo de torres de apartamentos ou escritórios. Foram abertas na década dezoito novas salas, entre novos cinemas e aqueles reformados ou que tiveram seu nome trocado, a grande maioria em bairros populares. Certamente um bom número de salas fechou, prenúncio de uma crise que se abateria sobre o mercado cinematográfico na década de setenta.

A crise de público nos cinemas deveu-se seguramente a dois fatores: a censura imposta pelo movimento iniciado na revolução de 1964, e a consolidação da televisão como veículo de comunicação e diversão de massa. De acordo com Gastal (1999, p. 119):

“A partir de 1968, com o A15, são censurados mais de quinhentos filmes no Brasil. Para a censura, temas políticos, nem pensar! Mas não escapam da tesoura da Polícia Federal cenas consideradas social ou sexualmente arrojadas. Neste período e anos setenta afora – as principais salas de cinema de Porto Alegre mudam de endereço: passam a localizar-se em Montevideu e Buenos Aires, onde as ditaduras são mais permissivas com o Cinema. Qualquer feriadão é pretexto para que os ônibus para o Prata lotem. Lá, os cinéfilos não perdem tempo, saindo de uma sessão e entrando noutra, numa maratona cinematográfica que pode incluir dez ou doze filmes, em três dias. Na falta de feriados, sai-se na sexta à noite e, pela manhã, está-se em Montevideu. O retorno é na noite de domingo, descendo-se do ônibus na segunda-feira, em Porto Alegre, direto para o trabalho.”

Apesar da censura e da televisão, o cinema ainda confirmava a máxima “a maior diversão”, pois Porto Alegre contava em 1963 com quarenta e seis salas de cinema, grande parte delas junto à Praça da Alfândega, a chamada Cinelândia porto-alegrense, que congregavam em suas sessões, intelectuais, estudantes e jornalistas, envolvidos em torno do Clube de Cinema, idealizado em 1948 pelo crítico de cinema do jornal Correio do Povo, P. F. Gastal.

Entretanto, apesar da frequência ainda alta do público, é preciso lembrar que algumas destas salas de cinema de Porto Alegre haviam sido construídas nas décadas de vinte, trinta, apresentando então visíveis sinais de desgaste e sucateamento, necessitando reformas que a crise de público não permitiu serem feitas. Assim, em meio a cadeiras quebradas, projetores ultrapassados, instalações deficientes, acabaram afastando seus freqüentadores.

A década inicia com a abertura de sete salas de cinema somente em 1960. Em 30 de maio de 1960 é inaugurado o **Cinema Ceará**, localizado na Avenida Ceará, no mesmo local onde anteriormente havia o **Cinema Nirvana**.

Em 11 de setembro de 1960 é inaugurado o **Cinema Atlas**, na avenida Protásio Alves, esquina com a rua Alcides Cruz. Citado à época como uma das maiores salas de “arrabalde” fechou dez anos depois, em novembro de 1970. O prédio, apesar de bastante descaracterizado, abriga atualmente a Garagem Atlas, destinada à guarda e abastecimento de veículos. A manutenção do nome das salas de cinema em novos usos comerciais que a edificação venha a ter foi prática bastante comum quando do fechamento das salas. Podemos citar como exemplo o Bingo Roma, Bingo Avenida, Bingo Real, Garagem Rex, Garagem Atlas. Esta atitude é de certa forma louvável, pois preserva a memória do local, através da permanência do nome do “lugar”.

No mesmo ano, em 24 de setembro de 1960, é inaugurado o **Cinema Roma**, implantado no térreo de um edifício residencial, junto à praça Princesa Isabel, na confluência das avenidas Azenha e Bento Gonçalves, próximo ao corredor de comércio popular da Azenha. Como em outras salas implantadas em edifícios de uso misto, situados em lotes de meio de quadra, o cinema é identificado apenas pela porta de acesso, e pelo nome apostado a um painel. Domina assim a fachada a grande altura do edifício e a pele de esquadrias dos apartamentos. Apesar da sobriedade formal na fachada, apresentava na sala de espera pisos de “mármore de Carrara”, qualificando com seus interiores o popular bairro da Azenha. A sala, ainda existente, é utilizada pelo Bingo Roma.

Não muito longe do Cinema Roma é aberto em 19 de outubro de 1960, o **Cine Piratini**, na Rua Vicente da Fontoura, bairro Santana. No mesmo

ano, em 16 de novembro, foi aberto na Avenida Carlos Barbosa, bairro Medianeira, o **Cinema Alvorada**. O grande galpão abriga atualmente a sede da produtora de vídeo Zepelim. Finalmente, em 26 de novembro de 1960, é aberto no bairro Menino Deus, o **Cinema Brasília**, no mesmo local do antigo Cinema Oásis, na rua Barão do Triunfo, esquina com rua Nunes Machado.

Uma das poucas salas abertas na década no centro da cidade foi o novo **Cinema Rex** foi inaugurado em 1960, na Rua Sete de Setembro, em frente ao **Teatro de Bolso** (ou **Cinema Palermo**), ao lado dos arquivos da Companhia Jornalística Caldas Júnior. Estava localizado ao lado do prédio que viria a ser a redação do jornal Última Hora, de Samuel Wainer, convertido em 1964 no jornal Zero Hora.

Sua fachada, apesar de simples, apresentava importantes elementos caracterizadores das salas da época: o display vertical com o nome da sala disposto letra a letra em quadros, à semelhança dos fotogramas, e o painel onde era apostado, semanalmente, o nome do filme em cartaz e os horários das sessões. Tinha uma entrada acanhada, mas um elegante salão de espera, que antecedia a platéia, uma das poucas a serem dotadas de poltronas reclináveis Pullman, talvez aproveitadas do antigo **Cinema Rex**. Foi lançador de filmes europeus, como “Pierrot le Fou” e “Alphaville” de Godard; “A Faca na Água”, de Polanski; “La Dolce Vita”, de Fellini; “O Poderoso Chefão”, de Coppola, e alguns filmes de Bergmann, muitos deles em parceria com o Cinema Vogue.



Figura 3.7.1 – Cinema Rex, já em período de decadência, apresentando pornochanchadas nacionais. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Numa época em que as salas ainda abriam as cortinas da tela antes da projeção dos filmes, o Rex tinha um colorido pano de boca chamado à época de “furta cor”. Com a crise de público e deterioração dos centros das cidades, passou a programar pornochanchadas brasileiras, até cair definitivamente na programação de filmes pornográficos, e ser finalmente fechado no final da década de 70, quando em seu lugar foi construída a Garagem Rex, que de certa forma lhe prestou homenagem, pela manutenção do nome.

No ano de 1961 são abertas duas salas: em 29 de março o **Cinema Dom Bosco**, em 25 de abril, o **Cinema Rivoli**, na rua Sete de Setembro, 767, em frente ao Cinema Rex, onde anteriormente havia o Teatro de Bolso e depois o Cinema Palermo.

Em 30 de outubro de 1961 é inaugurado o **Cine Moinhos de Vento**, na rua Vinte Quatro de Outubro, número 624, na base de um edifício residencial. A

sala, de grande porte, estava localizada no alto de uma grande escadaria, que conduzia a uma pequena sala de espera onde havia a bilheteria e um pequeno balcão para venda de balas. Em 24 de outubro de 1966, troca o nome para **Cine Coral**, até ser dividido na década de 80 em duas salas, **Coral 1** e **Coral 2**, que funcionaram até o fechamento definitivo na década de 90. Situada num bairro nobre de Porto Alegre, a sala não se modernizou nem soube se adaptar aos novos tempos para uma clientela exigente e de grande poder aquisitivo, que se deslocou para os Shopping Centers. Mais recentemente o bairro Moinhos de Vento foi dotado de quatro salas da exibidora GNC, implantadas no Moinhos Shopping.



Figura 3.7.2 – **Cinemas Coral 1 e 2**, após fechamento. Foto do autor.

Em 1961 são abertas duas salas em endereços ignorados: os **Cinemas Arco Iris** e **Savic**, este último na Vila dos Comerciantes.

Em 1963, o **Cinema Orpheu** troca o nome para **Cine Astor**, após modernização das instalações, e instalação de um novo projetor e de uma tela 70 mm, assim como som estereofônico, quando teve sua estréia na cidade o filme “2001: uma odisséia no espaço”, do diretor britânico Stanley Kubrick. Provavelmente na mesma época tenha sido colocada em sua fachada uma estrutura comportando uma marquise revestida com perfis de alumínio e um painel luminoso para fixação do título do filme.



Figura 3.7.3 – **Cine Astor**, pouco antes de seu fechamento, anunciando som em “6 faixas sonoras – som estereofônico”. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Em 9 de outubro de 1968, é aberto o **Cine São João**, na avenida Salgado Filho ¹, esquina com a rua Vigário José Inácio, no pavimento térreo do Edifício Jaguaribe, projetado por Fernando Corona ². Apesar do edifício ter sido projetado em 1951, e construído logo em seguida, por razões não esclarecidas, o cinema, pertencente ao empresário Romeu Pianca, somente foi inaugurado dezessete anos mais tarde.

¹ A avenida Senador Salgado Filho foi aberta nos anos quarenta, transformando radicalmente parte do centro e do *skyline* da cidade, pela demolição dos casebres ali localizados e sua rápida substituição por imponentes edifícios. Graças à legislação da época estes edifícios puderam ser construídos junto ao alinhamento e com altura máxima de setenta metros, o que permitiu aos arquitetos da cidade propostas embasadas por fortes conceitos modernistas do *international style*.

² Fernando Corona nasceu em Santander, na Espanha, em 1906, vindo para Porto Alegre em 1912, para trabalhar com seu pai, o arquiteto e escultor, Jesus Maria Corona. A obra de Fernando Corona é extensamente analisada em CANEZ, Ana Paula. Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre. Porto Alegre: UE/Porto Alegre/Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, 1998.



Figura 3.7.4 – Edifício Jaguaribe, sob o qual está implantado o **Cinema São João**.
XAVIER, Alberto, MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. São Paulo:
Pini, 1987, p. 82.

Fernando Corona (apud Canez, 1998, pp. 142-144) assim se refere ao projeto do Edifício Jaguaribe:

Um dia, deve ter sido em princípios do ano – meu velho amigo Romeu Pianca pede para ir ao seu escritório tratar de um assunto. Havia um terreno [as casas tinham sido demolidas com o alargamento do beco que deu lugar à avenida] na esquina da avenida com a rua Vigário José Inácio, com quase mil metros quadrados de área livre. Pianca me diz que estava à venda em leilão e ele tinha possibilidades de comprá-lo por bom preço. Ele queria, ou imaginava querer um cinema de luxo e uma construção com vinte e cinco pavimentos. Queria, antes de adquirir o terreno, ver se era rentável e que área construída seria necessária para essa empresa que lhe parecia boa. Já havia sondado financiamento e lhe seria fácil pelo Instituto dos Industriários com pistolões políticos no Rio, íntimos de Getúlio Vargas. Fui saber logo que se tratava do próprio Benjamim [Beijo] e de Maneca Vargas. Estudei o anteprojeto unicamente nas planta com três apartamentos por andar num total de setenta e cinco, mas ultrapassava o gabarito em altura para essa avenida, chegando a oitenta metros.

O caso era especial. No subsolo teria de haver subestação elétrica, enormes tanques para água fria e quente [aquecimento em todo o prédio] cinema e lojas. Uma entrada pela avenida com dois elevadores sociais e um de serviço e carga que chegaria ao porão e outra entrada pela rua Vigário José Inácio com dois elevadores. A orientação era ideal: norte-leste. Consegui, até o nono andar, apartamentos menores entestando com o cinema, e no 9º andar, área livre para reservatórios de percurso e playground para crianças. Este esboço não tinha áreas internas pois a forma geral era de 'ele'.

Certo dia fomos, Romeu Pianca e eu, até a Prefeitura. O caso era excepcional devido à altura. Fiz um esboço da fachada em perspectiva e o mostramos ao Prefeito Eng. Hildo Meneghetti. Ele gostou em princípio, mas nós queríamos sua aprovação pessoal para que não houvesse entrave na Seção de Obras. Ante nossos argumentos de custo, beleza e renda, ele entendeu que não seria aberração na avenida Salgado Filho. O prefeito Meneghetti aprovou o projeto e como Pianca estava em entendimento com o engenheiro Levacov, comprou o terreno por 4.300 contos que escriturado foi a 5.000, uma barbada, como ele, Pianca, dizia.

Tratei logo de organizar o projeto para a Prefeitura e convidei meu filho Luís Fernando para desenvolvê-lo na escala que a Prefeitura exigia.

O Eng. Levacov cedeu um espaço em seu escritório e ali Luís, com outros auxiliares em desenho, fez o meu projeto de plantas, deixando para ele que imaginasse a mais bela fachada de Porto Alegre.

Antes de finalizar o ano, entregávamos aos Pianca o projeto completo do Edifício Jaguaribe com o Cinema São João. O Eng. Levacov começou as escavações até uma profundidade de quatro a cinco metros para fazer as sondagens e aí verificamos que algumas encontravam matacões de granito a poucos metros, e outras, ao lado, sumiram até dezoito metros. Terreno de encosta de morro, difícil, irregular, com algumas vertentes de fios de água.

De repente parece que o financiamento falhou. Como eu nada tivera com isso e nada ganhava no negócio, nada podia influir. Mas a Malvina Pianca me pediu que falasse com o Eng. Edmundo Gardalinsky, dos Industriários, para explicar a importância da obra no embelezamento da cidade. É claro que Gardalinsky pensava em que aquele investimento era um negócio contrário aos empreendimentos do Instituto dos Industriários, que eram os prédios populares, e tinha toda razão. Foi contrário em seu parecer. O investimento na construção do Edifício Jaguaribe era privado, com lucros privados em benefício dos incorporadores e nada mais.

Eu não tinha nada com isso, e como sempre, limitei-me a ganhar mil contos pelo projeto. Foi o meu erro, pois devia

ser feito o contrato na base da porcentagem do custo da obra.

O caso é que recebi cinqüenta contos para a viagem que com minha Venuta e os arquitetos iria iniciar no mês de janeiro de 1952”.

Como a grande maioria das salas construídas junto a edifícios residenciais ou comerciais, o cinema ocupava o miolo do lote, já que o edifício está implantado em “L” no terreno de esquina.

A sala, de pé-direito muito alto e balcão, ocupava a altura dos seis primeiros pavimentos do edifício. A sala era acessada pela Avenida Senador Salgado Filho, junto à esquina com a rua Vigário José inácio. Ao ingressar na sala de espera, o público tinha diante de si as bilheterias, em meio a dois acessos à platéia. Ao fundo da sala de espera uma escada conduz à sala de espera superior, por onde é acessado o balcão. Junto ao pavimento térreo, em posição oposta ao acesso e bilheterias, duas portas proporcionavam a saída das sessões, independentemente da entrada. A platéia era decorada, ao longo de suas paredes laterais, por painéis de autoria de Fernando Corona, também escultor.

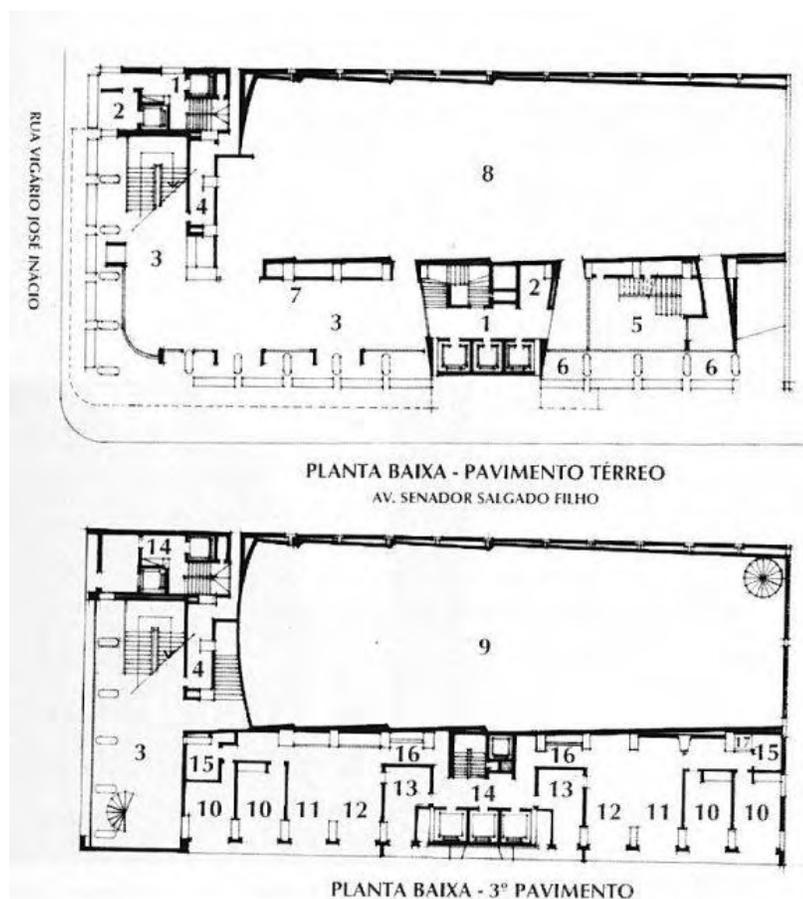


Figura 3.7.5 – Edifício Jaguaribe e **Cinema São João**, plantas baixas pavimentos térreo e superior. CANEZ, Ana Paula. Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre. Porto Alegre: UE/Porto Alegre / Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, 1998, p. 150.

A construção do **Cinema São João** e de outros serviços de uso público junto ao Edifício Jaguaribe foram utilizados na imprensa como auxílio à publicidade do empreendimento, conforme anunciava o jornal *Correio do Povo* de 13 de maio de 1952, à página 50:

“Idealizado para a sua comodidade [...]. A aquisição de um apartamento no edifício Jaguaribe, proporcionar-lhe-á a vantagem e a comodidade de, no seu próprio edifício, possuir um dos maiores, modernos e mais luxuosos cinemas do Brasil: Cinema São João, além de um bar, um grande restaurante, uma confeitaria [...], e playground no último pavimento para o recreio das crianças.”

No dia 2 de janeiro de 1969, é aberto o **Cine ABC**, no mesmo prédio onde antes funcionara o Cinema Garibaldi. Na década de 80 passa a apresentar programação de arte, como atesta o aposto “os melhores da Revista Moviola”, sobre a fachada. Fechou definitivamente em 1994.



Figura 3.7.6 – **Cinema ABC**.
Museu de Comunicação
Social Hipólito José da
Costa.

Em 1969 foi inaugurado o **Cine Teatro Real**, na Assis Brasil, 3107 esquina com rua Hortícola, projeto de Arthur Sfoggia, construído no mesmo local onde havia sido aberto, em 1955, o **Cinema OK**. O cinema está construído junto a um edifício residencial, no miolo de terreno de esquina. No exterior do terreno estão construídos três pavimentos em planta “L”, com apartamentos voltados inteiramente para o exterior do lote. No miolo do lote foi implantado o cinema com pé-direito equivalente aos três pavimentos do edifício. Atualmente a sala é ocupada pelo Bingo Real.



Figura 3.7.7 – **Cine Teatro Real**. Foto do autor.

Quase no final da década, em 1969, o **Cinema Capitólio** muda o nome para **Cinema Premier**, após reforma, quando foram retiradas as galerias, com a conseqüente redução da lotação e trocados os equipamentos de projeção e som. O jornal Zero Hora (apud Gastal, 1999, p. 125), de 12 de dezembro de 1969, saudava as renovações, principalmente pelo fato da entrada no mercado de uma empresa exibidora paulista, pondo fim à hegemonia das empresas locais familiares na administração dos cinemas da capital:

“(...) o velho Capitólio está se transformando. É o processo de modernização e atualização dos nossos cinemas: o interesse das grandes organizações exibidoras por Porto Alegre. Agora a cidade vai ter o cinema Premier, com ingresso de um grupo famoso, o Serrador, de São Paulo. O Premier é o antigo Capitólio, passando por reformas internas e externas.”



Figura 3.7.8 – Cinema Premier. Foto do autor.

3.8. Do fim dos palácios às salas em centros comerciais – 1970-1980

Muitos sociólogos afirmam mesmo que o cinema, tal como se entende hoje, está condenado: será substituído em pouco tempo pelo videocassete.

Jornal do Brasil, 17/01/1983

A década de setenta se caracteriza pela confirmação da crise de público nas grandes salas iniciada na década anterior, devido, entre diversos fatores, à concorrência da televisão, às instalações sucateadas, à programação obrigatória de filmes nacionais de baixa qualidade. O alto custo dos aluguéis, impostos, ar condicionado, e o aluguel de fitas tornaram inviável a manutenção de grande número de salas na cidade. Confirmando a crise que se iniciava, durante toda a década foram abertas somente oito salas de cinema em Porto Alegre, enquanto quinze fecharam suas portas, totalizando em 1976, 32 salas.

Entretanto, apesar do fechamento de diversas salas, na década de setenta ocorreram dois fatos que viriam definir o futuro das salas de Porto Alegre: o surgimento de complexos multi-salas, produto da divisão das grandes salas de cinema em salas de pequena capacidade; e a abertura da primeira sala inserida em um conjunto comercial, tendência que viria a se tornar obrigatória nas duas décadas seguintes.

Nas telas o público começou a década assistindo ao filme “O Poderoso Chefão” (1971), de Francis Ford Coppola, “Laranja Mecânica”¹ (1972), de Stanley Kubrick, “Tubarão”, de Steven Spielberg, terminando com o primeiro filme da saga “Star Wars” (1977), de George Lucas.

Também neste período surgem salas dirigidas a públicos segmentados: de um lado aquelas especializadas no chamado “cinema de arte”, como o Bristol, e mais tarde o ABC; por outro lado aquelas especializadas na programação de filmes pornográficos e pornochanchadas brasileiras, graças à liberalização dos costumes e ao lento relaxamento da censura.

Devido ao sucateamento das instalações, do mobiliário, a falta de conforto, e de ar condicionado, as grandes salas já não apresentavam lotação completa, o que tornava ociosos balcões e galerias e grandes salas de espera dos antigos cinemas. Esta primeira crise de público provocou então a redução da capacidade das salas. Esta redução se manifestou primeiramente pelo isolamento de mezaninos e balcões, criando uma segunda sala, chegando posteriormente à divisão das platéias, facilitado principalmente pelos novos equipamentos de projeção automatizados.

Em 1970 foram abertas quatro salas e um cinema drive-in. A década inicia com a abertura do **Cinema Regente**, em 11 de janeiro de 1970, do qual não temos a localização.

¹ O filme Laranja Mecânica foi proibido pela censura no Brasil, devido às cenas de sexo e violência, o que provocou a organização de diversas “excursões” a Montevidéu na época de seu lançamento. Mais tarde foi liberado, com as famosas “bolinhas pretas”.

Seguindo a mesma tendência iniciada no Cinema Baltimore, quando foi aberto o **Mini Baltimore** no Salão de Festas desativado, o **Cinema Cacique** inaugura em 14 de maio de 1970 uma sala em seu mezanino, o **Cinema Scala**, na rua dos Andradas, 943. Esta sala caracterizava-se pela extrema declividade da platéia, bastante larga e pouco profunda, o que proporcionava grande proximidade do espectador com a tela de projeção. Em meio à crise de público e o fechamento de grande número de salas, a abertura do Scala foi saudada pelo Jornal Correio do Povo de 14 de maio de 1970, na página 14, como “mais um esforço dos irmãos Valenci, da Companhia Cinematográfica franco-brasileira e de seu diretor local, o veterano Nestor Pinto”.

Também no centro da cidade, o **Cinema Lido** é aberto em 22 de junho de 1970, após pequena reforma no mesmo espaço onde antes havia funcionado o **Cine Teatro Continente**, situado na Borges de Medeiros, número 624, no pavimento térreo de um edifício de apartamentos. Junto com o processo de degradação dos centros urbanos das capitais, as salas de cinemas remanescentes especializaram-se na programação contínua de filmes pornô, o que aconteceu com o cinema Lido desde sua abertura, até ser transformado em duas salas menores, Lido 1 e 2, na década de 80. Com nova crise que se abateu sobre a programação pornô, e pela facilidade do videocassete doméstico, as duas salas fecharam definitivamente pouco tempo depois.

Em 1970 é aberto o **Cinema Mini Baltimore**, na avenida Osvaldo Aranha, 1060, ocupando o antigo Salão de Festas do **Cinema Baltimore**, situado sobre a sala de espera, junto à fachada. Em 01 de maio de 1975, troca seu nome para **Cinema Bristol** e inicia uma trajetória de sucesso junto ao público cinéfilo de Porto Alegre, graças aos ciclos e programação elaborado por um grupo de jornalistas e críticos de cinema, entre eles Hiron Goidanich, Tuio Becker, e Romeu

Grimaldi. Segundo publicava o jornal *Correio do Povo*, de 19 de setembro de 1970, à página 30, era uma:

“(...) salinha de 180 lugares, instalada nos altos do Baltimore. A iniciativa de sua abertura se deve ao conhecido cinematografista Salomão Saidemberg, que tem intenção de transformá-la dentro das possibilidades locais (...) numa espécie de cineminha de arte ou pelo menos, em local de apresentação de fitas desprezadas pelas grandes empresas, embora muitas vezes se tratem de obras artisticamente acima da média comum.”



Figura 3.8.1 – **Cinema Baltimore**, vista atual. Foto do autor.

Localizado num bairro boêmio e intelectual da cidade, em sua tela foram programados ciclos dedicados a diretores como Fellini, Woody Allen, Truffaut, entre outros grandes diretores, seguidamente colocados em segundo plano pelos programadores das salas de maior apelo junto ao grande público.

Em 1970 foi inaugurado no bairro Ipanema o **Park Auto Cine**, uma das raras tentativas de implantação de cinema drive-in, no Rio Grande do Sul, empreendimento bastante comum nos Estados Unidos.

Em 24 de março de 1973 foi inaugurado quase sem alarde o **Cinema Center**, pertencente à empresa exibidora Fama Filmes, também proprietária do Cinema Baltimore. O Center seria o precursor de uma tendência de implantação de salas de cinema em complexos comerciais. Localizado no terceiro pavimento do Centro Comercial João Pessoa, na avenida de mesmo nome próximo à Avenida Ipiranga, era uma das “âncoras” do complexo, juntamente com uma loja de departamentos e um supermercado. Por seu lado, o Centro Comercial João Pessoa foi o primeiro complexo comercial construído em Porto Alegre, tendo permanecido por muitos anos como referência a outros empreendimentos de menor porte, antecipando a implantação maciça de Shopping Centers, o que viria acontecer na década seguinte.

O Cinema Center era uma sala de grande capacidade, caracterizada por largas e confortáveis poltronas com o espaldar alto, além da grande tela de projeção. Graças ao conforto oferecido, instalação de ar condicionado, qualidades técnicas de som e projeção, além da facilidade de estacionamento proporcionado pelo conjunto comercial, foi considerada durante muitos anos, a melhor sala da cidade, até a implantação de complexos em Shopping Centers.

No início da década de 90 foi dividido em três salas menores, o que se pode explicar por duas razões: a primeira delas a sub-lotação, pois dificilmente apresentava lotação completa durante a semana, a segunda, e principal, razão foi a concorrência das recém inauguradas quatro salas do Shopping Iguatemi, que ofereciam programação diversificada em horários variados de sessões, com o mesmo conforto e qualidade técnica.

Recentemente os jornais anunciaram novo parcelamento do Cinema Center, abrindo mais duas salas, totalizando seis telas, mas mantendo

praticamente a mesma capacidade de público, o que, se por um lado significa maior variedade de programação, por outro indica a diminuição do tamanho das salas e consequentemente das telas de projeção.

Em 1974 é aberto o pequeno **Cinema Açores**, na avenida Protásio Alves, número 4854. Situado no bairro Alto Petrópolis, claramente de habitações populares, era provavelmente uma sala de cinema bastante simples, implantado num terreno de pouca largura. Apresenta uma fachada onde predomina uma platibanda horizontal, sem nenhum adorno, e sob ela uma marquise, protegendo uma porta central e pequena abertura para bilheteria do lado esquerdo. A edificação, ainda existente, é utilizada atualmente por uma ferragem.



Figura 3.8.2 – **Cinema Açores**, atualmente Ferragem Barufaldi. Foto do autor.

4. CONCLUSÃO

Na segunda metade do século XX as salas de cinemas começaram a fechar de maneira gradativa, ou acabaram se transformando em lojas, garagens, bingos, igrejas. Todavia, se fecharam os cinemas de rua, foi possível observar nos últimos dez anos um renascimento dos cinemas, não mais agora enquanto edifício ou marco urbano, mas na forma de uma loja (ou um conjunto de lojas) implantada dentro de um Shopping Center. Assim, a arquitetura de cinema resume-se hoje a um conjunto de salas com interior confortável, modernos recursos tecnológicos de som e imagem, mas que carecem quase que totalmente de qualidade arquitetônica, buscando em outro edifício, o shopping center, um caráter e uma imagem que não são os seus.

Especificamente no caso de Porto Alegre, podemos identificar três etapas no renascimento do cinema, entendido aqui mais como evento de projeção de um filme que como edifício: inicialmente na década de oitenta, ocorreu a subdivisão dos antigos grandes cinemas em complexos de duas a quatro pequenas salas, como o Coral e o Baltimore, procurando rentabilizar grandes espaços ociosos; na transição oitenta/noventa, surgiram então os pequenos complexos de três a quatro salas nos Shopping Centers Iguatemi e Praia de Belas; e finalmente no final da década de noventa a implantação de um Multiplex de oito salas da rede americana Cinemark no Bourbon Shopping Ipiranga além de onze salas no Canoas Shopping, na grande Porto Alegre, dá início a uma terceira fase.

Uma vez tendo abordado neste trabalho o nascimento do cinematógrafo nos pequenos salões, confeitarias, sua transição para os cinemas palácios e salas Art Déco, é importante que sejam analisadas aonde chegaram as salas: os complexos Multiplex. Estes empreendimentos caracterizam-se por oferecer sessões de cinema intercaladas e contínuas, da manhã à noite. Alguns complexos, principalmente aqueles localizados nos Estados Unidos, contam com até 30 salas, onde o princípio norteador do projeto arquitetônico é basicamente funcional, de maneira a prover por um lado condições otimizadas de projeção de imagens e emissão de som, por outro otimizar o fluxo do público entre sessões de cinema *non stop*.

Aspectos compositivos ou aqueles relacionados à linguagem e ao caráter arquitetônico são tidos como secundários, limitando-se seguidamente a procedimentos meramente decorativos e estilísticos, buscando simplesmente revestir superfícies com uma certa contemporaneidade, que em pouco tempo se tornará obsoleta, sendo então trocados os materiais “decorativos”. Todavia, tal procedimento não pode ser censurado, pois ele é intrínseco à própria cultura do edifício de cinema. Os grandes cinemas palácios do início do século nada mais eram que grandes interiores extensiva e exaustivamente decorados com motivos históricos, étnicos ou culturais, com o firme propósito de “vender sonhos”, criando atmosferas de fantasia. Neste aspecto, os cinemas atmosféricos de John Eberson foram ao extremo de criar cenários exóticos.

O complexo de salas cinema Multiplex reduz o objeto arquitetônico ao que Venturi chamou de “galpão decorado”, ou seja, uma estrutura espacial de construção simples, industrializada, e relativamente barata, com uma planta convencional que se decora para satisfazer as necessidades estéticas do público. Desta maneira, em meio a uma cultura de consumo, a sala de cinema transformou-

se em um espaço comercial como qualquer outro, que precisa ser constantemente renovado (entenda-se aqui “redecorado”, ou mesmo “re-vestido”), para que continue sendo consumido como novo e moderno, sob pena de tornar-se rapidamente obsoleto, como qualquer produto de consumo gerado pela pós-modernidade.

Podemos concluir afirmando que o tipo cinema, tal como se firmou na primeira metade do século XX, é um tipo em extinção, como foram extintos os tipos villa paladiana, igreja de cruz latina, entre outros. O tipo cinema enquanto edifício isolado tende a ser substituído pelos complexos *Multiplex*. Entretanto, entendendo-se o tipo como uma estrutura espacial, o todo, onde interagem as partes de um edifício, qualquer que seja a configuração material do edifício-cinema, as relações espaciais principais da sala se mantêm constantes, através da correlação dinâmica entre uma tela, uma platéia e um projetor. Deste modo, qualquer que seja o edifício que o acolha, qualquer que seja a fachada deste edifício, o cinema sempre se caracterizará pela sala escura confrontando e unindo os espectadores a uma tela de projeção. O edifício tipo cinema não existe mais, as salas de cinema agora pertencem a outro tipo: o tipo Shopping Center..

De qualquer maneira estas “instalações” trouxeram de volta o público para o cinema. Ainda que certo saudosismo nos permita argumentar que não seja bom para a arquitetura, certamente é bom para o próprio cinema, e bom para aqueles que gostam de cinema.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANELLI, Renato. **Arquitetura de cinema em São Paulo: o cinema e a construção do moderno**, in Oculum 2, pp. 35-42, setembro de 1992. São Paulo.
- ARGAN, Giulio Carlo. "**Tipologia**". in Summarios, nº 71, novembro de 1983.
- ARGAN, Giulio Carlo. **El concepto del espacio arquitectónico desde el barroco a nuestros días**. Buenos Aires: Ed. Nueva Visión, 1982.
- ARIS, Carlos Martí. **Las Variaciones de la Identidad**. Barcelona: Serbal, 1993.
- BARREIROS, Edmundo. **As Cores do Pioneirismo**. Jornal do Brasil, Caderno B, 26/07/1996, capa.
- BECKER, Tuio (org.). **Cinema Gaúcho – uma breve história**. Porto Alegre: Movimento, 1986.
- BERGER, Robert, CONSER, Anne, SILVERMAN, Stephen M. **The last remaining seats – Movies Palaces of Tinseltown**. Glendale: Balcony Press, 1997.
- CANEZ, Ana Paula. **Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre**. Porto Alegre: UE / Porto Alegre / Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, 1998.
- CASTEX, Jean, PANERAI, Philippe. "**Prospective della Tipomorfologie**", in Lotus International, nº 36, 1982/III.
- COLQHOUN, Alan. "**Essays in Architectural Criticism: Modern Architecture and Historical Change**," introduction to Modern Architecture and Historicity. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1986.
- COMAS, Carlos Eduardo. **Arquitetura moderna, estilo Corbu, pavilhão brasileiro**, in Arquitetura e Urbanismo nº 26. São Paulo: Editora PINI, 1989.
- CORONA MARTÍNEZ, Alfonso. **Ensayo sobre el Proyecto**. Buenos Aires: CP67 Editorial, 1991.
- DUPLAY, Claire, DUPLAY, Michel. **Méthode illustrée de création architecturale**. Paris: Editions du Moniteur, 1985.
- EMERY, Osvaldo. **Características Arquitetônicas de Salas de Exibição Cinematográfica**. [on line]. Disponível na Internet. URL: <http://www.decine.gov.br/faz/arq.htm>. Arquivo arq.pdf. 24/03/01.

-
- EYLES, Allen. **Gaumont British Cinemas**. West Sussex: Cinema Theatre Association, 1996.
- FICHER, Sylvia. **Rino Levi – um profissional arquiteto e a arquitetura paulista**. In Revista Projeto, n. 189, set/95.
- FORTINI, Archymedes. **Histórias da nossa história – Porto Alegre**. Porto Alegre: Grafipel, 1966.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre – guia histórico**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.
- GASTAL, Suzana. **Salas de Cinema: Cenários porto-alegrenses**. Porto Alegre: Unidade Editorial / Porto Alegre, 1999.
- GOIDANICHI, Hiron. **Um bonde chamado Cinelândia**, pp. 39-42, in, BECKER, Tuio (org.). **Cinema no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1995, Cadernos Porto e vírgula, n. 8.
- GONZAGA, Adhemar. **História do Cinema Brasileiro**. *Jornal do cinema*, agosto de 1956, p. 53.
- GONZAGA, Alice. **Palácios e poeiras : 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Record/Funarte, 1996.
- HINCHCLIFFE, Tanis. **Extracts from the Encyclopédie Méthodique d'Architecture**, in 9H, n° 7. Londres, 1985.
- LEVI, Rino. **A Arquitetura é Arte e Ciência**. In *Oculum*, São Paulo, número 3, pp. 39-42, junho de 1992.. Publicado originalmente em francês na revista *l'Architecture d'Aujourd'hui*, número 27, dezembro de 1949.
- MAHFUZ, Edson. **“Nada provém do nada – A produção da arquitetura vista como transformação do conhecimento”**. in Projeto, número 69, novembro 1984.
- MAHFUZ, Edson. **A Falta de caráter é necessariamente má?**. Miméo, s/l, s/d.
- MAHFUZ, Edson. **Ensaio sobre a razão compositiva**. Belo Horizonte: UFV/AP, 1995.
- MÁXIMO, João. **Cinelândia – breve história de um sonho**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.
- MEYER, Cláudia Pettenuzzo Damiani. **Veritas**, Porto Alegre, v. 37, n° 146, junho 1992.
- MONEO, Rafael. **On Typology**. in *Oppositions*, Cambridge, vol. 13, summer 1978, s/p, s/d.
- MORAES, Eduardo J. de. **“Modernismo revisitado”**. In: *Estudos Históricos* 2, 1988.

-
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1999.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. **O Espetáculo da Rua**. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1996.
- PFEIL, Antônio Jesus. **Cinematógrafo e o cinema dos pioneiros**, pp 17-27, in BECKER, Tuio (org.) *Cinema no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1995, Cadernos Porto e vírgula, n. 8.
- PFEIL, Antônio Jesus. **Correio do Povo**, 26 de junho de 1983.
- PFEIL, Antônio Jesus. **Jornal do Comércio**, 19 de junho de 1995
- QUATREMERE DE QUINCY, Antoine C. **De l'imitation**. Bruxelas: A.A.M., 1980.
- QUATREMERE DE QUINCY, Antoine C. **Dictionaire Historique d'Architecture**. Paris: Librairie d'Adrien Le Clerc, 1832, vol. II.
- ROWE, Collin. **Manierismo y arquitetura moderna y otros ensayos**. Barcelona: GG, 1999.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- SIMÕES, Inimá. **Salas de cinema em São Paulo**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura / Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- SOLÁ-MORALES RUBIÓ, Ignasi de. **De la Memoria a la Abstracción: la imitación arquitectónica en la tradición Baux Arts**, in *Arquitectura* n° 243. Madrid, 1984.
- STEYER, Fábio Augusto. **O Cinema em Porto Alegre – RS (1896-1920)**. Porto Alegre: Edição do Autor, 1998.
- SZAMBIEN, Werner. **Symétrie, Goût, Caractère**. Paris: Picard, 1980.
- TODESCHINI, Cláudio. **O cinematógrafo numa ilha de civilização**, pp.9-16, in, BECKER, Tuio (org.). *Cinema no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1995, Cadernos Porto e vírgula, n. 8.
- TODESCHINI, Cláudio. **O Continente**, ano III, n. 22, Porto Alegre: Secretaria Estadual da Cultura.
- VALENTINE, Magie. **The show starts on the sidewalk: an architectural history of the movie theater**. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 41.
- VIDLER, Anthony. "The idea of Type: The transformation of the academic ideal, 1750-1830". in *Oppositions*, vol. 8. Cambridge, Primavera de 1977. The MIT Press.
- VIEIRA, J. L. In: "**Cinemas da Metro e a dominação ideológica**". In *Filme Cultura*, n. 47, agosto/86.

WEIMER, Günter. **Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul**. São Paulo: USP, 1989. Tese [Doutorado em Arquitetura] – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1989.

XAVIER, Alberto, MIZOGUCHI, Ivan. **Arquitetura Moderna em Porto Alegre**. São Paulo: PINI, 1987, p. 51.

<http://www.silverscreens.com>, capturado em 14/06/2000.

<http://xroads.virginia.edu/~CAP/PALACE>, capturado em 12/04/2000.

ANEXO A. Relação de salas abertas em Porto Alegre entre os anos 1858 e 2000.

Século XIX - Década de 1900 – 1910

Sala	Abertura	Fecham.	Endereço	Tipo
Theatro São Pedro	27/06/1858	Aberto	Pç. Marechal Deodoro, s/n	PAE
Theatro Polytheama	1900		Rua Voluntários da Pátria esquina rua Pinto Bandeira	
Theatro Parque	1904			
Cinematógrafo Grand Prix	26/10/1907			
Recreio Ideal	20/05/1908	1911/12	Rua da Praia, 321, depois 313/315, atual rua dos Andradas, 1077.	
Cinematógrafo Berlim	08/11/1908		Rua da Praia, 305, atual rua dos Andradas 1041	
Recreio Moderno	17/11/1908		Rua Demétrio Ribeiro, 267, atual 1151	
Cine Variedades	1908	1913	Rua da Praia 343, atual rua dos Andradas, 1152	PAE
Cinematógrafo Rio Branco	1908		Rua da Praia, 477, atual rua dos Andradas, 1449	
Recreio Familiar	16/06/1908		Rua da Praia, 327, atual rua dos Andradas, 1097	
Smart Salão	02/03/1909		Rua da Praia esq. rua Payssandu, atual rua dos Andradas esq. rua Caldas Jr.	

Década de 1910 – 1920

Sala	Abertura	Fecham.	Endereço	Tipo
Odeon	06/01/1910		Rua da Praia, 447 e 449, atual rua dos Andradas 1383 e 1389	
Cine Theatro Coliseu	??/12/1910	demolido em 1956	Rua Voluntários da Pátria esquina rua Pinto Bandeira	PAE
Royal	1910		Rua da Praia, 230, atual rua dos Andradas	
Parisiense Salão	25/03/1911		Rua da Praia, 393, atual rua dos Andradas	
Familiar	1911		Rua da Azenha, 89	
Cinema Avenida	09/11/1912	1916	Rua da Ladeira, atual rua General Câmara	PMQ
Cosmopolita	19/11/1912		Av. Germânia	
Democrata	1912		Rua São Pedro	
Força e Luz	1912		Av. Eduardo, atual Av. Presidente Roosevelt	
Nollet	1912	1913	Rua da Margem, atual rua João Alfredo, 178 próximo à rua Luiz Afonso	
Cine Teatro Guarany	30/11/1913	197?	Rua da Praia, 305, atual rua dos Andradas, 1409 ou 1035	PMQ
Garibaldi	1913	1968	Praça Garibaldi, atual Av. Venâncio Aires, 77	SIM
Brazil	1913		Rua João Alfredo	
Íris (depois Selecto)	1913		Rua da Praia, 230, atual rua dos Andradas	
Cinematógrafo Hirtz	1913		Av. Independência	
Cine Teatro Apollo	01/04/1914		Av. Independência, 18 em frente à Santa Casa	PMQ DMQ

Cinema Colombo	24/06/1914	197?	Av. Christovam Colombo, 190	PMQ
Cinematógrafo Noivo	1914			
Ponto Chic	1914		Av. Eduardo, atual Av. Presidente Roosevelt	
Teatro Irmãos Hirtz	1915?		Rua ? entre Triunfo e Voluntários	
Cinema Hélios	1915/1916		Rua São Pedro, 25 esquina Av. Eduardo, atual Av. Presidente Roosevelt	
Petit Cassino	04/08/1916		Rua da Praia, atual rua dos Andradas	PMQ
Royal	1916		Arrabalde do Parthenon	
Cine Theatro Selecta	1916		Rua da Praia, 230, atual rua dos Andradas	
Cine Theatro Thalia	20/11/1917	demolido em 1985	Av. Eduardo, atual Av. Presidente Roosevelt	
Cine Theatro Carlos Gomes	1917		Praça Senador Florêncio, atual Praça da Alfândega	
Centro Cathólico	1917			
Cine Maravalha	1917		Bairro Tristeza	
Cinema Orion	13/07/1918		Av. Bonfim, 178	
Cinema Venus	1918		Av. Eduardo, atual Av. Presidente Roosevelt	
Cinematographo Teresópolis	1918		Bairro Teresópolis (?)	
Cinema Éden	191?			

Década de 1920–1930

Sala	Abertura	Fecham.	Endereço	Tipo
Cine Palais (Palácio)	12/11/1920	194?	Rua Coronel Genuíno, 206	PMQ
Cinema Central	05/03/1921	196?	Rua da Praia, 343, atual rua dos Andradas, 1162	PAE
Cinema Recreio	1921		Rua Barão do Triunfo esquina rua Nunes Machado	
Cine Theatro Variedades	28/01/1922		Jardim Zoológico (ao ar livre)	
Cine Theatro República	01/08/1922		Rua Sete de Setembro	
Cine Orpheu	03/10/1923	1963	Rua Benjamin Constant, 1891, atual 1191	PMQ
Cine Theatro Carlos Gomes	1923		Rua do Rosário, atual rua Vigário José Inácio, 355	PMQ
Cinema América	1923		Rua Venâncio Aires	
Cinema Mont Serrat	1923			
Cinema Avenida	1923	Reabriu em 13/09/1929, ou 06/06/29	Av. Redenção , atual João Pessoa, 1105, esquina Av. Venâncio Aires	PAE
Cine Teatro Centenário	1923		Rua Vigário José Inácio	PMQ
Cine Teatro Navegantes	1923	197?	Av. Germânia, 26, atual Av. Cairu	PAE
Cine Teatro Moderno	08/06/1924		Rua das Flores, atual rua Siqueira Campos	
Pavilhão Elegante	05/08/1924			
Salão Glória	1924		Av. Oscar Pereira	
Cinema Gioconda	1925		Av. Wenceslau Escobar	SIM

Cine Theatro Capitólio	12/10/1928	30/06/1994	Rua Demétrio Ribeiro, 1085 esquina Av. Borges de Medeiros	PAE
Cinema Colombo	1928	02/1978	Av. Christovam Colombo, 190, arrabalde Floresta	PMQ
Cinema Ypiranga	1928	197?	Av. Christovam Colombo quase esquina com rua Ramiro Barcelos	PMQ
Cine Teatro Petersen	1928		Caminho do Meio	DMQ
Cinema Rosário	1928	197?	Av. Christovam Colombo	
Cine Teatro Real	1928		Estrada do Passo d'Areia, atual Av. Assis Brasil, 3107, esq. com Rua da Hortícula	PAE
Cinema Rio Branco	14/02/1929	01/02/1978	Rua Caminho do Meio, atual Av. Protásio Alves próximo à atual Av. Silva Só	PMQ
Cine Theatro Variedades	10/08/1929		Rua Andrade Neves, 40	
Theatro Independência	Projeto publicado em 1922, mas não construído		esquina das Avenidas Azenha (atual João Pessoa) e Venâncio Aires	PAE

Década de 1930 – 1940

Sala	Abertura	Fecham.	Endereço	Tipo
Cinema Popular São João	17/07/1930		Av. Benjamin Constant, esquina com rua Gravataí	PMQ
Cinema Imperial	18/04/1931		Rua dos Andradas 1051	EUM
Cine Teatro Baltimore	03/09/1931		Av. Bom Fim, atual Av. Osvaldo Aranha, 1048 e 1058	DMQ
Cinema Rex	05/03/1936	195?	Rua dos Andradas	PMQ
Cinema Roxy	09/05/1938	195?	Rua dos Andradas	
Cinema Castello	27/04/1939		Av. da Azenha, 666	DMQ

Cinema Rosário	193?	1984	Av. Assis Brasil	
----------------	------	------	------------------	--

Década de 1940 – 1950

Sala	Abertura	Fecham.	Endereço	Tipo
Cinema Vera Cruz	04/09/1940	1953	Av. Borges de Medeiros esquina com rua Andrade Neves	EUM
Cinema Cruzeiro	1942		Av. Benjamin Constant esquina com rua Ernesto da Fontoura	DEE
Cinema Brasil	19/02/1943	196?	Av. Bento Gonçalves, 1960	
Cinema Eldorado	31/07/1943	197?	Av. Benjamin Constant esquina com rua Ernesto da Fontoura	
Cine-teatro Riviera (Cinema Talia)	1943		Av. Eduardo, atual Av. Presidente Roosevelt	
Cinema Rival	09/07/1944			
Cinema Petrópolis	1940	197?	Rua João Abott ou Av. Carazinho esquina com Av. Protásio Alves	
Cinema Marabá	19/03/1947	197?	Rua Coronel Genuíno, 206	EUM
Cinema América	02/07/1947		Av. Assis Brasil, Passo d'Areia	DMQ
Cinema Baluarte	1947		Passo da Mangueira, atual Av. Assis Brasil	
Cinema Ritz	06/09/1948		Av. Protásio Alves, 2557	DMQ
Cinema Cristo Redentor	1948		Antigo Cinema Baluarte - Passo da Mangueira, atual Av. Assis Brasil	
Cinema Anchieta	1948			
Cinema Rio	194?	195?	Rua dos Andradas, 1409 ou 1035	

Studio Cinematográfico Leopoldis Films	1940?		Rua Gonçalves Dias, 342	
--	-------	--	-------------------------	--

Década de 1950–1960

Sala	Abertura	Fecham.	Endereço	Tipo
Cinema Continente	07/12/1951		Av. João Pessoa	
Cinema Miramar	04/10/1952		Av. Aparício Borges quase esquina com Av. Bento Gonçalves	DMQ
Cinema Vila Jardim	1952			
Cinema Oásis	27/02/1953	1960	Rua Barão do Triunfo, 665 esquina com rua Nunes Machado	
Cinema Vitória (antigo Vera Cruz)	12/09/1953		Av. Borges de Medeiros, 475 esquina com rua Andrade Neves	EUM
Teatro de Bolso Palermo	27/07/1953 09/11/1953	197?	Rua 7 de Setembro, 767	
Cinema Marrocos	26/09/1953		Av. Getúlio Vargas, 1714	MOD
Cine Teatro Teresópolis	03/12/1953		Av. Teresópolis, 3235, próximo à Praça Guia Lopes	MOD
Cine Teatro Jôquei Clube	1953?		Rua Doutor Barcelos	
Cinema Rex	26/06/1954	197?	Av. Assis Brasil	
Cinema Rey	26/06/1954		Av. Assis Brasil, bairro Passo da Areia	
Cine Art	1954		Bairro Belém Novo	
Cinema Estrela	1955		Av. Assis Brasil ou Estrada do Forte, 1754	

Cinema OK	1955		Av. Assis Brasil, 3107, esquina com rua da Hortícola	
Cine Teatro Continente	12/10/1956	17/06/1970	Av. Borges de Medeiros, 624	EUM
Cine Popular Cinemascote	20/10/1956			
Cinema Tamoio	06/06/1957		Av. Cavalhada, Passo da Cavalhada	SIM
Cinema Medianeira	18/06/1957		Av. Medianeira	
Cinema Cacique	02/09/1957	1984	Rua dos Andradas, 943	EUM
Cinema Pirajá	16/12/1957	196?	Av. Bento Gonçalves	
Cinema Belgrano	1957		Bairro Belém Novo	
Cinema Paquetá	1957		Vila São José	
Cinema Mônaco	20/05/1958	197?	Av. Osvaldo Aranha esquina com rua Santo Antônio	
Cine Teatro Presidente	15/11/1958		Av. Benjamin Constant, 1773	MOD
Cinema Ipanema	17/11/1958		Av. Flamengo	
Cinema Nirvana	1959	1960	Av. Ceará	
Cinema Sarandi	1959			
Cinema Vogue Cinema Um	1959	1984	Av. Independência, 646	EUM
Cinema Ópera (antigo Cinema Roxy)	195?	197?	Rua dos Andradas	

Década de 1960–1970

Sala	Abertura	Fecham.	Endereço	Tipo
Cinema Ceará (antigo Cinema Nirvana)	30/05/1960		Av. Ceará	
Cine Atlas	11/09/1960	??/11/1970	Av. Protásio Alves, esquina com rua Alcides Cruz	DEE
Cinema Roma	24/09/1960		Praça Princesa Isabel, bairro Azenha	EUM
Cinema Piratini	19/10/1960		Rua Vicente da Fontoura, bairro Santana	
Cinema Alvorada	16/11/1960		Av. Carlos Barbosa	
Cinema Brasília (antigo Cinema Oásis)	26/11/1960		Rua Barão do Triunfo, 665 esquina com rua Nunes Machado	
Cinema Rex	1960	197?	Rua Sete de Setembro	SIM
Cinema Dom Bosco	29/03/1961			
Cinema Rivoli (antigo Teatro de Bolso e Cinema Palermo)	25/04/1961		Rua 7 de Setembro, 767	
Cinema Moinhos de Vento	30/10/1961	23/10/1966	Av. Vinte e Quatro de Outubro, 624	EUM
Cinema Arco Iris	1961			
Cinema Savic	1961		Vila dos Comerciários	
Astor	1963	1984	Av. Benjamin Constant, 1891, atual 1191	PAE
Cinema Coral Cinemas Coral 1 e 2	24/10/1966	198?	Av. Vinte e Quatro de Outubro, 624	EUM
Cinema São João	09/10/1968		Av. Salgado Filho, 135 esquina rua Vigário José Inácio	EUM
Cine ABC	02/01/1969	1994	Praça Garibaldi, atual Venâncio Aires, 77	SIM

Cine Teatro Real	02/01/1969		Av. Assis Brasil, 3107, esquina com rua da Hortícola	EUM
Cinema Première (ou Premier)	1969		Rua Demétrio Ribeiro, 1085 esquina com Av. Borges de Medeiros	PAE

Década de 1970–1980

Sala	Abertura	Fecham.	Endereço	Tipo
Cinema Regente	11/01/1970			
Cinema Scala	14/05/1970		Rua dos Andradas, 943	EUM
Cinema Lido	22/06/1970		Av. Borges de Medeiros, 624	EUM
Cinema Mini Baltimore	16/09/1970		Av. Osvaldo Aranha, 1060	SUB
Park Auto Cine	13/11/1970		Bairro Ipanema	
Cinema Center	24/03/1973	Aberto	Centro Comercial João Pessoa – Av. João Pessoa, 1831	CPX
Cinema Açores	1974		Av. Protásio Alves, 4854	
Cinema Bristol	01/05/1975		Av. Osvaldo Aranha, 1060	SUB

Década de 1980 – 1990

Sala	Abertura	Fecham.	Endereço	Tipo
Ponto da Cinema	15/03/1980		SESC - Av. Alberto Bins	EUM
Cinema Áurea	1980	Aberto	Av.. Júlio de Castilhos, 84	PAE
Sala Eduardo Hirtz	1985	Aberto	Casa de Cultura Mário Quintana, Rua dos Andradas, 736	EUM

Sala Paulo Amorim	1985	Aberto	Casa de Cultura Mário Quintana, Rua dos Andradas, 736	EUM
Cinema Guarani	03/04/1987	Aberto	Mezanino do Cinema Imperial, Rua dos Andradas, 1051	SUB
Sala de Cinema Redenção	21/04/1987	Aberto	Campus Central da UFRGS, Av. Paulo Gama, 110	SIM
Cinema Avenida 2	1987		Av. João Pessoa, esquina com Av. Venâncio Aires	SUB
Cinemas Baltimore 2, 3 e 4	1988		Av. Oswaldo Aranha, 1048 e 1058	SUB
Cinemas Coral 1 e 2	198?		Av. Vinte Quatro de Outubro, 624	EUM

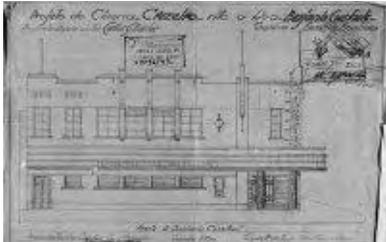
Década de 1990 – 2000

Sala	Abertura	Fecham.	Endereço	Tipo
Multicine – 2 salas		Aberto	Shopping Rua da Praia, rua dos Andradas, 1001	CPX
GNC Lindóia Shopping – 2 salas	199?	Aberto	Lindóia Shopping, Av. Assis Brasil, 3522	CPX
Assis Brasil Strip Center – 2 salas	199?	Aberto	Assis Brasil Strip Center, Av. Assis Brasil, 4320	CPX
GNC Bourbon Assis Brasil – 2 salas	199?		Bourbon Shopping, Av. Assis Brasil, 200	CPX
Iguatemi (1ª fase) – 4 salas	199?	Aberto	Shopping Center Iguatemi, Av. João Wallig, 1800	CPX
Iguatemi (2ª fase) – 5 salas	199?	Aberto	Shopping Center Iguatemi, Av. João Wallig, 1800	CPX
Guion Sol	199?	Aberto	Strip Center Jardim do Sol, Av. Cavahada, 5005	CPX
Guion Cine – 3 salas	199?	Aberto	Centro Comercial Nova Olaria, rua Lima e Silva, 776	CPX
GNC Praia de Belas – 3 salas	1991	Aberto	Shopping Praia de Belas, Av. Praia de Belas, 1181	CPX
Sala Norberto Lubisco	1995	Aberto	Casa de Cultura Mário Quintana, Rua dos Andradas, 736	EUM

Cinemark – 8 salas	1999	Aberto	Bourbon Shopping, Av. Ipiranga, 5200	MPX
Sala P. F. Gastal	25/08/1999	Aberto	Usina do Gasômetro, Av. João Goulart, 551	EUM
GNC Moinhos Shopping – 4 salas	31/07/2000	Aberto	Moinhos Shopping, rua Olavo Barreto Viana	CPX

As salas ainda em atividade referem-se à data de junho de 2001.

ANEXO B. Classificação tipológica das salas de cinema.

 <p>Cinema Capitólio. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.</p>	PAE	<p>Palácio de esquina – Edificação de grande porte, situada em esquina de quarteirão. Utiliza elementos tipo-morfológicos tomados emprestados dos grandes teatros: pórticos, base rusticada, piano nobile, coroamento por frontões. Sobre a fachada são aplicados elementos decorativos de inspiração clássica, barroca, étnica ou folclórica. A edificação geralmente comporta platéia e duas a três séries de balcões e camarotes.</p>
 <p>Cinema Guarany. Foto do autor.</p>	PMQ	<p>Palácio de meio de quadra – Comporta características semelhantes ao Palácio de Esquina, mas neste caso situado em meio de quarteirão. A fachada é normalmente simétrica, com ênfase no acesso principal central, configurando as aberturas térreas laterais como saída das sessões. Internamente, da mesma maneira que os palácios de esquina, a sala geralmente comporta platéia e duas a três séries de balcões e camarotes.</p>
 <p>Cinema Cruzeiro. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 27096, do filme F100, de 1942.</p>	DEE	<p>Déco de esquina – Edificação art-déco, anterior ao movimento moderno, onde predominam as linhas retas e a geometrização da fachada. Caracterizam este tipo, a seqüência de cheios e vazios, o ritmo de elementos retos apostos à fachada e o escalonamento da platibanda. Localizado em esquina, o acesso pode se dar tanto pela esquina como pela fachada de menor dimensão. Internamente a sala comporta platéia e eventualmente um balcão ao fundo e um nível de galeria lateral, negando as ordens de frisas e camarotes.</p>

 <p>Cinema Baltimore. Foto do autor.</p>	DMQ	<p><u>Déco meio de quadra</u> – Edificação art-déco, pré-modernista, localizada em meio de quadra de quarteirão, com predomínio de linhas retas e geometrização da fachada. Caracterizam este tipo a seqüência de cheios e vazios, o ritmo de elementos retos apostos à fachada e o escalonamento simétrico da platibanda, referência aos frontões dos cinemas palácios. O acesso normalmente se dá por abertura central na fachada.</p>
 <p>Cinema ABC. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.</p>	SIM	<p><u>Cinema simples</u> – Sala “de calçada” extremamente simples, sem adoção de linguagem arquitetônica específica, nem referência historicista, caracterizada na fachada por uma porta central de acesso, uma bilheteria e eventualmente uma porta de saída. O conjunto é coberto por uma marquise reta e uma platibanda ocultando o telhado. Normalmente construídos nos bairros populares, caracterizavam-se pela programação de reprises, programas duplos e filmes de segunda linha.</p>
 <p>Cinema Teresópolis. Arquivo Municipal de Porto Alegre, processo número 18733, do filme F238, de 1952.</p>	MOD	<p><u>Cinema Modernista</u> – Sala de cinema apropriando-se de elementos de linguagem e princípios compositivos validados pelo Movimento Moderno. Predominam neste tipo as superfícies limpas, sem aposição de elementos decorativos, desaparecendo frontões e planos inclinados de cobertura visíveis em fachada. Também é negada a simetria do projeto, tanto em planta baixa como em fachada.</p>
 <p>Cinema Coral. Foto do autor.</p>	EUM	<p><u>Edifício de uso misto</u> – Sala de cinema situado no pavimento térreo de edificação em altura, de uso predominantemente residencial. O acesso do cinema é diferenciado do acesso residencial, graças à permeabilidade da fachada, obtida através de marquises, escadarias e colunas.</p>

 <p>Cinema Avenida 2. Foto do autor.</p>	SUB	<p>Sala Subdividida — Salas de cinema construídas a partir da divisão de uma sala de grande porte (qualquer um dos tipos PAE, PMQ, DEE, DMQ, SIM, MOD, EUM). Normalmente são criadas duas salas, seja pela divisão da platéia (Cinemas Avenida 1 e 2), seja pelo fechamento do mezanino ou balcão (Cinemas Cacique e Scala).</p>
 <p>GNC Moinhos Shopping. http://www.gnccinemas.com.br/img/fotos/moinhos1.jpg</p>	CPX	<p>Complexo – Conjunto de salas situadas em Shopping Centers e hipermercados. As salas estão implantadas junto às lojas, apropriando-se do <i>mall</i> do Shopping como espaço de espera. Eventualmente possuem estrutura própria de venda de bebidas e lanches.</p>
 <p>Cinemark Rio de Janeiro. http://www.cinemark.com.br/conheca/fotos/cinemark/hall.jpg</p>	MPX	<p>Multiplex – Conjunto composto por grande número de salas de cinema implantadas em Shopping Centers e hipermercados, podendo apresentar-se mesmo como edifício único e isolado. O conjunto é autônomo e quase independente da estrutura comercial que o acolhe, oferecendo zonas de espera e serviços de venda de alimentação próprios.</p>

ANEXO C. Cinemas com projeto micro-filmado no Arquivo Histórico Municipal – Porto Alegre

Sala	Abertura	Projetista / construtor	Filme – processo – ano
Theatro Polytheama Cine Teatro Coliseu	1910	Ricardo Wriedt, Mariani, Willy Paul, Agnello de Luca	F016 – 332 – 1918/19 F042 – 10487 – 1930 F055 – 07807 – 1933 F078 – 13887 –
Cine Theatro Guarany Rio	1913		F077 – 09036 –
Cine Theatro Apollo	1914	Weise, Mennig & Cia.	F018 – 616 – 1920/21
Cinema Colombo	1914	Augusto Sartri	F031 - 737 - 1928
Teatro Irmãos Hirtz	1915		F014 485 15/16
Cinematógrafo Hirtz		João Baade	F012 -790 – 1913/14
Cine Theatro Talia	1917	Antonio Linhares	F040 – 08952 – 1920
Marabá	1944	João Antônio Monteiro Netto	F 199 – 25137 – 1944
Teatro Independência	1922	José Mariani	F017 – 679 – 1920/21
Cine Avenida	1923	Dahne & Conceição	F059 – 05085 – 1923
Cine Teatro Centenário	1923	Adolf Stern	F019 – 141 – 1922/23
Cine Teatro Navegantes	1923	H. C. Schubert	F017 – 507 – 1920/21
Cine Orpheu Astor	1923 1963	João Luiz Pufal	F019 – 1500 – 1922/23
Cinema Ypiranga	1928	Leonidas Tellini	F031 – 797 – 1928
Cine Teatro Petersen	1928	Egídio Petrucci	F033 – 6533 – 1928
Cine Teatro Real	1928	Arthur Sfoggia	F033 – 6531 – 1928
Cine São João	1929	Miguel Fontes	F040 – 09125 – 1929/30
Cine Teatro Baltimore	1931	Willi Paul	F041 – 09672 – 1930
Cinema Castello	1939	Azevedo, Moura & Gertum	F035 – 1792 – 1928/29
Studio Cinematográfico	1940	Ítalo Mazoni	F089 – 21799 – 1940
Cinema Cruzeiro	1942	José Faria Peres	F100 – 27096 – 1942
Cinema Riviera Thalia	1943	João Antônio Monteiro Netto	F107 – 03620 – 1943/44 F200 – 13266 – 1945
América	1947	Antonio Linhares	F200 – 14905 – 1945
Ritz	1948	Spolidoro & Cia.	F114 – 7891 – 1945
Cinema Marrocos	1953	Lubianca & Cia.	F233 – 09074 – 1952
Cine Teatro Teresópolis	1953	Antonio Mascarello	F238 – 18733 – 1952

Cine Teatro Continente	1956	Azevedo, Bastian & Castilhos	F235 – 52737 – 1952/53
Cine Cacique	1957	Tedesco	F281 – 13622 – 1953/54
Cinema Popular Capit6lio	1928	D. F. Rocco	F029 – 7591/2 (7) F197 – 1892/1950 5901/927